

UM DOS MELHORES THRILLERS DE SEMPRE

«PERFEITO
E VICIANTE!»

★★★★★

GOODREADS

A RAPARIGA QUE MATASTE

NÃO ACREDITES EM NADA.
NÃO CONFIES EM NINGUÉM.

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

UM DOS MELHORES THRILLERS DE SEMPRE

«PERFEITO
E VICIANTE!»

★★★★★

GOODREADS

A RAPARIGA QUE MATASTE

NÃO ACREDITES EM NADA.
NÃO CONFIES EM NINGUÉM.

LESLIE WOLFE

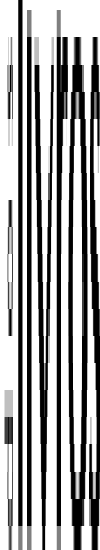
AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
livros

leslie wolfe

A RAPARIGA
QUE
MATASTE

Tradução de
Tânia Anica



info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros
© 2024

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Traduzido e editado pela Alma dos Livros,
com a permissão de Italics Publishing.

Esta tradução é baseada no livro *The Girl You Killed*, de Leslie Wolfe.

© 2021 Leslie Wolfe. Todos os direitos reservados.

A Italics Publishing não tem filiação com a Alma dos Livros
e não é responsável pela qualidade da edição traduzida.

Título: *A Rapariga Que Mataste*

Título original: *The Girl You Killed*

Autora: Leslie Wolfe

Tradução: Tânia Anica

Revisão: Daniel Lourenço Santos

Paginação: Maria João Silveira

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Ebru Sidar/Arcangel Images e Shutterstock

Impressão e acabamento: Cafílesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 532938/24

1.ª edição: Julho de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Para Astrid

A carta

T iraram-lhe tudo.

Numa questão de dias, o mundo de Craig Brafford havia sido despedaçado, virado do avesso e rasgado em pedacinhos irreconhecíveis, pintados em tons de pesadelo.

Cerca de meia dúzia de polícias tinham-lhe vasculhado a casa, à procura de sabe-se lá o quê, não pouparam nada e destruíram tudo por maldade. Agora a casa estava vazia, a porta da frente destrancada, um convite para que os bandidos das redondezas a saqueassem e a ocupassem assim que a notícia da sua prisão aparecesse no noticiário da noite. Implorara ao seu advogado, o muito bem-sucedido Lamar Goodridge, para passar por lá e a trancar, talvez até ligar o sistema de alarme.

– Não faz parte das minhas funções – respondera calmamente o homem, num tom baixo, frio e carregado de desprezo. – Neste momento já mal consegue pagar os meus serviços – acrescentou, enquanto olhava para o relógio de ouro que lhe adornava o pulso. Cobrava novecentos dólares por hora e Craig ter-lhe-ia pago de bom grado pelo tempo despendido, mas Goodridge nunca deixaria que o vissem como alguém que se preocupava com os seus clientes ou a fazer-lhes algum recado.

Humilhado, Craig baixou a cabeça, não voltou a mencioná-lo e encolheu-se, impotente, ao pensar na sua bela casa, invadida por hordas de lixo das ruas. Goodridge aceitara o seu caso mediante um avultado adiantamento dos seus honorários, o que tinha esvaziado as contas bancárias de Craig. No entanto, Goodridge continuava a franzir a testa quando olhava para ele, como se a visão do recluso num macacão cor de laranja fosse de algum modo ofensiva, como se nunca tivesse visto um presidiário. Talvez estivesse a ponderar se Craig seria capaz de pagar as custas judiciais assim que a sua provação terminasse, ou então a tentar adivinhar se o seu cliente o tinha feito ou não, embora Goodridge tivesse começado por dizer, no primeiro encontro:

– Não me interessa se é inocente. Seja como for, merece a melhor defesa que o dinheiro pode comprar. *O seu dinheiro*, claro está. Caso contrário... – Deixou as palavras a pairar no silêncio, acompanhadas por um encolher de ombros e um gesto da mão que revelavam a sua indiferença para com todas as pessoas potencialmente inocentes que perderão a sua liberdade por não conseguirem pagar uma representação legal decente e apenas por essa razão: não serem suficientemente ricas. Ainda que sejam inocentes.

Era presunçoso, o seu advogado. Raramente aceitava casos *pro bono* e, quando o fazia, representava apenas réus de Sunnyside, o bairro onde nascera e crescera numa pobreza extrema. Denominava a sua preferência não oficial como «uma homenagem à sua ancestralidade». Fosse *pro bono* ou não, o seu olhar inquisidor perfurava até ao âmago de quem se sentava à sua frente e havia pouco que ele não visse. Provavelmente, era por isso que podia cobrar tanto ou que raramente tinha perdido um caso.

O adiantamento dos honorários não deixara dinheiro para pagar a fiança; Craig tinha ficado sem um tostão, nem em dinheiro nem a crédito. A fiança, fixada em quinhentos mil dólares, poderia bem ter sido cinco milhões. Demasiado orgulhoso, e com vergonha de pedir ajuda às pessoas abastadas que conhecia, preparou-se para semanas de encarceramento. Com uma rápida pancada do martelo do juiz, foi preso preventivamente, enquanto o seu advogado encolhia os ombros perante as suas inquietações acerca do tempo que teria de passar atrás das grades, a aguardar julgamento. De seguida, foi transportado para a Prisão do Sudeste de Houston, onde ficou preso em regime comum, com a restante população prisional.

Assumira que *inocente até prova em contrário* se aplicaria, de alguma forma, ao seu tempo na prisão. Tinha-se enganado redondamente. Expedito e eficiente como um tapete rolante, o sistema despojara-o da sua restante dignidade, revistando-o e examinando-o, infligindo dor física sempre que não estivesse alinhado e cravando-lhe um número sem perder um segundo a considerar a sua presumível inocência.

Ele era agora o prisioneiro número 533719.

O número ressoava na sua mente, refrão obsessivo de uma canção inexistente que não lhe saía da cabeça, epítome da sua dignidade perdida, da sua identidade que se anulava e da sua liberdade adiada. Pálido, com as entranhas emaranhadas num nó de angústia e medo permanentes, mantivera a cabeça baixa e aguentara-se, dia após dia, esperando, desejando, recitando aquele *mantra* inevitável que havia enleado o seu cérebro revoltado.

533719.

Era o que ele era agora. *Tornara-se*, relutantemente, o 533719, percebendo rapidamente que isso era bem melhor do que retaliar ou rejeitar a sua nova realidade, com os seus inúmeros insultos e danos, em nome de um princípio que parecia só ter valor nos filmes. Não havia cá inocente até prova em contrário. Na prisão, ele era culpado. Nada mais. Ninguém se importava enquanto apodrecia naquele buraco, esquecido por todos, consumido pela raiva e pela vergonha.

Ele estar ali... não era suposto. Ele, não. Nunca.

Não tinha sido feito para aquilo. O seu porte atlético, mas esguio, de um metro e oitenta, não era uma prova das horas gastas a levantar pesos no ginásio, como a maioria dos seus companheiros de prisão. As suas mãos, finas, magras, com dedos longos e unhas limpas, atestavam o seu estatuto de «colarinho branco» que ele tanto trabalhara para alcançar. A sua testa alta e cabelos penteados para trás, as belas feições e olhos cor de avelã, intensos, caracterizavam-no como um homem carismático e atraente, qualidade que sempre tinha valorizado, mas que começara a temer desde que tinha posto os pés na Prisão do Sudeste de Houston.

Ali, o denominador comum era o medo. Um medo primário, animalesco, incessante.

Contudo, tinham-se passado três semanas, de alguma forma, com uma enervante lentidão, enquanto aprendia a responder quando o chamavam «sete-um-nove» ou «recluso». Descobriu que alguns guardas eram apenas pessoas normais, a fazer a sua vida, enquanto outros tinham prazer em infligir dor aos prisioneiros sob a sua alçada, como E. Mellor, um guarda prisional com um metro e noventa e cinco, cento e trinta e seis quilos, um brilho sádico no olhar e um sorriso que arrepanhava os lábios sobre os dentes cerrados, como o rosnar de um predador. Por vezes, Mellor passava a mão sobre a ponta do seu cassetete de borracha, num gesto obsceno que não prometia nada de bom ao preso que não pusesse os olhos no chão e não lhe pagasse. O guarda E. Mellor – sabe-se lá o que significava o E. na sua placa de identificação – tinha ficado com os últimos míseros dólares que ele tinha consigo no dia em que foi detido e continuara a exigir mais de uma fonte que já havia secado.

Ao menos naquela noite Mellor estava longe da vista; o guarda que patrulhava os corredores era um homem hispânico mais velho, N. Chavez de seu nome. A sua pele escurecera, fruto dos anos em que fumara o tabaco mais barato que houvesse, e a sua pança, que lhe esticava a camisa ao ponto de os botões dispararem como se fossem sementes de melancia cuspidas, denunciava a cirrose que teria num futuro próximo. As olheiras e um bigode manchado e grisalho completavam o retrato do único guarda que ainda não lhe tinha posto as mãos em cima, desde que havia sido engaiolado ali. Os outros, e Mellor mais que os restantes, já o haviam empurrado contra a parede ou acertado na zona dos rins com o cassetete, só para lhe explicar como é que as coisas funcionavam por ali. Só por-que sim.

Uma comunicação via *walkie-talkie*, distorcida, soou da lapela de Chavez. Este respondeu rapidamente com um código numérico; depois foi direitinho à cela de Craig, com um suspiro e um ar de frustração estampado no rosto.

Craig levantou-se e aproximou-se das grades, agarrando-as com as mãos frias, suadas e trémulas.

– Mãos – disse Chavez, esperando que ele se virasse e colocasse as mãos através de uma abertura nas grades. A seguir, cravou umas algemas nos pulsos de Craig. O toque do metal frio dava-lhe arrepios na espinha. – O seu advogado está aqui para o ver. – acrescentou Chavez.

Craig arregalou os olhos.

– Agora? – perguntou. Goodridge estivera lá naquela manhã, para o preparar para o dia seguinte em tribunal, o terceiro dia do julgamento.

Chavez encolheu os ombros. Agarrou-o pelo braço, escoltou-o para fora da cela e através do corredor, em direção a uma das salas de visita.

– Porque é que está cá dentro?

– Não fiz nada, juro – respondeu, com uma voz triste, derrotada.

Uma gargalhada enorme irrompeu da cela por que iam a passar.

– Outro inocente atirado para a cadeia! – anunciou ruidosamente uma voz gutural, com forte sotaque guatemalteco. Toda a secção começou imediatamente a berrar, a gritar obscenidades e a rir-se à sua custa.

– Aqui ninguém é culpado – disse Chavez, com uma enorme dose de sarcasmo na voz. – Nem aqueles que aceitam acordos de culpa. – Lançou-lhe um olhar de soslaio, depois encolheu os ombros, como se tivesse decidido não se importar mais com ele.

– Homicídio – disse Craig, baixando a voz. – Dizem que matei...

– OK, para aqui – disse Chavez, empurrando-o gentilmente para dentro da sala. A porta apitou e trancou-se ao fechar-se atrás deles.

Um homem, vestido com um fato à medida e sapatos caros, levantou-se de imediato quando ele entrou.

Craig virou-se para Chavez e disse:

– Este não é o meu advogado.

Chavez fitou-o e depois agarrou o seu *walkie-talkie*. O advogado parou-os com um gesto de mão.

– Não é um erro. Arthur Flanagan, advogado especializado em direito imobiliário – disse ele, tirando um cartão de visita da sua carteira e entregando-lho. Depois, destrancou a sua pasta e abriu-a.

– Tenho uma carta para si. – Pegou num envelope almofadado, espesso, e deu-o a Craig, mas foi Chavez quem o agarrou, num gesto rápido e determinado.

– Tenho de verificá-lo antes que possa ler. É o procedimento.

O advogado permaneceu de pé, impaciente, à espera, exalando uma fragrância fresca, pós-barbear, que inundou as narinas de Craig, relembrando-o do que lhe era usual e perdera. Advogado de direito imobiliário? Mas que imóveis? Algum dos seus pais tinha morrido?

Chavez puxou a aba e abriu o envelope.

– De quem é? – perguntou o preso.

Os olhos do advogado focaram-se imediatamente na sua pasta aberta. Talvez tivesse um bloco de notas lá.

– Andrea Wilmore Brafford – respondeu calmamente. – Para lhe ser entregue na eventualidade da sua morte.

Faltou-lhe o ar. Tentou falar, perguntar-lhe quando é que ela lhe dera aquela carta, mas tinha a boca seca e saiu-lhe apenas um suspiro, rouco e abafado. Deu um passo e tentou tocar no braço do advogado, mas este recuou. Chavez agarrou-o pelo cotovelo e ele estacou, colado ao chão, a cara branca como a neve.

– Tenha calma, sim? – Chavez soltou-lhe o braço e retirou umas quantas

páginas de dentro do envelope, muito bem datilografadas e dobradas. Inspeccionou-as rapidamente e depois entregou-lhe a carta.

Antes que Craig começasse a lê-la, o guarda espreitou para dentro do envelope.

– Está aqui mais uma coisa – disse Chavez, virando o envelope ao contrário e sacudindo-o.

Um pendente num fio de prata tilintou suavemente ao cair do envelope e aninhou-se na mão do guarda. Assim que Craig reconheceu as pedras azuis, foi invadido por uma onda de náuseas, que embateu no seu estômago enquanto a sala começou a andar à roda. *Não, isto não está a acontecer*, os pensamentos num turbilhão. *Não pode ter acontecido. Eu ainda me lembro do que fiz. Eu sei o que não fiz.*

– É bonito – disse o guarda, cerrando a mão à volta do pendente –, mas não pode ficar com isto; sabe quais são as regras.

– Não... Não... Por favor, deixe-me segurá-lo por um minuto – suplicou, a gaguejar, com as lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. – Deixe-me ter a certeza de que é...

– OK, mas é mesmo só por um minuto, e mais nada – disse Chavez, enquanto abria a palma da mão com relutância e soltava um suspiro profundo, com cheiro a mostarda, cebola e tabaco rasca.

Hipnotizado, Craig acariciou, com dedos trémulos, o fio, o fecho estragado; depois passou o polegar sobre a pedra central do pendente, como fizera tantas vezes no passado. Engoliu em seco, ainda com o olhar fixo no pequeno objeto aconchegado na mão sapuda do guarda. Era real. O pesadelo era real.

O suor despontou das raízes do seu cabelo e escorreu-lhe pela cara. Levantou as mãos, algemadas, para limpá-la e reparou na carta que ainda segurava, sem pensar.

Sem conseguir respirar, percorreu as páginas, à procura de qualquer coisa que desse algum sentido a tudo aquilo, que desse resposta às suas perguntas. Não havia nada, até chegar à última página, onde o último parágrafo esclarecia tudo com meia dúzia de palavras simples e paralisantes.

A rapariga que mataste está a olhar por ti do paraíso, a relaxar, nas nuvens, com uma margarita na mão, e a desejar que tenhas tudo o que mereces nesta vida depois de ela se ter ido. Adeus, meu amor. Foste o tal.

O sangue subiu-lhe à cabeça numa onda de raiva, com o coração a mil, de punhos cerrados com tanta força que os dedos estalaram, a última página amachucada e manchada de suor, enquanto caía ao chão.

– Não, Andí... Não... Não me fizeste isto... – sussurrou.

De olhos postos no vazio, como um animal ferido e em pânico, jogou-se à porta trancada e começou a bater com as mãos contra o vidro aramado, sujo, as algemas a cravarem-se-lhe na carne.

– Deixem-me sair! – gritou. – Eu não matei a minha mulher. Juro que não fui eu... – Repetiu-o vezes sem conta, com a voz a tremer, derramando lágrimas de raiva, de sentimento de impotência e desespero. A única resposta foi a dos outros presos, a bater contra as grades de aço, numa ressonância rítmica e surreal, abafada apenas pela porta trancada.

– Ei, para com isso! – gritou Chavez, mas Craig não ouviu. Continuou a

esmurrar a porta e aos pontapés, a deixar os nós dos dedos em sangue contra o metal riscado, a implorar e a pedir ajuda. Incapaz de pensar com clareza, nem reparou nas lágrimas que lhe corriam cara abaixo.

Chavez apertou o botão do *walkie-talkie* que estava no seu peito.

– Preciso de ajuda aqui. – Depois, apanhou as páginas da carta, espalhadas pelo chão, e voltou a pô-las no envelope, bem como o pendente, antes de dobrá-lo e colocá-lo no bolso da camisa. –

O procurador-geral vai precisar de ver isto. É uma prova.

As palavras do guarda atingiram-no em cheio como um murro, mas continuou a bater com todas as forças na porta, sob o olhar dececionado de Chavez e o olhar desagradado do advogado, até que se deixou cair de joelhos, sem forças, soluçando tanto que não conseguia respirar.

– Eu não a matei, juro... – disse, fraquejando, engasgado e ofegante. – Eu não...

Chavez aproximou-se dele e agarrou-o pelo braço.

– Recomponha-se lá. Tem audiência amanhã.

Craig olhou para o guarda com os olhos marejados de lágrimas.

– Não está a entender – protestou, agarrando-lhe a manga. – O pendente, ela... – Calou-se a tempo, apercebendo-se do que estava prestes a dizer.

A porta abriu-se e o oficial Mellor entrou, os olhos a brilhar de excitada antecipação.

– Sete-um-nove, venha comigo.

Vários meses antes

A Entrevista

O golfinho deu um mortal no ar, brincalhão, e depois caiu na água com um *splash*, salpicando de gotas salgadas o fato azul-marinho de Andi, com sapatos a condizer. Ela deu um passo atrás, os saltos a destoar do cimento molhado ao redor da piscina.

A sorrir abertamente, admirou o lugar com ternura, perguntando-se porque é que se tinha mantido distante após o fim do curso. A Universidade Texas A&M era a sua *alma mater*, e o centro de investigação de biologia marinha, em Galveston, o seu lugar predileto. Como aluna, tinha passado todo o seu tempo livre naquela piscina, a nadar com os golfinhos e as raias, a preparar-se para um dia como o de hoje, em que faria parte do grupo de investigadores, não como aluna, mas como investigadora júnior.

Um dia, quem sabe brevemente, seria capaz de chefiar a sua própria equipa, mas esse percurso que planeava já há anos começava ali mesmo, à beira da piscina, numa entrevista presencial que tinha mesmo de superar.

Naquela manhã, passara horas a andar de um lado para o outro, no quarto, em roupa interior, sem se decidir sobre o que deveria vestir. Devia vestir-se formalmente, demonstrando o respeito que a organização merecia? Ou devia voltar aos seus velhos hábitos, com uns calções e uma *t-shirt* por cima do biquíni, esperando, lá no fundo, que quem a entrevistasse fosse tão entusiasta como ela acerca do mar e dos seus habitantes, o suficiente para que não desse importância ao código de vestuário?

– Só se tem uma hipótese para causar uma boa primeira impressão – aconselhara o seu pai, fazendo a balança pender imediatamente a favor do conjunto de calça e casaco que ela nunca tinha usado. Assentava que nem uma luva no seu corpo esguio, a fazer sobressair o azul dos seus olhos e as madeixas do seu cabelo curto e revoltado, queimadas pelo sol.

Agora, parecia não pertencer àquele lugar onde se sentia tão em casa. Olhou para o relógio e depois para o edifício principal, a perguntar-se se se teria

enganado acerca do local da entrevista.

– Deves ser a Andrea – disse uma jovem num tom alegre, depois de atravessar a piscina com umas quantas braçadas em estilo livre, num movimento fluido. Apoiou os cotovelos na borda da piscina e secou o rosto num gesto rápido e despretensioso. – Sou a Marjorie – acrescentou –, a chefe de equipa.

Andrea agachou-se à beira da piscina e apertou a mão da mulher, que pingava.

– Andi, por favor.

– Andi, claro. – Tinha um sorriso franco e afável, que chegava aos seus olhos castanhos. – Podes chamar-me Marj.

O seu sorriso aumentou. Já gostava dela.

– Muito bem, vamos lá conversar um pouco – disse Marj, apoiando as palmas das mãos na borda da piscina, como se estivesse para sair, mas parando a meio. – Podemos falar no gabinete ou aqui, com os golfinhos. – Inclinou a cabeça, bem-disposta. – Por acaso, não terias um fato de banho contigo...?

Andi já estava a desabotoar o casaco, de sorriso estampado no rosto. Pouco depois juntou-se a Marj, na piscina – a sua roupa formal, numa pilha bem dobrada, estava largada num banco –, com um mergulho perfeito, sentindo a refrescante sensação da água salgada na pele quente.

– Estou pronta – afirmou assim que emergiu.

– Deixa-me explicar-te o projeto, em traços gerais. – disse Marj. – Vendo o teu currículo académico, serias uma excelente adição à equipa. O projeto tem financiamento para dois anos e mede o efeito das mudanças climáticas nos padrões de migração dos golfinhos e no crescimento populacional.

– Excelente – respondeu Andi, com um entusiasmo indisfarçável. – É a minha cara.

– Também pensei que sim, apesar de teres optado por um tema diferente para o teu projeto final. Leões-marinhos, hein? Aqui no Golfo não há leões-marinhos.

Andi podia jurar que tinha detetado uma nota de arrependimento na voz de Marj. Tinha encontrado uma alma-gêmea, alguém que compartilhava a sua paixão pela vida marinha.

– Participei num programa de intercâmbio estudantil com a Universidade da Califórnia em San Diego...

– No Scripps?

Ela assentiu.

– Sim, no Instituto de Oceanografia Scripps.

– Não foi um desvio em relação a estudos anteriores?

– Não o vi dessa forma. Nos primeiros três anos dediquei-me à vida marinha, enquanto, no último, aproveitei a oportunidade para estudar em detalhe o seu ambiente, mais concretamente o equilíbrio delicado que assegura que a rica fauna marinha na Terra continue a existir.

– Então, fala-me do teu projeto sobre leões-marinhos. Soube que foi sujeito a uma revisão por pares e que foi publicado. Parabéns!

– Obrigada – respondeu, algo surpreendida.

Marj tinha feito o trabalho de casa. Andi riu-se baixinho e continuou:

– Começou com uma cria de leão-marinho morta que encontrei junto à costa. Era quase adulto e fora morto por uma hélice. Naquele semestre estávamos a estudar os padrões de poluição e pensei em estudar as vibrissas. Queria saber se poderia medir os níveis de metabolização de tóxicos do oceano nos bigodes. – Sorriu timidamente, enquanto olhava, por um breve momento, para a água a marulhar contra a parede da piscina. – Os bigodes dos leões-marinhos não caem, logo, ao contrário do cabelo humano, continuam a crescer ao longo de toda a sua vida, mapeando a história do seu ambiente. – Calou-se por um momento, recordando-se de quem era Marj. – Mas isto já tu sabes.

– Quem analisou os bigodes em busca de toxinas? – perguntou ela, com os olhos a cintilar de interesse.

– Um laboratório privado que trabalha para farmacêuticas privadas e laboratórios de polícia científica. Tenho um contacto – acrescentou, sentindo as bochechas a pegar fogo. Era como se a sua investigação tivesse menos valor porque tinha tido ajuda para encontrar o laboratório que procedesse às análises. – O doutor Ellefson, o médico-legista chefe do condado de Harris, é um amigo da família. Ele encaminhou-me na direção certa.

Marj continuava muitíssimo interessada, o seu entusiasmo igual ao de Andi.

– O que é que descobriste?

– A cria de leão-marinho tinha estado exposta a vários metais pesados, hidrocarbonetos, plásticos, só para citar alguns. O estudo destacou-se – acrescentou, sentindo-se corar, como acontecia sempre que falava dos seus feitos – porque tínhamos documentado cerca de dois anos de poluição da água no *habitat* dos leões-marinhos, registada cronologicamente no bigode da cria, à medida que esta crescia até atingir a maturidade. Como os círculos num tronco de árvore, se preferires, mas sequenciais, ao invés de concêntricos.

Marj contemplou-a, num olhar longo e apreciativo.

– Isto é incrível. É exatamente este tipo de raciocínio que precisamos de acrescentar à nossa equipa.

Andi não parou de sorrir enquanto voltava para casa, ao volante do seu *Beetle* vermelho e descapotável, a cantar as músicas que passavam na rádio. Às vezes parava para telefonar a Craig, mas ele não estava a atender. Estava morta por contar as boas notícias ao seu marido, mas isso teria que esperar. Ele devia estar com um cliente, a mostrar um imóvel ou nalguma escritura. Eram as únicas alturas em que não atendia as suas chamadas, ou de outra pessoa qualquer.

O seu pai também não estava a atender e ela deixou-lhe uma mensagem animada, antes de voltar a cantar ao som de Maroon 5 e os seus *Beautiful Mistakes*. Corou enquanto se deixava levar pela imaginação ao planejar celebrar com Craig a sua carreira futura na cama, tal como a música sugeria: com champanhe, bem gelado e servido em flutes, se bem que, para ela, uma *Coca-Cola* ou uma cerveja servissem perfeitamente, bebidas diretamente da garrafa gelada.

Andi não tinha recebido uma oferta formal para o cargo de investigadora. Ainda não, mas Marj dissera que ela era a candidata mais promissora, que a sua formação académica encaixava perfeitamente e que a sua paixão era um passaporte

para a equipa a que ela se queria juntar. Os passos restantes seriam meras formalidades. Outra entrevista com um professor associado, muito provavelmente com o Prof. Cesar, «O Cesar», alinha que os alunos tinham dado àquele homem alto e imponente. Ela tinha feito a sua disciplina de Fisiologia Animal Comparada e ele escrevera-lhe a recomendação que abria as portas para o seu ano em San Diego, descrevendo-a como a «sua aluna mais promissora até agora». Andi não estava preocupada com a sua entrevista com O Cesar. Muito provavelmente, não ia passar de uma conversa informal entre um professor e uma antiga aluna, com alguns conselhos à mistura sobre como se esquivar dos perigos de uma carreira académica. Também teriam de verificar os seus antecedentes, mas não tinha nada a esconder nem nada a temer. Preencher alguns formulários a conceder-lhes autorização para verificarem o seu histórico de crédito e solicitar o seu registo criminal. Nada de mais. Sim, nessa noite ela poderia comemorar com champanhe, porque isso deixaria Craig contente – e se ele estivesse feliz, então o mundo dela estava a girar na direção certa.

A música acabou uns segundos antes de ela virar para a sua rua. Viviam no apartamento dele desde que Andi se tinha mudado para lá, assim que terminara o curso. Era um T2 no sétimo andar de um condomínio de luxo na Caroline Street. Tinha os seus encantos, como ser perto do parque Discovery Green e o Toyota Center, sendo fácil dar um passeio ou ir assistir a um jogo de basebol sem ter de conduzir ou de se preocupar com o estacionamento no centro da cidade.

Ela adorava aquele apartamento. Representava a sua transição para um estilo de vida adulto que apreciava profundamente; a passagem de estudante universitária a jovem esposa, loucamente apaixonada, entusiasmada e feliz com cada dia que lhe era dado a viver.

Ficava a alguma distância do seu futuro emprego, demorando cerca de uma hora de carro, isto sem contar com o trânsito na hora de ponta. Talvez fosse boa a ideia de Craig de vender o apartamento e de se mudarem para os arredores, reduzindo a distância para metade.

Soaram os primeiros acordes de *Stronger*, de Kelly Clarkson, quando Andi virou para a Caroline Street, mas abrandou e silenciou o rádio com o toque de um botão. A rua estava cheia de carros de polícia, com as luzes azuis e vermelhas a piscar, tão brilhantes que se viam à distância, mesmo contra a luz do sol, encandeante. Parte do passeio estava delimitado com uma fita amarela a dizer *não passar*, mesmo junto à entrada da garagem do seu prédio.

Sentiu um arrepio na espinha quando parou o carro. Tinham delimitado o prédio *dela*. Só a ideia de o telemóvel de Craig ir diretamente para o *voice mail* despertou alarmes na sua mente, apesar de ser terça-feira e ele estar no trabalho. Ele estava bem... tinha de estar. Nem tudo o que acontecia no mundo revolvía à sua volta.

No entanto, ver a carrinha do médico-legista causou-lhe um novo calafrio. Alguém tinha morrido... alguém no seu prédio, talvez alguém que ela conhecesse. A conduzir devagar, foi-se aproximando do prédio, até que um agente da polícia lhe fez sinal para parar e depois caminhou até ela, a sua cara redonda

suada e carrancuda.

– O trânsito está cortado. Dê a volta.

– Eu moro aqui – respondeu ela, enquanto apontava para o prédio alto, que se elevava acima das suas cabeças. – Esta é a minha casa.

O agente franziu os lábios por um instante.

– Preciso da sua carta de condução.

Andi entregou-lhe o cartão, enquanto tentava vislumbrar uma cara familiar de entre os vários investigadores de ciência forense que entravam e saíam apressadamente do prédio. As portas de entrada, de vidro grosso e azulado, mantinham-se abertas com cunhas.

O pessoal de investigação criminal, equipados com macacões brancos, carregavam vários sacos com provas para as suas carrinhas. Sem conseguir ver o que estava a ser levado, Andi virou a sua atenção para as pessoas que saíam do edifício.

– O que se passou? – perguntou ela, com medo da resposta.

O agente abanou a cabeça.

– Minha senhora, lamento, mas não podemos divulgar detalhes. Terá de ficar a par do que se passou pelas notícias.

– Foi... foi no meu apartamento? – questionou, a gaguejar, as garras frias do medo ainda a apertar-lhe o peito. – É o 1711.

– Não, minha senhora – retorquiu o agente, rapidamente, ao devolver-lhe a carta de condução. Uma intensa onda de alívio levou-lhe as lágrimas aos olhos. – Estacione do outro lado da rua, se houver espaço, ou nas traseiras, e entre pela entrada de serviço, na lateral. Dirija-se imediatamente para o seu apartamento, entende? Não se meta numa cruzada de averiguação de factos para publicar nas redes sociais. Isso é obstrução de justiça...

– Sim, eu sei – respondeu ela, ansiosa para sair dali.

O oficial cumprimentou-a e mandou-a seguir. Ela conduziu devagar, ainda a observar a entrada principal do prédio. Dois técnicos empurravam uma maca com um corpo dentro de um saco preto fechado. Parecia-lhe a silhueta de alguém frágil e pequeno, que ocupava pouco espaço na maca. Talvez uma mulher, alguém magro e baixo.

Por algum golpe de sorte, um lugar de estacionamento ficou vago, logo no outro lado da rua, mesmo quando ela ia a passar, e apressou-se a fazer a manobra com o seu *Beetle* antes que alguém lhe roubasse o lugar. Fechou a capota e trancou o carro com o comando à distância enquanto atravessava a rua, em direção à entrada lateral.

No momento em que os dois técnicos colocaram a maca na carrinha, ela reconheceu o terceiro homem que vinha a sair do edifício. Aproximou-se da fita amarela e acenou. O homem acenou-lhe de volta e caminhou rapidamente na sua direção, com um esboço de um sorriso nos seus lábios finos e pálidos.

– Doutor Ellefson – disse ela, cumprimentando-o num tom caloroso.

O homem levantou as suas mãos enluvadas, num gesto de desculpa.

– Andi – disse, com um olhar apreciativo. – Estás deslumbrante. A entrevista na universidade foi hoje?

– Sim, foi – respondeu alegremente, esquecendo-se, por um momento, que estavam perto do local de um crime. – Correu mesmo muito bem. Acho que consegui a vaga.

– Claro que sim – afirmou o homem, orgulhoso. – Dava-te o abraço que mereces, mas... – Ele gesticulou, com as mãos enluvadas. – Toquei em coisas.

– Não há problema – retorquiu, o sorriso já desvanecido. – Quando terminares, aparece, se tiveres tempo, para bebermos um café. Estou no 1711.

Apercebeu-se, ainda ao fazer o convite, de que ele não poderia aparecer. Tinha de realizar uma autópsia.

– Parecia-me reconhecer o teu prédio – disse ele, num tom suave que denotava a lembrança de preocupação, ou talvez fosse apenas a imaginação dela. Não era assim tão exagerado pensar que o Dr. Ellefson se pudesse ter inquietado ao saber que tinha sido chamado por causa de uma morte suspeita no prédio em que ela vivia. – O que acontece é que a Rebecca é que sabe todos os endereços de cor. Estaria perdido sem ela.

– Eu também – sussurrou ela, sorrindo timidamente –, pese embora por razões diferentes. – Em silêncio, compartilharam o mais breve momento de amizade e afeto, de pé, em lados diferentes da fita amarela da polícia. Então, no momento em que o Dr. Ellefson se preparava para ir embora, ela perguntou: – O que aconteceu aqui?

Ele olhou para a esquerda e para a direita; depois falou, num tom muito baixo.

– Uma rapariga foi encontrada morta. No segundo andar.

– *Overdose?* – perguntou Andi, que sabia as estatísticas do crime no seu bairro.

Ele anuiu, com um movimento da cabeça quase impercetível.

– Sabes que não posso falar sobre uma investigação em curso, minha querida. Assim que o caso estiver encerrado, podes perguntar-me outra vez, se calhar da próxima vez que nos encontrarmos na casa do teu pai, para uma noite de póquer. – Um brilho iluminou-lhe o olhar. Andi sabia que ele adorava as noites de jogos de cartas, tanto quanto ela.

– Está prometido. – Adorava conversar acerca de casos antigos com o médico, embora os detalhes de tais conversas não fossem, por vezes, bem-vindos na mesa de jogo. Numa ocasião, Rebecca, esposa do médico e professora de Literatura Inglesa na Texas A&M, disse, em tom de brincadeira, que a sua conversa sobre autópsias e ciências forenses era uma forma de distrair os outros jogadores e vencer. É claro que não era verdade.

O Dr. Ellefson acenou-lhe com a cabeça e sorriu mais uma vez, enquanto o seu rosto enrugado e os seus olhos gentis se iam transformando em aço, profissionais, ao dirigir-se para a carrinha. O seu cabelo ralo, pelos ombros, quase inteiramente branco, com apenas alguns fios de cabelo loiro, ondulava com a brisa da tarde enquanto entrava para um dos lugares traseiros, acompanhado, logo de seguida, por um dos seus assistentes.

Andi entrou, com passos hesitantes, no átrio do prédio, fresco devido ao ar condicionado. Enquanto aguardava pelo elevador, sentiu uma ponta de culpa por estar tão aliviada pelo facto de o corpo que fora transportado naquele saco de

plástico preto não ser o de Craig.

Sentiu um arrepio na espinha quando se deu conta de que alguém havia dado o seu último suspiro apenas alguns andares abaixo do apartamento onde eles desfrutavam de uma vida feliz, totalmente ignorantes das batalhas que outras pessoas travavam. Porventura, aquela rapariga gritara por socorro e ninguém a ouvira. Quiçá tenha morrido tranquilamente durante o sono, sem saber que nunca mais acordaria.

Enquanto o elevador zumbia e a levava para o décimo sétimo andar, chegou à conclusão de que não conhecia nenhum dos seus vizinhos do segundo andar. Por mais que tentasse, não conseguia atribuir um rosto àquela forma amarrada à maca, embora devesse ter-se cruzado com aquela rapariga pelo menos uma vez. Muito provavelmente, olharam-se, olhos nos olhos, por um segundo, acenaram com a cabeça e sorriram, desviando o olhar logo de seguida, num gesto tácito de indiferença. As pessoas já não se importavam umas com as outras. Viviam, cada uma, isoladas, nas suas próprias bolhas, intoxicadas e saturadas com demasiadas coisas a acontecer, sendo raro aproximarem-se de alguém novo.

Se calhar Craig tinha razão. O bairro estava a ficar muito perigoso, desagradável, não era adequado para criar uma família; não quando todos os tipos de personagens suspeitas haviam conseguido comprar, com o seu dinheiro sujo, o acesso ao que costumavam ser edifícios de pessoas decentes. Ela adorava aquele apartamento, a primeira casa que eles tinham compartilhado, mas muito brevemente, daí a alguns dias, iam mudar-se para os arredores e deixar tudo aquilo para trás.

Poderia nunca vir a saber quem era a sua vizinha do segundo andar.

Advogado de defesa Goodridge: Qual era o estado de espírito de Andrea naquela época?

Janelle Larimer: Ela parecia bem, mas isso foi antes...

Advogado de defesa Goodridge: Obrigado. Não tenho mais perguntas para esta testemunha, Meritíssimo Juiz.

Um Cliente

O cliente, um poço de arrogância de meia-idade chamado Solomon Donati Jr., aparentava estar sempre mal-humorado. As suas sobranceiras, grossas e escuras, encontravam-se ao cimo do seu nariz, cavando sulcos profundos na testa. Abrira a porta da sua casa multimilionária de estilo colonial, num bairro de luxo, com uma sugestão de sorriso acolhedor nos lábios tensos. Esse sorriso desaparecera imediatamente quando viu Craig Brafford à sua porta.

– Ora, por que raio devia pôr a minha casa nas mãos de um novato como o senhor? – perguntou, enquanto cruzava os braços e barrava a entrada com o seu corpo bem constituído.

Num doloroso contraste, o corpo esguio de Craig, num fato cor de carvão e camisa branca, ficava aquém, de várias formas. O empresário de navegação marítima tinha, pelo menos, mais sete centímetros de altura que o jovem agente imobiliário. Craig sempre vira a altura funcionar em benefício dos que podiam apreciar as vistas a partir da estratosfera. Talvez estivessem mais perto dos anjos, como lhe dissera uma idosa. Na realidade, ele não acreditava nisso, mas, fosse como fosse, os homens mais altos não tinham dificuldade em afirmar-se mais rapidamente e com mais facilidade do que os homens mais baixos. Do que ele.

Havia feito tudo o que podia para crescer mais um centímetro ou dois enquanto ainda era possível. Pertenceu às equipas de basquetebol do secundário e da universidade, mal tolerado por causa da sua altura. Havia visto jogadores profissionais e invejara a sua estatura, convencido de que os aros tinham alguma coisa a ver com isso. Não se poupou nenhum esforço, acreditando que podia superar a sua genética e esticar mais um pouco os seus ossos em crescimento. Acabou por ser três centímetros mais alto do que o seu pai, o que significava que os esforços tinham dado algum resultado, mas não era um Michael Jordan. Isso, mais do que os seus vinte e nove anos, era inevitável. Tudo o resto era possível.

Escovara o cabelo, aprendera a aplicar laca na poupa e a modelar o cabelo castanho para dar a *impressão* de ter mais um centímetro, ainda que não fosse mais

alto. Aprendera, com avidez, como ser aceite e apreciado pela sociedade, descobrira como tornar-se indispensável para as pessoas, independentemente da importância ou lugar na cadeia alimentar humana. Entendera o poder de um sorriso sincero e caloroso e empunhava-o como uma espada dourada.

Craig, inteligente e criativo, tendo terminado o curso de gestão com nota máxima, descobriu que a arma mais eficaz do seu arsenal era os sentimentos dos outros. Estes ditavam muito mais o comportamento das pessoas do que aquilo que o seu intelecto tinha a dizer sobre o assunto. Tornou-se, de um momento para o outro, virtuoso a tocar o coração de muitos, na realidade, de todos, desde clientes a parceiros comerciais. Sendo o colaborador mais jovem da sua equipa e apenas cinco anos após a formatura, estava impaciente por se tornar o agente imobiliário mais bem-sucedido da sua empresa. Contudo, a sua lista de contactos tinha poucos nomes de clientes que o permitisse, com a juventude a atrapalhá-lo. O chefe atribuíra-lhe os negócios mais baratos, reservando as grandes comissões para os seus colaboradores mais antigos. Ele estava lá para apoiar as vendas de apartamentos em Tanglewood e os dias de *open house* em Chinatown que mais ninguém queria.

O homem que estava a considerar fechar-lhe a porta na cara não era um contacto dado pela agência. Era fruto de incontáveis horas de pesquisa a ler milhares de *posts* sem sentido nas redes sociais de mulheres abastadas, sem nada melhor para fazer do que falar sobre as suas casas novas. E casas novas queriam dizer que as antigas estavam prestes a entrar no mercado. O insuportavelmente alto e implacável Solomon Donati Jr. era uma hipótese que ele havia perdido horas sem fim a encontrar, alguém a quem não se podia dar ao luxo de perder.

Craig engoliu em seco, com um aperto na garganta.

– Porque posso vendê-la mais rápido e conseguir-lhe mais dinheiro por ela do que qualquer outro – respondeu ele, num tom de voz pleno de autoconfiança, os seus lábios a desenhar um sorriso reconfortante e caloroso, sem ser exagerado; lábios que deixavam entrever dentes perfeitamente brancos, não o sorriso forçado de um idiota ansioso.

– Ai é?

Manteve o olhar fixo nos olhos do cliente, sem vacilar, enquanto gotas de suor se começavam a formar nas raízes do seu cabelo.

Ele precisava mesmo de um grande cliente. Se angariasse alguém como Donati, talvez o patrão o respeitasse mais.

Lentamente, aquele estendeu-lhe a mão, deu-lhe um aperto firme e forte e depois cedeu-lhe passagem, convidando-o a entrar. A moradia era grande e relativamente nova, com dois pisos, e provavelmente levaria algum tempo a despachar, especialmente se o cliente conhecesse os valores de mercado e a quisesse vender pelo máximo valor possível.

O interior tinha bom aspeto, com grandes janelões e piso de madeira reluzente. A piscina no jardim era encantadora – apetrechada com um bar e guarda-sóis –, algo que, definitivamente, poderia atrair alguns aposentados ricos da Califórnia ou de Nova Iorque.

A cozinha, equipada com eletrodomésticos modernos e caros, tinha sido decorada por alguém com um gosto duvidoso. Alguns armários eram azuis, outros, num tom creme. Deu por si a perguntar-se, olhando incrédulo, porque é que alguém faria uma coisa assim a uma propriedade que seria de primeira, adorável, sem aquilo. Se calhar o comprador não lhe daria muita importância. Talvez conseguisse fazê-los passar por um novo *design* de mobiliário de cozinha em voga, ou algo assim. Não interessava. Qualquer que fosse o desafio, ele daria conta do recado.

– Tem um investimento maravilhoso aqui, Sr. Donati – disse-lhe, a sorrir.

Por um instante, Donati ficou ainda mais carrancudo, mas depois aligeirou um pouco.

– Chame-me Sol.

Craig assentiu.

– Comprámo-la há quatro anos, por cerca de setecentos mil. – O cliente era honesto. Normalmente, os seus clientes tendiam a mentir só um bocadinho, atirando por baixo, para mostrar quão inteligentes eram, ou atirando por cima, para tentar aumentar o valor da casa. A Sol era difícil tirar-lhe a pinta. – Hoje em dia o mercado está muito diferente.

– Exato – respondeu Craig, com um entusiasmo genuíno na voz. – Estamos a falar de cerca de um milhão de dólares, isto se estiver com muita pressa.

– Não tenho pressa – respondeu-lhe o cliente, com um olhar penetrante. Craig não demonstrou um pinga de reação. – Mas também não quero este negócio pendente por muito tempo.

– Entendido – afirmou ele, calmamente. Andou mais um pouco pela sala, a avaliar a sua disposição, deixando que a curiosidade do seu cliente aumentasse. – Quando é que estará pronta para visitas?

– Daqui a três semanas. A nova casa está pronta. O pessoal das mudanças vem na próxima segunda-feira.

Observou mais um pouco as paredes, enquanto passava a mão com os dedos frios pela face barbeada. Não se deteve muito tempo, o cliente estava a ficar cada vez mais impaciente.

– Serei totalmente franco consigo, Sol, ainda que isso não seja o nosso procedimento habitual quando se trata de gerir as expectativas dos clientes.

Fez uma pausa, mas Donati convidou-o a continuar, com um aceno e um gesto com a mão, algo impaciente. Tinha ido tão longe quanto podia sem o perder.

– Se eu tiver tempo, estou confiante que consigo um milhão e cem mil por esta casa. – Um lampejo de entusiasmo iluminou os olhos escuros de Donati. – Mas, se me der um contrato de exclusividade por, digamos, um mês, farei tudo o que puder e que esteja nas minhas mãos para conseguir um milhão e duzentos mil.

O primeiro a desviar o olhar, Donati pôs as mãos nos bolsos. Usava calças azuis e uma camisa de golfe branca, da *Brioni*, ambas impecavelmente lavadas e passadas a ferro, marca inconfundível de fortunas antigas. Não era uma quantia ridícula de dinheiro antigo, mas o suficiente para ter sido educado de uma forma específica. Dirigiu-se à janela em frente à piscina no jardim e olhou lá para fora por um longo momento, num silêncio opressor.

– Duas semanas – respondeu, por fim. – Tem duas semanas e abdica de um por cento da sua comissão.

Craig franziu a testa, fingindo considerar a oferta. Estava preparado para abdicar de dois por cento e aceitar apenas uma semana de exclusividade.

– OK – disse ele, finalmente, num suspiro mal disfarçado. – Impõe uma negociação difícil. Vou preparar a papelada para uma listagem exclusiva durante duas semanas, não exclusiva após essa data, com um por cento de desconto durante o período de exclusividade.

– Durante todo o contrato – acrescentou Donati, num tom firme. – E terá três meses para vendê-la ou o acordo fica sem efeito e contrato outra pessoa.

Ele assentiu, pensativo.

– Tudo bem. Mas e se eu conseguir mais de um milhão e duzentos mil? – Os olhos de Donati brilharam novamente. – Consideraria pagar mais cinco por cento sobre o que consiga acima de um milhão e duzentos mil?

Donati voltou a tirar-lhe as medidas, como havia feito à porta de casa. Depois estendeu a mão.

– Vamos lá, então. Consiga esse dinheiro e eu fá-lo-ei feliz, rapaz.

Craig apertou-lhe a mão com entusiasmo.

– O acordo sobre os cinco por cento não ficará por escrito, no contrato. Espero que entenda.

Um sorriso discreto a florescer nos lábios de Donati selou o acordo. Craig sacou um formulário de contrato da sua pasta e começou a preenchê-lo, enquanto Donati olhava para o relógio, impacientemente.

– O que está a pensar fazer para conseguir que esta casa vá acima de um milhão e duzentos mil? – perguntou, parando de andar à beira da mesa da sala de jantar que ele estava a utilizar como secretária.

Craig descolou os olhos da papelada, com um sorriso rápido.

– Tenho alguns truques na manga – respondeu. – A minha fórmula secreta, se é que me entende. – Voltou a preencher os formulários com os detalhes do acordo, em letras maiúsculas, apressadas. – Não se preocupe. Uma vez que tenho o privilégio de o apoiar na venda do seu primeiro imóvel, pode sempre contar comigo.

– Ah, claro que sim – disse Donati, a rir. Voltou a andar de um lado para o outro durante algum tempo, em silêncio. Apenas o resmalhar dos papéis e o chilrear, ao longe, vindo do jardim, invadia aquele tenso silêncio. – Gosto de isolar, alienar e esgotar recursos – acrescentou, a sua voz surpreendentemente suave, como um pai a ensinar um filho. – É assim que *eu* caço. Os meus clientes compram o que tenho para lhes vender a pensar que sou o seu último recurso, como se fosse a sua única salvação.

Craig observou-o atentamente, estupefacto, pelo que lhe pareceu muito tempo. A sua curta frase respondera à pergunta que o mantivera acordado à noite. *Isolar, alienar, esgotar recursos*. Brilhante.

– Não sou assim tão sofisticado – retribuiu, agradecido. – Simplesmente, conheço o mercado e penso no todo, não localmente. É bem provável que o seu

comprador não seja texano. Espero que não se importe.

Donati riu-se e nem hesitou quando este lhe pôs os papéis à frente. Pegou na caneta dele e escreveu vigorosamente uma assinatura complicada e ilegível, inclinada para a frente, a marca registada de alguém confiante e ultra bem-sucedido.

– Quando se faltar do ramo imobiliário, venha trabalhar para mim. – Pousou a caneta sobre os papéis e empurrou-os na direção de Craig. – Depois de vender a minha casa, rapaz, não antes. – Deu-lhe uma palmada nas costas, com bastante força, e soltou uma gargalhada, com um hálito a cheirar a charuto.

Craig permitiu-se uma breve gargalhada.

– Entendido, sim senhor. Obrigado. – Agarrou a sua pasta, depois de apertar a mão do novo cliente mais uma vez, e encaminhou-se para a porta. – Já agora – disse ele quando estava prestes a abrir a porta, num lampejo que o instigara a aproveitar esta oportunidade única que o bom humor do empresário representava. – Na última quinta-feira deste mês, eu e a minha mulher estamos a organizar um pequeno encontro para empresários locais e clientes VIP. Se o senhor e a sua mulher conseguirem dispendir algum tempo...

– Envie-me as indicações – respondeu Donati, acenando levemente, o seu sorriso apagado, ainda de semblante carregado. – Será interessante vê-lo a trabalhar o ambiente de uma sala.

Craig agradeceu e saiu, tendo o cuidado de não demonstrar a sua ansiedade no andar. Assim que pôs o motor *diesel* do seu SUV *Mercedes* preto a trabalhar e a porta da moradia milionária se fechou, respirou fundo e o seu sorriso desapareceu, substituído por uma tensão tal no maxilar, que fazia doer os músculos e repuxar a pele.

Tinha menos de vinte dias para se mudar para a casa que acabara de comprar, prepará-la para a festa e encontrar cerca de outros nove empresários que estivessem dispostos a aparecer.

Procurador Distrital Buscher: Sendo sócio da empresa e supervisor do réu, qual era a sua opinião sobre Craig Brafford, em termos profissionais?

Jeremy Hughes: A nossa empresa cresceu com ele na equipa. Era inteligente, dedicado, um trabalhador esforçado. Extremamente ambicioso.

Procurador Distrital Buscher: O tipo de ambição que leva as pessoas a infringir a lei?

Jeremy Hughes: O tipo de ambição que apresenta resultados. Deve saber como é, senhor Procurador Distrital. Aposto que foi exatamente assim que o senhor chegou onde está atualmente.

Almoço

Andi adorava comida italiana.

O restaurante Mille Ponti colocara a gastronomia italiana no centro de Houston, trazendo sabores de deixar água na boca, que atraíam com a promessa de um rico queijo parmesão e um untuoso molho Alfredo a pingar de cada massa *fettuccine*. Por mais vezes que tivesse prometido a si mesma que iria experimentar um lugar novo, acabava sempre na Commerce Street novamente, a fitar o logótipo encarnado, branco e verde, com o desenho de uma gôndola num canal de Veneza. Naquele lugar sentia-se em casa.

Esperava, desta vez, que o sítio familiar a ajudasse a afastar aquela escuridão tenebrosa que apertava o seu coração com um punho de ferro. Sentia-se como se estivesse submersa num mar de tragédia iminente, como se um terror inexplicável estivesse prestes a abater-se sobre si, incapaz de respirar, paralisada.

O pico da hora do almoço estava finalmente a terminar, deixando algumas mesas da esplanada disponíveis. Adorava almoçar ao ar livre e acreditava que não havia melhor forma de desfrutar de uma refeição italiana do que comê-la como pretendiam os italianos, os inventores das refeições *al fresco*. Talvez o sol e o céu azul fossem tudo o que precisava para dissipar as sombras.

Estava atrasada, por breves minutos, para se encontrar com Janelle Larimer para almoçar. Janelle era a sua melhor amiga desde que tinham oito anos e o pai dela tinha comprado a casa ao lado da dos Larimer. Uma memória agridoce para Andi.

Apesar de ser muito nova na altura, ainda se lembrava da morte inesperada da mãe, a devastação que a sua ausência provocara no pai e no seu próprio coração despedaçado. Choraram até adormecerem durante semanas, mas às escondidas um do outro, como se o luto fosse um pecado. Como se fosse um ato vergonhoso, a realizar às escuras e sozinhos, sob ameaça de um pesado castigo se, por algum

motivo, fosse exposto à luz do dia ou à presença de outros.

Raramente falavam durante o dia, como se perturbar o silêncio sepulcral que pairava na casa vazia pudesse, de algum modo, prejudicar a terna memória da mãe. Andi continuava a ir à escola. O pai fazia o pequeno-almoço, embalava-lhe o almoço e preparava o jantar para os dois. Em silêncio, com um sorriso nada convincente e uma breve festinha na cabeça, depois de colocar o prato à sua frente e de lhe desejar bom apetite, como sempre fazia antes de se sentar à mesa. Mas já não estava ali. Estava quase sempre de olhos postos no vazio, como se estivesse à procura de algo que ali não se encontrava. Raramente falava. Sempre que tentava, as lágrimas embargavam-lhe a voz e ele virava a cara, para esconder a sua tristeza. Ela suportou o silêncio e a perda, demasiado jovem para saber o que era pior ou como se orientar num mundo que ficara de pernas para o ar.

– Como é que eu não me dei conta? – era a única frase que ele repetia, uma e outra vez, com o rosto contorcido pela tentativa desesperada em conter as lágrimas, o grito que lhe apertava o peito, desejoso de se soltar. – Os sinais estavam todos à minha frente, todos – acrescentara numa das noites, sentado à mesa de jantar, por entre pratos ainda meio cheios, empurrados para o lado e encostados aos seus braços. Esfregou a testa furiosamente, como se tentasse agarrar algo ali enterrado, entre a pele e o osso, e arrancá-lo. Nessa noite, ela aproximou-se do pai e tocou-lhe no braço, mas parecia que ele não se dera conta da sua proximidade. Estava a quilómetros de distância, provavelmente agarrado à memória da sua mulher, que já se ia desvanecendo, tentando agarrar-se ao que já havia perdido.

Foi então que, uma noite, quando ela estava com medo de apagar a luz do quarto, sabendo que as lágrimas se seguiriam ao abismo causado pela ausência do beijo de boa-noite da mãe, o seu pai entrara aos tropeções no seu quarto, caindo de joelhos e de braços bem abertos.

– Desculpa, fofinha – disse ele, a chorar, aos soluços. – Eu... Eu não estive aqui para ti quando mais precisaste... Demasiado distraído, a culpar-me por não ter dado conta de a mãe estar doente, até que... Desculpas-me?

Ela ainda se lembrava de correr para os seus braços, de se aninhar junto ao seu peito encharcado de lágrimas e de ficar a ouvir o forte bater do seu coração. Choraram e soluçaram, abraçados, durante o que lhe pareceram horas, mas assim que o raiar do dia afugentou as trevas da noite mais longa de toda a sua existência, eles tinham um plano. Mudar-se-iam.

O pai de Andi, o Dr. Hunter Wilmore, um veterinário reputado e respeitado, escolheu uma casa térrea, revestida de tijolo, perto de Clear Creek e do Walter Hall Park. Tinha janelas largas que convidavam o sol a entrar e a aquecer os seus corações devastados, bem como um grande jardim com árvores já adultas, onde pendurar baloiços e redes. Ficava, por acaso, ao lado da casa de uma miúda magricela da sua idade, uma rapariga aventureira e enérgica, fogosa, com uma cabeça cheia de caracóis indisciplinados.

Janelle nunca acreditara, mas tanto o pai como a filha consideravam que tinha sido ela que os trouxera de volta ao mundo dos vivos, naquele outono. Estava

sempre metida em sarilhos, aquela pequena traquinas. Uma vez, trepara tão alto um carvalho do quintal dos Wilmore que tiveram de chamar os bombeiros. Noutra altura, pediu ao Dr. Wilmore que a ajudasse a ficar com um cachorrinho que alegara ter sido um presente de um vizinho. O veterinário convenceu os Larimers a adotar o cachorro, para descobrir, algumas semanas depois, que havia sido enganado por aquela menina inteligente. Foram precisas duas horas de interrogatório até que Janelle confessasse que deparara com uma ninhada de coiotes, na floresta atrás do parque, e tinha tirado um da sua toca.

As meninas começaram as aulas do terceiro ano naquele outono. Entraram de mãos dadas na escola, uma Andi tímida e hesitante a caminhar meio passo atrás de Janelle, que não lhe largava a mão. Desde esse dia tornaram-se inseparáveis. Até à universidade.

Andi decidira seguir as pisadas do pai e o Dr. Wilmore acalentava o sonho, nada secreto, de deixar a sua clínica veterinária já bem estabelecida nas mãos da filha quando fosse altura de se reformar. Só que a paixão dela não era observar pacientes peludos, um a seguir ao outro.

Ela adorava o oceano.

Não, era mais do que isso. Andrea Wilmore era uma *apaixonada* pelo oceano e por todas as suas criaturas, grandes ou pequenas. Trancá-la num consultório, dias a fio, seria um pecado; pelo menos era o que o Dr. Wilmore pensava.

Andi tentara convencer Janelle a entrar para o curso de Biologia Marinha, como ela, mas a sua melhor amiga tinha-se mantido firme na sua decisão, apesar de os seus olhos, ocasionalmente, ficarem marejados de lágrimas.

– Não, nem pensar, minha amiga. Isso não é para mim. Já te vi sentada naquelas piscinas de maré, cheias de sabe-se lá que bichos estranhos, a divertires-te à grande. Mas já olhaste para mim? Dentro de água, quero eu dizer. Se um peixinho minúsculo passar perto de mim a nadar e eu sentir o movimento da água na minha perna, fujo a sete pés. E grito.

Janelle gritava como ninguém, com um som lancinante que semeava pânico instantâneo em qualquer ser ainda a respirar, pensando que o mundo estava a acabar. Infelizmente, ela não estava talhada para Biologia Marinha ou outra área de estudo semelhante. Ao invés, Janelle optara por uma licenciatura em Gestão com muito sucesso, a fazer cadeiras com nota máxima, com uma perna às costas, e a acabar o curso em tempo recorde.

Mantiveram-se em contacto durante esses anos, foram juntas a festas dos dois cursos, tiveram encontros duplos, falavam quase todas as noites e conversavam quase todos os dias, a caminho da universidade. Partilhavam a cama de rede antiga, nas traseiras da casa dos Wilmore, para ver o pôr do sol, por vezes a beber *Ice Tea* ou, já finalistas, cerveja fresca diretamente da garrafa. A sua amizade, forjada ao longo dos anos, foi ficando cada vez mais forte. O trabalho de Janelle diminuía o seu tempo livre, bem como acontecera a Andi com a relação com Craig, mas elas ainda conseguiam arranjar disponibilidade para uns almoços por mês, um jantar ou dois e muitos telefonemas.

De água na boca com o cheiro do frango parmesão, Andi parou à beira da

esplanada, à procura de Janelle. Era fácil reconhecê-la, a sua cabeleira negra e encaracolada era inconfundível em qualquer multidão. Viu-a do outro lado da esplanada, sentada numa mesa junto ao varandim, de frente para o Buffalo Bayou.

Aproximando-se silenciosamente, em bicos dos pés, Andi pôs os braços à volta dos ombros de Janelle e deu-lhe um beijo repenicado na bochecha. Esta soltou um grito, depois deu-lhe um beijo de volta.

– Ui, o que é que se passa? – perguntou Andi. – Maquilhagem nova? Corte de cabelo novo? É alguém que eu conheça?

– Bolas, és perspicaz – respondeu Janelle. – Sim, nova marca de maquilhagem. Desta vez comprei produtos dos bons.

– Fizeste bem. Nota-se. – Andi sentou-se à sua frente e aproximou a cadeira de ferro forjado da mesa, com os pés a arrastar ruidosamente no pavimento. – E o cabelo?

– O quê? Isto? – respondeu Janelle, puxando um par de tranças com contas, que se encontravam do seu lado esquerdo. – É apenas um bom esforço – disse ela, a rir. – Não tenho feito para passar milhentas horas a entrançar o meu cabelo, por isso isto é o máximo de tranças que alguma vez vai ter.

– Está bem, mulher, mas estás a desconversar. – Agarrou o *menu* e fez de conta que estava a dar uma vista de olhos, embora já soubesse o que queria.

Janelle baixou o olhar e sorriu, a brincar com a bainha do seu guardanapo branco, as suas unhas bem tratadas a traçar o fio até ao canto e depois para trás, até desaparecer na dobra.

– Conheci um tipo.

– Ah! – respondeu Andi, sorrindo abertamente e recostando-se na cadeira. – Conta-me tudo. Quero detalhes, por favor... todos. Somos todas adultas, aqui – disse, rindo-se.

– Bem, ele é...

– Já escolheram, minhas senhoras? – O empregado era alto e magro, não tinha mais do que vinte e dois anos, a mirá-las de alto a baixo sem um pinga de vergonha, um sorriso lascivo nos seus lábios pálidos.

Olhou para as pernas de Janelle e depois para as de Andi através da malha de metal da mesa. Janelle estava a usar uma minissaia e uma blusa sem mangas, enquanto Andi usava uns *jeans* e um *top*. A atenção do empregado prendeu-se novamente na pele exposta de Janelle, enquanto fingia estar a tomar nota do pedido.

Elas entreolharam-se e depois riram.

– Queremos uma *bruschetta*, para partilhar, e eu quero uma salada – disse Andi.

– Viraste vegetariana? – Janelle virou-se para o empregado, a pestanejar, como se estivesse a namoriscar com ele. – Junte também um *carpaccio* e um frango *marsala*.

O empregado lá conseguiu afastar-se da mesa e desapareceu.

– Não tens vergonha nenhuma – disse Andi, a rir.

– Achas que ele vai deixar cair a comida? – Janelle pestanejou outra vez e mordeu o lábio, provocante. – Se eu me meter mesmo com ele? – Piscou o olho e

as duas desataram a rir.

– Oh, para lá com isso! Estavas a começar a contar-me acerca do teu novo homem-mistério.

– Ah. – A Janelle ficou séria por um instante, e então um novo sorriso desabrochou nos seus lábios. – Ele, hum... Não é quem eu imaginasse namorar. – Baixou a cara, por breves momentos. – Chama-se Troy. É gestor de projetos numa empresa de construção civil.

Andi franziu um pouco a testa.

– E qual é o problema do Troy? Como é que esse pobre homem não corresponde às expectativas da deusa?

Janelle fixou o olhar em Andi por uma fração de segundo e depois disparou:

– Ele é divorciado e tem um filho. Ugh!

– Está tudo bem – respondeu Andi, esticando o braço para apertar a mão de Janelle. – Há casamentos a acabar a toda a hora e as pessoas merecem uma segunda oportunidade. Ouve – disse ela, ao ver que Janelle não levantava os olhos do guardanapo que fitava atentamente –, desde que estejas feliz, está tudo bem.

Quando Janelle voltou a encarar Andi, o seu sorriso desaparecera.

– Quando é que soubeste que o Craig era o tal?

Ela inspirou; os seus pulmões, por alguma razão, estavam famintos de oxigénio. A pergunta de Janelle desprende um turbilhão de pensamentos e dúvidas, de questões sobre si mesma e sobre o seu futuro com ele.

A jovem sentada à sua frente estava prestes a espetar o garfo num fresco pedaço de carne crua, coberta de alcaparras e cebola roxa finamente picada. Ela era a sua melhor amiga e, ainda assim, havia coisas que não ousava dizer em voz alta, não ousava partilhar com ela. Eram coisas tão profundamente pessoais, tão retorcidas, que nem Janelle conseguiria entender.

Craig era como uma droga... cocaína pura, injetada diretamente na veia, sem misturas. Ela ansiava pelo seu toque, estremecia até, teria feito o que fosse preciso para o ver sorrir, para saber que ele continuava a amá-la cada vez mais, tal como ela o amava. Andi mal se lembrava dos últimos doze meses; desde que o conhecera, tudo caíra no esquecimento por força do turbilhão de emoções, tão intensas que tinham apagado tudo o resto da sua memória.

Sempre que faziam amor ela ficava exausta e fraca, ansiando por mais, nunca se fartando dele. O que começava sempre como uma dança entre iguais nos preliminares acabava com ele a possuí-la como quisesse, tornando-se de algum modo dominador enquanto ela se tornava submissa, desejando e ansiando tanto que até doía. Craig era o tal... O tal, para ela.

– Uau, deixei-te mesmo sem palavras, não foi? – Janelle riu-se e depois espetou mais um pedaço de carne e enrolou-o com mestria no seu garfo antes de lhe dar uma dentada.

Andi soltou uma pequena gargalhada.

– Como é que eu soube que ele era o tal? Bem... acho que foi quando aceitei que não conseguia imaginar-me com outra pessoa qualquer. Nem me tinha dado conta de quando ou como, mas tinha ficado obcecada com ele. Não conseguia

pensar em mais nada, a não ser nele.

– Pois... – respondeu Janelle. – É engraçado como as coisas acontecem, não é? – Havia um travo de tristeza na sua voz, um sentimento tácito de perda.

– Porquê essa cara triste? – Andi comeu um pedaço da *bruschetta* crocante. O aroma do alho e do manjerição fresco inundou-lhe a boca.

– Eu sempre achei que seria livre, descomprometida, lembra-te? – Ela pousou o garfo e bebeu um gole de água com gás, bem fresca. – Solteira e sem filhos. Uma mulher independente. Dona de mim mesma.

– E então? Isso mudou?

– Está a mudar. – Suspirou, depois empurrou o prato para o lado, meio por acabar. – O pior disto tudo é que parece que já não me importo assim tanto com essa coisa da independência. – Olhou nos olhos de Andi, intensamente, como se estivesse a pedir ajuda. – Estou a mudar. E é aterrador.

Andi deu outra dentada e mastigou-a rapidamente.

– Não há problema, sabes? Podes vir a descobrir que estás a mudar para uma pessoa melhor que o teu antigo eu. Quem sabe se não vais gostar muito mais do teu novo eu?

Janelle sorriu, com um agradecimento no olhar.

– És feliz? Quero dizer, mesmo, mesmo feliz, bem lá no fundo?

A pergunta dela gelou o coração de Andi. Havia uma espécie de mau agoiro naquela questão singela e comum, mas não havia razão alguma para que aquele gelo se espalhasse pelas suas veias.

– Sim, sou – respondeu sinceramente, embora sentisse como se estivesse a mentir. Sentiu-se culpada, de algum modo. – Não quereria que fosse de outra forma. Não consigo imaginar a minha vida sem o Craig. – Aquela parte parecia-lhe verdadeira.

– Deixa ver, ele limpa o pó todos os dias? – A sobrelha direita de Janelle estava levantada, mas o esboço de sorriso de antes já se tinha apagado.

Andi anuiu. Sentia-se mal a exibir a sua felicidade daquela maneira, mas Craig merecia o reconhecimento.

– Todas as noites, não falha.

Janelle riu-se baixinho, mas o seu olhar permanecia sério, sombrio.

– Ótimo. Então ainda há esperança para a minha pessoa. – Chegou-se para o lado, dando espaço para que o empregado servisse os pratos, e depois empurrou o prato de frango *marsala* para mais perto de Andi. – Queres dividir?

– Hum-hum. – Aquela sensação aflitiva de mau agoiro regressara, a roer-lhe as entranhas sem parar. Pousou o seu garfo na salada, intocada, e reclinou-se na cadeira, perdida nos seus pensamentos, com a cabeça a quilómetros de distância da esplanada ensolarada do seu restaurante favorito.

– Agora é a minha vez – disse Janelle. – E essa cara triste?

Andi esforçou-se por voltar à realidade. Um dos seus medos era real, assustador.

– Ainda não tive notícias da universidade. – As suas mãos estavam frias e ela apertou-as, com força. – Pensei que tinha conseguido o lugar, mas depois... nada.

Janelle franziu o sobrolho, por um breve momento.

– Essas coisas levam tempo. De certeza que eles são apenas lentos com a papelada. Enviaste-lhes um *e-mail* a agradecer?

– Sim, logo que cheguei a casa. Mas isso já foi há quase uma semana.

Janelle continuou a comer durante algum tempo, em silêncio. Normalmente, aquilo era mau sinal.

Trabalhava para o Instituto de Emprego e tinha um conhecimento profundo dos procedimentos dos Recursos Humanos e das probabilidades. O currículo que Andi enviara para a universidade, quando concorrera àquela vaga, tinha tido a aprovação de Janelle, e a carta de motivação também. Tinham ensaiado juntas as entrevistas e Janelle ensinou-lhe o que dizer e como se comportar.

– Tenho a certeza de que eles irão ligar-te em breve para falar sobre os passos seguintes. – Ela parecia séria. – Por via das dúvidas, pesquisaste o teu nome no Google?

Andi assentiu.

– Limpo e imaculado.

– Ótimo. – Janelle voltou a sorrir. Cortou um pedaço de frango e levou-o à boca, depois semicerrou os olhos enquanto mastigava. – Nem quero saber quantas calorias é que comi a mais, hoje. Valeram a pena. – Limpou os lábios com o guardanapo, com muito cuidado para não esborratar o *lip gloss*. – Ah, já me ia esquecendo de te contar. Vimos o Craig há umas noites.

– «Vimos»?

– Eu e o Troy – disse Janelle, a corar ligeiramente. – Ele estava no Game Nite a beber uns copos com aquele tipo... hum...

– Quem?

– Não me consigo lembrar de como se chama. Alto, *sexy*, de barba curta. Foi o padrinho dele no vosso casamento – disse Janelle a franzir os lábios, sentindo-se frustrada.

– Ah, é o Jude – respondeu ela, bebendo um gole de água. – É o melhor amigo do Craig.

Janelle olhou para Andi de relance, com curiosidade, mas depois desviou o olhar.

– O que foi? – perguntou ela, voltando a sentir alguns calafrios.

– Nada – respondeu a outra, a abanar a cabeça. – A sério, não é nada.

– Oh, anda lá – insistiu Andi, com esperança de que não se notasse o ligeiro tremor na sua voz. – Seja lá o que for, desembucha. – Janelle ficou apenas a olhar para ela. – Estás a falar comigo, lembras-te? Podes dizer-me tudo o que quiseres.

– OK – respondeu, olhando para os dois lados. – Olha, se eu não conhecesse tão bem o Craig e não soubesse da vossa relação, diria que ele é *gay*.

Andi desatou a rir, o que fez com que algumas cabeças naquela esplanada se virassem.

– O quê? Não é nada disso. O Jude é só o seu melhor amigo e mais nada.

– Estavam sentados muito juntinhos, cabeças quase encostadas uma à outra, a sussurrar. O Craig nem me viu e eu estava mesmo ali, de pé, ao lado da mesa

deles.

– Isso acontece quando o Craig e o Jude estão a conversar sobre negócios. – Riu-se, aliviada. – Nunca falam sobre outra coisa, nem sequer acerca de desporto.

– Se tu o dizes.

– Janelle, o Craig não é *gay*. – Andi esticou-se sobre a mesa e pôs as mãos da amiga entre as suas. – Achas que eu não saberia? Nós estamos aqui agora, sentadas perto uma da outra, de mãos dadas. Andamos a dormir juntas?

Janelle escancarou um sorriso, com um brilho maroto nos olhos.

– Não. Mas perguntei-me muitas vezes...

– Oh, deixa-te de parvoíces! – Andi atirou o guardanapo a Janelle; este aterrou-lhe na cabeça e ambas desataram a rir.

Foram juntas até aos seus carros e separaram-se após um longo abraço. No entanto, nalgum recanto, debaixo de toda aquela boa disposição, um calafrio impiedoso estava à espreita, uma sensação de pavor nas suas entranhas de que Andi não se conseguia livrar, como uma cobra venenosa enrolada à sua volta.

Procurador Distrital Buscher: O que nos pode dizer acerca do comportamento de Andrea Wilmore Brafford depois da entrevista de emprego?

Jude Drennon: A da universidade? A Andi pareceu-me perfeitamente bem, mas deixem-me dizer uma coisa. Acho que nada desta confusão teria acontecido se não fosse aquela amiga dela, a Janelle. Aquela abelhuda devia ser travada. Sempre a meter-se na vida das pessoas, a escarafunchar, a cutucar e a maçá-las, a semear suspeitas, sempre sob o pretexto de estar a ajudar uma amiga.

Procurador Distrital Buscher: Que suspeitas?

Investigação

A nova casa era um sonho.

Craig deveria ter tido acesso a alguma informação privilegiada, tal como um vendedor aflito, ou aproveitara, de algum modo, a sua posição de agente imobiliário. De outro modo, nunca teria conseguido adquirir aquela enorme casa com trezentos e dezasseis metros quadrados, inserida num lote com meio hectare de terreno com uma paisagem perfeitamente modelada. Estava muito acima do que conseguiriam pagar.

Alguns dias antes, surpreendera Andi com um telefonema e um convite para ir ver a casa. Ela pensava que era só uma visita, mas Craig encontrava-se à sua espera com um porta-chaves gravado com as suas iniciais, a baloiçá-lo no ar com dois dedos, pronto para o deixar cair na palma da mão dela. A surpresa foi esmagadora, a casa era absolutamente perfeita. Ainda assim, Andi sentiu uma ponta de tristeza por ter sido privada de toda a experiência de a encontrarem juntos, debater a compra e fazer a oferta, de tudo o que faz da compra de uma casa em conjunto a pedra de toque da vida de casados.

Ele desfez-se em desculpas e explicou-lhe que tivera apenas dois minutos para poder fazer uma oferta. O imóvel ia entrar no mercado com um valor muito abaixo do real e tudo o que pudera fazer foi reter a publicação do anúncio pelo tempo suficiente para preencher o formulário com a oferta e enviá-lo, na esperança de que o vendedor aceitasse rapidamente o negócio. Jude ajudara-o a conseguir o empréstimo num ápice.

– Bem-vinda a casa, meu amor – sussurrara-lhe ao ouvido, enquanto a pegava ao colo e transpunha a porta de entrada.

Pousou-a num piso de mármore branco, reluzente, num *foyer* de perder o fôlego que se abria para uma vasta sala de estar com tetos abobadados. Levando-a pela mão, mostrou-lhe a casa toda, numa apresentação típica de um agente imobiliário ultrazeloso, num jogo de faz de conta em que ela era uma compradora picuinhas e ele estava a tentar vender-lhe a casa.

– Esta sala de cinema foi concebida com o entretenimento e o luxo em mente, para aquelas noites de chuva que dão vontade de passar o serão com a família a ver um filme. As luzes de aplique, com controlo de intensidade à distância; as paredes pintadas em tom escuro; o sistema *surround 5:1* embutido; e as espessas cortinas de veludo que absorvem o som vão proporcionar uma experiência única. Acrescente uns cadeirões confortáveis e um ecrã da sua preferência e está pronta para ter a sua própria sala de cinema.

Ela sorriu, encantada, mas um pouco atordoada, não sendo ainda capaz de acreditar que aquela casa magnífica era agora deles.

– Sancas – continuou ele, a voz a demonstrar o orgulho e o entusiasmo com a sua conquista –, molduras de portas e janelas de qualidade superior, bancadas em granito de primeira na cozinha e nas casas de banho...

– Muito bem – disse ela, abraçando-o à volta do pescoço e calando-o com um beijo. – Eu compro-a – sussurrou, sem fôlego, quando ele a soltou.

– Não vais ter pena de deixar o nosso apartamento pequenino? – perguntou ele, com falsa preocupação na voz.

– Deixa-me pensar – disse ela, entrando na brincadeira. – Não, não me parece. – Desataram a rir, num riso que ecoou pela casa, que culminou num beijo tórrido e em fazerem amor em cima da bancada de granito da cozinha, apressadamente, até ficarem sem fôlego.

Já tinha sido há alguns dias, mas a sua face ainda queimava quando se lembrava dos pormenores daquela tarde, da forma como toda ela tinha ganhado vida com o seu toque, como se fosse barro, pronto a ser moldado no que ele quisesse que fosse; desejosa de ser transformada na forma das suas fantasias, preenchendo completamente o espaço entre as suas mãos, o seu corpo encaixando perfeitamente no dele.

Agora, ali estava ela no antigo apartamento, de pé, no meio de pilhas de caixas de cartão muito bem embaladas, quase pronta para dar o trabalho por terminado. Os armários de cozinha, de portas abertas, estavam vazios, despidos, prontos para a equipa de limpeza que os iria pôr imaculados e irresistíveis para potenciais compradores. Agarrou numa embalagem de *Windex*, com pulverizador, e numa folha de papel de cozinha e voltou a limpar as bancadas de fórmica, não deixando muito para o pessoal da limpeza fazer. Tinha algum receio de estar quieta, sem o que fazer, de volta dos seus pensamentos; algures, debaixo de todo o entusiasmo com a nova casa e a mudança, aquele medo tácito apertava-lhe o coração, com os seus dedos gélidos.

A voz dele ouvia-se através das finas paredes do escritório. Ainda estava a fazer telefonemas de trabalho, embora já fossem quase sete horas da noite e ainda não tivessem jantado. Estava programado que os senhores das mudanças comessem cedo, na manhã seguinte. Andi sentia uma espécie de excitação ao pensar em morar na nova casa, mais perto da universidade, mais perto do pai. Por instantes, o reavivar daquela euforia apagou a angústia no seu interior, silenciando-a. Se ela não pensasse nisso por algum tempo, esta desvanecer-se-ia no nada de onde viera, porque era completamente infundada. Tinha de ser. Estava tudo bem e não havia

absolutamente nada a temer.

Alguém tocou à campainha, assustando-a. Não estava à espera de ninguém em particular, mas nestes últimos dias houvera um incessante vaivém de pessoas naquele apartamento, porque ele mandara fazer algumas reparações antes de o pôr à venda. Andi não olhou pelo óculo; simplesmente abriu a porta. Então, congelou.

Estava frente a frente com um distintivo de polícia, mostrado por uma loira oxigenada, de óculos escuros, com finas linhas de expressão a ladear-lhe os cantos da boca, apontados para baixo.

– Inspetora Otwell, da polícia de Houston – disse a mulher. Usou um tom de voz autoritário e duro. – Tenho algumas perguntas acerca de Nikki Edwards. Importa-se que conversemos dentro de casa? – Ela apontou para o interior do apartamento, com a mão esquerda, a segurar um bloco de notas e um envelope.

Andi fez um trejeito e olhou rapidamente por cima do ombro, para as pilhas de caixas que forravam as paredes da sala de estar.

– Eu não conheço nenhuma Nikki, hum...

– Edwards.

– Bem, sim, entre. – Desviou-se, deu passagem à agente da polícia com um gesto de mão e fechou a porta. – Desculpe a confusão, estamos em mudanças.

A inspetora encolheu os ombros, enquanto analisava exaustivamente o espaço, como se estivesse a investigar Andi e Craig, não uma mulher desconhecida. Como se eles fossem os suspeitos de um crime qualquer.

– Mudam-se quando? – perguntou, ainda de óculos escuros postos. Andi perguntava-se se aquilo era uma tática para esconder os olhos durante interrogatórios ou se a luz a incomodava mesmo assim tanto.

– Amanhã – respondeu, calmamente. – Diga-me, em que posso ajudar, inspetora?

A voz de Craig ouviu-se, através das paredes, ao começar outra chamada.

– Quem é?

– O meu marido. Está a trabalhar. – Andi fitou as lentes escuras e espelhadas, sem esconder o seu aborrecimento. – Lamento, inspetora, mas estamos atarefados com as mudanças e tudo isso. Se a puder ajudar em alguma coisa, terei todo o gosto. Se não, por favor desculpe...

– Nikki Edwards – disse a mulher, falando devagar. – A senhora ou o seu marido conhecem-na?

– Não. Quem é?

– Foi... – A agente fez um momento de silêncio, carregado, quase assustador. – Ela era vossa vizinha, no segundo andar.

– Ah, a *overdose* da semana passada?

– Como é que sabiam que ela teve uma *overdose*? – Andi mordeu o lábio por um instante. Tinha de ter cuidado com o que dizia à polícia. Eles podiam distorcer o que dissesse, na ânsia de efetuar detenções, justificadas ou não.

Otwell colocou a ponta da caneta no bloco de notas, pronta para escrevinhar.

– Não sabíamos. É um misto de boato e de palpite com alguma probabilidade, considerando que estamos no centro de Houston, certo?

Mais um momento de silêncio.

– Certo. – A inspetora fixou o olhar nela outra vez, mas Andi manteve-se imperturbável. – E não a conhecia?

– Já lhe disse. Não, não a conhecia.

– E o seu marido? Preciso de falar com ele, também.

– Ele também não a conhecia. Comentámos isso mesmo, depois de saber da sua morte. Eu estava a chegar a casa, vinda da universidade, quando estavam a transportar o corpo. Foi terrível...

– Sim, normalmente é assim. – Otwell fechou o seu bloco de notas, virando a capa com um rápido gesto da mão. – Estava a pensar, ela tinha a sua idade, sensivelmente... Talvez a conhecesse, pelo menos só de vista.

Ela abanou a cabeça e manteve os lábios bem fechados, com força. Quantas vezes teria de repetir que não conhecia aquela pobre mulher?

– De facto, estou até surpreendida por terem demorado tanto tempo para virem até aqui. Não era uma prioridade para o serviço, suponho.

Aquela afirmação fez com que a boca da inspetora se contraísse, tensa.

– Nada poderia estar mais longe da verdade. – A mulher apoiou a sua mão na anca direita. – O que se vê nos filmes não é o que acontece na vida real. As coisas levam o seu tempo.

– E como é na vida real? – perguntou Andi docemente, sorrindo. – Aposto que estão atolados em trabalho até à ponta dos cabelos.

– Ui, pode ter a certeza de que estamos. Desde o início do ano, tivemos mais de trezentos homicídios nesta cidade. Uma *overdose* accidental raramente justifica as horas necessárias para recolher testemunhos.

Andi ficou à espera que ela continuasse, mas tal não aconteceu. Otwell voltou a abrir o bloco de notas e perguntou:

– Vão mudar-se para onde? Só para o caso de ter mais perguntas.

– Brookhaven, logo a seguir à Avenida Bellfort. – Andi deu-lhe a morada completa e a agente anotou-a.

– Boa – disse ela, com inveja. – É um bairro muito melhor que este. Parabéns.

– Preparou-se para sair, mas depois virou-se novamente e deu-lhe o envelope que segurara debaixo do seu bloco de notas. – Encontrei isto no corredor, em frente à sua porta.

Andi agarrou o envelope e reconheceu o logótipo da Universidade Texas A&M. Sentiu-se empalidecer quando tudo começou a andar à roda. Isto não estava a acontecer... Eles tinham-na rejeitado. Só as rejeições eram enviadas por correio; tudo o resto era tratado por *e-mail* ou por telefone. O seu emprego de sonho, a carreira para a qual se preparara a vida inteira, não ia acontecer.

– Sente-se bem? – perguntou a agente, segurando-a pelo braço como se a quisesse apoiar.

Andi acenou que sim com a cabeça o mais vigorosamente possível, ansiosa por se ver livre da inspetora e abrir a carta em paz. Talvez houvesse um motivo para não lhe terem oferecido o lugar, algo que ela conseguisse resolver. Talvez ainda houvesse alguma esperança.

Procurador Distrital Buscher: Conheceu Andrea Wilmore Brafford pessoalmente enquanto investigava a morte de Nikki Edwards?

Inspetora Barbara Otwell: Sim, conheci.

Procurador Distrital Buscher: Naquela altura, ou em inquirições posteriores, estabeleceu alguma ligação entre Andrea Wilmore Brafford e Nikki Edwards?

Inspetora Barbara Otwell: Não. Não existe qualquer relação entre os casos.

Procurador Distrital Buscher: Durante a sua inquirição, como lhe pareceu que Andrea Wilmore Brafford estava?

Inspetora Barbara Otwell: Feliz. Lembro-me de ter pensado que deviam ser recém-casados, porque ela estava radiante. Até que viu a carta.

6

O Pai

O Dr. Wilmore não trabalhava às segundas-feiras de manhã.

Desde que a sua clínica de veterinária começara a prosperar mais do que alguma vez antecipara, trabalhava até tarde toda a semana, incluindo todo o sábado e parte do domingo. Ele merecia dormir até tarde às segundas-feiras, mas Andi sabia que já estaria a pé por volta das oito horas da manhã, a beber a sua primeira chávena de café de Java e a ignorar a torrada que sempre fazia para si, tal como a mãe dela costumava fazer.

Só que ele nunca a comia.

Mais à tardinha, numa silenciosa homenagem, dá-la-ia aos peixes do lago Clear, apenas se os patos não apanhassem primeiro os pedaços de pão que se afundavam rapidamente.

Andi estacionou o seu carocha à porta da garagem, depois da curta viagem de carro a partir da sua nova casa, a poucos minutos de distância. Não se dera conta da perfeita manhã de primavera, com um céu de incríveis tons de azul e uma leve brisa; a sua mente estava noutro sítio, a debater-se internamente com o que estava prestes a fazer.

O pai abriu-lhe a porta antes que ela pusesse a chave na fechadura.

– Andi, que surpresa tão boa! – Pôs os braços à volta dela, deu-lhe um beijinho na bochecha e deixou-se ficar encostado a ela por um instante, o que Andi apreciou. A força e o calor do pai eram o que precisava.

Ainda assim, isso entristecia-a, de alguma forma. – O que te traz aqui tão cedo? E toda aperlada? – Ele entrou e seguiu à sua frente, na casa que era a dela até há dezoito meses. Já lhe parecia estranha, mas, ao mesmo tempo, tão familiar; o cheiro a torradas e café acabados de fazer, perfumador de roupa com cheiro a lavanda, velas com aroma de maçã.

– Vou a uma entrevista.

– Ah – respondeu ele, enquanto lhe servia uma chávena de café. Voltou a pôr o bule na cafeteira e sentou-se à mesa da cozinha, as mãos entrelaçadas à sua frente,

pronto a ouvi-la.

O silêncio era ensurdecedor, cheio de palavras não ditas; contudo, a cabeça de Andi andava à roda, sem saber o que dizer.

– Queria convidar-te para uma pequena festa que vamos dar, para alguns amigos. É o nosso aniversário de seis meses de casamento. – A sua voz saiu aos soluços, como se ainda fosse uma menina pequenina e estivesse a dizer uma mentira. Não estava, mas o convite não era a única razão para ter passado lá por casa.

Irrompeu uma sombra no olhar do seu pai. De repente, parecia cansado, realçando detalhes em que Andi não reparara. As veias nas têmporas. A miríade de rugas ao redor dos olhos. As articulações das mãos, ligeiramente inchadas. A tristeza que tentava ocultar quando sorriu e levantou a cabeça para olhar para ela.

– Agradeço e fico muito sensibilizado, minha querida, mas não acho que fosse verdadeiramente bem-vindo. Os outros convidados são da vossa idade, não são? – Ela disse que sim. – Estás a ver? Eu não me ia encaixar. Provavelmente toda a gente iria ficar à espera que eu me fosse embora para fazerem o que quer que seja que os jovens fazem hoje em dia, dançar ao som de música aos berros, contar piadas porcas, fumar erva. – Ele riu-se, mas num tom repleto de tristeza. – Tenho a certeza de que o teu marido vai ficar contente por eu optar por vos desejar felicidades à distância.

Estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto com os seus dedos quentes, fazendo-lhe uma festa na bochecha como costumava fazer quando ela estava triste ou tinha esfolado o joelho, encorajando-a.

– Vou mandar-vos algo de bom. Uma garrafa de... que vinho é aquele de que o Craig gosta?... *Dom Pérignon*, não é?

Andi piscou os olhos para conter as lágrimas indesejadas, mas aninhou-se contra a sua mão.

– Estás enganado acerca dele. O Craig adoraria que tu fosses. – Enquanto falava, desviou o olhar. O pai tirou a mão.

– Tu sabes que isso não é verdade, Andi, e está tudo bem. Eu sou o teu passado. Este homem é o teu futuro. Eu... – Engasgou-se e pigarreou suavemente, antes de continuar. – Eu espero que tenhas escolhido bem e que me tenha enganado. Nada me deixaria mais feliz do que se me provassem que estava errado, mais do que acerca de qualquer outra coisa. Tu sabes disso, não sabes?

Ela acenou que sim. O pai nunca gostara de Craig e nada do que ela dissesse faria alguma diferença. Andi dissera de tudo, ao longo de quase todo o ano em que tinham vivido juntos, e mesmo assim não o conseguira convencer. Não havia nada em concreto de que ele não gostasse, nada que pudesse nomear. «É só o meu instinto de pai» fora o que dissera em algumas ocasiões, antes de ela se casar. Então, após tê-la levado ao altar, relutantemente, parou de puxar pelo assunto, respeitando a santidade do seu matrimónio. Mas o problema continuava lá, mesmo à flor da pele, surgindo sempre que tentava juntar as duas pessoas mais importantes na sua vida.

– Deixa-me perguntar-te outra coisa – disse ela, com a voz mais límpida,

muito embora ainda a tremer com o peso das lágrimas iminentes. – Ainda estás à procura de um novo auxiliar de veterinária para se juntar à tua equipa?

O rosto dele iluminou-se.

– Sim, estamos desesperados com a falta de pessoal desde que alargámos o horário de funcionamento. Conheces alguém que queiras recomendar?

Ela levantou-se e imitou uma vénia, em conjunto com um tímido sorriso.

– Eu.

O pai ficou de boca aberta, um silêncio pesado na sala. Andi conseguia ver um gaio azul através da janela, pousado no ramo de um carvalho. Por alguma razão, a sua mente agarrou-se àquela imagem apaziguadora, como se fosse uma boia de salvação num mar tempestuoso.

– Mas porquê, Andi? – perguntou o Dr. Wilmore, num sussurro, atordoado. As suas sobrancelhas brancas e desalinhadas estavam levantadas, a testa cheia de sulcos, paralelos. Passou a mão pelos cabelos curtos algumas vezes, num gesto que denunciava a sua perplexidade.

Ela olhou para baixo e sentou-se à mesa.

– Eu podia mudar de carreira a meio do caminho, pai. Seria bom trabalharmos juntos, não seria? Já tenho a maioria dos créditos necessários para conseguir a licença. Só preciso dos estágios práticos, e podia fazer alguns na tua clínica, a ajudar-te. Depois, podia voltar à universidade e mudar de programa de doutoramento, para me doutorar em Medicina Veterinária, ao invés de Biologia Marinha. Podia aprender e crescer debaixo da tua asa. – Sorriu, mas os seus olhos ardiam. – Aprender com o melhor.

Ele soltou um longo suspiro dos seus pulmões e estendeu o braço, para lhe apertar a mão. Ela deixou cair uma lágrima. Virou a sua atenção para o gaio azul lá fora, desejando que ele chilreasse.

– Não há nada de que gostasse mais do que de passar os meus dias contigo, filha. Mas já falámos sobre isto. A tua paixão não é administrar vacinas ou aparar as unhas de animais de estimação. – Ele inspirou ruidosamente, a sua respiração fraca e superficial. – Tu tens de estar lá fora, no mar, ao sol, como o Cousteau no seu *Calypso*. Ele não era o teu ideal, o teu herói? – Inclinou-se ainda mais, agarrando-lhe as duas mãos. – Não vimos juntos todos aqueles documentários?

Ela fixou-se nas suas mãos, incapaz de levantar a cabeça e encará-lo.

– O que é que se passa realmente? – perguntou o pai, com uma voz doce, paciente. – Diz-me o que se passa. Seja lá o que for, havemos de arranjar maneira de o resolver, tu e eu.

Ela abanou a cabeça e desistiu de lutar contra as lágrimas.

– Eu... Ninguém me quer, pai. Rejeitaram-me, em todo o lado. A universidade foi a primeira; enviaram-me uma carta, sem uma explicação, sem nada. Apenas «não, obrigado». – Ela fungou e olhou para ele de relance, antes de baixar a cabeça, mais uma vez. – Logo para começar, não há assim tantas vagas disponíveis para investigação em Biologia. Corri-as a todas em duas semanas. Não consegui nada... Parece que nunca serei uma investigadora em Biologia. Esse sonho acabou.

– E a entrevista de hoje?

Andi cerrou os lábios com força, por uma fração de segundo.

– Gerente de uma clínica dentária – sussurrou.

– Oh, Andi... – O pai levantou-se, foi ter com ela e agachou-se ao lado da sua cadeira. Ela encostou-se a si, a cara aninhada no seu peito, e chorou convulsivamente, enquanto ele lhe fazia festas no cabelo, em silêncio. – Vamos arranjar uma solução, vais ver – disse ele, passado algum tempo. – Cabeça erguida, rapariga. O mundo é teu para o conquistares. Não podes clamar derrota ao fim de três tentativas.

Ela fungou e depois agarrou um lenço para enxugar as lágrimas.

– Agora percebes? Prefiro trabalhar contigo, na tua clínica, do que ser a gerente de um dentista qualquer. Desculpa, mas não consigo ver qual é o sentido da minha vida se tudo o que é suposto fazer se resumir a marcar consultas e cobrar exorbitâncias às pessoas.

O pai levantou-se e começou a deambular pela sala, devagar, com as mãos atrás das costas, como sempre fez quando está concentrado a pensar.

– Já investiste sete anos em Biologia. Estás a meio do teu programa de doutoramento. Não podes desistir. Nem agora, nem nunca.

– Mas e se eu não tiver futuro na Biologia? Preciso de ganhar o meu dinheiro, pai. Preciso que a minha vida tenha algum sentido.

– Sim, sim – respondeu ele, rapidamente. – Mas não acredito que a solução seja trabalhares como auxiliar de veterinária. Ias perder um ano da tua vida para te licenciares.

– Só por algum tempo – insistiu. – Para descobrir se gosto. E, se gostar, faço os créditos que me faltam para ser médica veterinária e junto-me a ti, na tua clínica.

Ele abanou a cabeça e tapou a boca com a mão, como se estivesse a selá-la, para impedir as palavras, antes que se escapulissessem.

– Nada me deixaria mais feliz do que ter-te ao pé de mim todos os dias. Ao mesmo tempo, partir-te-ia o coração, o teu e o meu, porque não é verdadeiramente o que tu queres. – Observou-a atentamente. – Vamos pensar mais um pouco. Não desperdices tudo o que construístes por causa de duas ou três cartas de rejeição. Espera; irão aparecer novas oportunidades. A Biologia Marinha é a tua paixão, filhota.

Vale a pena lutar por isso. – Acrescentou, dando um murro no ar. – Luta pelo que queres. Com garra!

– Garra de tigre? – retorquiu ela, a brincar, a jogar um jogo que eles costumavam jogar quando ela era pequena.

– Garra de tigre – disse ele, rindo-se. – Sim, exatamente. Garras e dentes do tigre-dentes-de-sabre. – O som dos risos foi-se desvanecendo, dando espaço ao pesado silêncio. – Pensei que estarias muito atarefada com a mudança para a nova casa.

Ela fez um gesto de desdém com a mão.

– A empresa do Craig ofereceu-lhe um serviço de mudanças, tipo chave na mão. Fizeram tudo. Não tive de mexer uma palha. Tens de vir ver a casa um dia

destes. É fantástica.

O Dr. Wilmore franziu o sobrolho e passou as mãos pelo cabelo, mais uma vez. A determinada altura, no ano anterior, os seus cabelos haviam ficado todos brancos, brilhantes.

– Como é que achas que ele consegue pagar isso tudo? Uma casa maior que a minha, umas mudanças chave na mão...? Tens a certeza de que sabes tudo o que se passa, Andi?

– Ai, pai, a sério, já chega dessa tua desconfiança. Por favor. – Levantou-se e começou a andar pela divisão, zangada, a tocar em objetos familiares de passagem, como se a acalmassem. A superfície brilhante dos armários lacados; o aço inoxidável da torradeira, ainda morna; os botões da cafeteira. – Tu não estás lá para vê-lo a trabalhar todos os dias até às dez, fins de semana também. Ele é ambicioso e dedicado, um bom marido e prestativo. É como tu.

– Ele não é *nada* parecido comigo. – As suas palavras saíram cortantes, como lâminas. Fechou os olhos por um instante, provavelmente arrependendo-se do seu rompante.

– Ele é gentil e carinhoso, trabalha arduamente e faz-me feliz. Eu adoro a minha vida, pai. A única coisa que me parte o coração... é a minha carreira. Parece que os astros se alinharam, mas contra mim, contra a realização do meu sonho. Tudo o que faço, dia após dia, é ver anúncios de emprego, ir a entrevistas e escrever cartas de apresentação. E esperar que o Craig chegue a casa.

Ele franziu o sobrolho novamente, enquanto tapava a boca com a mão outra vez. Quando falou, a sua voz já recuperara o calor habitual.

– Vem à noite de póquer, na próxima quinta-feira.

Andi baixou o olhar, com tristeza.

– Posso chegar muito atrasada, pai. Temos uma festa lá em casa, para os clientes do Craig.

Ele mordeu o lábio, provavelmente antes que fizesse algum comentário acerca do trabalho de Craig. Já sabia o que o pai achava e não queria ouvi-lo de novo.

Tal como o seu pai fizera na sua altura, Craig estava a fazer tudo o que podia pela sua família, pelo seu futuro em conjunto.

Agradecida por ele ter decidido não dizer mais nada contra o seu marido, Andi plantou-lhe um beijo na bochecha e saiu a correr. Já estava atrasada para a sua entrevista de emprego.

Procurador Distrital Buscher: Em que circunstâncias interagiu com Andrea Wilmore Brafford?

Dr^a Marjorie Hitchens: Entrevistei-a para a posição de investigadora na Universidade Texas A&M, Departamento de Biologia Marinha.

Procurador Distrital Buscher: E qual foi a sua opinião acerca das qualificações de Andrea Wilmore Brafford?

Dr^a Marjorie Hitchens: Faltava-lhe um ano para terminar o doutoramento na nossa área de especialidade e demonstrou a mentalidade certa e a paixão

necessária para alcançar o sucesso no nosso ramo de trabalho. Era a candidata ideal.

Jude

O Game Nite Bar & Grill estava a abarrotar àquela hora, pouco depois das sete da noite. O *sports bar*, normalmente ruidoso e barulhento nas noites mais sossegadas, estava quase insuportável naquela noite, muito embora Craig apreciasse um bom ajuntamento. O sítio tresandava a gordura e *bacon* crocante, a hambúrgueres cobertos de *cheddar* derretido, regados com copiosas quantidades de cerveja. Por vezes, alguma da cerveja espalhava-se no chão ou por cima das mesas baratas, mas isso era parte do que dava um ar rebelde ao lugar.

Jude estava atrasado e Craig entreteve-se a comer amendoins, cuja casca partiu com os dentes, habilmente, antes de os mastigar, com um desejo inegável de sentir o seu sabor a sal. De olhos postos num dos televisores que estava por cima do balcão, desfrutava de uma *Heineken* fresquinha, enquanto festejava, ocasionalmente, sempre que os Rockets marcavam pontos.

Uma loira, alta, com uns calções de ganga esgaçados bem curtos e um *top* sem mangas passou por si, muito provavelmente em direção à casa de banho. Abanava as ancas enquanto abria caminho por entre os bêbados à sua frente e ignorava os piropos e assobios que lhe dirigiam. Ao aproximar-se da mesa dele, mirou-o de frente e abrandou um pouco o passo, deslizando os dedos pelo tampo riscado da mesa. Craig sorriu, todo inchado com a atenção dela. A miúda podia ter levado qualquer um dos que ali estavam para a sua casa, mas era a ele que estava a topar. Isso sabia-lhe bem.

– Meu, tu és impressionante – disse-lhe Jude ao passar atrás dele antes de se sentar à mesa. Cumprimentou-o como de costume, com duas palmadinhas nas costas. – Tens uma mulher incrível em casa, de morrer, e estás a babar-te por uma galdéria destas? O que é que te deu, pá?

O seu sorriso desvaneceu-se e o contacto visual com a tal loira perdeu-se. Quando voltou a olhar, a miúda já se tinha ido embora. Sentado ao lado dele, Jude sorriu, deixando duas fileiras de dentes imaculadamente brancos à mostra. Aquele sorriso rendeu-lhe a atenção instantânea da empregada do bar, uma ruiva de

cabelos longos, encaracolados e sedosos que fariam a Cher roer-se de inveja. O seu grande decote também não desiludia, e ela sabia até onde se podia inclinar para ouvir o seu pedido ou quão devagar devia morder os lábios com *gloss*. Craig apreciou o espetáculo, ainda que não fosse o objeto da sua atenção.

– Estava só a fazer tempo até tu chegares – lá respondeu, depois de beber o resto do que estava na sua garrafa de cerveja, já quase vazia. – Olhar, não tocar. Isso é permitido. – Pousou a garrafa de cerveja na base para copos, que foi imediatamente substituída por outra, cheia, já sem carica.

A Cher ruiva pôs uma *Bud Light* à frente de Jude e depois acrescentou:

– Mais alguma coisa que queiras, eu trago num instante. OK, querido?

Craig riu-se. Não conseguia perceber como é que Jude não estava entalado entre a ruiva e a morena de cabelos lisos que não tirava os olhos de cima dele desde que entrara no bar, numa sessão épica de sexo até perder o fôlego, em vez de estar ali a perder tempo com ele.

– Vá, é só admitires que estavas com ciúmes – disse, picando-o.

– Ciúmes, eu? De quê? – Fizeram um brinde e emborcaram mais uns goles da cerveja. Jude limpou a boca às costas da mão, num gesto rápido que deixara alguma espuma agarrada à sua barba bem aparada. – Ela estava de olho nas tuas chaves, pá. Estava era interessada no teu *Mercedes*, não era na tua... personalidade encantadora.

– Era lá agora! – respondeu, inclinando-se para trás, perdido de riso. – Estás a ficar verde de inveja. Vou passar a chamar-te senhor Verdinho, a partir de agora.

– Ah, é? Então diz-me lá porque é que pões sempre as chaves do carro em cima da mesa, quando tens bolsos com fatura, como todos nós, pessoas decentes que não sentem a necessidade de esfregar a estrela de três pontas na cara de ninguém?

Aquela boca deixou-o um bocado de queixo caído, enquanto as bochechas ficavam vermelhas. Ele *fazia-o* de propósito. Gostava da sensação quando as pessoas reparavam e olhavam de soslaio, com inveja ou, no caso das mulheres, com interesse sexual despertado pela materialidade. Havia nisso um sentimento de validação, de autoestima, que aumentava em todos os lugares onde ia e se esquecia do porta-chaves em cima da mesa, convenientemente, com a chave com o logótipo virado para cima. Os empregados eram mais rápidos. As suas doses de carne eram de cortes melhores, maiores, mais suculentos. A sua cerveja estava mais fresca. Os seus amendoins, mais recentes. As suas gorjetas tinham de estar à altura e ser maiores que a média, pelo menos trinta por cento, mas valia bem a pena. Talvez um dia ele pudesse mandar a Cher ruiva para casa com uma gorjeta de mil dólares. Um dia destes. Conseguia imaginar, com facilidade, como ela iria ficar a olhar para aquele cheque, depois perguntar se ele tinha a certeza, depois desatar a chorar e olhá-lo com respeito. Com muito respeito.

Não esperara que Jude tivesse reparado no que ele fazia com as chaves do carro. Os homens ricos e bem-educados, oriundos de uma família muito mais bem-sucedida que a sua, não tinham necessidade de recorrer a este tipo de truques para conseguir a atenção que ele desejava ter. Talvez Jude não desejasse o mesmo tipo de atenção, o tipo de atenção sem o qual Craig não conseguia viver. Mas Jude era

seu amigo; vira-o no seu pior e no seu melhor. Decerto que não se incomodaria com o seu inocente truque com as chaves do carro.

– Bem, se as minhas chaves do carro são um problema para ti em bares e sítios que tais, garanto que as vou guardar no bolso, como deve ser. – Deu um gole e saboreou a bebida, fria e deliciosa. – Não te quero dar cabo das chances de engatar alguém. No final das contas, como disseste, eu sou um homem bem casado.

Jude riu-se e deu-lhe um soco de lado, na brincadeira.

– Estás a falar a sério, tu? Achas mesmo que isso é importante para as pessoas?

Ele também se riu, mas havia algo de sério à espreita por detrás daquele riso.

– Claro, e tu insinuaste isso mesmo. Deixa-me provar-to. As tuas chaves do carro, se faz favor. – Ficou de mão esticada até que Jude, a olhar para ele como se tivesse acabado de o ver a dançar todo nu à lua cheia, tirasse a chave do carro do bolso e lha colocasse na mão, com firmeza.

O logótipo da Audi, quatro anéis sobrepostos, era tão conhecido como o da estrela de três pontas no seu comando. Pôs as duas chaves na mesa, lado a lado, e depois chamou a empregada de mesa com um simples estalar de dedos. Ela veio num ápite.

– Que queres, querido?

– Por enquanto, apenas a tua opinião – disse ele, sorrindo. – Por favor, ajudas a resolver uma disputa amigável. – Por um minuto, a mulher pareceu ficar preocupada. – Não há problema nenhum, prometo.

– OK, chuta. – Guardou o seu bloco de notas no bolso do avental e pôs a mão na anca.

– Ao olhar para estas chaves, qual achas que seria o dono do carro que, provavelmente, daria a maior gorjeta?

A ruiva pousou a sua longa unha de gel ao lado da chave do *Mercedes* e bateu duas vezes com o dedo.

– Ah – foi a reação de Craig –, bem me parecia. Eu avisei-te. Mas tu já sabias, senhor Verdinho, ou não sabias?

– Oh, porra – disse Jude, com uma gargalhada. Depois tocou no braço da empregada enquanto a sua expressão ficava séria. – Sabes de alguém que queira comprar um *Audi TT*? – A voz era grave e séria, mas os olhos brilhavam, perdidos de riso. – O vendedor está empenhado.

A ruiva sacudiu a cabeça; depois, olhou para cada um deles por um instante, antes de se ir embora, provavelmente a duvidar da sanidade mental de ambos.

– Yep, apostei no cavalo errado – disse Jude, num tom sombrio. – A seguir vais dizer-me *eu avisei-te*.

– Nope, isso eu já disse – respondeu-lhe, de peito inchado. Adorava a camaradagem com Jude, os jogos que costumavam jogar, o tempo que compartilhavam. – A seguir, vou convencer-te acerca do *roadster* da Mercedes-Benz. Tu podes comprá-lo. Eu não. Tive de me contentar com um *crossover* em segunda mão. – Fez o melhor que pôde para parecer humilde por um momento. – Mas ainda assim, dei-te uma abada.

Jude bebeu o resto da sua cerveja de uma assentada e, a seguir, fez sinal à

empregada ruiva para mais uma rodada. Deu um toque no braço de Craig, para chamar a sua atenção; o sorriso desaparecera da face do amigo.

– Por falar em poder de compra, quero discutir uma coisa contigo. – Fez uma pausa enquanto a empregada pousava duas novas garrafas de cerveja à sua frente e limpava as cascas de amendoim que estavam em cima da mesa. – O crédito que te arranjei...

– Sim, milhões de obrigados, amigo. Tu conseguiste a minha nova casa. Não sei como, mas...

– Está tudo bem, já me agradeceste antes – respondeu Jude. – Não é disso que estou a falar. A empresa onde trabalho, eles são especialistas de créditos, certo? As hipotecas a sério são de vários credores. Eu trabalho para a empresa de corretagem que viabiliza grande parte desses empréstimos.

– Sim, eu sei. Onde é que queres chegar? – Sacou de um amendoim, partiu a casca e depois começou a comer os dois minúsculos amendoins que lhe caíram na mão. Alguma ansiedade originou-lhe um sulco na testa. Que problema haveria com o crédito? Iria perder a casa?

– A questão é que nós temos um acordo mesmo fantástico para funcionários, amigos e familiares. Foi o que usei para o teu empréstimo. É quase um ponto percentual abaixo da taxa de referência. Posso vasculhar à vontade sem ter de fazer um pedido de análise de crédito a cada banco, e a papelada tem... tu sabes... tratamento preferencial. – A sua voz foi-se apagando até ser um sussurro que Craig mal conseguia ouvir.

Franziu a testa.

– E isso quer dizer o quê?

– Quer dizer que ninguém verifica, se é que me estás a entender. Depende da minha palavra, da minha avaliação, por assim dizer. Se eu disser que tu és elegível, então tu és elegível.

– Ah – disse Craig, as engrenagens do seu cérebro a rodar cada vez mais depressa. – Isso explica muita coisa. Há algum limite para essa coisa dos amigos e familiares?

– Nada de nada.

– Podes meter-te em sarilhos?

– Não, a não ser que aceite um pedido de empréstimo e ele entre em incumprimento. Nesses casos é que eles vão analisar a documentação toda, e se virem que quebrei algumas regras ou que não há documentação no arquivo, aí sim... estou metido em sarilhos.

– Então não vamos incumprir coisa nenhuma – disse Craig, com um sorriso de orelha a orelha. – Eu consigo arranjar-nos casas avaliadas por baixo, como aquela que comprei para mim. Até casas para recuperar, ou desse género. Damos-lhes uns retoques e tal e depois vendemos, como só eu sei fazer.

Jude levantou a sua cerveja no ar. Craig acertou-lhe com a sua garrafa, num brinde entusiasta e ruidoso.

– Vamos ganhar milhões.

– Yep – disse Jude, concordando com ele. – A partir de amanhã. Aí já

consequirei comprar a porcária do *roadster*.

O sorriso de Craig tornou-se doce, enquanto sonhava acordado com um futuro onde ele e Jude trabalhavam juntos, ganhavam resmas de dinheiro, viajavam, compravam coisas e viviam à grande. Esse futuro, o seu grande sonho, iria finalmente tornar-se realidade.

A vida era bela.

Planos

Precisamos de qualquer coisa para pôr em cima deste aparador – disse Craig.

A sua voz ressoava, estranha, naquela sala pouco mobilada, com tetos em abóboda.
– Qualquer coisa que chame a atenção. Um desbloqueador de conversa.

Voltara do jantar com Jude num frenesim tal, como ela nunca vira. Excitadíssimo, com a adrenalina ao rubro, estava irrequieto, efervescente. Às vezes Andi odiava a influência que Jude tinha no seu marido. Com apenas meia dúzia de palavras alterava o seu casamento, rumo e objetivos. Craig pouco ou nada conversou com ela antes de se decidir e começar a mexer-se. Tinha o ímpeto de um cavalo de corrida puro-sangue, mais imparável que um TGV.

Era quase meia-noite, numa segunda-feira, mas ele não dava nenhum sinal de estar a começar a abrandar. Andi estava de pé, no meio da sala, transferindo o seu peso de um pé para o outro, a imaginar o que viria a seguir. Para onde é que Jude o estava a arrastar desta vez e até onde é que o seu marido já tinha ido?

– Um daqueles geodes era bom, mas um grande, como uma catedral de ametista, ou qualquer coisa assim parecida – acrescentou ele, passando a mão pelo aparador como se lhe estivesse a limpar o pó. O aparador estava limpíssimo; ela deixara a casa imaculada, preparada para o jantar de quinta-feira, a fonte da ansiedade de Craig. Talvez Jude não tivesse nada a ver com isso, afinal.

Craig gostava de fazer de conta que estava descontraído em relação àquelas festas, mas ela sabia que não era bem assim. Alguns dias antes ele ficava tenso, como uma mola pronta para saltar para fora da sua caixa, preocupando-se com os mais ínfimos detalhes. Ele já organizara duas festas deste género. A primeira foi difícil; apareceram apenas quatro dos convidados, e ele sentiu-se humilhado. Felizmente, a lista de convidados incluía um dos seus mais recentes clientes de classe alta, Sol Donati e a sua esposa-troféu, uma supermodelo com menos de metade da sua idade. Donati, que de outra forma não lhe interessaria para nada,

tinha salvo a noite, entretendo os poucos convidados em conjunto com Craig, para ele não morrer de vergonha.

Deve ter-se espalhado a notícia, porque a segunda festa tinha dez convidados e todos vieram. Ao fim da terceira *soirée*, três deles haviam apalavrado a venda das suas propriedades com Craig. Considerara que essa tinha sido uma boa noite.

Para a quinta-feira que se avizinhava tinham uma dúzia de convidados confirmados, incluindo Donati.

Ele estava a acusar a pressão e a passar-se. Não tinham mobília suficiente para aquela casa, mas não dispunham de dinheiro suficiente para comprar mais. Craig havia pedido outro cartão de crédito, às pressas, e estava prestes a gastar todo o saldo desse cartão também, mas não se conseguia decidir no quê.

– Estas pessoas percebem, Andi – já ele dissera, pelo menos, três vezes. – Elas veem o que são porcarias baratas como nós conseguimos ver através de vidro. Temos de causar boa impressão. Temos de nos comportar como se já tivéssemos feito negócios tão grandes como as «baleias» que nos podem pôr à porta.

Ela oferecera-se para trazer algumas coisas emprestadas da casa do seu pai, mas ele torcera o nariz.

– Andi, sem ofensa, mas o teu pai não tem assim muita classe. Claro que é uma pessoa prática, mas não liga nenhuma a coisas materiais, pois não?

O que ele dissera era verdade. O Dr. Wilmore nunca recusara atender o dono de algum animal na sua clínica veterinária por causa de dinheiro, e isso deixava a sua filha orgulhosa, não envergonhada. Não era a altura certa para dizer a Craig alguma coisa acerca disso, embora o tom de desdém na sua voz lhe tivesse cortado o coração como uma lâmina.

– Ao menos arranjas-me alguma coisa para pôr em cima da porcaria do aparador? É do tamanho de um campo de futebol e não o podemos ter aqui sem nada em cima outra vez. Safámo-nos das duas últimas vezes... Não pode acontecer outra vez. As pessoas reparam nestas coisas. – Pôs-se a andar de um lado para o outro, em frente à lareira, enraivecido. – E uma daquelas coisas enormes de coral? – disse, a gesticular com as mãos. – Mas dos raros, nada que se possa comprar numa loja qualquer.

– Isso dava – respondeu ela, a respirar fundo. Precisava de manter a calma. Já o tinha visto assim antes. Podiam bem bater as quatro da manhã antes de ele perder o gás.

– E então? – perguntou, virando-se para ela com as mãos apoiadas nas ancas. A sua gravata já estava solta e os dois botões de cima da camisa desapertados, mas ele ainda suave. – Consegues arranjar um?

Ela franziu a testa. Não sabia se tinha entendido o que ele queria.

– Como, exatamente? Encomendendo *online*?

– Não. Quero dizer, trazendo... de onde for que tu faças o doutoramento. É Biologia Marinha, não é? Devem ter algumas dessas coisas estranhas naqueles laboratórios, certo?

Ela arregalou os olhos.

– Tu queres que *roube* um da universidade?

Ele riu-se.

– Não é roubar, é pedir emprestado. Trata da papelada com eles, não quero saber como, vê só o que podes fazer acerca deste... – Gesticulou furiosamente em direção ao aparador, mantendo os lábios bem apertados, provavelmente para se impedir de dizer palavrões. Ela odiava palavrões.

– Está bem – suspirou. Não tinha a mínima intenção de fazer o que ele dissera, mas tinha a esperança de poder telefonar a um amigo que recolhia corais raros ou, se calhar, dar uma volta pelas lojas locais e encontrar algo promissor, se fosse limpo com lixívia e pintado com uma tinta branca em *spray*. Vermelho ficaria bem. Cinzento escuro também.

– Estás a sorrir – disse ele, enquanto a abraçava e a levantava do chão – Estás a ter uma ideia. Amo-te, minha linda mulher. – Beijou-a, pousando-a. – Vamos falar de mobília. Tenho umas ideias.

Andi voltou a ficar carrancuda. Jude emprestara-lhes o sofá em couro da sala de estar. Deixá-los-ia ficar com ele por mais algum tempo, mas Craig queria algo melhor. Como sempre, ele não lhe estava a perguntar o que ela queria para a sua casa nova. Tudo andava à volta dos seus convidados para jantar, dos seus parceiros de negócios e da sua capacidade para ganhar mais e mais dinheiro. Ainda assim, Andi não se importava muito com isso, porque sempre que o deixava decidir, Craig acabava por surpreendê-la, no bom sentido, impressionando-a e indo além do que ela alguma vez imaginara, como fizera com a casa.

– Craig, nós não temos dinheiro para isso. – A afirmação levava-lhe as lágrimas aos olhos. – Talvez quando eu tiver um emprego as coisas sejam melhores, seja mais fácil fazeres tudo o que meteres na cabeça, mas, por enquanto...

– É para isso que estou a trabalhar – respondeu, levantando um pouco a voz. Agarrou no nó da gravata e puxou-o com força, até conseguir tirá-la; depois, atirou-a para o sofá. – É disso que se trata, de ganhar dinheiro. Nunca mais termos de nos preocupar com dinheiro. – Ele encarou-a, como se a desafiasse a dizer alguma coisa. Ela não disse nada. Podia ver que não era a melhor altura para dizer fosse o que fosse. Talvez amanhã, quando ele já se tivesse acalmado um pouco.

Andi cruzou os braços e ficou à espera, a olhá-lo nos olhos, mas recusando-se a falar.

– Ótimo – aplaudiu Craig, como se ela tivesse concordado com tudo. A passear-se pela sala, gesticulou com as mãos, a apontar para vários espaços. – Não vão ter acesso à casa toda, certo? Só precisamos da cozinha, da sala de jantar, da sala de estar e daquela casa de banho. Quero novos conjuntos de toalhas de banho, alinhados e dispostos, a combinar com a cor do mármore. Uma jarra com flores secas, elegante. Vê *online* como é que se faz. Precisa de gritar *lots of money*.

Ela abanou a cabeça, devagarinho. Craig repetia-se, vezes sem conta, quase obsessivamente, como que a relembrar-se do que importava.

Para ele, era como se estivesse a sonhar acordado e em voz alta. Ela gostava da sua ambição, o fogo que grassava na sua alma, mas por vezes ardia demasiado intensamente. Nesses dias, ele era assustador, mesmo que só um pouco, mesmo

sem razão. O seu marido desvairado, a espumar da boca acerca de móveis e toalhas e pétalas de rosas secas, cancelaria todos os convites se ela partisse uma unha que fosse.

Parou em frente ao sofá de Jude.

— Esta bodega tem de desaparecer. Vou combinar com o Jude para o levar de volta, ou posso pô-lo num dos quartos até a festa acabar. Mas aqui vamos precisar de um daqueles tapetes orientais, um dos grandes. — Estacou no lugar, a olhar para o chão de madeira de ácer, reluzente. — Vamos optar por um moderno — acrescentou, falando devagar, hesitante. — Nunca vou conseguir competir com aquela malta do dinheiro «de família». — Fazia aspas no ar, com as mãos. — Mandam-me abaixo ainda antes de eu tentar. Mas sobre estilo moderno? Posso ensinar-lhes algumas coisas. Vou dar-te algum material com ideias para veres amanhã, depois tens de fazer uma lista com opções de tapetes, alguma coisa que fique bem. — Virou-se para um canto da sala de estar. — Para ali tenho uma ideia que nos vai custar muito pouco dinheiro.

Aproximou-se da janela, provavelmente a ter uma visão do que pensava fazer. Ela seguiu-o, intrigada, presa na sua excitação.

— Vamos comprar um novo sofá de canto em pele, mas ali, minha querida esposa, vamos pôr a nossa cama.

— O quê? — Talvez tivesse sido desta vez que ele perdera a cabeça, com a pressão. — Estás doido? Não podemos pôr a cama ali.

— Claro que podemos. Já vi noutro sítio. Tira-lhe os lençóis e as tralhas todas. Deixa o protetor do colchão, caso alguém entorne a bebida. Decora-o com um pano luxuoso e um monte de almofadas todas giras, com cores a combinar com o tapete. As pessoas vão espojar-se ali, vais ver. Está na moda agora. Para se parecer com um *lounge bar* ou algo assim. Mas precisamos de mesas pequenas, modernas, distribuídas por vários espaços. Depois vamos pôr alguns daqueles almofadões em forma de feijão. Tu sabes, aqueles que são grandes o suficiente para se poder lá dormir? Tornam-se umas poltronas confortáveis ou uns sofás de dois lugares improvisados. — Os seus ombros relaxaram um bocadinho enquanto sorria, de orelha a orelha. — Vamos ser mais *sexy* que a Google, vais ver. Só temos de conseguir isto tudo com cinco mil. Foi todo o crédito que consegui arranjar desta vez.

Inspirou profundamente. Como sempre, estava prestes a conseguir algo que iria ser estonteante.

— OK, tu percebeste.

Tudo o que havia a fazer era alinhar com ele. Craig apressou-se a ir ter com Andi e beijou-a, um beijo rápido.

— Sabes tudo o que tens para fazer amanhã?

Andi recitou, a contar pelos dedos:

— Analisar e fazer uma lista de tapetes modernos, conjuntos novos de toalhas, decorações para a casa de banho...

— Bolas — gritou Craig, e bateu com a mão na testa. — Esqueci-me da porcaria dos quadros. As nossas paredes estão vazias. Não temos nada.

Um sorriso maroto surgiu nos lábios dela. A arte na parede resolvia-se bem com cerca de quarenta dólares em tinta *spray* e uns acrílicos.

– É só escolheres o tapete, OK? Assim que souber as cores, arranjo qualquer coisa. Arte moderna é canja. – Um arremesso de dúvida fê-la retraindo-se um pouco. – Bem, o suficiente para esta malta, pelo menos. Não me parecem uns verdadeiros apreciadores de arte moderna.

Craig olhou-a longamente, com um olhar intenso, escaldante.

– Tu nem sabes quão maravilhosa és.

A cara dela ficou a arder.

– Só quero tornar os teus sonhos realidade, mais nada. Só gostava era de alcançar os meus também. – Deixou escapar um suspiro amargurado. – Ajudava se eu também conseguisse ganhar dinheiro. Pensei que a esta altura do campeonato já ganharia o meu próprio dinheiro. Mas ninguém me quer. – Com aquelas palavras, as lágrimas voltaram com força. Deixou cair os ombros.

Envolvendo-a no seu abraço, Craig balançou-se devagar, de um lado para o outro, como se ela fosse um bebé que precisasse de ser embalado.

– Shh... Vai correr tudo bem. Tenho a certeza. – Fez-lhe festas no cabelo, enquanto a cara dela estava aninhada no seu peito. – E se eu fizer uns telefonemas? Se te abrir umas portas?

Ela afastou-se, ainda a fungar.

– Não... Ainda não. Quero conseguir sozinha. Ou tentar, pelo menos.

Craig dobrou-se um pouco, à procura dos olhos dela.

– Se mudares de ideias, avisas-me, OK? Ando a engraxar esta gente há tempo suficiente para pedir favores, estás a ver? Talvez possa ajudar a conseguir o que queres assim como tu me ajudas a conseguir o que quero. Que tal? O que me dizes?

Ela assentiu, limpando os olhos com as costas da mão.

– Eu aviso. É pena que não conheças ninguém da minha área.

Mas ele já não a estava a ouvir. Os olhos fitavam o ar, com aquela expressão intensa que ela aprendera a reconhecer.

– O que é que podes cozinhar para nós que surpreenda?

Andi não tinha resposta. Cozinhar não era o seu ponto forte. Nas duas últimas vezes, tinha-se desenrascado com umas bandejas de queijos e uma seleção de vinhos de qualidade.

– Consegues fazer uma coisa fina, tipo *mousse* de salmão?

Oh, merda!

– Não faço a mínima ideia – respondeu ela, com um leve tom de exasperação. Era suposto ajudar a mobilar a casa, conseguir corais para o aparador, fazer obras de arte para decorar as paredes e cozinhar coisas surpreendentes em três dias? E mais o quê? Tinha uma entrevista na quarta-feira de manhã e queria continuar à procura de trabalho. Decerto que isso era mais importante que uns canapés parvos e presunçosos. – Eu nunca *provei* sequer *mousse* de salmão.

– De certeza que encontras uma boa receita *online*. – Craig sorria, aproximando-se dela enquanto desabotoava a camisa, lentamente, o seu olhar fixo

nela, repleto de desejo.

– Estou cansada, Craig – protestou Andi, baixinho, afastando-o sem convicção.

– Então, vamos levar-te para a cama – sussurrou, enquanto ela se derretia nos seus braços.

Nessa noite, depois de ele estar a dormir, Andi ficou com os olhos bem abertos, a olhar para o teto, até a luz do dia começar a desenhar sombras nas paredes nuas.

O Chefe

Não estava muito calor lá fora, mas Craig mal conseguia respirar.

Debatera-se durante toda a viagem de regresso da visita, apesar do ar gelado que vinha das saídas do ar condicionado. Baixou os vidros porque se queria ver livre do cheiro daquele sítio detestável. O fedor entranhara-se nas suas narinas, nas mãos, na roupa, despertando memórias que ele desejava nunca ter tido. A pobreza tinha sempre o mesmo fedor, independentemente do código postal.

Mostrara um buraco infecto em East Houston, tão nojento que não quisera tocar nas maçanetas ou pousar a sua pasta no balcão manchado. A cozinha tresandava a especiarias com um cheiro estranho e a vomitado. Apostava que uma das paredes tinha manchas de urina, sem ter havido um mínimo de esforço em limpar aquela porcaria. Era suposto ser uma venda fácil; tratava-se da antecipação da execução de uma hipoteca, muito abaixo do seu valor. Mas a cliente, uma mãe solteira com três filhos e um forte sotaque sul-americano, estabelecera o recorde de tempo para se decidir na história do setor imobiliário.

Após algumas horas intermináveis, a oferta foi feita, o vendedor aceitou rapidamente, e o *e-mail* de confirmação chegara-lhe ainda antes de ele ter tido a possibilidade de se livrar da cliente. Que pena que, provavelmente, o seu pedido de empréstimo fosse recusado; com pessoas como ela, a papelada quase sempre dava para o torto.

Esta monumental perda de tempo com uma visita tinha-lhe sido impingida, de entre todas as pessoas, pelo seu chefe, Jeremy Hughes, um dinossauro com cinquenta e poucos anos, sem pingo de ambição e com a mentalidade de um capataz. Ficara satisfeito em gerir aquela agência imobiliária para outros, sem ambicionar mais, sem abrir a sua própria agência. Covarde. Teimoso. Idiota.

Ao estacionar o seu *Mercedes Benz* na esquina, em frente à agência, Craig olhou para o estabelecimento com um olhar crítico. Agarrou a pasta e o casaco que tinha

atirado para o lugar do pendura e apressou-se a entrar.

A porta fechara-se atrás dele quando ouviu a voz de Hughes.

– Brafford – clamou o chefe, a raiva evidente na sua voz. – Aqui.

Craig praguejou num murmúrio, olhando para o teto, como se as manchas de água nos painéis, outrora brancos, tivessem a resposta às suas preces. Pensara muitas vezes em despedir-se e abrir o seu próprio negócio, mas ainda não estava pronto para dar esse passo. Ainda não tinha fluxo de caixa suficiente e, mais importante, não tinha acesso a novos imóveis que pudesse agarrar antes de outro qualquer. Para isso, precisava de se manter associado a uma marca reconhecida e bem estabelecida como a Parker Jones Realty. Os seus agentes tinham acesso à sua plataforma nacional, onde as listagens de novas entradas eram preparadas, antes de serem publicadas na internet, para os potenciais compradores verem. Ele precisava desse acesso, razão pela qual não podia dizer a Hughes para ir dar uma volta ao bilhar grande.

Bateu à porta aberta, apenas para chamar a atenção de Hughes. O seu chefe folheava um enorme relatório, preso com grandes agrafos. As páginas onde fizera notas com uma letra ilegível ou sublinhado trechos a marcador amarelo ou verde estavam assinaladas com *post-its* coloridos.

– Queria falar comigo?

Hughes fez-lhe sinal para a cadeira à frente da sua mesa, arranhada e desarrumada, sem levantar os olhos avermelhados do relatório. Um tufo de cabelo, cada vez mais ralo, deixava-lhe a careca à mostra, apesar da sua tentativa em penteá-lo para trás e mantê-lo no sítio com uma bela camada de gel. Uma veia, grossa, pulsava na sua têmpora, como se fosse uma criatura viva a contorcer-se debaixo da sua pele pálida.

Fechou o relatório, com um suspiro alto e de frustração.

– Como é que correu? – perguntou. Um sorriso ameaçador assomou-se à sua boca.

Craig encolheu os ombros, esforçando-se por esconder a decepção com a forma como despendera grande parte do dia.

– Aceitaram a oferta. Agora, é aguardar pela escritura.

– Sabe porque é que o chamei? – Hughes tamborilou os dedos no relatório, num ritmo que só ele conhecia.

Craig abanou a cabeça e cruzou as pernas, aparentando uma postura relaxada.

– Não faço ideia. Tem outro imóvel para mim?

– Não. Vamos falar sobre o seu desempenho e as duas violações do código de conduta que arrecadou no mês passado.

Craig arregalou os olhos. Não estava à espera daquilo.

– Hã?

– Parabéns pela casa nova – disse Hughes, em voz baixa, repleta de frustração.

Ah, então é isso que lhe anda a morder. A boa e velha inveja. Baixou a cabeça, por um instante.

– Obrigado.

– Não é suposto que faça uma oferta, a título pessoal, para uma casa antes que

esta dê entrada no mercado.

Fitou Hughes, com os olhos bem abertos.

– Peço imensa desculpa...

– Quer dizer-me que não sabia? Como é que é possível? Assinou um documento onde constavam todos os seus deveres quando aceitou este emprego. Todas as compras de propriedades por parte de funcionários têm de ser aprovadas previamente por um dos gerentes.

Craig inclinou-se para frente, com as mãos para fora, num gesto de apaziguamento.

– Nem sei o que dizer. Nem acredito que não me lembrei disso. Já se passaram mais de cinco anos desde que assinei essa papelada, mas tem toda a razão. Devia ter-lhe perguntado antes de fazer uma oferta.

– E eu teria recusado o seu pedido. – Ele levantara a voz e pontuara-a com um murro em cima do relatório.

O sacana. Claro que negaria, apenas para poder ser ele a comprá-la.

– Por favor, diga-me onde é que errei, além de não ter requerido a sua aprovação, em primeiro lugar.

– O mesmo documento que se esqueceu, convenientemente, de ter assinado especifica claramente que nenhum agente imobiliário pode comprar uma casa antes da mesma estar listada no mercado durante trinta dias. – Mais um tamborilar no relatório. – Nós estamos no negócio de ganhar dinheiro para os nossos clientes e, através das nossas comissões, ganhar dinheiro para a empresa. Não para nós próprios. Arrebatou esta casa do mercado ainda antes de ser publicitada. Sabia que o valor estava abaixo do preço de mercado e, ao invés de deixar os compradores licitarem, aproveitou-se e fez uma oferta por baixo.

– Estou a entender – sussurrou Craig, as entranhas às voltas, com a ansiedade.

– Por favor, diga-me como posso emendar esta questão.

Hughes ficou a olhar para ele, as narinas dilatadas, o olhar de desprezo inconfundível.

– Estou tentado a pedir a revogação da sua licença de agente imobiliário, só porque sim. Deu-me razões mais que suficientes para isso.

Craig ficou de queixo caído. Pela primeira vez desde que comprara aquela casa, sentiu-se a sufocar com medo. Engoliu em seco, a garganta áspera, o ar preso nos pulmões. Aquele monte de esterco sentado à sua frente podia esmagá-lo, e aos seus sonhos, como se fossem um inseto.

– Mas não o vou fazer – acrescentou, baixando o olhar e inspirando profundamente, sem sequer tentar esconder a sua frustração. – Se o fizesse, arriscávamo-nos a um pedido de indemnização do cliente. A sede deu-me instruções para lhe dar uma repreensão escrita por insubordinação, pô-lo em período de avaliação por noventa dias e despedi-lo imediatamente, com justa causa, assim que pisar o risco.

Craig respirou fundo.

– Obrigado. Fico-lhe muito grato pela segunda oportunidade. Juro que foi um lapso...

– Nem se atreva a mentir-me. – O seu murro na mesa fez estremecer a chávena de café e o porta-canetas. – Sabe muito bem o que fez e porque o fez.

Craig afastou-se da mesa, instintivamente, pondo alguma distância entre ele e o homem enraivecido, como se Hughes o fosse atacar e espancá-lo até ficar em papa.

– Mais uma vez, peço imensa desculpa – sussurrou, sentindo o amargo da bÍlis a subir pela garganta. Pedir desculpas àquele idiota gastava toda a força de vontade que conseguisse reunir. – Eu hei de compensá-lo. Prometo.

– Ainda não acabei. – Hughes abriu o relatório numa página que se encontrava assinalada com um *post-it* verde. – Descobri que nos foi cobrado um serviço de mudanças chave na mão no seu novo endereço. Roubou-nos quase cinco mil dólares em horas de trabalho.

– Não roubei, não senhor. – Levantou-se de rompante, agarrou a sua pasta e abriu-a em cima da cadeira onde estivera sentado. – Tenho o cheque aqui. Estive ausente todos os dias, a fazer visitas, desde que a Mary me disse quanto era o valor, na semana passada. Ela disse-me para trazer um cheque na próxima vez que viesse à agência no horário do expediente.

Tirou o cheque da pasta, já devidamente preenchido, pô-lo em cima da mesa e empurrou-o até que Hughes o pudesse agarrar sem ter de se esticar.

– A Mary estava a par disto?

Ele acenou vigorosamente que sim.

– Com certeza. Foi ela quem me agendou o serviço.

Hughes cerrou os lábios, a fitá-lo com um olhar duvidoso e inquiridor.

– Vamos fazer de conta que acredito nisso – balbuciou. – Depois, há a questão do seu desempenho. Não vendeu muito este mês e, com exceção da propriedade do Donati, não angariou novos clientes. – Sorriu, mais como se pusesse os dentes à mostra, com maldade, o vinco do seu lábio superior como um sinal inequívoco do quanto se queria ver livre de Craig, de lhe causar sofrimento.

– Tenho estado a trabalhar numas perspetivas novas e empolgantes – respondeu ele, ao fechar a sua pasta e pousá-la no chão. Manteve-se de pé, com os ombros ligeiramente encolhidos.

– Esse é o problema, Brafford. Vai atrás dos grandes; não se dá ao trabalho de fazer o resto das tarefas como as outras pessoas. Um dia destes, essa sua ambição vai...

– Fazer-nos ficar ricos, a ambos – respondeu-lhe, olhando Hughes olhos nos olhos, com confiança. Finalmente entendera qual era o problema do seu chefe. Inveja. Falta de motivação. O homem era mais mole que a pila de um velho de oitenta anos, antes de se inventar o *Viagra*. Gostava de dinheiro, invejava quem o tinha, mas não sabia como o arranjar. Aquele rafeiro não sabia caçar, mas ainda era possível aliciá-lo para se contentar com uma fatia de *bacon* de vez em quando e beijar a mão que lha dá. – Eu e a minha mulher estamos a organizar um jantar, lá na nossa nova casa, para potenciais clientes. Todos «baleias», como o Donati, ou ainda maiores. Relações que tenho vindo a fomentar.

Hughes levantou-se e inclinou-se para a frente, as palmas das mãos apoiadas na

secretária. Todo o desprezo desaparecera do seu rosto, iluminado pelo brilho interesseiro nos seus olhos.

– E eu já estava na lista de convidados?

– Claro que sim. Só estava à espera de saber se havia confirmações de presença suficientes, para não o fazer perder tempo. A senhora Hughes também é bem-vinda; a minha mulher adoraria conhecê-la. Vou enviar-lhe a morada.

– Eu já sei onde é – disse ele, batendo outra vez com o dedo na capa do relatório.

– Pois, claro.

O homem endireitou-se, sempre a olhar para Craig. A frieza no seu olhar havia diminuído.

– Talvez possamos trabalhar em conjunto, para conseguirmos alguns clientes grandes. Parece-me que tem alguns contactos. Dinheiro para comprar uma casa como aquela que arrebatou, os homens das mudanças e essa tralha toda, tem de certeza.

Craig disse que sim com a cabeça, sem confiar na sua voz para mentir, de forma convincente, acerca das suas possibilidades. O cheque que acabara de entregar ao chefe estava sem cobertura, a menos que ele desencantasse cinco mil antes de os bancos encerrarem. *Merda.*

– Adoraria ter a oportunidade de aprender a fechar grandes negócios consigo. Poderá ver como me movimento entre os convidados na quinta-feira e aconselhar-me depois.

Hughes estendeu-lhe a mão e Craig apertou-a.

– Terei todo o gosto, rapaz.

Desta vez o seu sorriso era sincero, embora seboso. Provavelmente, na sua cabeça já estava a gastar as comissões que deveriam ser dele e só dele, mas que se dane, há que se pagar à banda, senão dão cabo da festa.

Hughes agarrou na folha de um imóvel e mostrou-lha, mas sem a largar. O endereço era outro buraco em East Houston.

– Bem, afinal vou dar este ao Patterson – disse Hughes. – Vá trabalhar nessas grandes hipóteses, rapaz.

Procurador Distrital Buscher: Havia uma repreensão escrita assinada por si no processo de funcionário de Craig Brafford. Por que razão?

Jeremy Hughes: Por insubordinação, com período de avaliação de noventa dias.

Procurador Distrital Buscher: No seu entender, o réu não demonstrou grande respeito pelas regras que regem a sua profissão?

Jeremy Hughes: O Craig fez porcaria com alguns documentos, nada mais. Cometeu um erro. Eu não queria repreender o rapaz, mas há regras a cumprir.

Procurador Distrital Buscher: Então, o seu testemunho é que Craig Brafford é um homem honesto, que cumpre as leis?

Jeremy Hughes: Tanto quanto sei, sim.

Procurador Distrital Buscher: Tenho de lembrá-lo que se encontra sob juramento, senhor Hughes?

Póquer

É certo que o aparador tinha uma peça decorativa que seria, definitivamente, um desbloqueador de conversas, de preferência não das más. Andi tinha-a montado a partir de várias peças de coral que comprara numa *gift shop* local, coladas com todo o cuidado com supercola, as junções limadas e pintadas com o branco mais brilhante que encontrara.

O que ela criara era biologicamente impossível, mas apenas reconhecível por alguém com conhecimentos especializados. Se, surpreendentemente, um desses alguéns fosse ao jantar, ela ficaria feliz por conhecer uma alma gémea e partilhar uma gargalhada às suas custas. Caso contrário, Craig ficaria encantado, os convidados, maravilhados com a cativante peça de coral *Merulina*, e ninguém precisava de saber a verdade.

A enorme peça branca, central, estava ladeada por um aglomerado de coral *Blue Ridge*, à esquerda, e por um aglomerado de coral *Red Pipe Organ*, à direita. Andi tinha arranjado as duas peças no seu estado original, inalteradas, por menos de dez dólares cada, numa loja pequenina que já conhecia em Galveston. Eles importavam espécies exóticas à caixa e vendiam-nas ao preço da chuva. Provavelmente, Craig nunca poria os pés numa loja daquelas.

Olhou para o aparador com satisfação, viu as horas e saiu pela porta, a correr. Estava a ficar tarde.

Conduziu a curta distância até à casa do pai com a capota para cima, ignorando o pôr do sol que salpicava a paisagem com laranjas e vermelhos luminosos. A sua cabeça andava à roda, ansiosa, a pensar na ideia de Janelle. Nesse mesmo dia, mais cedo, ela telefonara e sugerira que se lembrasse de todas as instituições que empregavam biólogos marinhos, para ela lhe compilar uma lista de oportunidades de trabalho a nível nacional. Depois, perguntara-lhe:

– O Craig está disposto a mudar-se para a Califórnia ou para a Flórida por causa da tua carreira?

Andi lembrou-se do doloroso silêncio que abafou o telefonema animado por

um instante interminável. O sonho de trabalhar na área que escolhera, para a qual estudara e se preparara durante quase oito anos, estava a desfazer-se à sua frente, como pó levado pelo vento. Ela iria até aos confins do mundo para realizar esse sonho. Mas ele, sair de Houston? Craig preferiria morrer.

A chamada acabou antes de Janelle conseguir ouvir as lágrimas na sua voz. Momentos mais tarde, a lista de oportunidades que ela lhe prometera chegara à sua caixa de entrada do *e-mail*. Nem a abriu, sequer. Ao invés, escolheu um tapete que lhe pareceu perfeito, comprou *online* umas almofadas decorativas a combinar, com recolha numa loja local, e encontrou uma receita de *mousse* de salmão.

Agora, enquanto estava a conduzir, a caminho da noite de póquer que tinha sido antecipada, não deixava de se perguntar porque é que nem sequer abrira o ficheiro. Quantos anúncios haveria? Três? Ou trinta? Devia desistir de vez e resignar-se a ser a esposa de Craig, a mãe dos seus filhos?

Tocou na barriga com a mão direita, instintivamente, a pensar se haveria uma vida nova a crescer dentro de si. Sentia que o seu corpo estava diferente. Tinha parado de tomar a pílula há já algum tempo e nem sequer lhe dissera. Talvez fosse altura de lho dizer; ele podia não gostar deste tipo de surpresas, mesmo que quisesse ter filhos, tal como ela.

Momentos mais tarde, entrou no alpendre fechado onde todos se encontravam reunidos, os seus pensamentos inacabados bem escondidos num recanto da sua mente. Eles tinham ficado à sua espera, as cartas empilhadas num baralho, intocadas, ao lado do pai.

– Olá, pessoal – cumprimentou ela, num tom alegre. – Estão prontos para perder dinheiro esta noite?

O pai levantou-se e envolveu-a num abraço caloroso, seguido de um beijo ruidoso na bochecha.

– Estás linda, hoje. Tive saudades tuas.

A cadeira que se encontrava à direita do seu pai estava vazia, o lugar reservado para ela. O Dr. Ellefson e a mulher, Rebecca, estavam sentados nos outros lugares. Andi pôs-se entre eles, com os braços ao redor dos seus ombros, num abraço duplo.

– Olhem bem para ela, é linda – disse Rebecca. Fez-lhe uma festa na bochecha e, depois, passou a mão pelo tecido da sua blusa. – Seda pura?

Ela riu-se.

– Não, a não ser que a vendam no *Walmart* a nove dólares e noventa e nove. – De facto, o tecido era sedoso. – Adoro os teus sapatos – disse-lhe, a admirar os sapatos *mule* com tacão baixo de Rebecca. Com quase sessenta anos, era uma mulher elegante e requintada, que se destacava sempre pelo estilo, modo de falar e pela sua postura. Professora de Literatura Inglesa na Universidade Texas A&M, já aposentada, era a única sentada à mesa de jogo que não era médica. Além de Andi, claro está.

O marido, o Dr. Ellefson, era o médico-legista do condado. Algo cansado, frágil, o seu habitual sorriso caloroso desaparecera. De olhar fixo no feltro verde da mesa, os seus dedos a divagar, de cá para lá, aparentemente perdido nos seus

pensamentos.

Sentado ao lado de Rebecca estava o Dr. Robert Blass, um dentista de cinquenta e oito anos aposentado. Era castiço, sempre com uma piada na ponta da língua, e trocadilhos também. Gozava com todos, indiscriminadamente. Andi sabia bem quando ele ia gozar com um deles, dada a centelha de diversão que iluminava o seu olhar antes de falar. As suas mãos tremiam ligeiramente, decerto a razão pela qual se tinha aposentado tão cedo. Kim, a sua mulher, era higienista oral e ainda trabalhava, apenas porque, de acordo com o que dizia, gostava de estar longe de Bob pelo menos quatro dias por semana. Uma mulher alta, de olhos gentis e um lindo cabelo ruivo, raramente se sentava à mesa de jogo. O póquer não era a sua praia; preferia cozinhar, e todos a adoravam por causa disso. Enquanto davam cartas e o dinheiro trocava de mãos, ela entretinha-se a servir o grupo animado, a distribuir bebidas e a preparar qualquer coisa para comer. Às vezes surpreendia-os, no fim de um jogo, com um petisco de comer e chorar por mais de que ninguém estava à espera.

O mais velho do grupo era Freddy DeMaria, um psiquiatra aposentado com sessenta e oito anos. Ciente de que era algo parecido com Robert De Niro, vestia-se e penteava-se como o ator na vida real, longos cabelos grisalhos e barba aparada, combinados com uma camisa branca, os botões de cima desabotoados e um casaco desportivo. Era o alvo preferido das piadas de Bob Blass e, sendo um entusiástico estudioso de Freud, encarava-o dessa maneira, dando a volta ao texto e gozando com ele de volta. A picardia entre os dois era um espectáculo para o qual valia a pena comprar bilhetes. Os restantes, sabendo que ambos precisavam de algum álcool para aquecer e começar a disparar, garantiam que os seus copos estavam sempre cheios.

Andi fez uma festinha no cabelo de Freddy e sentou-se, depois de largar umas notas na caixa que estava no balcão, o *buy-in* habitual. O botão de *dealer* estava ao lado da sua pilha de fichas.

– Sou eu a dar?

– Chegaste atrasada, mas nós não resistimos a uma cara bonita – retorquiu o Dr. Blass, olhando-a de relance por cima dos seus óculos de leitura. – Não devias ser recompensada pelo teu atraso; devias ser castigada.

– Ah – disse o Dr. DeMaria. – Que interessante escolha de palavras, meu caro amigo.

A cara do Dr. Blass ficou a arder. Andi desatou-se a rir. Claro que para o Dr. DeMaria tudo se resumia a sexo.

– O mesmo de sempre? *Buy-in* de dez dólares, subidas, no máximo, de dois e meio?

– Sim, minha querida – respondeu o pai.

– É assim mesmo – acrescentou o Dr. Ellefson. – Não nos podemos dar ao luxo de apostar mais, contigo à mesa.

Ela agarrou o baralho de cartas.

– Obrigada a todos por passarem a noite de jogo para outro dia. Teria ficado muito triste se tivesse de faltar.

À medida que falava, de certo modo as palavras ressoavam dentro dela. Não só era verdade, como se apercebeu de que o encontro de velhotes à volta da mesa de jogo, com o seu sentido de humor peculiar e mau *bluff*, eram o ponto alto da sua semana. O que é que isso dizia da sua vida?

– Sem ti, não seria a mesma coisa – assegurou-lhe o pai, dando-lhe um beijo na testa. De seguida, agarrou em duas fichas amarelas e jogou-as para o centro da mesa. À sua esquerda, o Dr. DeMaria jogou uma ficha amarela. Ela começou a dar as cartas.

– Como é que ela é tão boa a jogar a isto? – disse o Dr. Blass, dando uma espreitadela às suas cartas. Enrugou o nariz, num trejeito de desilusão. O dentista não era lá muito bom a manter uma cara inescrutável.

– Sabes que ela está mesmo aqui, certo? – respondeu Rebecca, calmamente, com uma voz apaziguadora. – Podes perguntar-lhe.

Andi riu-se.

– Não acho que seja assim tão boa como dizes. Eu só... Bem, é uma questão de sorte, acho eu.

– Ela é hiper-focada, como um *laser* – disse Ellefson, a olhar para as suas cartas como se lhe fosse difícil entender quanto valiam. Ou a mão dele era muitíssimo má ou absolutamente fantástica.

– Eu reparei – continuou, virando-se e olhando-a de relance –, tu estás sempre de olhos postos na bola. Não te deixas levar pelas emoções. – Pigarreou silenciosamente e pousou as cartas com cuidado. Tinha uma boa mão, mas isso ainda podia mudar. – Simplesmente, não te deixas levar.

Andi descartou uma das cartas e pousou outra na mesa, virada para cima, enquanto sorria para o médico-legista.

– Não, isso não é verdade – contrapôs o pai. – A minha miúda comete os mesmos erros que as outras pessoas, cega pela paixão. – O seu tom de voz tinha um toque de amargura e desilusão.

Rebecca olhou para ele, de soslaio, e sussurrou:

– Hunter, para.

– Não, eu sei bem o que estou a dizer – reagiu ele, ao contrário do que pretendia Rebecca, com a sua tentativa de o pacificar. – Se não fosse assim, ela veria o que eu vejo.

– Pai – disse ela, agarrando-lhe o braço e apertando-o suavemente. – Já chega, por favor. O Craig é o meu marido e eu amo-o. Peço-te que respeites esse facto.

Ele deixou pender a cabeça, como se os seus pensamentos fossem demasiado pesados para conseguir manter-se de cabeça erguida.

– Sim, sim, minha querida. Desculpa.

– Nada me faria mais feliz do que aceites o teu genro como um membro desta família. Como um filho. Estás... a dar cabo de mim.

Estranhamente, nem o Dr. Blass nem o psiquiatra tinham algo engraçado para dizer, deixando o silêncio pairar, pesado, sobre a mesa. Por fim, o dentista pôs algumas fichas amarelas na pilha e disse:

– Igualo a aposta.

– Conta-me, como é que vocês se conheceram? – perguntou Rebecca. – Acho que nunca ouvi essa história.

Uma Noite

Andi sorriu e o seu rosto iluminou-se. Adorava relemburar aquele primeiro dia dela e de Craig.

– Ora bem, estava a regressar das aulas, numa noite de outubro, no dia seguinte ao meu aniversário, para ser mais exata. Lembro-me porque no dia anterior, no meu aniversário, fui à clínica do meu pai e eles tinham um bolo de aniversário para mim, decorado com a cara de um gato, com uns bigodes enormes. – Ela olhou para o pai, os olhos repletos de ternura.

– Oh, isso é tão querido – disse Rebecca.

– No dia a seguir estava muito escuro e chovia a potes. Eu ia na I-45, em direção a norte, a atravessar a ponte da baía, quando o meu carro começou a guinar e a fazer um som horrível. O pneu estava em baixo. Encostei à berma, mas fiquei com medo de sair do carro. O trânsito ali é muito perigoso.

Rebecca pôs a mão no peito.

– Credo, isso é terrível. O que é que fizeste?

– Depois de algum tempo, decidi conduzir devagar e sair logo na primeira saída da autoestrada.

– Ligaste os... – começou o Dr. Blass a perguntar.

– Sim, liguei os quatro piscas e fui a passo de caracol até ao IC 197; depois, parei. Estava escuro como breu. Juro que pensei que ia morrer naquela noite. Senti-o cá dentro de mim, como se fosse verdade.

Como se já estivesse morta. – O seu pai ouvia aquela história que já conhecia, fascinado, com uma intensidade incomum no olhar. Enquanto lhe tocava no braço, num gesto apaziguador, o seu sorriso despontou ao relemburar-se. – Estava prestes a telefonar ao pai, para lhe pedir ajuda, quando um carro parou atrás do meu. Pensei, é agora. Estou sozinha, no meio de nenhures, e este tipo, seja lá quem for, vai matar-me. Quer dizer, porque não? Ninguém saberia.

– Oh, meu Deus – sussurrou Rebecca, e depois bebeu um gole da sua cerveja.
– Eu teria desmaiado.

– Eu tinha um bastão – disse Andi, cujo comentário provocou uma gargalhada geral.

– O que é que vos disse? – comentou o Dr. Ellefson. – Nada de sentimentos inúteis, apenas uma mente pragmática, calma, bem presa ao resto do corpo. Linda menina.

– OK, e depois, o que é que aconteceu? – perguntou o Dr. DeMaria. – Não nos deixes pendurados.

– Então, eu tinha o bastão na mão, pronta para lhe acertar em cheio. Tinha trancado as portas, mas estava com medo que me partisse os vidros ou algo assim. Em vez disso, ele aproximou-se da janela, debaixo daquela chuvada, e bateu, calma e educadamente, como se a chuva nem estivesse a cair. Ele disse: «Minha senhora, escusa de sair do carro. Abra só o porta-bagagens e eu troco-lhe o pneu.» No meio daquele dilúvio, sorriu para mim.

– Ah... – disse Rebecca. – Que história tão linda.

– Depois veio atrás de mim até eu chegar a casa, para ter a certeza de que ficava bem. E então, no dia seguinte, recebi uma dúzia de rosas. E foi assim que nos conhecemos.

Houve um minuto de silêncio, seguido do som de uma ficha a aterrar no pote.

– Igualo a aposta – disse o Dr. DeMaria. – Sabem que há um motivo antropológico para os pais terem dificuldade em aceitar os seus genros. A filha é agora possuída por outro macho, mais jovem...

– Oh, deixa-te disso – disse Blass. – Nem toda a gente aqui é obcecada por sexo. Mas conheço quem seja. Tens-te visto ao espelho, ultimamente?

Pequenas risadas foram emergindo ao redor da mesa, enquanto o jogo continuava.

– Pai, está tudo bem? – perguntou Andi. O pai tinha aquele mesmo olhar, intenso e ardente, que lhe dava arrepios na espinha.

– Ah, sim – disse ele, finalmente, depois de desviar o olhar, e largou as cartas na mesa. – Desisto.

Outro minuto de silêncio, enquanto Rebecca considerava as suas hipóteses.

– Subo – disse ela, por fim, e lançou um par de fichas verdes para o pote.

– Prometi que responderia às tuas questões sobre o caso Edwards – disse Ellefson, quebrando aquele silêncio constrangedor. Estava a olhar para Andi.

Ela virou-se na sua direção, grata por ele lhe desviar a atenção da atitude estranha do pai, mesmo que por um instante.

– Desculpa... quem?

– A rapariga que teve uma *overdose* no teu prédio. A Nikki Edwards. Lembra-te?

– Ah, sim – respondeu ela, sentindo-se um pouco culpada por se ter esquecido completamente de tudo o que dizia respeito àquela rapariga. Como se o seu esquecimento diminuísse o valor da sua breve vida.

O Dr. Wilmore inclinou-se sobre a mesa, para chamar a atenção do Dr.

Ellefson.

– Nikki Edwards, dizes tu? Uma morena com vinte anos, de cabelos longos, alta, bonita?

– Sim – respondeu o médico-legista. – Bem, com vinte e cinco, mas sim. De onde é que a conheces?

– Foi uma utente minha, há algum tempo. A gata dela morreu de velhice. – Passou a mão pelo queixo, pensativo. – Ou foi de diabetes? Não me consigo lembrar. Nunca mais soube nada.

– De quem? Da gata? – perguntou o psiquiatra. – Na verdade, isso é bom.

O veterinário deu-lhe um soco, na brincadeira, a rir.

– Não, meu idiota, da rapariga.

– E então, foi mesmo uma *overdose*? – perguntou ela.

– Sim – respondeu o Dr. Ellefson. – Não era uma consumidora habitual. Não há muito tempo, digo. Normalmente, são os consumidores mais recentes que cometem este tipo de erros. Não sabem quanto é que o seu corpo aguenta. – Deu uma espreitadela rápida às cartas. – Desisto. – Afinal, a sua mão não era assim grande coisa.

Andi hesitou. O pote já era considerável, mas ela tinha uma boa mão. Com três das cartas na mesa, tinha um *full house*, um trio de quatuos e um par de dez. Mas era uma situação complicada. O trio de quatuos estava na mesa, o que significava que qualquer pessoa com um par mais alto que o seu ganharia o pote.

– Pago para ver – disse ela, por fim, e atirou duas fichas verdes para a mesa. Desejava que a emoção do jogo dissipasse a escuridão que ficara a pairar no ar e no seu coração com os comentários estranhos que o pai fizera. Por que razão pensava tão mal de Craig, quando este era um homem tão gentil que só via o melhor nas pessoas? O ódio ao seu marido que o pai parecia alimentar tinha de acabar de alguma maneira, ou ela seria obrigada a manter-se à distância. Era isso que ele não entendia: estava a afastá-la, a obrigá-la a tomar partido.

– Aliás, estava grávida – acrescentou Ellefson.

– Quem? A gata? – perguntou DeMaria.

As gargalhadas soaram pela mesa como antigamente, quando nenhum vinco marcava a testa do seu pai. Antes de se ter tornado tão sombrio e odioso. Antes de ela ter conhecido Craig.

Levantou-se, algumas horas depois, após ganhar uma boa quantidade de fichas, no valor de trinta e quatro dólares, mais ou menos.

– Tenho de me ir embora – disse ela, ao que a maioria dos jogadores a vaiou ruidosamente, implorando-lhe que ficasse mais um pouco. É óbvio que Rebecca não emitiu sons tão vulgares; era muito senhora para isso. – O Craig tem uma festa muito importante amanhã à noite. Foi por isso que jogámos hoje, e não amanhã, e eu ainda tenho muitas coisas para fazer.

Deu a volta à mesa, para se despedir e abraçar toda a gente.

– Como está a correr a procura de emprego? – perguntou-lhe o Dr. DeMaria.

– Ugh, preferia que não me tivesses perguntado – respondeu ela. – Não está a correr bem. Ninguém me quer.

– E a universidade? – perguntou o Dr. Ellefson. – Estavas tão entusiasmada depois dessa entrevista.

Abanou a cabeça, entristecida.

– Não deu em nada. Enviaram-me uma carta.

Rebecca olhou para ela, depois para o marido, mas não disse nem uma palavra.

O último da fila para os abraços era o pai. Andi hesitou um pouco antes de lhe dar um abraço, ainda ligeiramente aborrecida com a sua relutância em aceitar Craig. Mas, ao invés de a abraçar, ele agarrou-lhe as mãos, apertando-as com força.

– Qual era o problema do pneu? – perguntou-lhe. – Andi, olha para mim.

– Hã?

– O pneu – repetiu. – O pneu que estava em baixo, na noite em que conheste o Craig. Qual era o problema com o pneu?

Ela encolheu os ombros.

– Levei-o à oficina e eles arranjaram-no.

– Estava furado?

Ela franziu a testa, fazendo um esforço para se lembrar. Porque é que o pai lhe estava a perguntar aquilo? Quem é que queria saber do maldito pneu?

– Não, disseram que estava só vazio. – Esticou-se e deu-lhe um beijo na cara. – Boa noite, pai. Amanhã ligo-te.

Ele não lhe largou as mãos.

– E se tivesses razão? – disse ele, num sussurro, olhando-a nos olhos com a mesma intensidade que ela notara antes. – Não somos mais que animais. Ainda temos instintos, instintos fortes, que nos avisam quando um predador se aproxima. Esses instintos mantiveram os humanos vivos muito tempo, numa selva repleta de leopardos e tigres e lobos. E se tivesses razão, naquela noite?

Ela tentou soltar as mãos.

– Pai, estás a assustar-me. Se eu tivesse razão sobre o quê?

– E se o teu primeiro instinto estivesse certo, Andrea?

– Quando eu achei que estava prestes a morrer, com o pneu vazio? – O tom estridente da sua voz arranhava os ouvidos. – Credo, pai, estás a endoidecer. Estava apenas sozinha e com medo por estar escuro. O meu primeiro pneu em baixo, desde sempre, e teve logo de ser à noite, com chuva. Mais nada.

– Mas, e se...

Ela soltou as mãos e cerrou os lábios, sem saber o que dizer. Ele soava-lhe desesperado, por alguma razão; os seus olhos inundados de um medo inenarrável. Se calhar, devia ligar ao Dr. DeMaria um destes dias e pedir a sua opinião profissional. Tanto quanto sabia, estes eram sinais precoces de demência, a paranoia e as alterações de personalidade. O seu pai ainda era muito jovem para isto, mas as pessoas adoeciam a qualquer momento. Têm acidentes vasculares cerebrais impercetíveis ou pequenas isquemias. Esquecem-se de si próprias e ficam irreconhecíveis.

Ainda assim, o seu pai devia confiar nela acerca de Craig. Se ele a amava, havia que encontrar uma maneira de se relacionar com o genro. Caso contrário, como é que poderia vir a ser capaz de amar os netos?

Sem se aperceber, Andi levou a mão à barriga, num gesto tranquilizador.

– Esta noite foi excelente – disse ela, com mais frieza do que gostaria. – Até este momento.

Chorou durante todo o caminho de volta a casa.

Casa

Quando Andi chegou, a casa estava totalmente às escuras, muito embora o *Mercedes* de Craig estivesse na garagem. Ele devia estar a dormir, apesar de só terem passado alguns minutos da uma da madrugada e de gostar de ficar acordado até tarde. Abriu a porta com todo o cuidado, para não o acordar, passou pela lavandaria e pela cozinha em bicos dos pés e sentou-se no sofá novo, completamente morta de cansaço. Precisava de um momento só para ela, antes de ir ter com ele, para enxugar as lágrimas e desanuviar a cabeça.

– Que amável da tua parte, juntares-te a mim – disse Craig, calmamente, assustando-a. Estava sentado num cadeirão encostado à parede.

Andi levantou-se de rompante, ofegante.

– Ia tendo um ataque cardíaco! – Um riso inseguro pontuou a sua voz. – Porque estás aqui sentado, às escuras?

– Estava à tua espera. – Não se levantou para a beijar. Ela começou a caminhar na sua direção, mas parou a meio do caminho.

– Estás zangado comigo, ou quê? – Caminhou, apressada, até à parede e acendeu a luz. De olhos semicerrados, estudou-lhe as feições, impassíveis. O que é que lhe tinha dado?

– Porquê? – perguntou ele, de forma igualmente calma, igualmente irritante. – Devia estar?

Andi aguardou, já a perder a paciência. Craig deveria ter-se sentido abandonado na noite anterior à sua grande festa, apenas porque ela sabia manter-se calma e não sentia a necessidade de estar a ralar-se com cada mínimo detalhe. Depois do comportamento estranho do pai, só lhe faltava que Craig se passasse com ela. Tinha vontade de gritar, de arranhar alguma coisa até partir uma unha, ou então de despedaçar qualquer coisa.

– Afinal, vamos dar uma grande festa amanhã, daquelas de vai ou racha, e não

está aqui ninguém para organizar as coisas.

Pôs as mãos nas ancas, num ápice.

– Mas que coisas? Está tudo mais que pronto. As compras estão todas feitas. Amanhã só tenho de ir levantar algumas coisas e espalhá-las por aí. Já estão pagas e prontas para as ir buscar e metê-las no carro. Até o teu precioso aparador está pronto.

Um esgar de sorriso arreganhou os lábios dele.

– Sim, eu vi. Impressionante.

– Podes ter a certeza que é. São peças únicas, de valor incalculável. Tive de assinar um documento; tenho de as devolver até sexta-feira – disse ela, a gritar, dando por si a mentir, sem saber porquê. Mordeu o lábio, para se obrigar a parar de mentir. – Vejo que mudaste a cama para aqui.

– Sozinho.

Ela olhou para o chão por um bocado, a esconder uma centelha de raiva que ele ateara.

– Parece... interessante. – A cama estava disposta num ângulo esranho, sem estar paralela à parede nem encostada à mesma. Com um metro de espaço a toda a volta, induzia as pessoas a aproximarem-se e sentarem-se à vontade. Andi respirou fundo, determinada a manter a calma. – E se eu arranjar uns tapetes mais pequenos, a condizer com o maior? Para pôr à volta da cama?

– Podes tentar.

Ela sentiu o sal das lágrimas.

– Porque é que estás assim?

– Assim, como?

– Monossilábico. Frio. Zangado, sem razão para isso.

Ele pôs as mãos nos bolsos, mas com os cotovelos ainda apoiados nos braços do cadeirão, e olhou para ela.

– Tu achas que isto está pronto para amanhã? Tens noção de quem vem?

Andi voltou a abanar a cabeça, a tentar desfazer o nó que lhe apertava a garganta, a lutar contra as lágrimas.

– Pessoas que moram em casas luxuosas. Pessoas que já nasceram ricas. Achas que os conseguimos enganar com uns bocados de fauna marinha morta em cima da porcaria do aparador? – Cuspiu as palavras como se o seu desprezo abarcasse o seu passado, o seu mundo. Tudo o que era importante para ela.

– Ouve, se a nossa vida vai ser sempre assim, então não quero ter nada que ver com isto.

Ele estacou de repente, e depois andou na sua direção, enraivecido.

– O quê?

– Se é para ficares assim tão ansioso, então não vale a pena. Vai dar cabo da nossa vida.

Frustrado, Craig levantou os braços no ar e depois deixou-os cair.

– Por amor de Deus, não é ansiedade. É oportunidade. É ambição. É vontade de ganhar, contra todas as expectativas. – Pôs-se a andar de um lado para o outro. – Estabelecemos amizade com estas pessoas, depois elas vendem as suas casas

comigo e eu ganho uma comissão dupla. Eles recomendam-me aos seus amigos e, mais uma vez, eu ganho uma comissão dupla. Não sei o que queres, mas eu não faço intenções de pagar por esta casa durante os próximos trinta anos.

Ela assentiu, a morder o lábio, para que não tremesse. Queria os braços dele ao seu redor, sentir a sua respiração no pescoço, os lábios dele nos seus, não uma aula de economia em gestão imobiliária.

– Afinal, o empréstimo é de quanto? Não me chegaste a dizer.

Ele desviou o olhar por um momento.

– Isso não importa. Não precisas de te preocupar com nada disso. Só precisas de garantir que está tudo pronto para amanhã e que vamos arrasar. Vamos mostrar a estes idiotas cheios de si que somos tão bons como eles.

Craig pegou-lhe nas mãos e Andi arrepiou-se quando os seus dedos, gelados, tocaram nos dela.

– Estás com frio? – Começou a esfregar-lhe os braços, para a aquecer.

Aos poucos, ela encostou-se ao seu peito, ávida pelo seu amor, aquela angústia a começar a dissipar-se. Se calhar, ele tinha motivos para estar ansioso. Estava a jogar noutro campeonato e tinha contraído dívidas avultadas que eles não conseguiam pagar, ainda para mais estando ela desempregada. Grande parte do que se estava a passar com Craig era culpa dela.

– Craig, vai ficar tudo bem. Acalma-te. Tenho três quadros de que talvez gostes prontos para pendurar. Estão no quarto pequeno, a secar. Grande parte da comida já está pronta. Vou tratar do resto assim que regressar das compras e da entrevista.

Ele descolou as mãos da pele dela e pô-las nos bolsos.

– Que entrevista?

Andi virou-se, para olhá-lo de frente.

– Está ainda no início. Vamos ver no que dá.

– Para onde?

– Para um banco. – A intensidade do olhar dele fê-la baixar o olhar. – Para funcionária de uma agência local de um banco.

Ele ficou a olhar para ela, incrédulo.

– A minha mulher, empregada de um banco? Mas tu estás doida? Tens noção do que isso me vai fazer? – Os seus gritos ecoavam de forma estranha contra os tetos altos e as paredes nuas.

Abraçou-se a si mesma ao sentir a força gélida da sua raiva, que lhe congelava o sangue.

– Então, não digas nada a ninguém – tentou ela ripostar, mas a sua voz soava infelicíssima. – Tenho de começar por algum lado, Craig, e ninguém me está a contratar. Vou continuar a tentar até encontrar trabalho, qualquer tipo de trabalho, e começar a partir daí.

Craig aproximou-se dela devagar e tocou-lhe no rosto gentilmente.

– É só que tenho pena que não me tenhas dito nada.

– Porquê? – As lágrimas escorriam-lhe pela face, indesejadas, incontroláveis.

– Para te poder ajudar, dar-te algumas dicas. Podíamos ter pesquisado acerca

desse banco em conjunto, descobrir o que querem num funcionário; então tu davas-lhes o que eles queriam e eles iriam adorar-te.

Ela ficou a olhar para o chão de madeira maciça, onde as suas lágrimas haviam caído. Provavelmente, o seu sal iria manchar a madeira.

– Obrigada – sussurrou.

– É importante para ti, não é? Ganhares o teu próprio dinheiro? – Passou os dedos pelo seu cabelo, ao longo da orelha, aconchegando alguns fios mais curtos na parte de atrás. Ela estremeceu, mas, dessa vez, não foi por causa do frio dos seus dedos, mas por ele lhe pôr o sangue em brasa. – Porque podíamos ficar muito bem sem dares cabo de ti com o *stress* do dia a dia de um trabalho.

Andi afastou-se, com relutância.

– Então serei o quê? Uma esposa? Uma mãe? Ótimo, nada contra, mas posso ser muito mais, Craig. Preciso de ser mais.

– Tu és uma esposa maravilhosa – disse ele, num sussurro, beijando-lhe o pescoço.

– E vou ser uma mãe maravilhosa. Em pouco tempo.

Os seus lábios estacaram.

– Daqui a quanto tempo?

Ela riu-se e cravou os dedos no seu cabelo, puxando-o suavemente.

– Não sei, estou só a dizer.

– Boa – murmurou ele, recomeçando a explorar o seu pescoço com os lábios. – Porque, por agora, estamos muito ocupados. – Deu-lhe a mão e levou-a para a cama. – Já agora, temos de arranjar qualquer coisa para cobrir esta cama. Uma coisa cara.

Ele tinha piada.

– Iap, está na minha lista de encomendas a levantar amanhã.

Sentaram-se juntos, lado a lado, as mãos dele na sua cintura.

– Quem é que quer saber de trabalhar como empregada de um banco, a ganhar uma miséria, quando podemos fazer grandes coisas juntos? – Os seus dedos desabotoaram a camisa dela com mestria, devagar, muito devagar.

– Tipo o quê? – Manter-se concentrada na conversa enquanto as mãos dele percorriam o seu corpo exigia muito esforço. Ela só queria deixar-se cair na cama.

– Eu e o Jude vamos começar um negócio. Eu encontro as casas, ele compra-as por uma pechincha, a seguir tornamos a vendê-las, depois de uma pintura nova e tal. Preciso da tua ajuda para isto, Ands. –

A camisa dela, completamente desabotoada, deslizou para os lados. O seu peito elevou-se. – És a minha companheira, a minha parceira – segredou Craig, enquanto os seus lábios delineavam a borda do *soutien*. – A minha força... o meu norte.

O calor que ele infundia no seu corpo deixava-a fraca, desarmada, à sua mercê. Gemia, saboreando cada sensação de olhos semicerrados.

Depois, as mãos de Craig ficaram duras, como aço, enquanto a posicionava, o seu olhar nela, penetrante e impiedoso, como se quisesse perfurar-lhe o crânio e ler-lhe os pensamentos. Como se os quisesse dominar.

O calor transformou-se num arrepio súbito de frio, gelando-lhe a alma. Pôs essa sensação de lado e entregou-se nos braços dele, recordando-se de quanto ele a amava. A única coisa errada era a sua cabeça. Esquivando-se do olhar implacável de Craig, fechou os olhos e manteve-os bem fechados, até ao fim.

Telefonema

A casa dos Ellefson, uma grande casa de estilo *Craftsman*, estava instalada num terreno com mil metros quadrados, numa rua sem saída, ajardinado com flores de várias cores, que floresciam todo o verão. O médico-legista dedicara-se à jardinagem como *bobby*, talvez com vontade de adicionar alguma cor, sol e ar fresco à sua vida. O seu trabalho confinava-o dias inteiros à morgue ou a locais de crimes, nenhuma das alternativas muito saudável, pelo menos na opinião de Rebecca.

Ela estava feliz com a recente paixão do marido por bolbos e botões de rosas. Gostava de ler no alpendre, sentada no baloiço, com as costas apoiadas num par de almofadões, enquanto ele se entretinha, a alguns metros de distância.

Durante as semanas de verão, os seus dias começavam de madrugada, que ambos apreciavam o suficiente para justificar levantarem-se com o raiar da aurora. Naquela manhã, os almofadões do baloiço ainda retinham alguma da humidade da noite. Rebecca ficou de pé, encostada à balaustrada, com uma chávena de café a fumar nas mãos.

Olhou para o relógio e anunciou:

– São quase oito.

– Sim, eu devia ir andando. – O Dr. Ellefson gemeu enquanto se levantava, depois massajou o joelho direito com as suas mãos experientes durante um minuto. – Bolas, esta porcaria está a doer-me outra vez.

– O que te está a doer outra vez é a velhice, Aaron, mais nada.

– A quem o dizes. – Agarrou num vaso com uma roseira que estava no alpendre e pousou-o ao lado do buraco que tinha aberto. De seguida, caminhou até à torneira, para ligar a água da mangueira. – Havia de as ver abertas.

– Quem?

– As pessoas mais velhas. A velhice nota-se muito mais por dentro do que por fora.

– Ugh. Muito obrigada, mas não, deixa estar. – Bebeu um gole de café,

apreciando o sabor amargo e desejosa de limpar a imagem que o comentário de Aaron acerca de abrir pessoas conjurara na sua mente imaginativa. – Estás maldisposto esta manhã. O que é que se passa?

Ele abanou a cabeça, enquanto se agachava ao lado do buraco e o enchia de água.

– Não sei. Alguma coisa no jogo de ontem me manteve acordado algumas horas.

– Viraste-te para um lado e para o outro durante algum tempo, meu querido, eu senti. Mexes-te com a graça e gentileza de um rinoceronte.

Ele riu-se com gosto.

– Há já algum tempo que não me fazias um elogio. – Cortou uma rosa que já desabrochava e ofereceu-lha. Encantada, Rebecca aceitou a flor e cheirou-a. A sua fragrância era fraca, quase indistinguível.

– Alguma vez te perguntaste porque é que as rosas americanas não cheiram tão bem como as do hotel em que ficámos lá na Grécia? – Há alguns anos, tinham lá ido, de férias. O roseiral do hotel em Tessalonica tinha despertado a paixão do seu marido pela floricultura. Aquelas rosas eram estonteantes, com o seu aroma intenso.

– Não preciso de me perguntar o porquê – respondeu-lhe, com um rápido sorriso. – É por causa dos químicos que aqui se põem nas plantas, para acelerar o seu crescimento. Os americanos não têm paciência. – Foi até às roseiras mais antigas, que floresciam a alguns metros de distância. Num gesto certo com a sua tesoura de podar, cortou uma rosa vermelha e ofereceu-lha. – Consegues cheirar a diferença?

Ela inspirou. O perfume da rosa era inebriante, como se toda a essência daquela requintada flor se tivesse apoderado do seu corpo e se instalado no seu peito.

– Obrigada – disse ela, inalando aquela fragrância, uma e outra vez. – Não fazia ideia.

– De nada – respondeu-lhe, ajoelhando-se ao pé do buraco. Tinha água até meio, estava perfeito para plantar a nova roseira. Pousou o vaso ao seu lado e, delicadamente, puxou a planta para fora, sem danificar as raízes. Depois, segurando o pé de roseira com cuidado, colocou-o no buraco e aguardou alguns minutos, para a água soltar as raízes. – Por falar em não fazer ideia, o que se estará a passar com a Andi? Porque é que não lhe deram o lugar lá na universidade? Pensava que os antigos alunos tinham preferência.

Rebecca inclinou-se, apoiando os cotovelos no corrimão de madeira do alpendre.

– Estava a pensar o mesmo. Hoje vou ligar para algumas pessoas. De certeza que alguém me há de dar uma resposta concreta.

– Achas que nos devemos meter?

– Não nos estamos a meter em nada, Aaron. Não estou a puxar os cordelinhos. Estou só a fazer uma pergunta. A Andi é como uma filha para nós. Diga-se de passagem, foi doloroso assistir àquilo, entre ela e o Hunter.

– Foi isso que me manteve acordado. Nem consigo acreditar no que vi. Ele nunca foi assim.

– Assim, como? Doido?

– Sim, pode-se dizer que sim. – Atirou-lhe um olhar rápido e curioso, antes de calcar a terra que se tinha soltado das raízes da roseira. Não pressionou com muita força. A terra estava macia ao toque, ao passo que a água fazia o seu trabalho de soltar e alimentar as raízes. – Achas que ele tem razão?

– Sobre o quê? Sobre o Craig? – Franziu a testa enquanto pensava, por alguns momentos. Não conseguira lembrar-se de uma única vez em que Craig se comportara de forma a justificar a opinião de Hunter acerca dele. Ao mesmo tempo, lembrara-se vividamente de como a sua própria mãe detestara Aaron, sem razão alguma. Acabara por ser um excelente marido, mas a sua mãe morrera, inconformada com o facto de a filha estar casada com um homem que mexia nos mortos. Paciência. Os pais podiam enganar-se; não eram mais do que pessoas que erravam. – Não acho. A Andi parece-me feliz, completamente apaixonada por ele. Viste como o seu semblante se iluminou enquanto nos contava a história sobre como se conheceram?

Satisfeito com o seu trabalho, ele pôs-se de pé, esfregando as mãos nas calças de jardinagem, para sacudir a terra que ainda estava agarrada aos dedos.

– Sim, ela está feliz. Só um cego é que não vê. – Desligou a água e apanhou as ferramentas. – Se calhar, está a ser difícil para o Hunter aceitar. Depois de perder a mulher, a Andi é tudo o que lhe resta. Talvez veja um monstro onde não existe, apenas porque este homem lhe levou a sua única filha.

– Sim, talvez seja isso. Ouvi dizer que ele passa os dias na clínica, doze horas por dia, seis dias por semana, e também lá vai aos domingos.

– Vai dar cabo dele. – As ferramentas de jardinagem retiniram quando as deixou cair na caixa que estava na arrecadação. – E só a vai afastar se continuar com esta loucura.

Rebecca olhou para ele, com olhos suplicantes.

– OK, vou falar com ele – acedeu o Dr. Ellefson, com um suspiro. – Vou levá-lo à pesca, só nós os dois e umas cervejas. Talvez me diga o que se passa. Talvez ouça a voz da razão.

Grata, Rebecca fez-lhe uma festa no braço quando ele passou por si, a caminho da casa de banho. Foi atrás dele e pôs as duas rosas em duas jarras pequenas e estreitas. Continuou a conversar com Aaron enquanto ele tomava um duche, encostada à parede da casa de banho, principalmente sobre como seria terrível se Andi e o pai se afastassem, sobre como a pobre miúda devia estar a sofrer, dividida entre o pai e o marido.

Mas Rebecca só conseguia pensar na chamada que estava prestes a fazer para perceber o que havia impedido Andi de conseguir o trabalho que tanto queria. Tinha feito boa cara, mas ela notara a tristeza nos seus olhos quando respondera à pergunta de Freddy DeMaria, na noite passada. Felizmente, ainda conhecia membros do corpo docente suficientes para o descobrir.

Assim que o carro de Aaron dobrou a esquina e desapareceu de vista, ela

acabou o café e sentou-se no sofá, com o telefone na mão. Impaciente, à espera que fossem nove horas para a faculdade abrir, correu os seus contactos à procura de alguém que soubesse alguma coisa acerca de Andi.

– Ah, o Cesar, ele é capaz de saber – disse ela, baixinho, referindo-se ao Professor Cesar.

Exatamente às nove horas e um minuto, Rebecca ligou-lhe. Enquanto o telefone tocava, levantou-se e começou a deambular, nervosa. Sem razão para isso, sentia-se ansiosa com aquela chamada e queria despachá-la o mais depressa possível.

Felizmente, ele atendeu e parecera feliz por ter notícias suas. Falaram sobre os alunos, a faculdade, planos para o verão e sobre quem mais se aposentara desde que Rebecca se tinha vindo embora. Depois, ela disse:

– Preciso de um grande favor. Uma protegida minha precisa de algum aconselhamento sobre como conseguir arranjar o emprego para o qual estudou. Talvez saibas quem é. Andrea Wilmore?

Um silêncio abateu-se naquela chamada. Era como se o professor tivesse deixado de respirar.

– Podias fazer-me o enorme favor de descobrir o que correu mal com a entrevista dela?

– Não preciso de descobrir – respondeu ele, sombriamente. – Já sei.

Foi a sua vez de sustar a respiração. Ouviu o que o antigo colega disse sem proferir uma palavra. Depois, agradeceu-lhe, de forma apressada, em voz baixa.

Assim que desligou o telefone, deixou-o cair no sofá, como se lhe queimasse as mãos.

– Oh, não – murmurou. – Isto não pode estar a acontecer.

Rebecca fitou o telefone, com receio do que estava prestes a fazer, mas não via outra alternativa. Com as mãos a tremer, agarrou no telefone e ligou a Hunter Wilmore. Assim que ele atendeu, ela dispensou os cumprimentos e disse-lhe:

– Há algo desanimador que precisas de saber. Sobre a Andi. Sobre a sua incapacidade para arranjar emprego.

Advogado de defesa Goodridge: Onde conheceu Andrea Wilmore Brafford?

Holly Hughes: Na festa dos Brafford. O meu marido é o chefe do Craig Brafford.

Advogado de defesa Goodridge: Como é que ela lhe pareceu?

Holly Hughes: Pareceu-me perfeitamente bem. A sorrir, a cumprimentar as pessoas, a ser uma boa anfitriã.

Advogado de defesa Goodridge: Pareceu-lhe desesperada com esta questão da procura de emprego?

Holly Hughes: Não, de maneira nenhuma. E, honestamente, não vejo qual é o problema. Vi algumas coisas nas notícias, mas há algo de errado em apoiar o marido nos seus negócios? É o que tenho feito toda a vida.

Zegna

A semana de Craig estava a ser de loucos.

Na terça-feira tivera de passar um cheque de quase cinco mil dólares, que ele não tinha, para pagar as mudanças. Depois, tivera de ir a correr conseguir um empréstimo com um agiota gordo e viscoso chamado Alf. Com cinquenta e nove por cento de juros. Nos três primeiros meses.

Por milagre, conseguira depositar o dinheiro antes de o banco fechar. No dia seguinte, já lho tinham tirado da conta. Sacana do Hughes, não perdera tempo nenhum.

Na quarta-feira, tivera de ligar aos seus convidados, para confirmar que sabiam a morada, perceber o que gostavam de beber, como preferiam que os engraxassem. Depois, fora a correr levantar o tapete que Andi encomendara e levá-lo para casa. Pusera-o no sítio e tivera de admitir que a sua mulher tinha bom gosto. Debatera-se para conseguir mudar a cama *king-size* para a sala, sozinho, sem ninguém para lhe segurar as portas, mas também acabara por conseguir fazê-lo, só para sair a correr outra vez para ir buscar o novo sofá de canto.

Por fim, sentou-se num dos novos cadeirões, suado e cansado, e esperou que Andi voltasse para casa.

E esperou. Depois, esperou mais um bocado, até quase à meia-noite, enquanto ela estava na rua, a jogar póquer com uma cambada de velhos, sem querer saber dele. Não havia palavras para expressar o quanto detestava que ela lá fosse. Especialmente, quando precisava que Andi se concentrasse.

Parecia que a mulher não queria saber da festa que ele se estava a esfalfar para organizar. Não fazia a mínima ideia de quantos telefonemas ele tivera de fazer para, simplesmente, lhe desligarem o telefone na cara, ser mandado para o inferno ou ser ameaçado. Parecia inquieta, incapaz de se acomodar, mais egoísta do que qualquer pessoa que já conhecera. Só queria saber da sua estúpida carreira e, agora, de filhos. A sério. Porque, de resto, estava tudo perfeito e eles estavam aborrecidos, sem nada melhor para fazer do que procriar sem fim e estourar

fortunas consideráveis num bando de pirralhos mimados. Diziam que criar um filho custava tanto como um *Ferrari* novo. Não valia mesmo a pena.

A sua sorte mudara, após um início de semana desastroso. Na manhã de quinta-feira, recebera uma oferta pela casa de Donati no *fax* do seu escritório, em casa, ainda estava de pijama. Um milhão e quatrocentos mil, negócio imediato, em dinheiro.

Boa. Até que enfim.

Amanhã, àquela hora, já teria o título de propriedade do seu *Benz* de volta.

Festejando silenciosamente, ligou para o comprador e convenceu o chinês a aumentar a sua oferta em setenta e cinco mil. Preencheu o formulário em papel timbrado da *Parker Jones* com a nova oferta e enviou-o ao comprador, para o assinar. Minutos depois recebeu-o. Assinado.

Muito sorridente, ligou a Donati para lhe dar as boas notícias, depois enviou-lhe a oferta formal, via *fax*. A correr, para preparar uma sanduíche antes de se fazer à estrada para um dia complicado, teve tempo para parar no pequeno quarto e olhar para os quadros que Andi tentara fazer.

Três telas, grandes e impressionantes, estavam encostadas à parede. Não percebia muito de arte, mas já vira casas caras e ricamente decoradas, as suficientes para saber que os trabalhos manuais da sua mulher se encaixariam bem entre as obras de Jackson Pollock e dos demais. Se ela tentasse, poderia ser uma artista decente, mas ele tinha outros planos para Andi.

Precisava de alguém em quem confiasse para tratar dos seus telefonemas, para contratar empreiteiros para as casas que ele e Jude iriam comprar, garantir que o trabalho ficava bem feito, pagar aos trabalhadores e ter as casas prontas para revender. Ela podia decorar as casas, para aumentar o seu valor, tratar do *catering* nos dias de *open house*, preencher a papelada. Provavelmente, em breve seria preciso que arranjasse uma licença de agente imobiliária. Não havia tempo a perder com essas tangas artísticas, muito menos para aquele disparate da Biologia Marinha. Não se ganhava muito dinheiro com isso. Em breve, Andi iria ultrapassar essa questão e ver o panorama geral que ele queria que ela entendesse.

Ao agachar-se e cerrar os olhos para ler a assinatura, deu um forte suspiro de alívio. Ela tivera o bom senso de assinar com um nome falso. Linda menina. Temera que o seu ego pudesse pôr a feia cabeça de fora e que Andi assinasse as obras com o seu nome. Aí, toda a gente ficaria a saber que não tinham sequer dinheiro para comprar obras de arte; tinham de *fazê-las*.

Meia sanduíche depois, estava a sair de casa quando o aparelho de *fax* voltou a apitar. À porta da garagem, deu meia-volta e regressou a correr, mesmo a tempo de pegar na oferta de Donati, assinada e acabada de sair da máquina, quente e a cheirar a tinta fresca.

O seu chefe iria ficar radiante, mesmo antes da festa. Mal podia esperar para ver a cara daquele fuinha quando lhe mostrasse o negócio assinado, quase trezentos mil dólares acima do preço inicial.

Mas antes dirigiu-se à Galleria e estacionou à porta da *Neiman Marcus*. Correu até à porta, porém, assim que entrou na loja, abrandou. Caminhava devagar,

evitando espreitar as etiquetas dos preços, demorando-se, como se tivesse o dia inteiro disponível.

Num ápice, um vendedor, de olhos pequeninos e brilhantes, começou a bajulá-lo. Craig cedeu às insistências dele e experimentou um fato *Brioni*, depois de sentir o toque do tecido com as pontas dos dedos. O *blazer*, em linho e lã, mudou-o. Com ele, parecia mais alto, apesar do fato ser de um cinzento-pérola claro. As suas costas pareciam mais direitas, os ombros mais largos, a postura mais imponente. As calças eram um pouco justas demais para o seu gosto, apertadas nas coxas. Assim que se encontrou no provador, viu o preço e engasgou-se.

– Sete mil dólares – sussurrou, com tristeza.

Perdeu algum tempo a ver-se ao espelho, desejando ter dinheiro para o comprar. Não, ainda não tinha, mas em breve teria.

– As pernas das calças estão muito apertadas – disse ele ao lojista quando saiu do provador, as bochechas vermelhas, a escaldar, traindo-o. – Não sei quem é que consegue usar isto e sentir-se confortável. Tem mais alguma coisa para me mostrar?

O vendedor acenou que sim e ficou a olhar para ele por um milésimo de segundo a mais. Craig engoliu um palavrão. Não havia nada que mais detestasse do que ser pobre, não ter dinheiro suficiente. Não ser uma daquelas pessoas que podem fazer tudo o que lhes apetecer.

O vendedor regressou com um fato azul-marinho, que carregava nos braços estendidos como se fosse uma oferenda aos deuses.

– Este é um *Ermenegildo Zegna* original. Sinta o toque – disse, encorajando-o. – Este tecido maravilhoso é uma mistura de seda e lã, com a assinatura de *Zegna*. Ninguém faz um fato como este.

Ele sorriu. Conseguia ver-se a usá-lo. Os figurões todos que se cruzassem com ele nessa noite iriam ver aquele tecido luxuoso como algo que *eles* usariam. Mas que relação era aquela, dos italianos, com o luxo? Ninguém percebia mais de luxo do que eles. Era impressionante. Um país tão pequeno, não chegava a ter o dobro do tamanho e da população da Califórnia, mas tinham tudo. *Ferrari*, *Lamborghini* e *Maserati*, todos corriam sob a bandeira italiana. Na moda, a lista era ainda mais incrível. *Gucci*, *Armani*, *Versace*, *Cavalli*, *Valentino*, *Bulgari*, e a lista continuava por aí fora. Devia ser alguma coisa no ar. Tinha de ir lá, respirar aquele ar.

O *Zegna* assentou-lhe que nem uma luva. Craig sentiu aquele luxo em todos os poros da pele. As pernas das calças estavam perfeitas e o preço fê-lo engolir em seco, mas era impossível dizer não.

– Vou levar – disse ele ao vendedor. De seguida, acompanhou o jovem, enquanto este o ajudava a escolher uma camisa de seda e gravata a combinar, tudo *Zegna*. Indeciso entre as muitas marcas que reconhecia, acabou por optar por um par de sapatos em couro, da *Ferragamo*, para completar o conjunto.

A suar em bica, esperou que o vendedor entregasse tudo na caixa.

– O total é de cinco mil, trezentos e oitenta e sete dólares e vinte e nove cêntimos – disse-lhe a rapariga da caixa, uma loira baixinha, numa voz suave, depois de registar todas as etiquetas.

Bolas. Nenhum dos seus cartões tinha assim tanto saldo disponível. E o parvo do vendedor que não se ia embora dali. De que raio estava ele à espera?

Sacou dois cartões da carteira e deu-lhe o *American Express Blue* em primeiro lugar.

– Pague dois mil daqui; o resto desconte do *Mastercard*.

Ela hesitou, por um mero segundo, depois agarrou nos dois cartões com as unhas perfeitamente arrançadas, que faziam um som agradável ao tocar no plástico. A rapariga ficou a olhar para ele enquanto aguardava a primeira transação. Craig susteve a respiração e cerrou os dentes, até que ela lhe deu os papéis para assinar, com um sorriso doce. O vendedor voltou a pegar nas compras, o fato num porta-fatos e o resto em sacos com o logótipo da *Neiman Marcus*, e acompanhou-o à saída.

– Eu levo, a partir daqui – disse ele, agarrando no fato e nos sacos. O vendedor abriu-lhe a porta com um sorriso. Saiu rapidamente, distanciando-se daqueles olhos brilhantes e insolentes.

Já a caminho do carro, começou a sorrir. Que se lixem, mais o que ficaram a pensar. Muito em breve compraria aquele *Brioni*, a dinheiro ou a crédito, tanto faz. Mas aqueles dois continuariam a ser empregados, pagos à hora para *lhe* fazerem as vontades. Não ao contrário.

Atravessou o parque de estacionamento a saltitar. O dia corria otimamente e ainda nem era meio-dia.

Do Coração

O *soufflé* foi complicado. Ameaçava abater a qualquer momento e transformar-se numa papa horrível e sem salvação. Foi a primeira vez que Andi tentara fazê-lo. Nunca teria tentado se não tivesse tido tanto tempo disponível até às seis da tarde, quando estava previsto que os convidados chegassem. Talvez não tivesse sido a única razão. Queria fazê-lo feliz, que ficasse orgulhoso por ela tornar a sua festa um sucesso. Senão, teria aproveitado o tempo para estudar ou procurar emprego. Nos últimos tempos, devido a tudo o que estava a acontecer nas suas vidas, a casa nova, a lista de clientes de Craig que não parava de aumentar, e para os quais tinham de organizar festas, ela praticamente abandonara o seu doutoramento.

Todas as manhãs, prometia a si mesma que era apenas um revés temporário, ao fazer as tarefas domésticas ou ao ajudá-lo no seu dia a dia. Todas as manhãs, quebrava a sua promessa.

Naquela manhã, desde que ele saíra, tinha tratado de tudo o que precisava para a festa, havia disposto os canapés com todo o cuidado nos pratos de servir e cobrira-os de película aderente, para os manter frescos. Até usou um cortador de biscoitos em forma de estrela para cortar as fatias de melancia e pô-las numa travessa, salpicadas com frutos vermelhos e folhas de manjerição. Só ficava a faltar a *mousse* de salmão, mas queria fazê-la apenas à última hora, para as tostas não empaparem nem ficarem moles.

Já o *soufflé* era outra história. Era como se tivesse vontade própria, mantendo-a refém, ameaçando-a. Se ela desse um passo em falso, se apressasse o processo ou sequer respirasse de forma errada, aquela coisa desmoronava-se, só por despeito. A praguejar entredentes, prometeu a si mesma nunca mais experimentar aquela receita, fosse qual fosse o resultado final. No entanto, o aroma dos morangos era de deixar água na boca e ela não comia um *soufflé* há anos.

Por pouco não ouvira o telefone tocar, com o barulho da batedeira. Não iria atender; parar de bater podia arruinar as claras enquanto falava ao telefone. Quem quer que fosse podia esperar alguns minutos. Mas depois espreitou, para ver quem

era, e como reconheceu o número da recepção da clínica veterinária do pai, desligou a batedeira e deixou-a afundar-se nos picos de espuma.

Eles nunca lhe ligavam. O pai ligava-lhe do telemóvel. Acontecera alguma coisa.

– Estou? – A voz dela tremia, sufocada. Aquela angústia arrepiante que lhe apertava o peito começou a desenrolar-se.

– Andi? Daqui é a Gabriella, da...

– Sim, olá, Gabriella, o que se passa?

– É o seu pai. Está a ser levado para o Baylor St. Luke's Medical Center, onde a cardiologia...

Os seus joelhos ficaram sem forças e Andi sentou-se, num repente, na borda de uma cadeira da cozinha.

– O que é que aconteceu? – As lágrimas ardiam-lhe nos olhos. *Oh meu Deus, por favor, que ele esteja bem.*

– Dizem que foi um ataque cardíaco. Vão saber melhor depois de lhe fazerem alguns exames.

Reunindo forças, Andi livrou-se do avental e calçou os sapatos enquanto estava ao telefone.

– Andi, vão levá-lo para o Texas Heart Institute...

– OK, entendi – respondeu, correndo pela casa à procura das chaves do carro.

– Queria avisar-te de que estão a levá-lo para lá porque ele já lá estava a ser seguido por algumas pessoas. Um cirurgião. Médicos. Nós não sabíamos de nada.

Ficou congelada no lugar, uma onda de gelo a fluir pelo seu sangue. Ele sabia que estava doente e não lhe contara.

– Obrigada, Gabriella. Vou já para lá.

A ida para o hospital foi um turbilhão de lágrimas e um esforço para respirar, com um peso no peito e um aperto no coração, petrificado de medo. Na noite anterior tinham-se despedido com palavras amargas da sua parte. Não podiam ser as últimas palavras que dissera ao pai. Não podia acabar assim. Não podia ser o fim... não agora. *Oh Deus, por favor!*

Parou o carro, com os pneus a chiar no asfalto quente, debaixo da pala branca da entrada e correu para o interior do hospital, com o carro ainda a trabalhar e as chaves na ignição.

– Minha senhora, não pode estacionar aqui – avisou o segurança.

Andi só parou quando chegou à recepção.

– O meu pai, Hunter Wilmore, acabou de dar entrada aqui – disse ela de uma só vez, sem fôlego, debruçada sobre o balcão da recepção como se a sua proximidade fizesse com que a mulher exausta escrevesse mais depressa.

– Woolmore?

– Wilmore. W-I-L-more.

– Hum-hum – murmurou, corrigindo o que escrevera extremamente devagar. As suas unhas eram tão compridas que tinha de escrever com os lados dos dedos, e não com as pontas. – Terceiro andar, Unidade de Cuidados Intensivos de Cardiologia. Quarto trezentos e sete.

– Obrigada – atirou ela por cima do ombro enquanto corria para os elevadores. As portas começaram a fechar-se num deles, mas Andi deslizou a mão entre elas e parou-as. Depois, pediu desculpas aos dois homens que a olharam com má cara e carregou no três.

Só então conseguiu respirar.

Ele ainda estava vivo, certo? Tinha de estar. A receção não informava o número do quarto de pacientes falecidos, pois não? A cabeça dela andava à roda, enquanto o elevador se arrastou até ao terceiro andar e depois abriu as portas, com um rangido.

A Unidade de Cuidados Intensivos de Cardiologia estava sossegada e cheia de luz, oriunda das grandes janelas de vários quartos vazios e das lâmpadas fluorescentes no teto. O som fraco e distante de uns *beep* registavam o batimento cardíaco de alguém. Frenética, ignorou o posto de enfermagem, vazio, e pôs-se à procura dos números dos quartos, encontrando-os, bem visíveis, em pequenas placas metálicas prateadas, afixadas na parede, ao lado das portas de correr.

Trezentos e sete. Ele estava ali. O seu coração ainda batia.

Pálido, de olhos fechados, não teve nenhuma reação quando ela abriu a porta lentamente e se esgueirou lá para dentro. O quarto tinha um leve odor a gel antibacteriano e ao *aftershave* do pai. A luz do sol entrava pelas persianas abertas. Os monitores mostravam um batimento cardíaco constante, o *beep* o único som que conseguia ouvir.

Novas lágrimas ardiam-lhe nos olhos. Ele ainda estava ali. Vivo, ainda.

Andi agachou-se ao lado da sua cama e segurou a mão do pai entre as suas, gentilmente, encostando a sua cara quente à dele.

– Desculpa – sussurrou. O pai não merecia nada do que ela lhe dissera na noite anterior, ou noutras alturas, sempre que discutiam acerca do seu marido. Eles nunca haviam discutido sobre outra coisa qualquer, pelo menos de que Andi se lembrasse. A única coisa de que ele era culpado era de gostar dela profundamente e de querer o melhor para si.

– Não chores, meu doce – disse ele, num murmúrio, apertando-lhe a mão suavemente. – Está tudo bem. Já me conheces, rijo como o aço. – Tentou sorrir, mas o esgar saiu torto e fraco. Abriu os olhos, mas fechou-os logo de seguida. – Está muita luz aqui.

Embora estivesse tentada a fechar as persianas, decidiu não o fazer. O sol fazia bem à alma. Dava esperança e vontade de viver.

– O que é que se passou? – perguntou ela, a tentar evitar as lágrimas teimosas. – O que é que eles dizem?

– Dizem que vou ficar bem. – A sua voz era débil. Abriu os olhos, uma nesga, e olhou para ela. – Não te preocupes comigo.

– Um ataque cardíaco dá-me o direito de me preocupar, pai. Foi muito mau?

Ele desviou a cabeça ligeiramente, mas depois voltou a olhar para ela.

– Estas coisas nunca são boas, mas vai ficar tudo bem. – Abriu mais os olhos. – Juro que vou ficar bem. Podes perguntar aos médicos.

– Não penses que não vou – respondeu ela, a fungar. – Tu não és de confiança

nestas coisas.

– Ah – soltou o pai, enquanto uma onda de tristeza assolava o seu rosto. – Estás a falar da tua mãe. De como eu não me dei conta de que ela estava a morrer até que um dia foi parar ao chão?

– Não, pai... Não era nada disso que queria dizer. Tens-te culpado pela morte dela estes anos todos? – Beijou-lhe a mão e apertou-a outra vez. – Não devias. Ninguém teve culpa.

– Então, o que é que querias dizer?

– O que quis dizer foi que não posso confiar em ti – respondeu ela num tom sorridente. – Mentiste-me sobre a tua saúde para me protegeres. Já sabias disto, não sabias? Comigo estás tramado, meu senhor – disse a brincar, como sempre fizera com ele.

– Estou, não estou? – Ele virou-se ligeiramente na sua direção. – Por isso é que estás à vontade para falar com o meu médico quando ele fizer a ronda, ao final da tarde.

Andi fechou os olhos por um instante, sem querer que ele visse a sua frustração. A porcaria da festa... Ela não se podia demorar.

– Perdoas-me? – perguntou Andi, baixinho. Uma nova lágrima formou-se no canto do seu olho, depois caiu-lhe em cima da mão. Limpou-a rapidamente, com a ponta do dedo.

– Pelo quê, minha querida?

– Pelo que disse ontem à noite. Não queria... – Engasgou-se, incapaz de encontrar as palavras certas. – Não merecias nada daquilo.

– Isso... não é importante, Andi. Nada que digas ou faças estará além do perdão do teu velhote. – Parou de falar, num momento que ela saboreou, a cabeça apoiada na sua mão, segurando-a, sem saber durante quanto tempo ele ainda ali estaria para a segurar. – Diz-me uma coisa. – A sua voz soava um pouco mais forte.

– O que quiseses.

– És feliz?

Aquela pergunta abalou-a, ficando a ressoar dentro de si. Como é que uma pergunta tão simples podia ter uma resposta tão complexa? Contudo, a resposta era simples, se ela olhasse para lá dos seus medos infundados e do seu egoísmo.

– Sim, pai – respondeu, levantando a cabeça para olhar para ele. – Sou feliz. Ele faz-me rir. Está sempre lá para mim. Toma conta de mim e põe-me sempre em primeiro lugar. Só gostava que conseguisses vê-lo como eu o vejo. – O som do monitor aumentou de frequência, ao passo que ela sentia o corpo do pai ficar mais tenso. Se calhar, era melhor deixar para outra altura o que lhe queria dizer a seguir. Sorriu. – Quem sabe, talvez um dia sejamos uma família feliz. Todos nós.

– Bem, se estás feliz, eu estou feliz – respondeu, e depois fechou os olhos.

– Pai, tenho de ir – disse ela, relutantemente, a desejar poder ficar, para o vigiar, fazer-lhe companhia enquanto estava acordado, dormir ao seu lado durante a noite. Ligara a Craig várias vezes a caminho do hospital, mas tinham ido todas para o *voice mail*. Não deixara mensagem... Precisava era do marido, não de

uma gravação fria e sem alma. E precisava dele agora mais do que nunca.

– É por causa da festa, não é? – sussurrou o pai. – Vai, Andrea. Não te preocupes comigo. Ainda vou estar aqui amanhã.

Festa

O Mercedes de Craig estava na garagem quando Andi chegou. A franzir a cara, perguntou-se porque ainda não tinha tido notícias dele, se já estava em casa. Ao passar à frente do seu carro, para chegar à porta, tocou no capô. Estava apenas morno. Já chegara a casa há algum tempo. Engolindo a sua desilusão, obrigou-se a respirar fundo, disposta a manter-se calma e sobreviver à festa. Haveria tempo para perguntas depois.

A porta abriu-se ainda antes de Andi tocar na maçaneta. Craig, a usar um fato que ela nunca lhe vira antes, fitava-a, incrédulo.

– Onde raio é que tu estiveste? – A voz dele tinha um laivo de frustração, num tom elevado, que arranhava.

Em vez de ser a Andi habitual e compreensiva, ela reagiu.

– Liguei-te, não sei quantas vezes. Não me ligaste de volta. – Atirou a mala para o sofá e largou os sapatos, depois foi para a cozinha, com um suspiro, frustrada. Parecia um cenário de guerra. Não haveria *soufflé* nenhum naquela noite.

Despejou a mistela de clara de ovo no lava-loiça, de seguida lavou as peças da batedeira debaixo de água corrente. Depois de as enxugar, pô-las na bancada e viu as horas.

– Merda – disse baixinho. Faltavam menos de quarenta e cinco minutos para o primeiro convidado chegar.

– Não, a sério, onde é que estavas? – A sua voz baixa e ameaçadora, o olhar quase odioso.

As lágrimas ardiam-lhe nos olhos.

– A nossa lua de mel foi curta – disse ela, enquanto limpava a bancada dos ingredientes do *soufflé* e ia buscar o salmão fumado e o queijo creme. Fechou a porta do frigorífico com um pontapé. – Não foi, Craig?

– Mas estás a falar do quê? – Ele pôs as mãos nas ancas mas manteve-se à distância, como se ela lhe fosse atirar com a comida e sujar-lhe o fato novo.

– Diz-se que a lua de mel acaba quando a mulher derrama a sua primeira

lágrima. A lua de mel verdadeira, não as duas semanas de férias que tirámos após o casamento. – Limpou a cara e pegou num garfo para raspar o salmão para dentro do processador de alimentos.

Não parecia que ele se importasse com nada do que ela acabara de dizer.

– Tu largaste-me aqui e foste sabe-se lá para onde. Estás-te a borrifar, não estás? As pessoas estão a chegar. Não está nada pronto.

– Está tudo mais que pronto – gritou, cheia de raiva, atirando o garfo para dentro do lava-loiça, onde bateu contra a taça misturadora. – Tudo exceto a tua preciosa *mousse* de salmão. – Raspou o queijo creme para dentro do processador, por cima do salmão, e carregou no botão, com rajadas curtas e rápidas. – Até isso vai ficar pronto a tempo, se me largares da mão. – Outra lágrima transbordou; depois, temperou a *mousse* com sal. Olhou para ele e disse-lhe, friamente: – Deixa-me em paz. Eu aviso-te quando estiver tudo pronto.

Craig fez exatamente o oposto. Aproximou-se dela, lentamente, com um olhar compreensivo.

– Amor, nós não somos assim. Tens razão. Se odeias assim tanto estas festas, não organizamos mais nenhuma. É como tu quiseses. Só não quero ver-te assim, tão irritada.

Andi afastou-o e voltou a ligar o processador, mas a sua raiva abatia-se aos poucos. Ansiava pelos braços dele ao redor do seu corpo e que Craig lhe desse a força de que necessitava.

– O meu pai teve um ataque cardíaco – disse ela, por fim, a voz carregada de lágrimas não vertidas.

Ele abraçou-a num ápice.

– Sinto muito, Ands – sussurrou-lhe ao ouvido. – E ele...

– Está no hospital. Era onde eu estava. – Mexeu-se e libertou-se do seu abraço, pese embora adorasse ficar algum tempo abraçada, a sentir-se segura, amada. – E voltei para acabar as coisas e para estar na festa, como te tinha prometido.

Ele ficou sem palavras durante algum tempo.

– Não fazia ideia – respondeu. Apalpou os bolsos, à procura de alguma coisa, e depois sacou do telemóvel. – Esta porcaria estava sem bateria. Sinto muito não ter estado lá para ti quando precisavas.

Ela assentiu, a olhar para a *mousse*, em vez de olhar para ele. Por alguma razão, sentia que, de alguma forma, era mais seguro evitar o seu olhar.

– Fato novo?

– Sim – respondeu Craig, com um sorriso inconfundível na voz. – Gostas? – Deu uma volta, alguns passos para a frente e para trás, desabotoou o casaco, puxou uma aba para trás e pôs a mão no bolso das calças, a exhibi-lo como um modelo profissional.

Ficava-lhe bem. A sorrir, Andi limpou uma lágrima furtiva e começou a colocar a *mousse* nas tostas, dispostas nas travessas em filas uniformes e em ângulo, como pequenos soldadinhos com chapéus cor-de-rosa.

– Atrevo-me a perguntar? – disse ela, franzindo a testa. Última-mente, Craig andara a gastar imenso dinheiro. Dinheiro que eles não tinham.

– Não, por favor, não pergunte – respondeu ele de rajada, a gesticular tão desesperadamente com as mãos que era hilariante. – A casa do Donati foi vendida hoje, e mais do que pagou isto apenas com o bônus extra que acordei com ele.

– Bônus extra, hã?

Tinha faro para o dinheiro. Desejava-o como as pessoas desejam comer gelado ou chocolate, como os viciados anseiam pela próxima dose, sempre mais do que a última vez, nunca o suficiente. Alimentava-se de dinheiro como outros se alimentam de cafeína. E tinha um talento inato para o dinheiro, para detetá-lo, encontrá-lo e ganhá-lo. Quanto a gastar dinheiro, Andi achava que lhe dava mais prazer do que sexo.

Estava tudo pronto.

– Põe estas travessas na ilha da cozinha, e aquelas na mesa da sala de jantar. Cuidado para não sujares o fato novo. – Por um instante, ele pareceu ter ficado petrificado com a ideia de arruinar o conjunto. – Deixa estar, eu faço isso. – Agarrou duas travessas e levou-as para a sala de jantar, depois voltou para vir buscar mais. – Tu trazes os guardanapos e os copos. As garrafas também.

– Sim senhora – respondeu Craig, a calcorrear o chão de madeira com o que pareciam sapatos novos, com um pouco de salto. Estava deslumbrante. Mais alto, cheio de autoconfiança, radiante. Quando sorria, era irresistível.

Ao passar, Andi olhou lá para fora, pela janela da sala, e reparou num jovem, vestido com uma jaqueta branca, a passar o tempo no início do caminho de acesso.

– Craig, quem é aquele?

– É o nosso arrumador de carros para esta noite. – Riu-se, provavelmente quando se deu conta da boca escancarada de Andi e dos seus olhos esbugalhados. – É o filho do vizinho do lado. Não nos vai custar um centavo. Apenas as gorjetas e o que sobrar, se sobrar, para ele levar para casa.

– O quê? E perder a oportunidade de passar uma semana inteira a comer canapés? – Ela riu-se e, de passagem, acariciou-lhe o rosto. – Vou-me arranjar.

Demorou cerca de dez minutos para vestir o traje que escolhera para a ocasião, um longo vestido de cetim azul-escuro cintilante, com uma racha profunda num dos lados e um decote acentuado. Combinava maravilhosamente com os brincos azuis que Janelle lhe oferecera e, provavelmente, nenhum dos convidados iria reparar que eram de zircónio, baratos. Não é que ela se importasse se os convidados reparassem ou não; simplesmente não queria envergonhar Craig. Adorava os brincos; mantinham-na de costas direitas e a caminhar com graça e elegância. Caso contrário, balançavam como chocalhos nas mãos de uma criança.

Chamou-o, da porta do quarto, enquanto segurava dois pares de sapatos, um em cada mão.

– Quais?

– Os saltos, Andi – disse ele, a sorrir. – Saltos, sempre.

Naqueles saltos ela ficava alguns centímetros mais alta do que ele e a outra opção eram uns sapatos rasos, mas não parecia que isso o incomodasse. Sorridente, calçou os saltos e pôs-se de pé. Havia qualquer coisa nos saltos altos, na forma como faziam uma mulher andar com as costas direitas, especialmente alguém

como ela, que gostava de pisar, calcar e saltitar ao caminhar. Satisfeita com o reflexo que lhe sorria do espelho, retocou o batom e regressou à cozinha.

Ele assobiou quando a viu e ela fez uma vénia a brincar, enquanto o seu coração inchava. Levando a mão dela aos lábios, Craig disse-lhe:

– Falta qualquer coisa a esse conjunto fabuloso, senhora Brafford. E acho que sei exatamente o que é. Não te mexas.

Abriu a pasta e tirou uma caixa comprida, de onde extraiu uma corrente de prata com um pendente azul. Era lindíssimo, embora algo fora do comum. O pendente era quadrado, um topázio azul no centro, rodeado de pequenas safiras. A corrente era como a que um homem usaria, não fina e delicada como as das joias clássicas para mulheres, mas estar a par da moda não era uma das suas maiores qualidades. Tudo o que importava era o homem que a segurava. Com gritos de alegria, pôs os braços à volta do seu pescoço e beijou-o até perder o fôlego.

Apertou-lhe o colar e ela tocou-lhe, sentindo a pedra central nas pontas dos dedos; depois, correu para a casa de banho. Craig ficou ao seu lado, na imagem refletida, a sorrir de orgulho. A cor do pendente combinava na perfeição com os seus brincos.

– Obrigada – sussurrou. – Não estava à espera.

O seu sorriso ficou ainda maior.

– Ainda bem que gostas.

– E... hum... foi muito caro? As pedras são verdadeiras?

– O que é que achas? – Olhou-a, da cabeça aos pés, e assobiou. – Senhora Brafford, pareces um sonho.

O som de um carro na entrada chamou-lhes a atenção.

– Vamos pôr o nosso melhor sorriso – disse ele, topando o *Cadillac Escalade* branco. – É o Donati. Mesmo na hora certa.

Andi caminhou em direção à entrada, pronta para cumprimentar o convidado e a sua deslumbrante esposa.

– Já agora, o Jude também vem?

– Nah – respondeu ele, falando baixinho, num sussurro, talvez porque Donati já os conseguisse ouvir. – Já tem festas de negócios que cheguem para uma vida inteira.

Através do vidro gravado da porta de entrada, Andi viu o rapaz ficar com as chaves do carro de Donati e suspirou. A maldita festa começara, finalmente.

Procurador Distrital Buscher: No momento da detenção, já tinha liderado as buscas na residência?

Inspetora Barbara Otwell: Sim.

Procurador Distrital Buscher: O que é que encontrou?

Inspetora Barbara Otwell: Encontraram-se vestígios de sangue numa das cadeiras da cozinha. Identificaram-se ainda alguns resíduos de sangue nas juntas dos ladrilhos debaixo da mesa, danificados pelo uso de lixívia, mas ainda válidos, do ponto de vista forense. A cortina de duche da casa de

banho principal estava desaparecida, mas era evidente que tinha sido rasgada. Uma pequena parte ainda se encontrava presa nas argolas. De acordo com a minha experiência profissional, as cortinas de duche costumam ser utilizadas como forma de destruição de provas, tais como a eliminação de cadáveres.

Procurador Distrital Buscher: A cortina de duche foi recuperada?

Inspetora Barbara Otwell: Sim. Foi encontrada no aterro, manchada de sangue. A parte recuperada correspondia perfeitamente com a peça ainda presa nas argolas.

Atear Incêndios

Craig tinha vontade de dançar.

Assim que fechou a porta, depois do último convidado sair, agarrou nas mãos de Andi e começou a dançar ao som de uma música na sua cabeça, uma valsa que cantarolou ao ouvido dela, cada vez mais alto.

– Lá rá rá lá lá, pan pan, pan pan – cantou ele, rodopiando com ela nos seus braços, até desatarem a rir.

– Oh, para, por favor – disse Andi, depois afastou-se e descalçou os sapatos. – Estou estafada.

Foi descalça até à sala de estar e depois afundou-se num cadeirão.

Bateram à porta, chamando-lhes a atenção. Era o filho do vizinho.

– Senhor Brafford? Já se foram todos embora – disse o jovem, deixando-se ficar. Provavelmente queria mais algum dinheiro. Toda a gente queria.

Craig sentia-se generoso. A noite tinha sido um sucesso retumbante. Sacou uma nota de cem dólares da carteira e deu-lha, com uma palmadinha no ombro.

– Obrigado, miúdo.

O rapaz sorriu.

– Sempre às ordens.

Trancou a porta depois de ele sair e encostou-se a Andi, a recuperar o fôlego. Fora uma festa deslumbrante.

Donati chegou primeiro. Um homem de palavra, entregou-lhe imediatamente um envelope amarelo, bem espesso. Tinha tido a graciosidade de arredondar, generosamente, a sua comissão extra em dinheiro, e não oficial, de catorze para vinte mil. Ainda lhe estava a agradecer quando o seu chefe chegou com a esposa, Holly.

Era exatamente como Craig imaginara que a mulher daquele dinossauro seria. Demasiado bronzeada, loira, de cabelos curtos, com um penteado complicado,

pulverizado de laca para ficar bem firme no lugar, a esposa do chefe tinha um sorriso permanente e uma aura de sabichona e metediga a irradiar de todos os poros. Porém, foi simpática quando falou com ele. Disse as coisas certas nas alturas certas e elogiou-o, desde logo, pela casa e pela aparência de Andi, muito embora, quando mencionou a casa, tenha lançado um olhar inquisitivo, impregnado de desdém, a Jeremy Hughes. Mais tarde, perguntar-lhe-ia, talvez, como é que um dos seus jovens *minions* conseguira comprar uma propriedade que, possivelmente, valeria mais do que a deles. Coitado do dinossauro sem tomates. Ao ver os olhares de relance de Holly Hughes e a mandíbula cerrada do seu marido, veio-lhe uma ideia à cabeça.

Enquanto Andi acompanhava Donati e a sua esposa, Martine, até à sala de estar, Craig fora ao seu escritório e tirara o envelope do bolso. Guardara a maior parte do dinheiro e deixara dois mil e quinhentos dólares no envelope, tornara a pô-lo no bolso e fora ao encontro do seu chefe.

Encontrou-o com um copo de vinho na mão e a conversar com Andi, casualmente. Através da janela da sala de estar, viu outro carro a chegar. Era Truman Haskett, um magnata da indústria local, e o seu par, demasiado jovem para saber se era a mulher ou a filha. Com pressa, chamou Hughes à parte, longe de olhares curiosos e ouvidos indiscretos.

Nesse momento, entregou-lhe o envelope.

– Senhor Hughes, isto é para si.

– O que é isto? – O seu murmúrio não era nada senão hostil.

– A sua metade do bónus extra não oficial que recebi do Donati.

Incrédulo, o chefe abriu o envelope e assobiou baixinho. A sua expressão sisuda desvaneceu-se, mas não desapareceu por completo.

– Tudo o que eu conseguir lucrar, nós dividimos – acrescentou Craig. – Quer dizer, se estiver interessado.

Aquela meia dúzia de palavras apagou o resto da expressão sisuda do homem. Hughes sorriu e deu-lhe uma palmada no ombro.

– Tu tens jeito, Brafford, isso é garantido. Agora, vai lá apanhar o peixe graúdo. – De seguida, dirigiu-se a Donati, enquanto Craig ficou sem ar, com medo do que Hughes poderia dizer. – Ouvi dizer que ficou muito satisfeito aqui com o meu rapaz – disse ele, erguendo o copo.

Sendo um cavalheiro, Donati também ergueu o seu copo, ao mesmo tempo que olhava para Craig com uma expressão divertida, mas também compreensiva. O comentário do seu chefe fora embaraçoso, mas somente para ele próprio, não para Craig, e, definitivamente, não para Donati.

– Sim, bastante. O senhor Brafford tem o requinte que procuro no agente imobiliário com quem vou lidar daqui em diante. Não quero mais ninguém.

Felizmente que, posto na ordem, Hughes calou-se, envergando um sorriso educado durante a infinidade de tempo que passou até se afastar. Depois redimiuse, de algum modo, ao apresentar-se a todos os convidados e revelando o sucesso de Craig por ter vendido a casa de Donati por um valor bem acima do preço de mercado. As pessoas estavam mais predispostas a ouvi-lo da boca de um terceiro

do que diretamente da dele.

Isto quando os homens não estavam entretidos a despir a sua mulher com os olhos. Sempre que ela deambulava pela sala, com uma travessa de canapés ou com flutes de champanhe perfeitamente geladas, os convidados paravam de falar e ficavam a admirá-la. As esposas, especialmente as jovens mulheres-troféu, ficavam roídas de inveja, lançando-lhe olhares fulminantes, que a sua bela e brilhante esposa ignorava, educadamente.

Para ele, os homens eram claros como a água. Craig já estivera no seu lugar, de olho numa beldade qualquer com pernas compridas, incapaz de tirar os olhos de cima daquelas curvas, enquanto a visão daquele corpo voluptuoso o incendiava e dava asas à imaginação, deixando-o a pensar sobre de que cor seria a sua roupa interior, se era rendada ou de seda, qual o seu cheiro, como ela estremeceria se ele tocasse no seu corpo escaldante.

Andi sorriu e piscou-lhe o olho ao levar uma travessa vazia para a cozinha. A festa estava a correr bem; tinha vindo toda a gente, a conversa estava animada e a comida era um sucesso, o que não era um feito pequeno quando o grupo era composto por indivíduos ricos e mimados que já tinham tudo. Ainda que relutantemente, ela estava a tornar-se a sua parceira. Se calhar era preciso sentir o sabor das recompensas do seu trabalho antes de apreciar, verdadeiramente, entreter este tipo de gente, antes de ser capaz de olhar para eles e ver o que eram na realidade, nada mais que uma oportunidade.

Até lá, tinha de a levar às compras, à procura de um vestido de *cocktail* novo. Algo mais curto, com um decote mais cavado, sem costas, talvez. Jamais, em tempo algum desde que há dinheiro, uma pele como a dela fez algum mal, a não ser que estivesse coberta com camadas de tecido a mais.

No entanto, tinha de dar atenção às esposas dos outros. Podiam tornar-se um problema, com ciúmes da aparência dela, a não ser que Craig lhes tornasse a noite memorável. O elogio certo, um olhar longo e profundo, um toque, casual, num ombro nu, o suficiente para atear o seu fogo interior; não era preciso mais para as pôr a sorrir. A maioria estava sedenta de atenção e afeto, casadas com homens viciados em poder, sempre ocupados e sempre longe de casa.

Começou a sua ronda por Martine Donati, uma morena de cabelos longos e sedosos, com pele cor de caramelo. Ofereceu-lhe uma nova flute de champanhe e tirou-lhe a vazia da mão, sorrindo, de olhos fixos, primeiro nos seus lábios, depois um pouco mais abaixo. Conversaram, brevemente, sobre a casa que acabara de ser vendida e, em seguida, sobre a sua futura casa, uma enorme mansão com quinhentos e cinquenta metros quadrados situada em oito mil metros quadrados de terreno que ainda estava a ser construída, sob encomenda.

Donati aproximou-se e pôs as suas mãos nos ombros dela, possessivo, puxando-a para perto de si. Craig continuou a conversa, calmamente.

– Ofereci-lhe a oportunidade de vir trabalhar para mim assim que a casa fosse vendida – disse Donati, falando baixinho, como se fosse só para ela ouvir. – O que achas?

– Tu é que sabes, Sol – respondeu ela, sem tirar os olhos de Craig e a morder o

lábio, num gesto rápido, como um rastilho. Ela lembrar-se-ia dele durante algum tempo.

– Mais uma vez, sinto-me muito honrado pela sua oferta – disse Craig, virando a atenção para Donati.

– Mas?

Nenhum salário, por mais generoso que fosse, justificaria abdicar do futuro que ele e Jude haviam planeado. Seria encafuado num escritório, forçado a envolver-se em procedimentos fastidiosos, só para conseguir sobreviver, dia após dia, sem o apunhalarem pelas costas por minudências. Já Donati era um homem demasiado poderoso para o antagonizar. Ele já viera duas vezes às suas festas, apoiando-o sempre. Se não fosse o seu apoio, naquela noite Craig e Andi estariam os dois em casa, sozinhos, a dar voltas à cabeça para saber como iam pagar a próxima prestação. A verdade era o melhor remédio.

– Posso ser completamente honesto?

– Nem aceitava que fosse de outra forma. – Encorajou-o, com um gesto e o esboço de um sorriso.

– A minha paixão é o imobiliário. O meu sonho é ter o meu próprio negócio, daqui a uns anos, quando tiver reunido algum capital. – Era impossível saber o que Donati estava a pensar, mas havia uma faísca de interesse no seu olhar de aço. De interesse e não de raiva. – Espero não o estar a desiludir, mas acredito que uma pessoa não consegue ser verdadeiramente bem-sucedida se não for atrás da sua paixão.

A expressão de Donati abriu-se num sorriso.

– Foi o que fiz há trinta anos. Os navios são para mim o que o imobiliário é para si.

– Exatamente. – A voz dele estava carregada de emoção. Tinha encontrado mais do que um patrocinador; encontrara uma alma gémea. – Olho para uma casa e vejo uma história à espera de acontecer, uma família a começar a escrever uma nova página da sua vida. Vejo sonhos prestes a realizarem-se, para o vendedor e para o comprador. Como se eu pudesse ajudar a moldar o futuro dessas pessoas.

Donati ergueu o seu copo.

– Quando estiver pronto para angariar capital para o seu futuro negócio, dê-me uma apitadela. – Este último comentário prendeu a atenção de Truman Haskett, que tirou as medidas a Craig como se nunca o tivesse visto antes e cofiou o seu bigode branco e aparado, depois alisou-o. O fogo estava a alastrar-se.

Craig agradeceu-lhe com um aceno e, de seguida, com um brinde.

– A si e aos seus.

– E a ti, meu rapaz.

A próxima paragem foi com a senhora Hughes, que matraqueou incessantemente, cerca de dez minutos, sobre a mobília da casa, o que achava que ficaria melhor do que aquilo que eles tinham. Falou sem parar sobre a cama no meio da sala, sobre a cor dos cortinados. Felizmente, Andi salvou-o quando ele já estava prestes a enlouquecer, desculpando-se e dizendo que a sua presença era necessária na cozinha.

Pouco depois, Craig continuou a sua ronda com Gemma Haskett e, em seguida, voltou-se para o próximo convidado, Bill Parsons, um tipo com uma empresa média de refinação de petróleo, cuja esposa, pálida, estava a tornar-se uma estátua ao pé da janela.

Os seus convidados demoraram-se e deixaram-se ficar até mais tarde do que era habitual em coisas deste género.

Hughes trabalhou no duro pelos dois mil e quinhentos que ele lhe pagara, sem saber que os papéis se tinham invertido num instante e que era ele quem agora trabalhava para Craig, em tudo menos no papel. Tinha-se esforçado tão aguerridamente como ele, a entreter e a criar ambiente. Craig pensara que Hughes era um cão que já não tinha instinto de caça. Afinal, dependia de quem segurava a trela.

Hughes e a sua mulher foram os últimos a sair. Agradeceu pela excelente noite; enquanto o fazia, dava palmadinhas no bolso de dentro do casaco, onde Craig o vira guardar o envelope.

Ele sorriu graciosamente e respondeu:

– É sempre um prazer. Fico feliz por tê-lo do meu lado. Algo me diz que, juntos, vamos fazer coisas maravilhosas.

A centelha da ganância cintilava nos seus olhos.

– Sim, vamos. Pode contar com isso. – Humedeceu os lábios e acendeu um belo charuto cubano, antes de sair pela porta.

Bomba

Por entre o silêncio que ficara após a saída dos últimos convidados, Craig descalçou os sapatos, saboreando a sensação de frio do piso em mármore da entrada sob os seus pés. Depois, o seu casaco encontrou um cabide no armário mais próximo e a gravata saiu a seguir. Desabotoou os dois botões de cima da camisa, foi ter com Andi à sala de estar e sentou-se no braço do cadeirão em que ela se encontrava sentada, deslizando-lhe os dedos pelo braço nu, para cima e para baixo.

– Obrigado – sussurrou. As vozes que encheram a casa com conversas animadas ainda lhe ressoavam na mente. – Agora, temos tempo para nós. – Inclinou-se para a beijar, mas ela afastou-se. – O que se passa?

Andi mostrou-lhe o telemóvel, que tinha entre as mãos.

– Desta vez rejeitaram-me por *e-mail* e foi em menos de um dia.

Ah, outra vez aquela parvoíce dos empregos. Ela era irredutível quando punha alguma coisa na cabeça. Seria ótimo quando Craig conseguisse que se concentrasse nas coisas certas.

– Sinto muito, Ands – murmurou, perto do seu ouvido. A mentira fluía facilmente; dissera-a tantas vezes antes que já saía naturalmente, escapando-se dos seus lábios com a quantidade exata de falsa empatia. – Deixa-me fazer alguns telefonemas. Tu viste estas pessoas aqui, esta noite. Achas que alguma hesitaria em contratar-te?

Ela abanou a cabeça, ainda a evitar o olhar dele.

– Não. Tenho de ser eu a fazê-lo, Craig, sozinha. Tenho de provar a mim própria que sou capaz.

– Está bem – respondeu ele, aliviado. Não estava à espera de que ela aceitasse a sua oferta. Era demasiado orgulhosa e independente para tal. Se tivesse aceitado, ele estaria perante um verdadeiro dilema. Porque é que haveria de ajudá-la a ir trabalhar para outra pessoa quando precisava que ela fizesse equipa consigo e com

Jude? Mas uma promessa teria sido uma promessa. Ele teria feito aqueles telefonemas. Ainda bem que ela continuava a ser a sua leal e previsível mulher.

– Diz-me lá, não há mulheres empreendedoras nesse teu mundo? Só convidaste homens.

– Não quero deixar a minha mulher ciumenta – respondeu ele, rapidamente, com um beijo na bochecha.

Ela sorriu e encostou-se no confortável cadeirão. Estava a começar a relaxar.

– Não ficaria ciumenta. Eu iria entender.

– Quer isso dizer, senhora Brafford, que já não me amas? – Deixou-se escorregar pelo braço do cadeirão e agachou-se aos seus pés.

– Não seas ridículo – retorquiu Andi. A sua voz soou fria, tensa, mas ela despenteou-lhe o cabelo com os dedos, antes de voltar a pôr as mãos no colo. – Estava a pensar que se calhar é por isso que não estou a conseguir os empregos. Talvez tenha o género errado.

– Nos dias que correm? Não acho que seja isso.

– Então é o quê? – Fez uma careta, como se a bília lhe tivesse subido à garganta. Tossiu baixinho, tapando a boca com a mão.

– Então... Não sei. Só sei o quanto preciso de ti ao meu lado. Não gostarias de trabalhar comigo? – Os ombros de Andi arquearam-se e ela obrigou-se a respirar, inspirando fundo. – O que se passa?

– Nada... Talvez tenha comido demasiada *mousse* de salmão.

– Ou demasiado champanhe?

– Eu não bebi... – começou ela a dizer, mas depois cobriu a boca com a mão e pôs-se de pé, num salto. Um segundo depois estava a vomitar no lava-loiça.

Craig correu atrás dela, com um arrepio na espinha.

– O que se passa?

Andi pôs a mão no ar por um instante, depois lavou a boca com água fresca. A seguir, foi buscar uma garrafa de água com gás ao frigorífico e tirou-lhe a tampa. Finalmente, depois de alguns goles, olhou para ele.

– Lembras-te do dia em que me mostraste a casa pela primeira vez? – Sorriu, um sorriso fraco e cansado, mas o seu olhar fixou-se na ilha da cozinha, onde haviam feito amor naquele dia.

– É claro que me lembro – disse ele, desabotoando a camisa lentamente. Mas não era desejo o que via nos seus olhos. Era outra coisa, um calmo entusiasmo, que o arrepiou de alto a baixo.

Ela pôs a mão na barriga.

– Fiquei grávida naquele dia. – O sorriso dela expandiu-se enquanto o mundo dele colapsou. – Tenho a certeza de que foi naquele dia.

Oh, Andi, tinhas de estragar tudo, não tinhas? Os seus pensamentos andavam à roda, furiosamente, vertiginosos, nauseantes. Agarrou-se ao balcão.

– Estás gr... grávida? – gaguejou, com a boca seca, um aperto na garganta. Imagens de pesadelo invadiram a sua imaginação. Um miúdo, a berrar todas as noites enquanto ele não pregava olho. A sua linda Andi com o corpo deformado por causa da gravidez, contente em satisfazer todos os caprichos do pequeno

invasor, em vez de conquistar o mundo consigo. Não podia ser verdade. – Tens a certeza?

O sorriso dela esmoreceu, substituído por uma expressão de preocupação e desilusão.

– Sim, tenho a certeza. – Os seus olhos à beira das lágrimas. – Não estás contente?

Craig pôs os braços à volta dela e abraçou-a com força, feliz por poder esconder o seu olhar.

– Apenas um pouco surpreendido, nada mais – conseguiu dizer. – Pensei que decidiríamos esse passo em conjunto. – Engoliu em seco. – Tu sabes, quando estivéssemos melhor, financeiramente.

Andi afastou-se.

– Vou arranjar um emprego, vais ver. Não será assim tão difícil. – Acariciou novamente a barriga. – Tenho a certeza de que seremos ótimos pais.

Atordoado, Craig deu alguns passos atrás, a precisar de uma bebida das fortes desesperadamente. Dirigiu-se até à cozinha, abriu uma garrafa de *Black Label* e serviu-se de uma boa quantidade de *whisky* com umas quantas pedras de gelo num copo de cristal cinzelado. Depois, bebeu-o de um trago, sem dar tempo que refrescasse. Queimou-lhe a garganta e espalhou calor pelas suas veias. Quando regressou à sala, encontrou-a de pé, imóvel, os seus olhos marejados de lágrimas. Estava a mexer no pendente que ainda tinha colocado, os seus olhos absortos, a fixar o vazio. Ele agarrou-lhe as mãos e levou-as aos lábios.

– Se é isto que queres, sou todo a favor. Apenas pensei que teríamos um pouco mais de tempo só para nós, é tudo. Podíamos fazer tanta coisa nesta vida.

Ela não reagia a nada. Nem ao seu toque, nem às suas palavras. Craig abraçou-a novamente, a baloiçar para cá e para lá, como fazia quando ela estava transtornada.

Passado algum tempo, Andi afastou-se e perguntou-lhe, a olhar para o chão:

– Quais são os teus planos para amanhã?

Talvez o pior já tivesse passado; tinham voltado a falar de coisas práticas. Aliviado, respirou tranquilamente e disse:

– Amanhã vou estar ocupado o dia todo. Tenho de ligar a toda a gente, enquanto eles ainda se lembram dos teus maravilhosos canapés. Depois, começamos a desenhar a próxima lista. – Pôs as mãos na sua cintura e aproximou-a de si. Ela não resistiu, mas a chama não estava lá.

– Que próxima lista?

– Para a próxima festa. – Gemeu baixinho. – Falámos acerca disso, lembraste-te? É assim que se continua a angariar imóveis em exclusividade. Sabes quanto dinheiro é que ganhámos hoje, com o tal bónus extra do Donati de que te falei? – Ela acenou que não. – Dez mil dólares. Em dinheiro e livre de impostos.

Andi olhou-o diretamente nos olhos.

– Parabéns, Craig. Sei que trabalhaste no duro para o conseguires.

– Fomos nós que o conseguimos, Andi. Tu e eu. Ganhaste mais a ajudar-me do que ganharias num mês de trabalho desolador num banco qualquer.

– E constituir uma família, Craig? Isso está na tua lista de prioridades? Estará, alguma vez? – Havia lágrimas na sua voz e mais qualquer coisa, um vislumbre de uma vontade de aço, que revestia a sua essência.

– Tudo o que quiseses, meu amor. – Encolheu os ombros e começou a andar de um lado para o outro, devagar. – Não sei quantas vezes é que vou ter de repetir isto. Se não gostas das festas, não fazemos mais nenhuma. Mas seria um enorme desperdício de oportunidades e de dinheiro. Se queres ter filhos, por mim tudo bem, desde que sejam meus – brincou. Os lábios dela tremiam. – Estou a brincar – acrescentou ele, rapidamente. – Mas também é a verdade. Seja qual for a vida que decidas que devemos ter, não te quero perder. – Aproximou-se dela devagar, a olhá-la nos olhos intensamente, apaixonadamente. Depois, plantou um beijo no seu pescoço.

Ela manteve-se firme, impassível. Inflexível. Que mais era preciso fazer? Pôr-se de joelhos e implorar? Um passo em falso e podia sair porta fora, e ele ficaria com uma pensão de alimentos incomportável e um divórcio que nunca conseguiria pagar. Não quando o seu salário mal dava para pagar a prestação da casa.

Mas Andi era, antes de mais, uma mulher prática.

– E tu? Quais são os teus planos para amanhã?

Ela suspirou e afastou-se, depois abraçou-se ao seu corpo esguio.

– A primeira coisa é ir ao hospital. Quero falar com os médicos do meu pai. Depois, às duas, tenho outra entrevista. – Sacudiu a cabeça, uma tristeza indescritível no olhar. – Para rececionista de uma clínica de planeamento familiar.

– Bolas, Andi, mas já não tens nenhum amor-próprio? Onde é que vais traçar um limite e dizer «chega, daqui não passo»? – Craig nunca gritara com ela, pelo menos não que se lembrasse. Caramba, o que seria que a impedia de trabalhar com ele, de fazer o que o marido queria que ela fizesse? Era o seu ego? Porque ambição não era, definitivamente.

– Pelo visto, não – respondeu, calmamente. – Sonho, secretamente, em trabalhar até conseguir um emprego na área da Biologia, de me sustentar até terminar o doutoramento. Talvez seja por essa razão que os laboratórios não me aceitam. – Aproximou-se dele

e encarou-o. – Passo o tempo a perguntar-me porque é que ninguém me quer a trabalhar para si. Porque é que passei quase toda a minha vida a estudar para algo que não tem qualquer valor no mercado? – Inspirou abruptamente. – E então, pergunto-me se o problema sou eu. Sou pior do que todas as pessoas que conheço e têm um trabalho? Sou assim tão má? Afinal, sirvo para quê?

– Oh, Andi – sussurrou. – Sinto muito. Tenho a certeza de que nós conseguimos encontrar pessoas que adorariam ter-te...

– Nós não, Craig. Eu. Tenho de consegui-lo sozinha. Não posso ser aquela pessoa que só conseguiu um trabalho porque era a mulher do agente imobiliário preferido do patrão. Não posso ser essa pessoa, entendes? – As lágrimas corriam cara abaixo e soluços silenciosos cortavam a respiração, mas isso não a fez parar. – Por isso é que, quando descobri que estava grávida, pensei: finalmente, algo para me dar um propósito nesta vida. Algo importante. Ainda posso fazer a diferença.

– Fungou e pegou num lenço de papel para limpar as lágrimas. – Desculpa por atrapalhar os teus planos com esta gravidez, mas este bebé é tudo o que tenho.

Ele engoliu um longo e detalhado rol de impropérios. Porquê agora? Porque é que isto lhe estava a acontecer? Era suposto ela estar a tomar a pílula, raios a partam. Simplesmente, não podia confiar na mulher... Andi tramara-o. Matara, efetivamente, cada um dos seus sonhos, deixando um rastro de terra queimada sem sequer saber.

Devagarinho, esticou a mão e passou os dedos pelo seu rosto, limpando-lhe uma lágrima.

– Não reagi da melhor maneira, mas ficarei feliz em ter todos os filhos que quiseres. – Levantou-lhe a cabeça, com dois dedos no queixo. – Juro. – Talvez ainda fizessem vasectomias. Talvez estivesse coberto pelo seguro.

Ela sorriu timidamente, a olhar para Craig, que era um borrão por causa das lágrimas.

– Estás a falar a sério?

Crise evitada. Beijou-a nos lábios, vagarosamente.

– Absolutamente.

Andi pôs os braços à volta dele e apoiou a cabeça no seu ombro.

– Amo-te. Espero que saibas o quanto.

– Eu sei, é claro que sei – murmurou. – Contaste a mais alguém?

– Ainda não – respondeu ela, afastando-se ligeiramente. – Porquê?

– Vamos dar a notícia da maneira correta – disse ele, enquanto as engrenagens já rodavam rapidamente na sua mente inquieta. – Vamos dar uma festa. Uma verdadeira festa, para amigos e família.

Advogado de defesa Goodridge: Com base no que viu na festa a 19 de agosto, qual foi a sua opinião acerca da relação do réu com a esposa?

Jeremy Hughes: Pareciam felizes. Ela estava bem domada, se é que entende o que quero dizer. Sabia o seu lugar e fez tudo bem para ajudar o marido a ganhar dinheiro. O imobiliário é um negócio brutal.

Advogado de defesa Goodridge: Nessa noite, ela falou consigo?

Jeremy Hughes: Apenas conversa de circunstância habitual. Não estava amargurada ou algo que se pareça. Não acredite em tudo o que se diz nos meios de comunicação social. Acho que nada daquilo era verdade.

O Amanhecer em Houston

Ao amanhecer, Houston era húmida; no entanto, aquele último dia de agosto não tivera melhor momento. O céu roxo a iluminar-se com tons de laranja e dourado, os pássaros a chilrear ruidosamente, no topo das árvores, como se tivessem de se digladiar pela última minhoca no chão e o cheiro dos verdes exuberantes, orvalhados, atraíam Rebecca para o alpendre, todas as manhãs.

Normalmente, esperava que Aaron fizesse o café e se arranjasse para uma hora de jardinagem, que ele encaixava ali antes de ir para o trabalho. Naquela manhã, depois de uma noite em claro, em que passara a maior parte do tempo no sofá a ver televisão sem som enquanto a sua mente vagueava, não esperou que ele acordasse.

À primeira luz do dia, ligou a cafeteira, respirando fundo, um suspiro de alívio por aquela noite aparentemente interminável ter finalmente terminado. Alguns minutos e três *beep* abafados depois, encheu uma chávena até cima e saiu lá para fora, onde a aragem fria que persistia a despertou. A inspirar o ar fresco e fragrante da manhã, reprimiu um arrepio e sentou-se no primeiro degrau, em vez de no cadeirão de dois lugares, em vime, que preferia habitualmente.

Manteve as mãos em torno da chávena de café, inalando o vapor amargo que se desprendia do líquido negro e invadia os seus sentidos com o aroma de baunilha francesa, de causar água na boca. Contudo, por mais que tentasse, só conseguia pensar em Hunter.

A portada mosquiteira atrás dela chiou.

– Bom dia, raio de sol – disse Aaron. – A beber café sozinha?

Ela virou a cabeça e sorriu-lhe. Parecia cansado, mais do que o habitual. Olheiras carregadas sobrepunham-se debaixo dos seus olhos e as pálpebras pareciam algo inchadas. Devia ter abusado do sal, na noite anterior, ao jantar. Alimentos salgados e gordurosos eram a sua perdição, embora soubesse, melhor

que ninguém, os danos que estes causavam à saúde de uma pessoa.

– Vou-te buscar um – ofereceu-se ela.

– Já tenho – respondeu, erguendo a caneca e fazendo um brinde com a dela, como se estivessem a beber vinho. – Saúde.

Rebecca sorriu, mas aquela tristeza omnipresente não se foi embora.

– Estás a pensar no quê? – perguntou ele, ao sentar-se ao lado dela, com um gemido.

– No Hunter. – Assim que disse o nome dele, as lágrimas caíram, sem controlo. – Eu ia-o matando, Aaron.

Ele pôs o braço à volta dos seus ombros; ela chorou baixinho, encostada ao ombro dele, a extravasar toda aquela dor que não a deixava dormir.

– Tinhas as melhores intenções – disse-lhe o marido, carinhosamente. – Fizeste o que achaste que estava certo.

Ela assentiu, a lamuriar-se.

– Provoquei-lhe um ataque cardíaco, foi o que foi.

– Não... Os seus genes e as suas escolhas de estilo de vida é que lhe provocaram o ataque cardíaco. – As suas palavras de reconforto fizeram-na chorar ainda mais. – Shh... – sussurrou, apertando-lhe os ombros. – Se não tivesses sido tu, teria sido outra pessoa a dizer-lhe e teria o mesmo efeito. Talvez não ontem, nem hoje, mas no dia de amanhã, de certeza. – Ele esfregou-lhe as costas, para a aquecer. – As pessoas morrem, Becca. Toda a gente morre. Aquele ataque cardíaco já estava mais que previsto e não tem nada que ver contigo.

Ela fungou e olhou para o marido através de um mar de lágrimas.

– Já viste demasiada morte, Aaron. Ficaste imune aos seus efeitos psicológicos. És demasiado... frio acerca disso.

Ele deu uma pequena gargalhada e bebeu um gole de café.

– Já pensaste em como seria a minha vida se não encarasse a morte com frieza? Não aguentava uma semana.

– Certo – assentiu. – Continuo a achar que as ações têm consequências, e as minhas quase mataram um homem. Um grande amigo. Ele pode não recuperar e eu terei de viver com isso o resto da minha vida.

– Vamos lá analisar o que disseste, só por um instante – disse-lhe Aaron, pousando o seu café no alpendre e virando-se de frente para ela. Falou com uma voz séria e desapaixonada, como se estivesse a testemunhar num tribunal. – Vamos supor que isso é verdade e que as notícias que lhe contaste lhe causaram, de facto, um ataque cardíaco.

– OK – sussurrou Rebecca, franzindo a testa.

– Foste mais alguma coisa, além de seres a mensageira?

– Não, mas...

– Então, porque é que a responsabilidade não é, pelo menos em parte, partilhada entre ti, que és a mensageira, e quem ou o que...

– Ah, já percebi onde é que queres chegar. Mas não é disso que se trata.

– Ah, não? Então argumenta lá o teu ponto de vista. Depois, vamos dissecar o que é uma doença coronária, que outras coisas contribuem para o seu

aparecimento e como também não tens nenhuma responsabilidade sobre nenhuma delas.

– Queres dizer, tipo os antecedentes familiares? Lembro-me de ele contar que a mãe morrera de ataque cardíaco... ou fora de AVC?

– Seja como for, é uma doença cardiovascular. – Ele sorriu, e a bondade no seu olhar era comovente. – Já ganhei, mas ainda assim, só para que saibas, as doenças cardiovasculares são a principal causa de morte nos Estados Unidos. Terias de argumentar que isso também não é um fator a ter em conta e que tu és a única culpada pelo ataque cardíaco do Hunter. Ele ia adorar saber disso, diga-se de passagem. Significaria que, se ele recuperar do ataque cardíaco que *tu* provocaste, pode comer os hambúrgueres que quiser e fumar como uma chaminé, desde que não te aproximes dele ou lhe dirijas a palavra. Nunca vai morrer, porque não vais lá estar para lhe provocar a morte. Sacana com sorte.

Ela olhou para o marido, a fingir que o desafiava.

– Não te consigo ganhar, pois não?

– Não. Não quando se trata da morte e das suas inúmeras facetas. – Uma sombra perpassou-lhe o rosto, enrugando-lhe a testa. – Vejo a obra dessa sacana todo o santo dia. Não achas que a esta altura do campeonato já sei como é que ela funciona?

Rebecca ficou a olhar para ele durante um longo período, grata por tê-lo na sua vida. Há muitos anos, quando ainda era jovem, temia que a idade os afastasse, mas a cada ano que passava e a cada nova ruga na sua cara, amava-o ainda mais.

– E agora, o que fazemos acerca da Andi?

Ele encolheu os ombros, agarrou na sua caneca e deu um grande gole.

– Já disseste ao Hunter o que se está a passar. Deixa-o lidar com isso como achar melhor.

Rebecca arregalou os olhos.

– O homem está numa cama de hospital. Pelo amor de Deus, ele mal consegue respirar ou ir à casa de banho. Devíamos dizer à Andi. É como se fosse nossa filha.

Ele levantou-se e estendeu-lhe a mão. Ela aceitou-a e pôs-se de pé, a esconder uma dor aguda na lombar com uma careta momentânea.

– Sim, é como se fosse nossa filha – disse ele baixinho, numa voz contida e pensativa. – Mas o pai dela teve um ataque cardíaco. Esta outra questão, por mais chata que seja, não a deve incomodar agora, quando ela pode ter apenas mais alguns dias com o pai.

Havia uma dura realidade por detrás das suas palavras gentis.

– Hoje estás sombrio – sussurrou Rebecca, dando-se conta de que ele estava certo e que Hunter poderia deixá-los a qualquer momento. Hoje. Amanhã. Em breve. – Já viste demasiada morte – suspirou ela, enquanto afastava uma madeixa rebelde da testa do marido.

– E tu és um príncipe encantado – retorquiu Aaron, abrindo-lhe a porta. Entraram em casa, onde os pássaros não chilreavam e não batia o sol. – De armadura branca – acrescentou, enquanto ela se dirigia às janelas para abrir as persianas e deixar entrar alguma luz. – E num cavalo branco, com certeza.

Ela riu-se e olhou para o marido com ternura.

– A correr para salvar o mundo de todo o mal – continuou, no mesmo registo alegre, com uma entoação grave e séria.

Ela estacou, a mão suspensa no ar, antes de agarrar no fio do cortinado para o puxar.

– Queres dizer que fiz mal em intervir?

– Tu *não* intervieste. As tuas ações não alteraram o rumo da história. Querias saber o que se estava a passar com a tua protegida.

Às vezes, as pessoas passam uma vida inteira sem saber o que aconteceu para que fracassassem, para que perdessem qualquer oportunidade de alcançar os seus sonhos. – Beijou-a na testa. – A Andi tem sorte em ter-te na sua vida. – Agarrou as chaves do carro, parou à porta e acrescentou: – Na hora certa, podes intervir, não há mal nenhum. Mas tens de deixar que seja ela a vir ter contigo. A Andi tem de viver a sua vida e arcar com as consequências dos seus atos.

Uma promessa

Quando Andi se dirigiu ao hospital, ainda era hora de ponta. As memórias da noite anterior, misturadas com o medo pelo estado de saúde do pai, mantinham-na constantemente agitada. Ela e Craig nunca tinham discutido. Nunca haviam tido uma briga a sério. No entanto, apesar de ele se ter esforçado ao máximo por esconder os seus verdadeiros sentimentos, ela sentia que não estava entusiasmado com a sua gravidez. Craig não queria o bebé.

Se calhar precisava de se acostumar à ideia de ser pai, porque, definitivamente, não tinha pensado nisso como uma prioridade. Antes disso, havia querido estabilidade financeira, e quanto mais Andi pensava sobre o assunto, mais se apercebia de que Craig tinha razão. Por mais que tentasse, não conseguia arranjar emprego. Tinham feito um empréstimo que parecia ser inoportuno, se bem que ela nunca conseguira arrancar-lhe os detalhes.

La ficar tudo bem, disse a si mesma várias vezes, obrigando-se a acreditar um pouco mais nessa afirmação a cada repetição. Ele poderia ter desejado outra coisa e poderia estar certo acerca da necessidade de estabilidade financeira, mas ela estava grávida *agora*... e não havia nada a fazer acerca disso. No entanto, sentia-se culpada, porque parara de tomar a pílula sem pensar nas consequências. Pensara que ainda teria de esperar muito tempo antes de conseguir engravidar... Mais de três semanas, pelo menos.

A noite anterior acabara mal, quase exclusivamente por sua culpa. Emocionalmente exausta após o ataque cardíaco do pai e aquela festa interminável, triste e abalada ao ver a reação de Craig ao que esperara ser uma notícia emocionante, todo aquele dia a deixara numa pilha de nervos.

E fora-se abaixo.

Dissera coisas que ele não merecia ouvir, que emergiram de um recanto escuro, profundo e distorcido da sua mente, coisas que nem ela sabia que pensava. Aos

gritos, estridente, acusara-o de a usar, de não se importar com os seus sentimentos, com o que ela queria da vida. Magoando-o com palavras aguçadas, cortantes, até que ele saíra da sala batendo com a porta, Andi inundara-o com uma torrente de acusações. Craig nunca lhe contara acerca dos seus planos a longo prazo. Não lhe dissera que queria comprar aquela casa, e ela ainda não sabia quanto deviam. Como poderia saber que estavam com dificuldades financeiras se ele nunca compartilhava nada consigo, mas comprara um fato *Zegna* e uns sapatos *Ferragamo*? Serviço de mudanças chave na mão? O que raio tinha acontecido à ideia de pedir ajuda aos amigos e alugar uma carrinha?

Nada disso alterava o facto sério e desanimador de ela não conseguir ganhar um salário. Não era nada além de uma despesa adicional, e agora piorara a situação ao engravidar.

Pela primeira vez na sua vida de casal, Craig dormira na sala, na cama transformada num *lounge*, enquanto ela dormira no quarto de hóspedes, a chorar agarrada à almofada até se deixar dormir. Quando acordou, às sete da manhã do dia seguinte, ele já se tinha ido embora.

Encontrara o pendente azul onde o deixara na noite anterior e colocara-o, num gesto silencioso, para demonstrar quão mal se sentia por ter explodido, uma forma de o manter próximo do coração. Ligara-lhe para o telemóvel, para se desculpar, mas foi diretamente para as mensagens. Depois seguiu para o hospital, sem tomar café ou o pequeno-almoço, ansiosa por ver o pai.

Será que ainda estava vivo? Tinha visto o telemóvel inúmeras vezes durante a noite, e não tinha mensagens novas. Se tivesse acontecido alguma coisa, eles ligariam, independentemente das horas, certo?

Ao entrar no parque de estacionamento do hospital, encheu os pulmões e susteve a respiração por alguns segundos, para se acalmar. Não havia desculpa nem justificação para deixar que o pai sentisse a sua angústia. Só o iria magoar ainda mais, talvez tanto quanto dar-lhe a notícia da sua gravidez.

Uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto ao entrar no hospital em direção aos elevadores. Parecia que ninguém queria aquele bebé, mas ela sim, desesperadamente, um instinto de o proteger a todo o custo, a alimentar o seu amor pela vida a crescer dentro de si, ainda por nascer.

Correu até ao quarto trezentos e sete, mas estacou à porta, sem um pinga de sangue. A cama estava vazia; os lençóis, mudados; os monitores, desligados. A sentir-se nauseada e a desmaiar, cambaleou até ao posto das enfermeiras.

– Estou à procura do meu pai, Hunter Wilmore – disse ela à jovem que estava a percorrer uma pilha de fichas de pacientes. – Por favor, sabe onde está?

A rapariga nem levantou os olhos da papelada.

– Quinto andar, quarto quinhentos e dez, creio eu. – Por fim, lá olhou para Andi e sorriu. – São boas notícias. Já saiu dos Cuidados Intensivos.

Andi respirou fundo, ainda agarrada à bancada, para se equilibrar, com medo de a largar. Por fim, lá o fez e encontrou o caminho para os elevadores e, depois, para o quinto andar.

O pai estava acordado e a ler um jornal. Uma cânula fornecia-lhe oxigénio

pelas narinas e vários fios apareciam por debaixo da sua bata, ligados a uma das máquinas instaladas numa calha por cima da cabeceira. O dedo indicador esquerdo estava equipado com um oxímetro de pulso. O monitor acima da sua cabeça emitia um sinal silencioso, numa cadência constante, tranquilizadora.

– Pai – sussurrou, e depois correu ao seu encontro.

Ele deixou cair o jornal e abriu os braços, e Andi aninhou a cara junto ao seu peito, a ouvir-lhe o batimento cardíaco, forte, como costumava fazer quando era pequena.

– Não chores, minha querida – murmurou –, não há razões para chorar. Vou ficar bem, vais ver.

Andi limpou os olhos com os dedos e sentou-se na beira da cama.

– Pregaste-me cá um susto, pai.

– Ah, devias ter visto a cara da senhora Carson; a velhota com um arraçado de *poodle*? – Ela anuiu. Era uma das utentes da clínica veterinária que Andi conhecia bem. Já era utente da clínica desde que ela era pequenina, quando passava lá o tempo a fazer festinhas e a alimentar os animais internados. – Acho que quase teve um ataque cardíaco quando me deitei no chão e lhe pedi para ir chamar a Gabriella. – A sua voz estava fraca e sem fôlego, mas com um toque de humor. – É sempre bom uma pessoa deitar-se quando sente que estas coisas estão para acontecer, ou pode partir o cocuruto. – Deu umas pancadinhas com o dedo na cabeça e riu-se.

– OK, pai, ótimo. Vou tentar não me esquecer disso quando *eu* tiver um ataque cardíaco. – Riu-se e tocou no pendente.

– Sempre gostei desse pendente, apesar de parecer um bocado matacão – comentou ele. – Talvez o Craig tenha algum bom gosto.

Os olhos dela toldaram-se com um rápido franzir da sua expressão. Talvez o pai ainda estivesse confuso, devido a todos os medicamentos que lhe injetaram.

– Sempre gostaste? Como assim? O Craig deu-mo ontem, antes da festa.

Desta vez foi ele a franzir a testa.

– Ah, foi? – A sua voz mal se ouvia. – Então, devo estar a fazer confusão. Alguns destes medicamentos são como Alzheimer em comprimido. – Os seus lábios esboçaram um sorriso quando o franzir da testa começou a desaparecer. – Se eu fosse um cão e o meu dono – acrescentou, apontando para ela com a mão – dissesse que pareço um bocado confuso logo após ter tido um ataque cardíaco, responder-lhe-ia: «Estavas à espera do quê? Vai andar um bocado em baixo durante algum tempo. Ele precisa de repouso, caminhadas vagarosas, uma dieta pobre em gordura...»

– Ah – reagiu ela, a acenar-lhe com o dedo no ar. – Afinal, sabes o que tens de fazer.

O pai virou-se um pouco e carregou num botão para levantar a cabeceira da cama, seguramente a preparar-se para se defender dos seus próprios argumentos. A porta do quarto abriu-se e entrou um homem a usar a farda verde do hospital. Vinha sem a máscara cirúrgica posta, pendurada ao pescoço.

– Sou o doutor Pontiff, o cardiologista do seu pai – disse, estendendo a mão a

Andi.

Ela absteve-se de sorrir quando ouviu o nome, apreciando o seu aperto de mão, caloroso e confiante. Era surpreendente que os médicos ainda apertassem as mãos aos pacientes. Talvez não fosse importante para eles, porque, de qualquer maneira, desinfetavam-nas após cada interação com um doente.

– Sim, toda a gente tem a tendência de rir entredentes quando me apresento – acrescentou o médico, com algum sentido de humor no olhar. – Podem facilmente imaginar qual era a minha alcinha na escola, mas prometo que hoje não vou pontificar aqui.

– Andi Wilmore – disse ela, omitindo o seu nome de casada, sem saber bem porquê. – Sou a filha.

– Foi o que eu pensei. As parecenças estão lá. – Puxou de um banco com quatro pés e sentou-se aos pés da cama, a folhear a ficha clínica. O seu sorriso esmoreceu. Quando levantou os olhos da papelada, o olhar do médico era austero. – O seu pai sofreu um NSTEMI, ou seja, um enfarte do miocárdio sem elevação de ST. Significa que o bloqueio foi parcial, não completo. Está a ser medicado com IECA, um inibidor da enzima de conversão da angiotensina, e uma combinação de medicamentos para dissolver coágulos e de anticoagulantes, para prevenir a formação de novos coágulos. – Fez uma pausa, à espera de que ela tivesse questões, mas Andi não conseguia achar as palavras certas. – O seu pai está fora de perigo imediato. É o que consideramos em estado grave, mas estável.

– Os médicos soam sempre como um agente funerário – disse Wilmore. – Eu sei. Faço o mesmo, mas no meu caso os pacientes não entendem nada do que estou a dizer.

O cardiologista sorriu, mas o sorriso não apagou a seriedade do seu olhar.

– Sim, o senhor é veterinário. Então, vai ser-lhe fácil entender o que estou prestes a recomendar.

Ela cruzou as mãos, para não tremerem. Faltou-lhe o ar, com medo de cada palavra que estava prestes a sair da boca do homem. As piadas do pai diziam-lhe que ele também estava com medo, mas não queria demonstrá-lo. Deu-lhe a mão.

– Precisa de ficar internado numa Unidade de Cuidados Continuados, pelo menos entre três a seis meses – anunciou então o Dr. Pontiff.

– O quê? Não – reagiu ela, pondo-se de pé, mas sem soltar a mão do pai. – Não há necessidade disso. Eu posso tomar conta dele.

– Andrea – disse o Dr. Wilmore suavemente –, deixa o médico falar. Ele deve saber do que fala.

– Senhora Wilmore, o seu pai não poderá fazer nenhum esforço durante algum tempo. Vai precisar de uma enfermeira a tempo inteiro e de um médico sempre presente, no local, para poder estabilizá-lo caso aconteça alguma coisa. Entretanto, estamos a considerar vários procedimentos para acelerar a sua recuperação. Angioplastia, para alargar as artérias. Terapia com células estaminais, para ajudar o músculo danificado a recuperar mais depressa. Vão ser necessários cuidados médicos que não seria capaz de assegurar em casa. Ninguém seria capaz.

Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, mas Andi não soluçava. Era como se os

olhos transbordassem com a dor que se instalara no seu peito. Virou-se para o pai.

– Vou tomar conta de ti, prometo. Estarei aqui todos os dias e vamos superar isto. Juntos. Vais ver que sim.

– Doutor Wilmore – disse o Dr. Pontiff, depois de lhes conceder alguns momentos. – Saiba que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para que recupere a sua saúde o mais rapidamente possível. E, senhora Wilmore, o pior já passou. Com paciência e os cuidados adequados, o seu pai poderá recuperar completamente.

Ela já não conseguia manter-se concentrada. Pensamentos estranhos vieram-lhe à cabeça, observações esquisitas que não tinham ali lugar. A cor da janela e como refratava a luz do sol, em tons de azul esverdeado, nas paredes brancas. A mão quente e seca do Dr. Pontiff quando lhe deu um aperto de mão, antes de sair do quarto. O ligeiro tremeluzir da luz fluorescente no teto.

Sentou-se num dos lados da cama, a debater-se para controlar os pensamentos errantes.

– Vou levar-te para ao pé de mim – gaguejou. – Assim que te deixarem ir para casa, vens viver connosco. A casa é enorme – gracejou. – Temos bastante espaço.

– Minha doce menina – murmurou o pai, levando a mão dela aos seus lábios. Segurou-a ali, junto a si, durante algum tempo e depois fechou os seus olhos brilhantes. – Tu sabes que eu não seria bem-vindo.

– Isso não é verdade – disse ela, baixinho. – Estás enganado.

– O Craig não me iria querer lá; garanto-te. – Antes que ela pudesse insistir, o pai disse: – Precisas de me fazer outra coisa.

– Tudo o que quiseres. – Andi susteve a respiração. O pedido do seu pai soava tão... derradeiro.

– Fecha a casa. A nossa casa, quero eu dizer. Esvazia o frigorífico e manda cortar a água. Vende-a, se quiseres. Há já algum tempo que está em teu nome. A escritura está na gaveta onde guardo todos os documentos, a do meio, na minha secretária.

– O quê? Vender a nossa casa? – Tentou conter o soluçar, mas não foi capaz. – Nem penses... Tu vais recuperar... Vais voltar para casa. – Os seus ombros tremiam enquanto ela se desfazia em lágrimas amarguradas, as suas palavras transformadas em gemidos quase incompreensíveis. – Não me vais abandonar aqui, sozinha, a lidar com este mundo idiota e de doidos que não faz qualquer sentido.

– Shh, Andrea, não te vou deixar – disse ele para a acalmar, um humor forçado audível na sua voz. – Pelo menos, ainda não. Durante algum tempo, não. Até vou comer tofu ou coisa parecida se isso te fizer sentir melhor. Vou alimentar-me de comida para coelhos roubada lá da clínica. O que é que achas, hã?

Andi olhou para ele como se fosse a última vez que o pudesse ver, questionando se o pai ainda estaria ali amanhã. Seria ele capaz de cumprir o que prometeu? Quantas pessoas não haviam feito a mesma promessa, naquela mesma cama, apenas para a quebrar e ao coração dos seus entes queridos?

Tudo o que ela tinha era o presente... Aqueles preciosos momentos que ainda

lhes pertenciam.

Isso e a nova vida que crescia dentro de si eram as suas únicas certezas.

Família

Craig praguejou, a falar com os seus botões, enquanto mexia a massa, cheio de raiva, e espreitava o molho Alfredo que borbulhava no tacho. Estava quase pronto e Andi ainda não ligara nem chegara a casa. Já eram quase nove horas.

Ele pensou que talvez tivesse ido longe demais.

Desandar do quarto na noite anterior, bater com a porta, fora uma má ideia. Deixá-la a chorar a noite toda, sozinha, depois do dia complicado que tivera poderia revelar-se um erro crasso. Sim, ela tinha engravidado, raios parta... mas ainda era a sua Andi, a sua esposa perfeitamente bela e incrivelmente brilhante. A gravidez não era mais que um ligeiro inconveniente. Algumas daquelas coisas resolviam-se naturalmente, não eram nada, a não ser falsos alarmes. Mas aquilo não podia voltar a acontecer.

Logo pela manhã, deu por si hesitante, antes de agendar uma vasectomia. E se afinal, dali a vinte anos, mais ou menos, quisesse ter um filho? Alguém para continuar o negócio, talvez associar-se com os filhos de Jude, se ele os tivesse. Alguém para tomar conta de si na velhice, para lhe fazer companhia, como Andi fazia ao seu pai. Fora por isso que desligara o telefone sem chegar a agendar o procedimento. Aquelas cirurgias eram reversíveis? Haveria alguns homens por aí que tivessem procriado depois de reverterem as suas vasectomias?

Craig teria tempo para pensar nisso tudo.

Até lá, a sua mulher andava por aí, sabe-se lá onde, e não lhe falava. Isso era deprimente. Ele precisava dela ao seu lado, a porcaria do tempo todo. Dependia dela; Andi era a sua base, a sua pedra angular, a malha de aço da sua estrutura. E estava desaparecida porque ele abrira aquela sua grande boca e dissera todas as coisas erradas, quando dizer as coisas certas teria feito toda a diferença. Precisar das pessoas... Era uma chatice, não era?

A massa estava pronta, cozinhada na perfeição, *al dente*. Ele puxou o tacho para

o lado. O exaustor ainda a funcionar, não a ouviu chegar.

– Olá – disse Andi, de pé no meio da cozinha, transferindo o seu peso de uma perna para a outra. Estava a mexer, nervosamente, no pendente que ele lhe dera, atirando-lhe olhares arrependidos, à mesa posta, ao fogão.

Estava a usar o pendente. Isso era bom sinal.

– Oh, meu amor, desculpa-me – disse ele, largando tudo e correndo ao seu encontro. Prendeu-a nos seus braços e beijou-a, faminto, possessivamente. Adoraria arrancar-lhe a roupa do seu corpo provocante e possuí-la logo ali, no chão da cozinha, até que ela se esquecesse de tudo e de todos além dele.

Andi reagiu apaixonadamente, a segredar-lhe coisas que Craig não compreendia.

– Estava tão preocupado – disse-lhe ele ao ouvido. – Não me voltes a fazer isto.

– Fui ao hospital – respondeu, afastando-se delicadamente. – Ver o meu pai.

Craig franziu a testa.

– Foi o que eu pensei. Como é que ele está?

Ela puxou uma cadeira e sentou-se à mesa. Craig tinha-se esmerado naquela noite. A mesa estava posta com uma toalha de tecido de damasco branca, velas brancas prontas a acender e os mais finos pratos, copos e talheres. Contudo, parecia que Andi nem se dava conta. Pelo visto, para ela era igual se comesse peixe frito na praia, num prato de papel, a lamber os dedos gordurosos depois de cada bocado.

– Está em muito mau estado. Vai precisar de assistência, cirurgias, procedimentos. – Limpou os olhos num gesto rápido. Estivera a chorar por muito mais tempo do que os escassos minutos que tinham tido juntos desde que ela chegara a casa. Os seus olhos estavam vermelhos e inchados.

Ele apagou o fogão e mudou o tacho de sítio, para repousar. Virou-se na sua direção e congelou no sítio por breves instantes, a sentir uma onda de raiva a queimá-lo por dentro. Os sapatos de Andi tinham areia. Poderia ter estado no hospital durante algum tempo, mas não fora o único sítio onde estivera, enquanto ele enlouquecia de preocupação, a telefonar-lhe incessantemente, para ouvir apenas o *voice mail*.

Sempre que ela tinha de tomar uma decisão difícil ou queria fugir de algo, Andi virava-se para o Golfo do México, como a maior parte das pessoas recorre aos seus amigos e familiares à procura de respostas, apoio e conselhos. Ficava a ver o mar, durante horas, praticamente imóvel, e isso, de certa forma, recarregava as suas baterias, como se o oceano fosse a fonte do seu combustível. Desde o casamento, ela não estivera lá sem ele.

Até agora.

A noite passada, tinha ido longe demais.

Uma coisa era certa, não iria repetir os erros da noite anterior. Aquela sua grande boca iria manter-se fechada, a não ser que ela tivesse as palavras perfeitas alinhadas, prontas a servir, acompanhadas do tom e linguagem corporal apropriados.

Craig abriu o frigorífico, tirou uma das melhores garrafas de vinho e agarrou

no saca-rolhas no caminho de volta para a mesa. Com alguns movimentos eficientes, sacou a rolha com um estalido ruidoso e, de seguida, despejou um pouco de *bordeaux* em dois copos. Ficou de pé, com um copo na mão e pedindo que lhe fizesse companhia a beber um pouco de vinho.

– Aconteça o que acontecer, tudo o que seja preciso para o ajudar, estou aqui para ti. – Encostou o seu copo ao dela, num brinde. Andi agarrou o copo com os seus dedos pálidos e trémulos, mas mal provou o vinho antes de voltar a pousá-lo na mesa. Continuava a olhar para baixo, como se o chão da cozinha fosse bem mais interessante do que ele.

O que é que estava a esconder?

– Tens areia nos sapatos – disse ele, mantendo um tom descontraído.

Andi olhou logo para o marido, com um olhar arrependido.

– Mandaram-me embora do hospital às sete. Eu... eu quis ir ver o mar.

Ele conseguiu simular um sorriso encorajador.

– E então? Conseguiu ver o pôr do sol?

Um compasso de espera.

– Sim, consegui. E algumas tartarugas-bebé, também. – Um ténue sorriso apareceu nos seus lábios.

– Tartarugas-bebé? – A voz dele arranhava, o tom um pouco mais alto do que gostaria. Fora por causa disso que estivera a dar em doido com a preocupação? Por causa de tartarugas-bebé?

– É a época de eclosão das tartarugas marinhas. – Ela riu-se baixinho, enquanto uma lágrima rebelde escapava rosto abaixo. – Queria ouvir as ondas, ver o pôr do sol, os pássaros... Sabes, esta é toda a Biologia Marinha que tenho hipótese de fazer. – A sua voz estava impregnada de tristeza e pesar. – Não me ia demorar. Mas depois tive esta ideia, este pensamento mágico e irracional de que se visse uma das crias a conseguir chegar ao mar, eu iria ficar bem. O pai iria ficar bem. O nosso bebé...

Ele abraçou-a pelos ombros e Andi encostou-se a si.

– Só queria ter lá estado contigo, mais nada – disse, com doçura. – Não fazia a mínima ideia de onde estavas. Estava assustado.

– Desculpa – disse ela num murmúrio, baixando o olhar novamente. – Eu disse coisas...

– Está tudo bem. Eu entendo. – Pousou o copo vazio na mesa e foi para a bancada ralar o pormenor. – Amanhã, vou pôr-te a par das nossas finanças, ao pormenor. Prometo que vou responder a todas as tuas perguntas. – Virou-se para ela, por um instante, enquanto segurava num pedaço de queijo com dois dedos, a gesticular. – Mas só se me prometeres que não te passas.

Ela olhou logo para ele, preocupada.

– Está assim tão mau?

Craig recomeçou a ralar o queijo.

– Não, não está assim tão mau. Pensa nisto como um investimento no nosso futuro. Como em todos os negócios, no início só compramos coisas. Construímos, gastamos dinheiro e recursos. Depois, começamos a ganhar dinheiro, montes de

dinheiro. Dinheiro que nunca teríamos hipótese de ganhar se não investíssemos no início. – Acabou de ralar e pôs o ralador no lava-loiça, depois lavou as mãos. – Era por isso que não queria que visses as contas por agora. Podem parecer piores do que realmente são.

Aparentemente absorta, Andi cruzava e descruzava as mãos no colo.

– A última coisa que quero é assustar-te ou fazer-te sentir ainda pior por não teres um trabalho.

Ela anuiu, a fungar, ainda de cabeça baixa.

– Obrigada por fazeres o jantar. Cheira muitíssimo bem.

Ele sorriu abertamente.

– O teu prato favorito. Massa Alfredo com ervas e especiarias, um pouco carregado nas especiarias, mesmo como gostas. – Fez-lhe uma pequena vénia. – Mais alguma coisa que o *chef* possa preparar para si, senhora Brafford? Talvez mais um pouco de vinho?

Ela sorriu e ficou a olhar para o marido, sem dizer uma só palavra.

– Qualquer coisa? – Ele continuou ali de pé, de tacho na mão, levando o seu papel o mais a sério possível, desejando saber o que dizer ou fazer para a arrancar de onde quer que ela estivesse e trazê-la de volta para o aqui e agora, com ele e aquela massa.

Andi estendeu a mão e agarrou na dele, numa súplica silenciosa.

– O meu pai pode vir morar connosco se aquilo na Unidade de Cuidados Continuados for muito mau ou quando lhe derem alta?

Ele respirou fundo. *Bonito... Então, só ficaria a faltar o palhaço, e o circo estaria completo.*

Sem sequer pestanejar, respondeu:

– Claro que sim. Ele faz parte da família. – Serviu-se de mais um pouco de vinho e bebeu-o de uma assentada. – Para ser honesto, fico um pouco preocupado. Sei que ele não gosta muito de mim. Tenho receio do que a sua presença nos possa fazer, a nós e à nossa relação.

– Obrigada. Precisava de te ouvir dizer que ele seria bem-vindo na nossa casa. Tenho a certeza de que a sua presença não iria afetar o que nós temos. – Caiu-lhe mais uma lágrima. – Ultimamente, não tenho pensado noutra coisa a não ser na família. Nas pessoas de quem gostamos e em quão facilmente as podemos perder. Quão importantes são... Mais do que qualquer outra coisa na vida.

Ele não estava a gostar do rumo da conversa, mas ainda assim ouviu-a. Valia sempre a pena ver de onde vinha o comboio antes de atravessar a linha. Antes de entrarmos no túnel.

– Tens falado com os teus pais, ultimamente? – perguntou ela.

Craig baixou a cabeça, para ocultar a sua frustração.

– Já te disse que não nos falamos. Tivemos uma espécie de discussão.

– Eles não vieram ao casamento. Convidaste-os, como tínhamos falado?

Ele abanou a cabeça.

– Não. Há muito tempo que cada um seguiu o seu caminho.

– Mas... não sentes a falta deles?

Craig tocou-lhe nos lábios com o indicador, implorando-lhe para parar.

– É melhor assim, confia em mim. – Agarrou-lhe na mão e puxou-a até ela se pôr de pé. – Tu és tudo para mim, Ands. – Deu-lhe um beijo rápido. – Mas tresandas a hospital, e digo-te isso com todo o meu amor. Achas que consegues tomar um duche rápido, antes que a massa arrefeça?

Passados alguns minutos, quando ela voltou do duche, enrolada num roupão turco cor-de-rosa e com uns chinelos felpudos, ele já servira os pratos com *fettuccine* e molho Alfredo, parmesão ralado por cima e polvilhados com a quantidade certa de salsa, orégãos e manjeriço.

Pesquisa

Andi ficou a olhar para o ecrã, incrédula. Era tardíssimo... Já passava da hora que tinha posto no despertador do telemóvel na noite anterior. Tinha uma entrevista daí a menos de duas horas e era mesmo no centro de Houston.

Saltou da cama e correu para a casa de banho, cheia de sede, com um gosto amargo na boca. Estava um pouco tonta, fraca até, arrependendo-se imediatamente de se ter levantado à pressa do conforto da sua cama. Talvez estivesse a chocar alguma coisa.

Escovou os dentes e depois bochechou, a correr. De seguida, começou a vestir-se, escolhendo a roupa com cuidado. Já tinha qualificações a mais para a posição de apoio ao cliente para a qual ia ser entrevistada. Escusava de adicionar vestir-se bem demais à lista de potenciais objeções.

Tinha sido uma semana difícil, desde o ataque cardíaco do pai e aquela festa. A sua primeira discussão a sério com Craig já estava ultrapassada, ou, pelo menos, ela esperava que assim fosse. Ele estava mais doce que nunca, mais calmo, mais atencioso, muito embora Andi conseguisse perceber que o marido estava sob enorme pressão. Craig continuava a trabalhar muitíssimas horas, às vezes ao serão no seu escritório em casa, constantemente ao telefone, a tentar chegar à fala com pessoas influentes e apresentar-se. Ela conseguia ouvi-lo através das paredes; não era nada fácil.

Com o pai na reabilitação cardíaca – era o nome que davam àquelas instalações de cuidados para pessoas a recuperar de toda a espécie de problemas do coração –, Andi via-se sem ser capaz de passar tanto tempo com ele como gostaria. O seu cardiologista, o Dr. Pontiff, explicara-lhe claramente que os pacientes se esforçavam para se manterem acordados e parecerem mais animados sempre que os seus familiares os iam visitar quando, em bom rigor, deviam estar a descansar. Claro que ela podia ir visitá-lo todos os dias, mas apenas durante uma hora.

O mesmo médico assegurara-lhe que a recuperação do Dr. Wilmore estava a correr como previsto e que o paciente estava disposto a fazer a sua parte no processo para recuperar o mais depressa possível.

A angioplastia tinha sido realizada com sucesso, diminuindo riscos futuros. O pai estava a tomar a medicação, comia bem e descansava bem. O mais tardar, em poucos meses poderia ter alta e ser entregue aos seus cuidados.

Todos os dias, por volta das cinco da tarde, Andi ia ao centro de reabilitação cardíaca e empurrava a cadeira de rodas do pai até ao exterior, para passarem o tempo juntos a respirar ar fresco e a aproveitar o cálido pôr do sol de início do outono. Ainda não lhe dissera nada sobre a sua gravidez. Sem saber como reagiria, considerando que os seus sentimentos acerca do marido dela não se haviam alterado, achou melhor deixar passar mais algum tempo antes de lhe dar a notícia.

Craig tinha razão, como sempre, ao sugerir que esperassem mais um ou dois meses antes de fazer o anúncio aos seus amigos e família numa festinha íntima lá em casa. Até lá, talvez dessem alta ao seu pai do centro de reabilitação ou o deixassem sair só por uma tarde. Rodeado de amigos que iriam ficar realmente felizes por ela e por Craig, talvez amolecesse e a notícia não o incomodasse tanto quanto Andi temia.

Era difícil prever o que iria acontecer. Será que iria ficar horrorizado por ser filho de Craig? Ou será que a novidade enchê-lo-ia de alegria por ser o filho dela, o seu próprio neto? Será que aquela vida minúscula a crescer ali dentro se tornaria a ponte entre os dois homens mais importantes da sua vida? Ela desejava muito que sim. O seu coração partia-se sempre que pensava no cisma entre os dois.

Quase pronta, andou descalça pela casa, a apanhar os seus pertences. O pendente azul foi o último retoque na sua indumentária e ela pô-lo à pressa, mesmo antes de abrir o frigorífico para tirar uma fatia de queijo suíço para comer pelo caminho.

Uma náusea fê-la parar de repente e desatar a correr até ao lavatório da casa de banho. Os enjoos matinais tinham vindo a piorar ultimamente. Tal como ontem e no dia anterior a esse, os espasmos eram tão fortes que parecia que até o revestimento do estômago queria sair. Quando Andi finalmente acabou de vomitar, estava exausta e sem fôlego, devido ao esforço, com um gosto amargo e algo estranho na boca, embora o seu estômago estivesse vazio, com exceção de um copo de água.

Quando levantou a cabeça do lavatório, viu-se ao espelho. Estava pálida, os lábios quase sem cor, a cara magra. Nos últimos dias, tinha tido náuseas todas as manhãs, mas isso estava quase a passar. Tudo o que lera na internet dizia que o primeiro trimestre era o pior, então tudo se haveria de resolver. Bem, tudo exceto aqueles desejos ridículos de comida, tipo pickles e comida chinesa e limões.

A respirar lentamente para conter as náuseas, pensou num gomo de limão, e esse pensamento transformou-se num daqueles desejos de nos pôr a salivar por qualquer coisa amarga. Uma olhadela rápida ao telemóvel confirmou que ainda tinha tempo para aquilo que decidira fazer naquele dia.

Era altura de conhecer os pais de Craig.

No dia anterior, vasculhara os documentos pessoais dele e encontrara a sua certidão de nascimento. Os nomes dos pais eram Louise e Murray Brafford. O seu nascimento tinha sido registado num hospital em Austin. Uma pesquisa na internet devia arranjar-lhe a morada deles.

Não tão entusiasmada com a sua palidez fantasmagórica após a crise de enjoo matinal, maquilhou-se rapidamente e retocou o *lip gloss*. Voltou para a cozinha, ligou o portátil e, enquanto este iniciava, cortou um limão ao meio e começou a lamber o sumo que escorria, saboreando como a refrescava e evitava as náuseas.

Um segundo depois, jogou fora o limão, atirando-o para o lixo enquanto corria para o frigorífico. O sumo ardia-lhe no estômago, como nunca acontecera. Abriu a tampa de um iogurte e engoliu uma colher cheia. Assim que este lhe chegou ao estômago, aliviou a dor.

Mal podia esperar que o primeiro trimestre passasse.

Respirando de alívio, sentou-se e começou a sua pesquisa. Pouco depois, encontrou um Mr. Murray Brafford registado em Smithville, Texas. O sistema de navegação do seu telemóvel indicava que ficava a menos de duas horas se fosse pela I-10. Ainda pensou em enviar a morada dos Brafford do portátil para o telemóvel por mensagem, mas depois achou por bem não o fazer. Craig podia encontrar a mensagem e ficar muito zangado com ela por ir ter com os seus pais contra a sua explícita vontade. Ambos usavam aquele portátil.

Em vez disso, decorou a morada, perguntando-se porque estava a fazer algo que ele não devia saber. Andi não tinha segredos para com o marido... Este era o único. Era errado contactar os seus pais e apresentar-se? Quão mau teria sido o seu desentendimento?

Estava prestes a descobrir.

Apagou o histórico de pesquisa do *browser*, desligou o portátil e fechou a tampa.

No estranho caso de não quererem saber do filho, Craig nunca ficaria a saber da sua viagem. Coração que não vê, coração que não sente. Mas se o seu bebé pudesse ter mais avós na sua vida, Andi queria fazer a sua parte para que isso acontecesse. Os avós tornavam as boas infâncias em infâncias incríveis.

Não havia nenhuma visita agendada para aquela quinta-feira e Craig decidira trabalhar nos seus contactos. Após a festa de 19 de agosto, assinara alguns contratos de exclusividade, pondo as casas à venda através da agência, mas publicitando-as também para lá daquilo que Jeremy Hughes conhecia. Tinha posto os anúncios e pago do seu próprio bolso, dando-as a conhecer aos residentes da Califórnia e de Nova Iorque, *baby boomers* ricos que queriam gozar a reforma nalgum lugar quente ou até estrangeiros que queriam ter um poiso no país.

Funcionara. Isso aumentara o interesse, e uma das propriedades tinha uma oferta pendente, por mais quatrocentos mil acima do que o cliente quisera pedir. A sua comissão extra, por fora, era de dez por cento. Uma parte, pequenina, reverteria para o seu chefe, mas pelo menos a prestação da casa estaria assegurada durante alguns meses.

Sim, funcionara. Mas não à velocidade desejada. Poderia demorar meses, senão anos, até que outros imóveis aparecessem, a partir da *primeira dúzia*, que era o nome que dera aos que foram à festa de 19 de agosto. Precisava de mais uma dúzia, e de mais outra, além desses.

Craig largou o casaco nas costas da cadeira e arregaçou as mangas. Ainda assim, aquele gabinete estava abafado. Afrouxou a gravata e foi até à copa, para tornar a encher a chávena de café. Depois, ainda acrescentou uns quantos cubos de gelo. De regresso ao seu gabinete, sorriu e acenou a Mary com a cabeça, e reparou como o seu rosto corava.

Ele tinha esse efeito nas mulheres, não importava a idade. Talvez isso se pudesse aproveitar, de alguma maneira. E se telefonasse para as mulheres da primeira dúzia, a pedir contactos? Será que os maridos se iam importar? Ugh... provavelmente, sim. Craig sabia bem o que faria se alguém telefonasse a Andi nas suas costas.

E se pedisse alguns contactos a Donati? O homem conhecia toda a gente e estava disposto a investir no seu negócio. Talvez estivesse disposto a fazer mais. Depois, talvez os pais de Jude tivessem vontade de ajudar? Não conheciam muita gente, mas qualquer contacto era um bom contacto. Craig nunca se continha no trabalho, no esforço e na criatividade, quando estava fixado num objetivo. Porém, a única coisa que lhe faltava era paciência. Não queria levar anos e anos a fazer o seu negócio crescer. Queria que fosse como o pé de feijão mágico, de *João e o Pé de Feijão*, mas com *speeds*.

De lápis na mão, fitava uma folha em branco, que intitulara de LISTA, em maiúsculas, sublinhada duas vezes. Ainda lá não inscrevera um único nome desde que começara a fazer telefonemas, nessa manhã. Quando o telefone tocou, assustou-se e deixou cair o lápis, que rebolou pelo chão em direção à parede e só parou quando aterrou num vinco do tapete já gasto.

Não reconhecia o número.

– Fala Craig Brafford – disse ele em vez do habitual «Estou?». Gostava de ser profissional, mesmo correndo o risco de parecer um emproado. Era melhor do que parecer superficial.

– Craig, daqui fala Truman Haskett. – Aquela voz rouca era-lhe familiar. Era um dos da primeira dúzia, o magnata da indústria, com a esposa deslumbrante e demasiadamente jovem para ele.

Craig sorriu. O número três da dúzia deveria ter uma casa para comprar ou para vender.

– Senhor Haskett, como está? É um gosto falar consigo. Em que posso ajudá-lo?

Um nada de silêncio e a testa dele começou a suar. Aquilo não estava a começar bem.

– Estou com um ligeiro problema de fluxo de caixa – disse Haskett, depois de um longo suspiro de frustração. Falava em voz baixa, abafada, como se quisesse manter a conversa em segredo do seu lado. – Preciso de despachar uma propriedade minha, a correr, se é que me entende.

Craig voltou a sorrir.

– Quão rapidamente gostaria que a propriedade se vendesse?

– De preferência, até amanhã.

– Ah – disse ele, enquanto apanhava o seu lápis favorito do chão.

– Tenho uma ótima oportunidade de investir em algumas matérias-primas e ganhar vantagem no mercado, mas preciso de avançar já.

– Compreendo. Terei todo o gosto em ajudá-lo. Qual é a morada? Vamos começar por aí.

– Fica em Memorial Villages, mesmo à saída da Taylorcrest Road. Um excelente bairro, com ótimas escolas. Trezentos e setenta metros quadrados de uma casa de primeira, totalmente contemporânea, com todos os extras de que se possa lembrar, porque eu e a minha mulher não olhámos a despesas.

Ele odiava quando os clientes lhe tentavam vender as casas. Era uma perda de tempo. Só precisava de uma morada. Depois vinha o historial do imóvel, por

quanto havia sido comprado e tudo o mais que precisava de saber.

– Fantástico. Vai ajudar a vendê-la mais depressa. – Hesitante, decidiu não tornar a perguntar pela morada, mas tentou descobri-la de outra maneira. – Posso vê-la?

– Fica em Timber Hill Court, número 1509. Está vazia, pronta para vender. Passe pelo meu escritório para ir buscar as chaves. Vou deixá-las com a minha assistente, caso ela não consiga que eu me livre das minhas reuniões.

Craig anotou rapidamente o endereço no seu sistema. A casa era impressionante, com um valor estimado em quase três milhões de dólares. No entanto, o Sr. Haskett comprara-a há apenas quatro anos, por menos de dois.

– E então? O que me diz? – perguntou ele, parecendo mais impaciente do que Craig estava à espera. Aquela pergunta, posta daquela maneira, tirou mais uns milhares ao que ele estava a pensar oferecer.

Demorou algum tempo a pensar.

– Bem, se tivesse um mês ou dois, podia conseguir-lhe mais de três milhões por ela. Mas, se quiser fechar o negócio já amanhã, vou ter de sondar por aí e ver o que consigo arranjar. Nós vamos vendê-la, não se preocupe. Tenho a certeza. Mas vai ter prejuízo.

– Ah, vou? – Haskett parecia prestes a mudar de ideias e ele não podia deixar que isso acontecesse.

– Provavelmente não receberá menos do que pagou por ela, apenas não deverá conseguir o valor total de mercado.

– Estou a ver.

Ficara monossilábico. Mau sinal.

– Porque é que não pego nisto e vejo no que dá? Se assinar um contrato de exclusividade comigo para as próximas vinte e quatro horas, vou começar a fazer uns telefonemas e conseguir o melhor possível em tão pouco tempo. Negócios apenas em dinheiro vivo.

– Soa muito melhor – disse Haskett, rindo de alívio. – Por um bocado, fiquei preocupado. Deixe-me orgulhoso, rapaz. – Depois, sem aviso prévio, transferiu-o para a assistente, uma mulher com uma voz agradável e modulada que já estava a par do contrato que ele iria enviar e das chaves que iria lá buscar.

Eficiência.

Adorava essa faceta dos seus clientes ricos. Era como se quanto mais ricos fossem, melhor compreendessem que a única matéria-prima insubstituível era o tempo. Por isso é que nunca devia ser desperdiçado.

Com base nisso, com um sorriso no rosto digno do gato de *Cheshire*, ligou a Jude.

– Estás pronto para entrar em ação? – perguntou-lhe, assim que o outro atendeu.

– Tão pronto como sempre.

Ele conseguia ouvir o entusiasmo de Jude na sua voz.

– Ótimo, porque estamos em marcha. Vai ter comigo ao número 1509 de Timber Hill Court. – Conseguia ouvi-lo a digitar no seu teclado. – Achas que é

muito? Consegues garantir a parte financeira? Acho que a consigo por dois milhões, talvez dois milhões e duzentos, no máximo. – Craig susteve a respiração, à espera que ele conseguisse. Depois, daí a um ano ou dois, quando a tornassem a vender por um valor acima do preço de mercado, cada um podia faturar quinhentos mil. Ou mais ainda.

– Isso dá. Eu consigo o dinheiro. Só tens é de me arranjar o preço mais baixo.

– Está na hora de ficarmos ricos, mano – disse ele, e depois desligou e saiu pela porta do gabinete. – Diga ao senhor Hughes que tenho um novo cliente – ordenou a Mary enquanto passava por ela a caminho da saída.

Pelo canto do olho, apanhou-lhe o sorriso sedutor. Era querida, um bocado cheiinha para o seu gosto e com os seios um pouco grandes, mas, ainda assim, era comestível.

A vida estava a começar a ficar mesmo boa.

Acaso

A entrevista não demorara muito tempo. Devia ter sido a mais curta até agora. Quem a entrevistou, uma mulher morbidamente obesa que já havia desistido de si própria há muito tempo, parecia estar com pressa e preocupada com outras coisas. Andi fez o possível para esconder a sua decepção e demonstrar a quantidade certa de entusiasmo para conseguir o emprego. Não se podia dar ao luxo de desperdiçar nenhuma oportunidade, se queria ganhar a vida.

Uma vez cá fora, sob o sol escaldante, respirou com facilidade. Olhou para o céu azul, ficando a olhar até se sentir a flutuar e o céu a aproximar-se, um azul infinito a rodeá-la sem parar. Até que sentiu que tudo era possível, que o céu sem fim era o limite. Depois, baixou a capota do seu *Beetle* e pôs-se a caminho de Smithville.

A primeira paragem foi numa daquelas áreas de serviço enormes pelas quais Houston era conhecida, uma RaceWay, onde ela podia encontrar casas de banho limpas. Apressou-se a entrar e mudou de roupa, despindo a que levava à entrevista e trocando-a por umas calças de ganga elásticas, uma *T-shirt* com decote em V e os seus *Reebok* preferidos. Ficou na dúvida, por um momento, a mexer na pedra azul central do seu pendente. Devia tirá-lo? Aquela joia seria um pouco demais para a sua roupa mais desportiva? De certeza, mas, em conjunto com a *T-shirt vintage*, o pendente parecia um daqueles colares das lojas de pechinchas que as miúdas costumam usar, divertido e desprezensoso. Ninguém diria que era valioso, não ao olhar para ela.

Andi adorava-o... Sem ser a aliança de casamento bastante modesta com que Craig a pedira em casamento, ele nunca lhe dera joias. Ela não achava que valesse grande coisa e não queria saber. O pendente tinha muito mais valor para si por ter sido uma prenda do marido, e não pelo seu potencial valor numa casa de penhores. Para Andi, safiras ou pechisbeque era tudo a mesma coisa, mas nunca seria capaz de lho dizer.

Conduziu para oeste, na I-10, a capota para baixo, a música aos berros na rádio,

saboreando o vento enquanto, de vez em quando, era atingida por vagas de náuseas. Conseguiu não parar nem vomitar até chegar a Smithville, embora, ao longo do caminho, tenha estado perto disso algumas vezes. Encostar na berma da estrada e vomitar para uma vala não era como queria passar o dia. O seu estômago andava às voltas, torcia-se e retorcia-se como se um *alien* estivesse prestes a irromper dali, despedaçando-a. Resistiu à vontade de vomitar a respirar fundo, ligando o ar condicionado, direcionando as ventoinhas para o rosto e pondo *Mints* na boca, uns atrás dos outros.

Deixando a I-10 para trás, apanhou a via rápida 71, em Columbus, e seguiu para norte. Era cerca da uma da tarde quando chegou a Smithville. Por instantes, pensou em almoçar, mas decidiu-se por um café simples; havia menor risco de espoletar nova pirotecnia digestiva. Ao chegar ao centro de Smithville, foi à procura de um Starbucks.

Não havia nenhum. O centro da cidade fazia recordar os cenários dos filmes *western* que vira na Universal Studios, quando os visitara, há anos, com o pai. Parecendo ter ficado parada no tempo, apostava que a pequena cidade não mudara muito, pelo menos nos últimos cinquenta anos. Uma pesquisa rápida no *Google Maps* indicou-lhe um café local, chamado, apropriadamente, The Olde World Bakery and Café. A palavra «padaria» no nome da loja deixou-a a salivar, a pensar em coisas boas e massas folhadas onde podia fincar o dente.

O lugar, pequeno e aconchegante, cheirava tão bem como ela imaginara. Uma senhora mais velha estava a tirar um tabuleiro de *croissants* do forno, sentindo-se por todo o lado o aroma de chocolate derretido e de massa carregada de manteiga. Sem tirar os olhos da bandeja, dirigiu-se rapidamente ao balcão.

Um jovem sardento sorria-lhe, de trás de uma grande e velha caixa registadora.

– O que é que vai querer, menina?

– Hum... um café grande, simples, e um desses; melhor, passa a dois, dois *croissants* quentes. – Deu-lhe o cartão de crédito e seguiu as suas indicações para esperar um pouco mais ao lado, até que o seu pedido ficasse pronto.

Um minuto mais tarde, pegou nas suas coisas e dirigiu-se para a porta, mas ainda de olho na montra dos bolos. Sem prestar atenção por onde ia, naquele espaço estreito, foi de encontro a um homem, sem querer, e despejou-lhe o café em cima.

– Oh, meu Deus, peço muitas desculpas – disse ela, correndo para o balcão para ir buscar uma grande dose de guardanapos de papel.

Na casa dos sessenta, tinha um pouco de barriga, mas ainda usava a típica fivela de cinto de *cowboy* e o chapéu de abas largas a acompanhar. Estava a olhar fixamente para ela, embora Andi não soubesse dizer quão zangado estaria. Dois copos de papel tinham caído junto aos seus pés, derramando o líquido no chão de mosaico.

– Por favor, deixe-me oferecer os cafés – disse ela; depois, virou-se para o empregado sardento e disse: – Por favor, era o pedido deste senhor outra vez, pago eu. O meu pedido também, acho eu. – Os seus *croissants* tinham-se espalhado no chão, ensopados no café derramado.

Começou a tentar limpar a camisa de xadrez do homem nos sítios onde tinha manchas do café. Depois, ia para limpar uma grande nódoa nas suas calças, mas hesitou. Ao invés, deu-lhe alguns guardanapos e disse:

– Hum, olhe, se faz favor... se o senhor quiser...

– Está tudo bem – respondeu ele, amavelmente, enquanto Andi se agachava para apanhar os *croissants* e os copos e tentava limpar aquela confusão com guardanapos. O homem tocou-lhe no ombro. – Não se preocupe com isso.

– Está aqui o seu pedido, menina. Não se preocupe com a confusão. Limpo isso num instante. Passa a vida a acontecer.

Ela pagou os cafés e deu dois dos três copos ao homem. De seguida, tirou mais alguns guardanapos e deu-lhos. Ele aceitou-os sem uma palavra, a fitá-la com um olhar sorridente.

Uma náusea subiu-lhe à garganta. Tinha de sair dali antes de adicionar vômito fresco ao trabalho que já havia feito nas roupas do homem.

– Mais uma vez, as minhas desculpas.

O homem levou dois dedos à aba do chapéu e cumprimentou-a, ainda a sorrir.

Andi saiu dali a correr e olhou para trás, por uma fração de segundo, quando a porta se estava a fechar. O seu pé encalhou numa pedra e derrapou para o lado, torcendo o tornozelo. Ela perdeu o equilíbrio e teve de se agarrar à mesa em ferro forjado de outra cliente para recuperar o equilíbrio. Felizmente, não derramara nenhum café; a senhora não tinha nenhum.

Bolas, pensou. Tenho de tirar uma licença para poder andar. Pelo visto, já não estou apta para o fazer.

A mulher tinha um sorriso agradável e uns olhos gentis debaixo de uma longa franja. O seu cabelo castanho, brilhante como a seda, estava apanhado num rabo de cavalo juvenil, a desafiar a sua idade, já nos sessentas. Antes que Andi se pudesse desculpar, a senhora disse:

– Está tudo bem, minha querida?

– S... sim – balbuciou. – Endireitou-se. O tornozelo estava um pouco dorido. Testou-o, apoiando o peso sobre ele, devagarinho. Doía um bocado, mas dava para aguentar.

– Porque é que não se senta um bocadinho? – disse ela, a apontar para uma das cadeiras. Andi puxou a cadeira mais próxima e sentou-se.

– Obrigada – respondeu, com um sorriso cheio de vergonha. – Não quero incomodar...

– Ora essa. Alguém que consegue esbarrar com as coisas duas vezes no espaço de dois minutos deve sentar-se por um bocado, recuperar o fôlego e reorientar-se, antes de se meter no trânsito. – O sorriso da senhora era contagiante, sem o mínimo juízo de valor. – Está a ver? Antes de ser um perigo para si ou para os outros.

Ela corou até à raiz dos cabelos.

– Ah, então também viu essa parte? – Apontou para o café, de onde estava a sair o homem em que esbarrara.

– Sim – respondeu a mulher, e puxou a mala para mais perto de si, como se

estivesse a arranjar espaço na mesa para alguém. Ou, se calhar, estava um pouco desconfiada com ela.

O homem aproximou-se da mesa, pousou os dois cafés e sentou-se na terceira cadeira.

– Bem, olá outra vez – disse ele, a rir-se.

Andi tapou a boca com a mão, surpreendida.

– Não me diga, estão juntos?

O homem agarrou na mão da mulher, com os seus dedos cheios de artroses.

– Desde o dia em que pus os olhos em cima desta beldade do Texas.

Ela baixou os olhos, confrangida.

– Devem pensar que sou meio maluca. Mas ando um pouco distraída, é só isso.

Ficaram os dois a olhar para ela, com uma curiosidade genuína e indisfarçável.

– E porquê? – perguntou a mulher. – Adoramos uma boa história. Como pode imaginar, não acontece grande coisa aqui na nossa pequena cidade.

– Pois é – acrescentou o homem. – Derramar aquele café foi o ponto alto do ano.

– São demasiado simpáticos – disse Andi, disfarçando mais uma náusea com um sorriso e empurrando-a para baixo com um gole de café. Perguntou a si mesma se haveria algum problema em partilhar coisas tão pessoais com um par de estranhos. Mas estava desejosa de contar a alguém sobre o seu bebé, que alguém ficasse feliz por si, ainda que fossem dois estranhos que não tivessem nada que ver com isso. – Estou grávida – acrescentou, com a voz embargada pela emoção.

O homem ficou de queixo caído, sem reação.

– Oh, minha Nossa Senhora, mãe do céu – disse a mulher, batendo palmas de surpresa. De seguida, reclinou-se sobre a mesa e agarrou-lhe a mão. – Muitos parabéns, minha querida. Deve estar felicíssima.

Andi ficou radiante. Precisava de um gesto de bondade daqueles como de pão para a boca, para acalmar as suas dúvidas, o seu coração pesado com a reação tão fria de Craig.

– Sim, estou. Também estou constantemente enjoada, mas isso já é outra história. – Olhou para as horas; estava a ficar muito tarde. Tinha de despachar aquele assunto dos pais de Craig e regressar a casa antes de ele voltar do trabalho. – Tenho de ir andando. Está a ficar tarde e ainda preciso de ir a alguns sítios. – Levantou-se e pegou no seu copo de café e no saco de papel com os dois *croissants*, ainda quentes. – Muito obrigada pela compreensão e pela hospitalidade. Foi um prazer conhecer-vos.

– O prazer foi nosso, minha menina – respondeu o homem, de mãos dadas com a esposa.

Conseguiu chegar ao carro, a coxear ligeiramente e sem mais incidentes. Já sentada ao volante do seu *Beetle*, acenou ao casal e depois arrancou. A primeira paragem foi na berma da estrada, onde se agachou ao pé da roda da frente e vomitou. Nem o café amargo acalmou o ardor no seu estômago ou tirou aquele gosto horrível do fundo da garganta. Após alguns minutos, ainda ofegante pelo esforço, bochechou com um pouco de água engarrafada e voltou a sentar-se ao

volante, onde aguardou mais um pouco antes de retomar a viagem, com destino à casa dos pais de Craig. Sentia-se sem força nas mãos, como se girar o volante fosse um esforço hercúleo para si. Queria deitar-se, mas ainda faltavam muitas horas até que o pudesse fazer.

Demorou menos de dez minutos a chegar à casa dos Brafford. Era uma pequena quinta, com cerca de mil metros quadrados, uma vedação pintada de branco e um antigo e adorável carvalho no extremo da propriedade.

Com uma onda de ansiedade num turbilhão dentro de si, respirou profundamente algumas vezes, enquanto ajeitava o cabelo revoltado, e, depois, retocou o *lip gloss*.

– Tão pronta como alguma vez estarei – disse, entredentes, antes de tocar à campainha.

A porta escancarou-se. O homem do café sorriu e convidou-a a entrar, com um gesto.

– Vocês? – perguntou, incrédula. – Vocês são os pais do Craig? – Assolada por uma tontura repentina, agarrou-se à ombreira da porta, para se equilibrar.

Eles entreolharam-se, visivelmente entusiasmados.

– Sim, é isso mesmo. Venha, sente-se aqui, minha querida, e ponha os pés para cima, neste otomano – disse a senhora Brafford. – Vou buscar algum gelo para esse tornozelo. Aceita um chá gelado?

Procurador Distrital Buscher: Em que momento é que percebeu quem era a jovem?

Murray Brafford: Assim que a vi, quando a encontrei no café. Quando reconheci aquele pendente, fiquei tão surpreendido que deixei cair o café que tinha acabado de comprar. Coitadinha, achou que a culpa tinha sido sua.

Procurador Distrital Buscher: Disse-lhe que tinha reconhecido o pendente?

Murray Brafford: Não. Demos-lhe tempo para nos dizer quem era e porque é que estava ali. Partimos do princípio de que tinha lá ido à nossa procura. Nós ficámos apenas à espera.

Visita

Rebecca escolhera aquele dia chuvoso em particular para ir visitar Hunter, uma mudança na sua típica rotina matinal, que envolvia beber café no alpendre, enquanto Aaron se entretinha no jardim, e depois ler, à janela. Chovia muito e com força, obrigando-os a ficarem-se pela parte coberta do alpendre, longe da berma, onde as gotas de chuva batiam no corrimão.

Pouco disseram um ao outro, depois de ela ter anunciado a sua intenção de ir visitá-lo naquela manhã.

Andava a adiar a visita há já alguns dias, ainda assolada pelo sentimento de culpa, apesar do discurso científico do marido acerca das causas e do que desencadeia enfartes do miocárdio. Independentemente do quanto Aaron havia tentado minimizar as coisas para bem dela, Rebecca sabia que o *stress* era um fator e que tinha sido exatamente isso que ela provocara. *Stress*. Intenso e repentino.

Aaron oferecera-se para ir consigo, se ela esperasse até que ele reorganizasse a sua agenda, por forma a ausentar-se algumas horas. Depois de refletir um pouco, Rebecca decidira que preferia ir visitar o seu velho amigo sozinha. Talvez no fim de semana pudesse lá voltar com Aaron; estava certa de que Hunter não se importaria em ter companhia.

Ainda estava a chover quando estacionou no Centro de Reabilitação Cardíaca. Correu debaixo da chuva, por entre as poças de água, encharcando os sapatos, mas sentiu-se revigorada ao chegar à entrada. Se calhar, precisava mais daquilo na sua vida do que queria admitir, alguma atividade física para pôr o sangue a mexer e injetar-lhe alguma adrenalina. Desde que se aposentara, contentava-se em ler, horas a fio, imersa num mundo repleto de histórias maravilhosas. Fazia todo o seu exercício indiretamente, quando viajava pelo Congo com Michael Crichton, perseguia os vilões com Harlan Coben, ia para a guerra com o Ivanhoe de Sir Walter Scott ou fugia da prisão com o Conde de Monte Cristo. A explicação de

Aaron acerca de como se dão os ataques cardíacos não tinha caído em orelhas moucas; havia coisas que ela tinha de alterar na sua vida, ou arriscava-se a que o centro de reabilitação onde acabara de entrar se tornasse a sua casa durante algum tempo. Ugh.

Deu com Hunter ainda deitado, embora fossem quase dez horas da manhã. Estava acordado, a olhar para o teto branco, o seu rosto algo tenso e extremamente pálido. Fossem quais fossem os pensamentos que fervilhavam na sua mente, estes não eram saudáveis.

– Bom dia, raio de sol – cumprimentou ela, alegremente, a esconder a sua preocupação.

– Ah – reagiu ele, e nos seus lábios floresceu um grande sorriso. – Estou tão contente por te ver.

Ela inclinou-se e deu-lhe um beijo repenicado na bochecha. Cheirava a hospital e a roupa já usada. Uma barba de três dias, maioritariamente branca, fazia-o parecer mais velho do que era, desanimado, no fim das suas forças.

Hunter carregou num botão, no painel lateral da cama, e as costas desta chiaram até atingir uma posição elevada.

– Assim está muito melhor. Agora já conseguimos conversar. – Gesticulou com a mão, dois dedos a apontar de um para o outro. – De olhos nos olhos.

Rebecca sorriu, reparando no tremor dos seus dedos e na palidez crescente no rosto, e deu-lhe o presente que embrulhara cuidadosamente na noite anterior e que conseguira proteger das gotas de chuva.

Com o entusiasmo de uma criança no Natal, desembulhou o presente fino e retangular, rasgando o papel com dificuldade, com os dedos a tremer. A tristeza deixou-a sem ar e as lágrimas vieram-lhe aos olhos, mas ela não o ajudou.

– É um bloco de notas – disse-lhe, passando os dedos pela capa brilhante e colorida – e uma caneta.

Os dedos dele traçaram o contorno do golfinho sorridente ali desenhado.

– Para escreveres um diário. É útil. Põe os pensamentos em ordem.

Hunter segurou no bloco com as duas mãos, junto ao peito, visivelmente agradado com o presente.

– Sabes o que é que eu acho? – O seu sorriso voltou por um breve momento. – Acho que sentes falta de passar exercícios de escrita aos teus alunos.

Ela riu-se.

– Até pode ser verdade, mas talvez tenha visto o bem que lhes fez escrever o seu percurso ao longo de alguns dos momentos mais difíceis das suas vidas. Experimenta. Pode ser que gostes.

– Prometo que vou tentar – respondeu, a maravilhosa antecipação de uma nova atividade estampada na voz, uma atividade que prometia entusiasmo ou, pelo menos, um antídoto para o tédio interminável que era olhar para o teto. – Não é que eu tenha muito para fazer por aqui. Não me deixam fazer nada.

– Então, e como é que te sentes? – perguntou ela, tirando-lhe o bloco e a caneta das mãos e colocando-os na mesa de cabeceira, ao seu alcance. Depois, sentou-se num banco e chegou-se para perto da cabeceira da cama.

– Como seria de esperar, mas ainda cá estou. Cá por cima, quero eu dizer.

Ela apertou-lhe a mão e ele retribuiu, fraco e trémulo, com aquele ligeiro tremor nas mãos sempre presente, independentemente do que estivesse a tentar fazer.

– Fui eu?

– Hã?

– Foi aquilo que te contei acerca da entrevista da Andi na universidade que provocou o teu ataque cardíaco?

– Não. De maneira nenhuma – disse ele, soando como antes, por um instante, repleto de resistência e determinação. Ajeitou-se melhor contra as almofadas. – Foram os charutos, o uísque de doze anos, os bifes, as semanas de sete dias na clínica... Fiz tudo o que não devia. – Aclarou a voz, que, por um momento, soou envergonhada. – Quando aconteceu, fiquei surpreendido por não ter acontecido há mais tempo.

– Eu aguento – disse-lhe ela, olhando-o de frente. – Já sou uma menina crescida. Se tiver sido eu a causar isto, posso...

– Há três gerações que os homens da minha família morrem de doença cardiovascular, de uma forma ou doutra. As mulheres também, mas não todas, não como os homens. – Ficou em silêncio por um instante, desviando o olhar em direção à janela, batida pela chuva. – Acabei por desistir, foi só isso. Não fiz as minhas caminhadas. Pelo contrário, comecei a fazer mais horas na clínica, a comer comida da treta e a não querer saber de coisa nenhuma.

– Estás deprimido – acrescentou ela, rapidamente.

– Eu é que tenho formação médica. Tu és professora de Literatura Inglesa... O que é que sabes de depressão? – disse ele a brincar, olhando para Rebecca por um instante, antes de desviar o olhar.

– Desde Hamlet ao Holden Caulfield, considero que tive algumas oportunidades para entendê-la e as suficientes para reconhecê-la quando está mesmo à minha frente, a mentir-me com todos os seus dentes manchados pelo fumo dos charutos.

– Ah, apanhaste-me, não foi?

– Pois foi. Só não entendo uma coisa. Porque é que estás triste? É por causa da Andi?

Hunter não lhe respondeu. Em vez disso, virou a cabeça para longe, a olhar intensamente para a janela, mas ela ainda conseguia ver o brilho das lágrimas nos seus olhos. O silêncio apoderou-se do quarto, perturbado apenas pelo som do apito suave do seu monitor cardíaco.

– Hunter, a Andrea casou-se e deixou o ninho, mas isso é normal e tu sabes disso. É assim que deve ser. – Ele não disse nada e apenas manteve o olhar virado para longe dela. – Tu não querias que ficasse contigo para sempre, pois não?

Finalmente, quando ele olhou para ela, os olhos estavam inflamados, a dor neles refletida era inconfundível, mas havia também algo mais. Angústia, muito medo e pavor, como se estivesse a testemunhar o descarrilamento de um comboio, impotente para intervir e salvar as vidas que estavam prestes a perder-se num

massacre sem sentido.

– É claro que queria que ela se casasse, constituísse a sua própria família e deixasse o ninho. Que pai seria eu, se não fosse assim? – Pegou no copo de água e bebeu um gole pela palhinha vermelha e maleável, depois aclarou a garganta, silenciosamente. – Mas sempre desejei que a Andi encontrasse um bom marido, um companheiro leal e honesto. Não alguém como... ele.

Aquilo outra vez. O que quer que fosse que Hunter tivesse contra o marido de Andi, não ia passar.

– Qual é o problema dele? – perguntou Rebecca, numa voz baixa e compreensiva. Talvez conseguisse chegar ao fundo da questão, porque, para ela, aquilo não fazia qualquer sentido. – Não dói olhar para o rapaz, muito pelo contrário. Podia ser mais alto, vá, mas não me parece que a Andi se importe com isso. Ele tem um bom trabalho, boas maneiras também, e parece gostar profundamente dela.

Hunter agarrou-lhe na mão, virando-se de lado para a encarar, sem virar a cabeça. Olhou para ela com um olhar penetrante, num silencioso pedido de ajuda.

– Há qualquer coisa nele que não consigo identificar e que me assusta mais do que tudo. – Largou-lhe a mão, depois mostrou-lhe uma cicatriz na base do polegar direito, uma linha com cerca de cinco centímetros. – Estás a ver, aqui? Foi um pequeno e doce *spaniel* que ma fez, com os seus dentes de leite. Não queria que lhe desse uma vacina contra a raiva. – Depois apontou para outra cicatriz, na parte interna do seu dedo anelar. Tinha cerca de três centímetros e meio. – Conseguia ver o interior da articulação metacarpofalangeana quando uma gata birmanesa ma abriu com as suas garras durante um exame ao ouvido. Tive sorte de ela não me rasgar os ligamentos.

Deixou de falar por um bocado.

– Sempre que aconteceu, e aconteceu mais de duas vezes, mesmo antes de um dos meus pacientes ficar tão irritado comigo que tivesse de atacar e ferir-me, senti os meus pelos eriçarem-se. Como se soubesse o que ia acontecer, antes de acontecer. – Deixou escapar uma respiração quebrada e ruidosa dos seus pulmões, que a fez sentir um arrepio na espinha. – Era como se conseguisse ouvir os seus pensamentos.

– Estás a falar de quê?

– De instinto – gritou ele, surpreendendo-a. – De instinto de sobrevivência. É ancestral. Foi o que nos manteve vivos quando vivíamos em cavernas – acrescentou, baixando o tom de voz para o normal, mas ainda intenso. Cerrou os lábios durante algum tempo. – Sempre que olho para o Craig Brafford, os meus pelos ficam em pé. É simplesmente insuportável pensar que a minha filha, a minha menina crédula e ingénua, está sozinha com aquele homem ou a dormir ao seu lado...

Ela apertou-lhe a mão, antes de falar.

– Tens a certeza de que não estás só a ver coisas que não existem? Estamos a ficar mais velhos e a idade faz coisas estranhas à nossa cabeça. É assim que, na minha opinião de leiga, morremos malucinhos de todo. Chegamos lá aos poucos.

Ele riu-se.

– Tipo o quê, Alzheimer ou demência? Fiz os exames para as duas coisas antes do casamento da Andi e os resultados foram negativos. Voltei a fazer os testes no mês passado, quando vi que isto não desaparecia... O pavor, o medo. Foi o Freddy que me avaliou; ele ter-me-ia dito se houvesse alguma coisa fora do normal. Nunca foi de dourar a pílula.

A sua expressão enrugou a testa de Rebecca. Não sabia que mais havia de dizer ou fazer. Conhecia-o há mais de trinta anos e nunca o vira tão alucinado ou obcecado como estava acerca do seu genro. Talvez merecesse o benefício da dúvida.

– Hunter, não te vou dizer que entendo o que estás a dizer. Vou apenas aceitar e escolher acreditar em ti, por mais rebuscado que pareça.

– Obrigado – respondeu ele, num tom calmo. – Na verdade, é só isso que peço.

– O que é que vais fazer? – perguntou ela. Hunter fitou-a, curioso. – Quero dizer, acerca do Craig. Se isto é o que tu sentes acerca do homem, então...

– Nada – disse ele com amargura, dando um murro no lado da cama. – A minha menina está apaixonada por aquele homem e o que quer que eu diga ou faça vai partir-lhe o coração. Tu viste. – Gemeu, frustrado. – Mas não vou parar de tentar descobrir o que esse homem está a esconder. Até morrer, e mesmo que a minha menina não o ouça.

Ela percebeu o que se estava a passar com o seu amigo com aquelas poucas palavras.

– Então, viraste-te para os *double cheeseburguers*, para os pacotes de batatas fritas, para o álcool e sei lá mais o quê, estou só eu para aqui a dizer.

– E gelado também – sorriu, com tristeza. – Não aquela tanga *low-fat* do corredor de produtos de dieta dos supermercados, mas daqueles a sério. Tudo aquilo a que me neguei durante todos aqueles anos em que... tinha algo por que viver.

Rebecca levantou-se e pôs-se a andar pelo quarto, lentamente, abrindo e fechando as mãos, esfregando-as, enquanto pensava na melhor maneira de ultrapassar o seu famosíssimo muro de teimosia. De seguida, parou aos pés da cama.

– Se é para a tua filha ser feliz ao lado desse homem e tu estiveres errado sobre esses teus pressentimentos, vais querer estar lá, ao lado da Andi, e testemunhar isso. Criar os teus netos, mesmo que sejam filhos dele, e terás de arranjar maneira de isto funcionar para ti. – Mordeu o lábio por um instante, antes de continuar. – Se estiveres certo e esse homem for um problema, tens de estar lá quando a Andi precisar de ti, porque ela vai precisar quando sofrer um desgosto, isso é certo. De qualquer maneira, para de ter pena de ti e entra nos eixos. Ela precisa de ti.

Hunter ficou de boca aberta, por um momento.

– Sou um idiota chapado – murmurou.

Rebecca tinha andado até ao seu lado. A sorrir, disse-lhe:

– Não és assim tão velho, não estás a morrer e tenho milhares de dólares para te ganhar ao jogo na mesa de póquer.

– Deixo-te qualquer coisa no meu testamento – respondeu ele, rapidamente, com uma pequena gargalhada, mas baixando o olhar, aparentemente envergonhado.

– Quero-o muito antes de bateres as botas – riu-se ela, dando-lhe um soco no braço, a brincar.

Ele levantou o olhar e fitou-a. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Obrigado, minha querida amiga.

Ela sorriu e assentiu.

– O que é que vais fazer acerca da Andi? Sobre o que te contei, com o emprego na universidade?

Uma breve careta toldou-lhe o olhar.

– Nada. Ela não faria uma coisa daquelas. Não me iria esconder um segredo desses. Tem de haver algum erro. Talvez alguém se tenha enganado no nome ou coisa assim. Tenho a certeza de que não se passa nada.

Na sua viagem de regresso a casa, os pensamentos de Rebecca concentraram-se na entrevista de emprego de Andi no departamento de Biologia Marinha da universidade e no que Hunter dissera, que tinha de ser um erro, uma espécie de lapso administrativo qualquer. Ele tinha de ter razão; fazia sentido, e era a única coisa que fazia sentido. Deviam tê-la confundido com outra pessoa.

No entanto, a sua intuição dizia-lhe algo, algo indescritível, uma espécie de inquietação, uma ameaça invisível. Sentiu um arrepio e baixou o ar condicionado. Ao voltar a pôr as mãos no volante, reparou na sua pele eriçada. Aqueles arrepios tomaram conta das suas pernas e dos seus braços, subiram pela espinha, com um formigueiro gélido, até atingirem a parte de trás da sua cabeça e lhe fazerem cócegas na nuca, com dedos de mau agoiro.

Instinto.

Agora ela entendia o que Hunter dizia.

Procurador Distrital Buscher: Encontraram-se outras provas no aterro?

Inspetora Barbara Otwell: Sim. Encontrou-se uma toalha ensopada em sangue. Determinámos que pertencia à vítima.

Procurador Distrital Buscher: Como é que o comprovaram?

Inspetora Barbara Otwell: Os nossos técnicos forenses compararam o ADN do sangue com o do cabelo retirado de uma escova encontrada na residência da vítima durante a primeira busca e apreensão.

Procurador Distrital Buscher: Foi recuperada mais alguma prova do local de despejo do corpo?

Advogado de Defesa Goodridge: Protesto, Meritíssimo.

Procurador Distrital Buscher: Retirado. Recuperou-se mais alguma prova no aterro?

Inspetora Barbara Otwell: Um punhado de cabelo da vítima e uma lasca de

madeira, que se identificou pertencer a uma das cadeiras da cozinha, tudo coberto de sangue.

Memórias

Andi sentou-se confortavelmente no sofá, os pés em cima do otomano de couro desgastado, com um grande álbum de fotografias no colo. O chá doce ficara esquecido na mesa de centro, o copo gelado a deixar um círculo de água no pousa-copos em cartão com o logótipo da *Heineken*.

A senhora Brafford, sentada ao seu lado na beira do sofá, descreveu-lhe cada fotografia ao pormenor, com vívido detalhe. Às vezes, os Brafford não concordavam com as circunstâncias em que algumas fotos tinham sido tiradas ou relembravam os mesmos momentos, mas numa sequência diferente, semeando quezílias amigáveis e bem-humoradas entre os dois.

Ao levantar os olhos de uma fotografia de Craig, tirada quando ele teria cerca de sete ou oito anos, Andi olhou para a senhora Brafford e viu as semelhanças facilmente, perguntando-se como lhe tinham escapado no café. *A mente vê o que quer*, pensou ela. *No café, vi estranhos. Aqui, vejo família.*

Parecia que tinham gostado imediatamente de si, e ela apreciou a sensação de carinho, aceitação e amor. Eram ambos encantadores e seriam uns avós absolutamente adoráveis para o seu bebé, se Craig os deixasse serem membros mais próximos da sua família. Por um momento fugaz, uma careta passageira franziu-lhe a testa. Ela encontraria forma de isso acontecer. Tinha de ser.

— Aqui, ele tinha caído e raspado o joelho. — A senhora Brafford apontou para uma fotografia que mostrava Craig sentado no chão, no meio de um parque, agarrado ao joelho. A sua carinha tinha uma expressão verdadeiramente horrorizada. Pálido, com o queixo a tremer e olhos arregalados, a olhar diretamente para a máquina. — Ele tem, hum, esqueci-me do nome... desmaia assim que vê sangue, em segundos, não consegue evitá-lo. Acorda, vê sangue outra vez e depois desmaia, novamente. Hematofobia, é isso. Nesta fotografia, acabara de desmaiar, depois recuperou antes que eu conseguisse limpar o sangue, mas ele

tapou-o para não o tornar a ver. – Ela riu-se e passou as pontas dos dedos pela fotografia, onde estava o rosto do menino. – O pai estava ocupado a tirar fotos e o Craig ficou aborrecido porque nos estávamos a rir dele. – Por um momento, pareceu sentir-se culpada. – Estava engraçadíssimo, a tapar o sangue com as mãos e a gritar com o pai.

– Gritou comigo naquele dia. Foi a primeira vez que o fez – acrescentou o pai. – Acho que foi a primeira vez que o vimos com o orgulho ferido. – Assobiou. – Aquele rapaz, com dez anos e um metro e pouco, reduzia qualquer um com o olhar se sequer o olhassem de lado.

Conforme virava as páginas, aquele menino crescia, de uma foto para a outra, ficando cada vez mais parecido com o homem que ela conhecia e amava e, ao mesmo tempo, cada vez menos parecido. O Craig adolescente tinha uma expressão sisuda que unia as sobrancelhas, um olhar ferozmente sombrio, uma expressão de absoluta determinação, quase como uma forma enraivecida de ambição. Isso ainda existia, em parte, no Craig adulto, só que mais suave, mais calmo, menos intenso. Andi sabia que ele se estava a matar a trabalhar, movido pela ambição que desabrochava há muitos anos, naquela casa, quando era um adolescente. Questionou-se sobre o que a teria instigado naquele menino.

Apesar de tudo, as fotografias mostravam uma família feliz, pais amorosos a cuidarem bem do seu filho.

– O que é que aconteceu? Se puder perguntar, porque é que já não fazem parte da vida dele? – Em primeiro lugar, olhou para a senhora Brafford, que baixou os olhos rapidamente; depois, fitou o marido, que respirou fundo.

– Ele tinha vergonha de nós, com... – começou o senhor Brafford a dizer, mas a sua mulher interrompeu-o.

– Murray, não – implorou, a enxugar uma lágrima com a ponta do dedo. – Pensa no que ele diria se soubesse o que estávamos a dizer.

Murray virou-se para olhar para a esposa.

– Esta rapariga casou com o nosso filho, Louise. Não achas que tem o direito de ficar a saber?

Louise baixou o olhar, observando as suas mãos enquanto as contorcia.

– Está bem – disse por fim. – Mas deixa-me ser eu a contar a história.

– Muito bem – respondeu ele, levantando-se do seu cadeirão para ir buscar uma cerveja fresca ao frigorífico. Sacou a carica e atirou-a pelo ar para o caixote do lixo, onde ainda chocalhou por um instante, antes de cair lá dentro.

Louise virou-se para Andi, que já sentia ter-se excedido. Contudo, tinha curiosidade de descobrir o que causara uma cisão tão profunda entre o seu marido e estas pessoas que pareciam tão afáveis.

– O Craig sempre esteve... hum... como é que hei de dizer... ciente de como o mundo funciona – disse ela, os seus olhos frenéticos, a olhar para a esquerda e para a direita, como se estivessem à procura de uma forma de fugir daquela sala, daquela conversa. – Nós não estávamos muito bem de finanças quando ele era pequeno. Tínhamos dificuldades...

– Éramos mais do que pobres – intrometeu-se Murray. – Eu era um

trabalhador rural perto de Austin e a minha mulher dava aulas ao primeiro ano, aqui na cidade. Quatro horas por dia. Mal conseguíamos pagar a renda.

A pequena casa da quinta contava parte daquela história. Mesmo vinte anos volvidos, após a juventude de Craig, os móveis pareciam gastos, as paredes precisavam de uma nova camada de tinta, o frigorífico era velho e barulhento, a chocalhar como se estivesse prestes a desfazer-se de cada vez que o compressor entrava em ação.

– Ainda trabalho algumas tardes e todos os fins de semana, mas aqui na cidade, na loja de ferramentas local. Reponho as prateleiras, às vezes trato da contabilidade. A Louise aposentou-se, depois da batalha com o cancro da mama.

Oh, não... Ela olhou para Louise, dando-se conta de coisas em que não reparara antes. Os seus ombros, que se viam através do tecido fino da blusa, o brilho baço do seu rosto quase impercetível por causa do sorriso caloroso.

– Não te preocupes, minha querida – disse Louise, rapidamente. – Estou bem. Venci o cancro.

– Ufa – suspirou ela, o alívio a irromper como uma onda que lhe trouxe as lágrimas aos olhos. – Fico muito contente de o saber.

A mulher esticou-se e deu-lhe a mão.

– E o meu maior desejo está a tornar-se realidade. Um neto.

– Sim – disse ela rapidamente, a sentir-se parte da família. Depois lembrou-se de Craig e o seu sorriso desvaneceu-se. – Espero poder voltar a reunir-vos. Se vocês quiserem, é claro.

Murray caminhou ao seu encontro, com um passo pesado, quase duro.

– Não há nada mais doloroso do que ser excluído da vida de um filho. Não há nada de que gostasse mais do que estarmos todos juntos à volta da mesa num jantar de Ação de Graças, num almoço de domingo ou qualquer coisa que ele estivesse disposto a fazer. Mas não acho que isso seja possível. O Craig nunca nos aceitará.

– Ele é muito ambicioso – interveio Louise. – Foi assim desde que tinha doze anos. Descobriu como é que outras pessoas viviam quando o pai o levou a uma feira em Austin, naquele outono.

Viu os carros luxuosos e as pessoas com dinheiro, que não cheiravam a terra e palha e cavalos. Depois daquela feira, regressou mudado. Profundamente envergonhado de quem era, de quem nós éramos, eu e o meu marido.

– Ele nunca nos vai perdoar por sermos pobres – afirmou Murray simplesmente, numa desoladora aceitação. – Nunca nos iria deixar entrar na sua casa porque sentiria vergonha de nós, relembRANDO-o de onde veio, de como cresceu na pobreza. – Debruçou-se e fez-lhe uma festa na bochecha, com os dedos calejados. – Por isso é que não fomos ao vosso casamento, minha querida, apesar de termos ficado felizes em saber que ele estava finalmente a assentar com uma boa rapariga.

– Sim, teríamos adorado ir, mas ele telefonou e avisou-nos para ficarmos bem longe. – Louise fungou, baixinho.

Andi estava chocada. Era só isso que tinha acontecido? Ou teriam discutido,

algo que acontecera há anos e não era possível esquecer?

– Depois daquela feira – continuou Louise, numa voz suave e resignada –, ele não nos deixava aparecer em lado nenhum. Nem na escola, para o ir buscar quando podíamos. Nem no acampamento de verão. Até deixou de ir connosco à igreja.

Sem palavras, Andi folheou uma página do álbum de fotografias, sem pensar, a desejar que ali pudesse encontrar algumas respostas. Numa das fotografias, Craig olhava para a câmara com olhos sombrios, quase ameaçadores. A outra fotografia mostrava-o a rir e feliz, a correr de mãos dadas com outro rapaz da sua idade, a imagem de um manual de infância feliz. A cabeça do outro rapaz estava virada, mas dava para notar que também estava a rir com a mesma vontade.

– Naquela época, este era o seu melhor amigo, o filho de umas pessoas ricas lá do outro lado das linhas do comboio – disse Murray. – Ele ficou encantado com aquele rapaz. Passava os dias todos na casa dele, onde não pertencia, a saborear como era aquela vida, com empregados, comidas finas e tudo o mais. Isso alimentou a sua raiva contra nós. Todos os dias em que ele lá ia, voltava para casa a odiar-nos ainda mais.

– A odiar-nos, não – interveio Louise. – Não ia assim tão longe. Talvez apenas com mais vergonha de nós. A rejeitar-nos.

– E não penses que não tentei ganhar mais dinheiro – disse Murray. – Arranjei um segundo emprego, mas também era a ganhar o salário mínimo. Não tenho estudos. – Franziu os lábios e, por momentos, ficou a olhar para o chão riscado. – Mas aquele rapaz... hum... o Craig e ele tornaram-se muito próximos. – Suspirou e desviou o olhar enquanto as suas bochechas ficavam a arder. – Durante algum tempo, pelo menos, pensámos que era *gay*, até que apareceu a primeira namorada.

– Ele não é *gay* – rebateu Louise. – Já to tinha dito há muito tempo. Ele e aquele rapaz eram só amigos, mais nada. Não acreditaste em mim naquela altura, pode ser que acredites em mim agora, que estamos a conversar com a adorável esposa do teu filho. Talvez isso te convença – disse ela, a rir-se.

– Sabes, estaria tudo bem se o Craig fosse *gay* – acrescentou ele, perdido no que pareciam ser alguns pensamentos dolorosos. – Podemos viver no Texas, mas teríamos aceitado. Só queríamos que ele fosse feliz.

– Ele não é *gay* – disse Louise com uma voz determinada. – O Murray estava apenas a tentar entender o domínio que aquele rapaz tinha sobre o nosso filho, é só isso. Eu acho que não era tanto o rapaz, mas mais a sua família, a grande casa, a fortuna. O nosso filho queria essa vida tão desesperadamente que teria feito qualquer coisa para a conseguir ter. – Engoliu em seco, a controlar as lágrimas. – Então, aquela rapariga... partiu-lhe o coração.

– O que é que aconteceu? – perguntou.

– Ele conheceu uma rapariga adorável, chamava-se Julie. Ficou perdido de amores por ela, até se esqueceu do melhor amigo durante uns tempos. Só falava nela. Nós bem queríamos conhecê-la, mas ele manteve-a longe de nós. – Fez uma breve pausa, a escolher as palavras. – Naquela primavera ele ficou de cama durante alguns dias, com uma gripe forte. Foi quando a Julie apareceu à nossa porta,

usando os trabalhos de casa como desculpa. – Outra pausa. – Foi o destino... O Craig ficar doente, aquela rapariga vir visitá-lo.

– Ela olhou para nós, para a nossa casa, foi-se embora e nunca mais olhou para trás – acrescentou Murray, com frieza. – Parece que também era rica. Ele nunca nos perdoou. Algumas semanas depois, foi-se embora.

Andi não sabia o que dizer. O que poderia ela dizer aos pais que perderam o seu filho por algo tão absurdo? O homem que descreviam não era nada parecido com Craig, mas, ao mesmo tempo, ela reconheceu-o em algumas fotografias, em algumas das coisas que os seus pais compartilharam acerca dele, na ambição desmedida que descreviam.

Virou outra página do álbum e congelou. A fotografia mostrava-o com cerca de catorze anos, a usar o seu pendente. Tocou-lhe com os dedos, por reflexo.

– Isto era dele? – perguntou, sem conseguir tirar os olhos da fotografia. Não fazia ideia de que o pendente era do marido; tinha sido levada a acreditar que ele o comprara para si antes da festa. Ou partira desse princípio, em vez de perguntar? Às vezes tirava conclusões precipitadas.

– Sim – respondeu-lhe Louise sorrindo, mas com um laivo de tristeza na voz. – E tem uma história por detrás. – Olhou para Murray para lhe perguntar se ele a queria contar, mas este fez-lhe um gesto com a mão, instando-a a contá-la. – É outra vez sobre aquele amigo. Quando ele fez catorze anos, alguns meses antes do Craig, foi aceite num daqueles *country clubs* muito finos de Austin. Eis que todos os membros recebiam um anel. Ele encontrou-se com o Craig naquele dia, na sua festa de aniversário, e mostrou-lhe o anel. – Louise olhou para Murray num relance. O marido acenou com a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos.

– O que é que aconteceu? – perguntou Andi, intrigada com as suas expressões sombrias.

– O Craig voltou dessa festa de coração partido. Entende que, para ele, aquele anel era o símbolo de um mundo a que não pertencia. Naquela noite, chorou desalmadamente agarrado à sua almofada, a soluçar, até aos primeiros raios de sol. Depois, montou-se num cavalo e galopou até que o coitadinho estivesse coberto de suor e a espumar pela boca. Aquele foi o primeiro dia em que não foi visitar o amigo. Não o queria ver mais.

– Mas eles conversaram, de alguma maneira – acrescentou Murray.

– Sim, tens razão. Talvez por telefone.

– Porquê? O que é que aconteceu? – perguntou ela.

– Posso? – Louise apontou para o pendente. Andi tirou-o e passou-lho. Cuidadosamente, Louise virou o pendente ao contrário e mostrou-lhe duas linhas irregulares em lados opostos do pendente. – Isto era um anel, antes de ser transformado num pendente. Era aqui que estava a junção.

Ela soltou um suspiro.

– Vocês querem dizer que este é o anel? Aquele que o...

– Sim – disse Murray tristemente. – Dizem que é muito valioso, de safiras e topázio, acho eu. Vale uma fortuna. Aquele rapaz colocou-o numa corrente, para que ele o pudesse usar por dentro da sua roupa e não ser apanhado.

Louise sorriu-lhe calorosamente, enquanto lhe devolvia o pendente.

– O Craig deve amar-te muito se to deu. Para ele, isso representa o mundo em que não nasceu, mas que faria tudo o que fosse preciso para alcançar. Usava-o religiosamente, a sua versão da chave de Xanadu.

– Uau – murmurou ela. – Não fazia ideia. – Então, veio-lhe uma ideia à cabeça e olhou para ambos, com humor nos olhos. – Vocês reconheceram isto quando me viram pela primeira vez, não foi?

– Sim, reconhecemos. – Murray sorriu, envergonhado.

– Porque é que não disseram nada?

– Em primeiro lugar, não sabíamos se nos vinhas ver ou não. Se nos querias conhecer – disse Louise. – E, principalmente, porque ficámos sem palavras. Não podíamos acreditar no que estávamos a ver. Depois disseste que tinhas de ir a algum lado, e então viemos a correr para chegar aqui antes de ti.

Andi riu-se e abanou a cabeça.

– Que história fantástica para contar aos netos – disse ela, virando mais uma página do álbum. Mais algumas fotografias de Craig, às vezes a sorrir, mas, na maioria das vezes, com aquela expressão sombria e um olhar de aço. Não havia fotografias dele e de Julie.

Andi deu uma pancadinha com a unha numa das fotografias e disse:

– Este não é o Craig com que me casei. Ele é gentil, prestável, sempre disponível para mim. É engraçado e amoroso, trabalhador, empreendedor. Não está assim tão... revoltado com a vida.

– O que é que ele faz? – perguntou Louise.

– Trabalha no ramo imobiliário, é agente de casas de luxo e propriedades comerciais.

Louise e Murray entreolharam-se rapidamente.

De seguida, Louise sorriu e disse:

– Fico feliz que tenha mudado. Talvez a puberdade tenha sido mais difícil para ele do que nós pensámos. Afinal, parece que conseguiu encontrar o seu caminho e fazer algo por si. Desejo-vos toda a felicidade do mundo.

– Obrigada – respondeu ela, virando outra página, mas o resto do álbum estava vazio. Tirou os olhos das páginas em branco e olhou para cima, com uma expressão de curiosidade.

Murray coçou as raízes do tufo de cabelo ralo que ainda se encontrava agarrado ao topo da cabeça.

– Bem, umas semanas depois de a Julie o ter deixado, quando ele tinha à volta de dezasseis anos, desapareceu, deixando-nos a nós e ao seu amigo para trás.

– Aquele rapaz ficou tão destroçado como nós – acrescentou Louise.

– Nunca me vou esquecer da noite antes de ele partir – disse Murray.

– Murray... não... – sussurrou Louise, suplicando-lhe.

Ele fingiu que não a ouvia.

– O nosso filho perguntou-nos, mesmo à mesa de jantar, porque é que tínhamos tido filhos. Gritou connosco, acusou-nos de sermos irresponsáveis por termos um filho quando éramos tão pobres. Depois, começou a explicar-nos como

estariamos bem melhor se não o tivéssemos tido. Se não tivéssemos procriado, como ele disse.

Andi ouviu as palavras de Murray com pesar. Aquilo explicava a reação dele à gravidez.

– Foi-se embora no dia seguinte – sussurrou Louise.

– O nosso filho simplesmente desapareceu, sem uma palavra. Descartou-nos como se fôssemos lixo sem valor. Passaram-se anos até termos notícias dele. Chegámos a participar o desaparecimento à polícia; não fizeram nada, a não ser pôr-lhe um carimbo de «fugido de casa» e ignorar os nossos telefonemas.

– Importam-se? – perguntou Andi, segurando no telemóvel e pedindo permissão para tirar fotos de algumas das fotografias do álbum.

– Estás à vontade – respondeu Louise. – De qualquer maneira, um dia destes serão teus.

Andi teve dificuldades em deixar a hospitalidade dos seus sogros, mas tinha de se despachar se quisesse chegar a casa antes que ele o fizesse, normalmente por volta das sete. Ambos lhe deram um longo abraço e dois beijos, acenando-lhe até ela deixar de os ver pelo espelho retrovisor do seu *Beetle*. No entanto, havia um medo dentro de si, incómodo e pesado, que lhe dizia que ela não os tornaria a ver.

Advogado de Defesa Goodridge: Senhora Brafford, qual é a coisa que diria ser o bem mais precioso do seu filho?

Louise Brafford: Agora, não tenho a certeza, mas durante muito tempo foi aquele pendente azul e quadrado, numa corrente de prata.

Advogado de Defesa Goodridge: Viu esse pendente recentemente?

Louise Brafford: Sim. É a esposa dele que o usa.

Contratado

Craig tinha estado em alta toda a semana.

Após o telefonema inesperado de Truman Haskett, acerca da sua casa e da extrema necessidade de dinheiro imediato, elaborou um plano para conseguir que ele assinasse um acordo por tuta e meia. Precisava que Jude fizesse exatamente o que ele dissesse, quando o dissesse, e tudo iria correr bem.

A primeira coisa que fez, na sexta-feira, foi convidar Haskett para ir ter consigo ao escritório lá de casa, para debaterem hipóteses. Felizmente, Andi tinha saído naquela manhã, para ir visitar o pai ou para ir a outra daquelas entrevistas de emprego parvas, como fazia todas as manhãs.

Haskett resmungou um bocado, porque preferia tratar de tudo à distância, enquanto administrava a sua empresa de manufatura a partir do seu escritório num arranha-céus. Mas a sua necessidade de dinheiro foi maior, porque se dirigiu à casa de Craig e, desde que chegara, estava pacientemente à espera, a beber um café e a empestar o sítio com os seus charutos.

A estratégia de Craig envolvia algum compasso de espera, destinado a pôr o vendedor com os nervos em franja, pronto a quebrar à medida que o fim de semana se aproximava e a janela de oportunidade se fechava. Durante este tempo, fizera alguns telefonemas para alguns clientes que sabia não estarem interessados em comprar a casa. Então, quando Haskett estava prestes a explodir, telefonou a Jude.

Tal como tinha sido instruído, Jude demonstrou apenas algum interesse na propriedade. Craig indicou o endereço e pôs a chamada em alta-voz, para que Haskett pudesse ouvir. Usou o nome verdadeiro de Jude; assim que a venda se concretizasse, o nome ficaria registado e seriam dados públicos, disponíveis para quem estivesse interessado em saber.

Jude, como o belo sacana que era, deixou Haskett entusiasmado ao dizer que o

preço de dois milhões e duzentos mil dólares era suficientemente interessante para o fazer alterar a sua agenda e fechar negócio. Depois, como um martelo, deu a machadada final. Disse que estava prestes a assinar outro contrato, para uma casa semelhante por menos quatrocentos mil dólares que Craig selecionara cuidadosamente de entre as propriedades disponíveis. Depois começaram a jogar ao telefone, ele a comparar os dois imóveis e a demonstrar como a casa de Haskett era muito melhor, Jude a comportar-se como um osso duro de roer. Entretanto, Haskett suave em bica, a calcorrear com raiva o chão de madeira do seu escritório.

Por fim, Jude disse que aceitaria aquele negócio se o valor baixasse quatrocentos mil dólares. Craig regateou mais um pouco, até que Jude ameaçou desligar. Só então é que Haskett disse, com um palavrão entredentes:

– Está bem. Feche lá esta coisa por um milhão e oitocentos mil.

Logo a seguir, a papelada começou a entrar e a sair da sua máquina de *fax*, a recolher assinaturas e a tratar de tudo em menos de uma hora. Jude fizera a sua parte, tendo o dinheiro pronto, como Craig lhe dissera. Quando o negócio ficara concluído eram quase quatro da tarde, altura em que os bancos encerravam para o fim de semana, mas conseguiram fazer tudo mesmo em cima da hora.

Depois de terminarem, Haskett deixou o escritório de advogados com um firme aperto de mão a Craig, seguido de uma palmada nas costas. Até deu um aperto de mão a Jude. Normalmente, Craig assegurar-se-ia de que os dois homens não se encontrariam; era uma boa política, recomendável na sua área. Mas o intervalo de tempo disponível tornou-o impossível de orquestrar. Então o idiota foi-se embora, e ele também, não ficando nem mais um momento com Jude, nem no escritório de advogados ou no passeio, à porta.

Não parara de sorrir até chegar a casa, pouco depois das seis. Encontrou a casa vazia, a tresandar a fumo de charuto e ao suor com perfume de Haskett, ainda discernível no seu escritório. Mas já tinha acabado. Ligou o ar condicionado e diminuiu a temperatura em alguns graus, depois abriu algumas das janelas com persianas, de modo a arejar. Servindo-se de uma bebida forte, gritou alto o suficiente para as paredes ecoarem:

– Úú-úú... que comece o fim de semana. Sim, porque nós merecemos!

Depois de mudar de roupa, para umas calças de ganga e uma *T-shirt* branca, justa ao corpo, deixou-se cair num grande cadeirão da sala de estar e ligou a Jude. Quando este atendeu, disse-lhe:

– Parabéns! És o feliz proprietário do número 1509 da Timber Hill Court.

– *Nós* somos os felizes proprietários, companheiro. *Nós* – respondeu Jude, a rir.

– Estabeleci um fundo fiduciário e transferi a casa para lá. O teu nome está na papelada.

Raios partam. Deixar rastros em papel nunca era uma boa ideia.

– Não falámos sobre isso. Devias ter-me perguntado. Sabes que contornámos algumas regras com este negócio, não sabes?

– Está tudo bem – respondeu-lhe, aparentemente nada preocupado. – Vais ver. Não queres amortizar as despesas que vamos ter até conseguir vender a casa?

– Sim, mas...

– Então, é assim que se faz. É a tua vez de confiar em mim.

– É justo. Mas, da próxima vez, avisa-me com antecedência. Teria sido melhor se tivesses deixado o meu nome de fora do fundo. Sei que não me irias fazer a folha, mesmo que não tivéssemos nada por escrito.

Desligou o telefone, algo irritado com Jude. Será que este fundo ainda lhes traria algum problema? Talvez não. Qual era a probabilidade de Haskett suspeitar de alguma irregularidade e começar a analisar o acordo? Quase zero. Mas não era *mesmo* zero. *Merda*.

E onde diabos estava Andi?

Ultimamente, ela parecia passar cada vez mais tempo fora de casa, a fazer sabe-se lá o quê, sabe-se lá onde, em vez de tomar conta da casa e de elaborar a ementa para a próxima festa. Ele tinha bateladas de trabalho, trabalho que ela podia fazer, deixando-o com tempo livre para se concentrar nas coisas importantes que só ele podia fazer. Porque raios é que ela era tão desobediente?

Ligou-lhe para o telemóvel e praguejou quando ouviu o seu toque abafado, a pensar que Andi o devia ter deixado em casa. Não era o caso. Quando começou a seguir o som distante, ela entrou pela porta, a sorrir, com o telemóvel na mão a tocar.

– Já voltei. – Encontrou-se com ele no meio da sala e deu-lhe um beijo rápido nos lábios, depois afastou-se. Perguntou-lhe, enquanto tirava os sapatos: – Sentiste a minha falta?

– Sempre – disse ele a sorrir, encostando-se à mesa e cruzando os braços. – Por onde andaste?

– Oh... o costume – respondeu Andi, desviando o olhar por um momento. – Entrevista de trabalho, visita ao pai, fazer recados.

Estava a mentir. Craig tinha a certeza.

– Como te correu o dia? – perguntou ela, rapidamente, parecendo desejosa de desviar a atenção de si.

– Ganhei muito dinheiro para nós, fofa. – Foi ter com ela e envolveu-a nos braços, aproximando-a. Andi respondeu ao seu toque como sempre, com olhos semicerrados e um beijo apaixonado.

– Quanto é que ganhaste? – perguntou. Havia uma impressão de algo no seu olhar, algo oculto, algo que ele não entendia.

– Hum, cerca de quinhentos mil – anunciou, orgulhoso. – Assinei a papelada hoje.

Ela ficou de boca aberta.

– Uau... Assim tanto? A sério?

– A sério. Não o vamos ter até ao próximo ano, quando vendermos a casa, mas está lá. Nosso.

– Que casa?

– Hoje, eu e o Jude comprámos uma casa barata, uma oportunidade única, boa demais para ignorar.

– Mas nós podemos pagar mais um empréstimo? – Soou preocupada, a sua alegria já há muito desaparecida.

– O Jude trata da parte do dinheiro. Ele tem de sobra.

Alguma coisa no que Craig acabara de dizer lhe chamara a atenção, porque ela inclinou ligeiramente a cabeça, quase como um cão confuso.

– Esquece lá isso – disse ele –, vamos comemorar. Porque não esperas por mim no alpendre? Já lá vou ter.

Ele sorriu, encorajador, enquanto ela abria a porta para o alpendre. Lá, Andi gritou de alegria.

– Oh, Craig, é lindo! É absolutamente fantástico!

Ele comprara um conjunto de mobiliário de exterior, em vime preto, forrado com almofadas resistentes às intempéries. O conjunto podia ser disposto como uma espreguiçadeira única, redonda, ou dividida em vários bancos. Viu-a, através da janela, a deitar-se nela e a virar-se de lado, depois de costas, entretida a experimentar diferentes posições e a arranjar as almofadas, encantada.

A sua linda e maravilhosa esposa. Ela podia fazê-lo tão feliz.

Craig agarrou numa garrafa de champanhe e num par de copos e juntou-se a ela lá fora, na espreguiçadeira. Tirou a rolha com um estrondo, despejou o líquido borbulhante nos copos e deu-lhe um.

– Saúde, amor. A muitos, muitos mais dias como este.

Andi deslizou para o lado da espreguiçadeira e sentou-se, depois aceitou o copo de champanhe, hesitante.

– Álcool e bebés não combinam. – Mal tocou na bebida com os lábios, depois pô-lo de lado na mesa de ferro forjado. – Bebe tu tudo. Eu faço-te companhia.

E assim, num ápice, todo o seu bom humor desapareceu. Tinha de relembra-la da sua gravidez, da traição que ele tanto tentava esquecer e perdoar, mas não conseguia. Não conseguia nada; como é que o poderia fazer, quando ela fazia questão de o mencionar de alguma maneira, todos os dias? E, diabos, como é que podia estar tão orgulhosa de algo que ele nunca quisera? De algo que ela lhe roubara?

A sua bela esposa estava longe de ser suficientemente submissa.

Craig passou a mão pelo tecido suave da almofada.

– Gostas?

– Adoro – disse ela, a sorrir abertamente e a fazer-lhe olhinhos, sedutora.

– Ótimo. Agora, vamos falar de negócios. – A sua voz era algo fria, quase áspera.

– Oh – soltou Andi, um pouco cuidadosa, quase triste. – Está bem.

– Vamos organizar outra festa. – Ela franziu a testa e afastou-se; não muito, apenas alguns centímetros, mas o gesto era óbvio, a mensagem muito clara. Andi gostava do estilo de vida, mas não queria fazer nada para o ter. Ainda bem que não era uma decisão sua. – Temos de manter isto em andamento.

– Mas ainda agora organizámos uma – argumentou. – Não podemos dar mais algum tempo até à próxima? – Roeu a unha por um instante, a olhar diretamente para ele, enquanto Craig via as rodas da sua engrenagem a girar. – Vamos organizar a festa do bebé primeiro.

Correu-lhe um laivo de raiva pelas veias. Ele respirou fundo para a afastar,

disposto a manter a calma.

– Pensei que tínhamos combinado que íamos fazer isso daqui a uns meses, não tínhamos?

– Sim, tínhamos. Apenas pensei que, já que querias uma festa, essa seria bem mais divertida.

– Eu não quero diversão nenhuma, Andi – disparou. – Quero ganhar dinheiro. Estas festas é como nós o conseguimos. Já te tinha explicado isto antes.

– Pois já – respondeu ela, a voz eivada de tristeza e sujeição, pacificadora. – Só não tinha percebido que teriam de ser tão frequentes, é só isso.

– Sabes o que acontece se deixarmos passar muito tempo? Os idiotas listam as suas casas com outra pessoa. Compram os imóveis a outros. – Ele praguejou, entredentes, mais do que irritado por ter de lho explicar outra vez. Ela não era parva nenhuma... porque é que se comportava como se fosse? – Temos de o fazer constantemente.

Se entramos neste jogo, mais vale jogá-lo como profissionais e ganhar esta coisa, não? – Obrigou-se a sorrir e passou os dedos pelos cabelos curtos e desgrehados, aconchegando uma madeixa atrás da sua orelha.

Aquele corte de cabelo talvez funcionasse com as tartarugas marinhas e os golfinhos, mas não com pessoas como Donati e Haskins. As suas mulheres gastavam centenas de dólares para arranjar o cabelo, e isso notava-se.

– Queres ser o meu copiloto? – perguntou, ainda a brincar com o cabelo dela. – Vens trabalhar comigo?

Andi cerrou os lábios por um pouco.

– Sim... Acho que sim. – Riu-se, com amargura. – Não é como se tivesse outra escolha, não é?

– Mas é assim tão mau? Trabalhar comigo?

Ela suspirou e desviou o olhar.

– A paixão que tu tens por isto – disse, apontando para a casa –, pelo imobiliário, por ganhar bateladas de dinheiro, eu tenho pelo oceano e por todas as suas criaturas. É aí que pertença. – A sua voz falhou. – Mas não estava escrito, pois não? Nem isso, nem sequer um emprego como empregada do banco ou rececionista de uma clínica dentária. Uma coisa que ainda não tentei foi servir às mesas. Deve haver algum restaurante baratinho por aí que me aceite.

– Credo, Andi! Traça o limite algures e não o atravesasses.

Ela mordeu o lábio.

– Por isso, sim, és o único empregador na cidade que me quer. Acho que devia estar grata. Porém, entristece-me que não possa ser mais do que apenas a tua mulher, a ajudar-te com as tuas coisas. Sempre sonhei que seria mais do que isso. – Fungou. – Nem sequer consigo encontrar energia e motivação para terminar o doutoramento. Também, para quê, certo?

Por alguns instantes, ele ficou a olhar para a mulher. Tinha sempre de dizer as piores coisas possíveis para o fazer sentir-se uma merda. Mas Craig precisava desesperadamente dela, e ela iria acabar por gostar.

– Ora, então, bem-vinda a bordo – disse ele a sorrir e abrindo os braços. – Este

empregador está contentíssimo por contar consigo.

Andi aninhou-se no seu peito e deu um suspiro.

– Eu aceito o trabalho, senhor Brafford. O seu emprego inclui licença de maternidade e benefícios?

Craig engoliu um palavrão, aliviado por ela não conseguir ver a expressão do seu rosto. Tinha de falar no pirralho outra vez.

– Tudo o que tu quiseres. Inclui um *BMW* para substituir aquele chaço que conduzes e...

– Mas eu gosto do meu *Beetle*.

– OK, fica com o *Beetle*, se quiseres, mas podes fazer-me um grande favor?

Olhou para ele.

– Do que é que precisas? – Estava muito séria, nem um resquício de sorriso nos seus lábios.

– Porque é que não deixas o teu cabelo crescer um pouco mais? Os homens têm fantasias com os cabelos das mulheres. – Ele sorriu. – Muitas fantasias.

Descoberta

Os pratos, ainda cheios de comida italiana de dar água na boca, ficaram de lado, na sua mesa favorita no Mille Ponti. Andi pedira cogumelos recheados, mas mal terminou um dos dois *portobello* recheados de presunto e queijo fumado derretido. Janelle deixara de lado o seu salmão Positano no momento em que Andi perguntara, a apontar para o empregado magricela:

– Quanto é que achas que ele ganha?

– Pronto, já chega – disse ela, e o prato chiou, em protesto, ao ser arrastado pelo tampo da mesa, em ferro forjado. – Rapariga, já não aguento mais. Tu ainda não arranjaste emprego? – perguntou num tom acusador, apontando-lhe o dedo com a unha incrustada de brilhantes.

Os olhos dela dardejaram Janelle por uma fração de segundo, antes de se concentrarem nos padrões dos azulejos castanhos da esplanada.

– Ter-te-ia contado, não achas?

– Estava com esperança de que estivesse a ser uma idiota – disse, limpando a boca com o guardanapo e depois atirando-o para cima da mesa, como se ele a tivesse ofendido. – Muito melhor do que ainda estares desempregada, ao fim deste tempo todo.

Andi encolheu os ombros, desejando ter uma resposta.

– O Craig quer que eu vá trabalhar com ele, e eu disse que sim.

– A fazer o quê?

Ela gemeu.

– Nem perguntas. Uma espécie de administrativa para o seu negócio de imobiliário. Grande esposa, anfitriã de festas, uma assistente pessoal endeusada. E cozinheira. Esqueci-me de dizer, cozinheira.

– Uma cozinheira com doutoramento – acrescentou Janelle a matar, como lhe era típico. – Estás a gozar comigo?

– Quem me dera. – Estar ali com Janelle, a dizer o que pensava pela primeira vez em semanas, sem censura, deixou-a à beira de um ataque de choro. Engoliu alguma água gelada à pressa, para conter as lágrimas e as náuseas.

Ultimamente as náuseas haviam piorado e cada convulsão de vômito queimava-lhe o estômago, como se estivesse a engolir lascas de vidro. Às vezes tinha cólicas antes das náuseas, violentas ao ponto de a deixar sem fôlego, no chão, deitada ou enrolada, em posição fetal, com dificuldade em respirar. Só depois é que os vômitos vinham. Passara a ficar contente com eles, porque lhe aliviavam um pouco as cólicas.

Quisera ir ao médico, mas ele vinha adiando a consulta, porém insistindo ao mesmo tempo em acompanhá-la. Ele tinha razão. Hoje em dia, os médicos não eram mais do que máquinas de fazer dinheiro para os sistemas de saúde privados, não porque quisessem, mas porque não tinham grande alternativa.

Enquanto conseguisse aguentar e adiar a despesa, fá-lo-ia. Cada tostão ajudava. Ela pesquisara na internet e todas as grávidas no primeiro trimestre se queixavam do mesmo, e depois a coisa passava por si só.

– Estás bem? – perguntou-lhe Janelle, dando-lhe um aperto no antebraço. – Empalideceste.

Ela gostaria de poder compartilhar as notícias com a amiga, mas dera a sua palavra a Craig. Já se tinha descosido com os pais dele; se ele soubesse ficaria furioso.

– Apenas não me estou a sentir grande coisa hoje. Desculpa ser tão chata ultimamente. – Fez um sorriso forçado e olhou para a amiga.

– Ouve lá, rapariga, tu não tens de pedir desculpa de nada. Se estivesse no teu lugar, à procura de trabalho há tanto tempo sem encontrar nada, já teria dado em doida. – Franziu a testa e passou a mão pela farta cabeleira negra encaracolada. – Tive uma ideia – anunciou. – Sabes o que é que faço da vida, certo?

– Mais ou menos. Estás na Autoridade para as Condições no Trabalho, é o que sei – disse ela, a brincar. – Mas não faço ideia em que sítio é que trabalhas – acrescentou, piscando-lhe o olho.

– No sítio certo – respondeu, erguendo a sobrancelha direita. – Às vezes investigo queixas de discriminação no local de trabalho ou em processos de contratação.

Andi olhou para ela, a pergunta tácita no seu olhar. O que é que isso tinha que ver consigo?

– Digamos que, se por acaso tu apresentasses uma queixa, alegando que foste discriminada durante uma entrevista de emprego, essa queixa daria origem a um processo e eu podia ir buscá-lo à lista e ser eu a investigá-lo.

– Mas eu não fui discriminada – disse Andi.

Janelle riu-se.

– Claro que foste. Por seres mulher. Confiar em mim, foste discriminada.

– Ah, fui?

Ela anuiu, num gesto lento e exagerado.

– Agora, se faz favor, apresenta uma queixa contra um dos palhaços que se

recusou a contratar-te, dizendo que acreditas ter sido alvo de discriminação com base no teu género. Manda para este endereço – acrescentou, mostrando-lhe um endereço de *e-mail* do Instituto do Emprego no seu telemóvel.

– Agora? – Andi franziu o rosto, perguntando-se se Janelle sabia o que estava a fazer.

– Sim, agora. Não precisa de ser longo. Basta uma linha. Caros senhores, e tal, durante a entrevista para o trabalho não sei quê acho que fui discriminada por causa do meu género. Por favor, ajudem-me.

Ela escreveu a mensagem conforme indicado e depois carregou no botão *enviar*. Um *pling* indicou que o *e-mail* tinha sido enviado com sucesso.

Janelle ficou a olhar para o ecrã do seu telemóvel.

– Vá lá, vá lá – murmurou. – Já está. – Tocou algumas vezes no ecrã e, de seguida, pousou o telemóvel. – Pronto, agora o teu processo foi-me atribuído, o que significa que posso investigar sem ser despedida. Posso fazer perguntas. A quem é que devemos ligar primeiro? À universidade? Como é que se chamava aquela mulher?

– Marjorie – respondeu Andi, com os olhos marejados de lágrimas. Não fazia ideia do que fizera para merecer uma amiga como Janelle. – Doutora Marjorie Hitchens, do Departamento de Biologia Marinha.

– OK, vamos lá. – Janelle marcou o número e pôs a chamada em alta-voz. Depois de perguntar por ela algumas vezes, lá conseguiu apanhá-la ao telefone. – Doutora Hitchens – disse, levando o dedo indicador aos lábios, pedindo a Andi para não fazer barulho. – Muito obrigada por me atender. Daqui fala Janelle Larimer, do Ministério do Trabalho dos Estados Unidos da América.

– Sim, em que posso ajudar, senhora Larimer?

– Encontramo-nos a investigar uma queixa, relativa a... hum... Andrea Wilmore Brafford. Entrevistou-a...

– Sim, lembro-me muito bem dela. Qual é a questão?

– Ela estava a ser considerada para essa vaga?

– Sim, estava. A senhora Wilmore era a melhor candidata para o cargo.

Lágrimas ardiam nos olhos de Andi. Tapou a boca com as duas mãos, para conseguir manter os soluços de choro dentro do peito.

– Ofereceram-lhe o lugar?

Um momento de silêncio.

– Não. Estávamos prestes a fazê-lo, mas recebemos um telefonema, do FBI, creio eu. Notificaram-nos que ela se encontrava sob investigação, por suspeita de contrabando de espécies raras e exóticas.

Andi ficou de boca aberta. A abanar a cabeça, afirmou:

– Não, isso não é verdade.

Janelle levantou a mão e disse:

– Obrigada, doutora Hitchens, por agora é tudo. – Desligou o telefone, mas não disse nada. Por um longo momento, ficou a olhar para o telefone, enquanto Andi continuou simplesmente ali, sentada, em estado de choque, sem palavras.

– Diz-me outro – disse Janelle, friamente. – Outro sítio para o qual tenhas

sido entrevistada.

O telefonema seguinte foi para o banco. Quem a entrevistara disse que recebera uma chamada telefónica a avisar que Andrea Wilmore estava a ser investigada por furto no local de trabalho.

Um terceiro lugar disse que Andrea Wilmore os usara como referência para um pedido de empréstimo ainda antes de começar a trabalhar lá.

A cada contacto telefónico, Janelle ficava cada vez mais zangada e mais calada, enquanto Andi sentia o seu mundo a desabar, fora de controlo. Cada vez com maior dificuldade em resistir à vontade de vomitar, chorava baixinho, deixando-a fazer o seu trabalho, telefonema atrás de telefonema.

A clínica de estomatologia disse que ouvira que Andrea estava sob investigação por fraude com cartão de crédito. Depois desse telefonema, Janelle desligou o telefone e agarrou-lhe na mão.

– Miúda, olha para mim.

Andi tentou acalmar-se, mas não conseguiu. Chorava sem parar, a fazer uma figura triste, a chamar a atenção dos outros clientes na esplanada.

– Eu não fiz nada disso – lamentou-se.

– Eu sei que não fizeste.

– Quem é que me quereria magoar assim tanto? – perguntou, quase sem se aperceber.

– Não, Andi. A questão é esta: quem é que *poderia* magoar-te assim tanto? Quem é que sabia que ias a entrevistas nestes sítios todos?

O seu rosto ficou sem cor, ao mesmo tempo que as suas mãos ficavam geladas, presa nas garras de um medo indescritível.

Só uma pessoa sabia.

Suspeita

Andi não se conseguia lembrar de como chegara a casa depois do almoço com Janelle. Devia ter conduzido sem prestar muita atenção, pois o seu instinto era esconder-se do mundo até que conseguisse entender o que estava a acontecer.

Por instantes, pensou em ir para a casa do pai em vez de para a sua, mas fugir não era o seu estilo. Fosse como fosse, tinha de enfrentar Craig, e quanto menos explicações tivesse de dar, melhor.

Tinha quase rastejado para casa e, assim que entrou, uma dor lancinante dilacerou-lhe o abdómen, seguida de uma onda de náuseas tão intensa que mal conseguiu chegar à casa de banho. Tentara manter-se de pé, enquanto vomitava no lavatório, mas as pernas fraquejaram, trémulas. Deixou-se deslizar, encostada à parede e mal se conseguindo agarrar à bancada, até sentir o mármore frio debaixo de si. Ainda teve mais alguns impulsos de vômito, depois ficou tudo negro.

Voltou a si, algum tempo depois, a tremer devido ao frio dos azulejos. Ao tentar orientar-se e levantar-se, recordou-se do que acontecera mais cedo e das verdades que descobrira. Com falta de ar e a chorar, quando a realidade se abateu sobre ela novamente, obrigou-se a pôr-se de pé e a enxaguar a boca, depois cambaleou até ao quarto.

Não mudou de roupa; esgotara as forças do seu corpo cansado. Em vez disso, deitou-se na cama, de lado e curvada sobre si mesma, de olhos bem abertos.

A única pessoa que sabia das suas entrevistas era o marido. Mais ninguém sabia, não de todas. O seu pai e Janelle sabiam da entrevista da universidade, os Ellefson também e, provavelmente, toda a gente do serão de póquer. Mas só Craig soubera da do banco, da clínica dentária, de todas as outras. Ela ficara demasiado envergonhada para partilhar com toda a gente como ficara tão desesperada, a somar fracasso atrás de fracasso.

Mas Craig, fazer-lhe uma coisa dessas? Era impossível.

Ele amava-a.

Acreditava nisso com todas as fibras do seu ser. Ele tornara-se tão intrinsecamente parte de quem ela era, que lhe era inconcebível que fizesse qualquer coisa para a magoar. Era tão inimaginável como a ideia de a sua mão direita esfaquear a sua mão esquerda.

Ele nunca lhe faria uma coisa dessas; não podia tê-lo feito. Muito pelo contrário, oferecera-se para fazer alguns telefonemas e arranjar-lhe um emprego com um dos seus contactos ou clientes, ou o que quer que fossem aqueles homens influentes. Ele oferecera-se para a ajudar.

Pensou em perguntar-lhe se era ele que espalhava mentiras a seu respeito a possíveis empregadores e, por um momento, imaginou como seria essa conversa. Questioná-lo acerca disso seria tão insultuoso que causaria danos irreparáveis, destruiria a sua relação. Craig sentir-se-ia traído, posto em causa, e afastá-la-ia do seu coração. Para sempre.

A suspeita era algo terrível. A sua mente era assombrada, impiedosamente, por cenários horrorosos, construídos pela sua mente hiperativa com sucessivas imagens de terror, alguns lógicos, outros simplesmente ridículos. A suspeita, uma vez semeada, não se conseguia erradicar completamente, nunca antes de encontrar a sua mortal inimiga, a certeza.

Ela tinha de saber. Se não podia perguntar, que mais poderia fazer? Como é que poderia ter a certeza?

Todo o seu corpo estremeceu. Tapou-se com a roupa da cama e tentou descansar, mas as cólicas haviam voltado e, logo de seguida, uma nova onda de náuseas.

Ainda estava a vomitar quando sentiu a mão dele na sua testa, a segurar-lhe a cabeça. Surpreendida, tentou afastar-se.

– Shh, sou eu – disse. Levantando a cabeça do lavatório, Andi encontrou o seu olhar doce e amoroso refletido no espelho. Não o reconheceu, por um instante. As mesmas suspeitas que lhe envenenavam a mente tinham tecido um manto de dúvida e medo sobre tudo o que partilhavam, infiltrando-se por todo o lado e invasivas como as marés, imparáveis.

O ataque de vômito tornou-se um ataque de choro, os ombros agitados por espasmos, enquanto ele a tentava segurar. Andi soltou-se e afastou-se.

– Não, não – gritou, estendendo o braço para evitar que ele se aproximasse.

Visivelmente transtornado, Craig parou, deixando os braços cair ao longo do corpo num gesto de desespero e desamparo.

– O que é que se passa? Isto não é normal. Temos de ir ao médico.

Sem forças e a tremer, Andi gatinhou até à cama.

– Não, de certeza que não é nada de especial, uma virose qualquer. – Uma mentira puxa outra mentira. – Devias ficar afastado, para não apanhares também.

Ele sentiu-lhe a testa febril e a latejar, com uma mão fria e refrescante, olhando para ela com preocupação.

– Deixa-me arranjar-te qualquer coisa. Uma sopa? Achas bem?

– Hum-hum... Não consigo aguentar nada no estômago. Eu só... preciso de

dormir. — Puxou a roupa da cama até ao queixo, fechou os olhos e deitou-se de lado, enrolada.

Ele ficou ali de pé durante algum tempo, em silêncio, a observá-la, provavelmente; depois apagou as luzes e saiu, fechando a porta com cuidado.

Andi abriu os olhos.

Aquele era o seu marido. Amoroso, gentil, atencioso. Que lhe traz sopa, se oferece para ir com ela ao médico, diz e faz as coisas certas, o homem totalmente incrível por quem se apaixonara perdidamente.

Ele não era um sociopata qualquer que a deixaria ir a entrevistas de emprego durante meses, só para a sabotar, só para que ela...

Para ela o quê? O que é que Craig tinha a ganhar com ela não ter uma carreira?

A resposta a essa pergunta atingiu-a em cheio no plexo solar, como o soco de um pugilista.

«Queres ser o meu copiloto?», perguntara-lhe na passada sexta-feira, e não era a primeira vez que lhe pedia para ela trabalhar consigo. Não... não fazia sentido. A suspeição era uma coisa terrível. Dava origem a monstros que não existiam, que não eram reais. Como é que ela podia saber se Craig não lhe dissera para trabalhar com ele por pena, porque ninguém a contratava?

Enterrou o rosto na almofada e soltou um gemido. Podia ter tido o emprego dos seus sonhos, a trabalhar com Marjorie na universidade, a terminar o seu doutoramento. Só que alguém lhe estragara a vida, alguém a roubara.

Não podia ter sido ele. Acabara de descobrir, através dos seus pais, que ele gostava de dinheiro, por isso, de qualquer maneira, ele queria ter ainda mais dinheiro. O seu salário ajudaria a família a ganhar mais.

Fechou os olhos para tentar adormecer. Conseguia ouvi-lo no escritório a fazer telefonemas para os seus clientes, um após o outro, com uma paciência sobre-humana. À sua voz distante sobrepôs-se outra, de memória, a do seu pai a dizer-lhe: «Quem sabe como é que a tua vida seria se não o tivesses conhecido?»

Aquela memória despertou-a com um estremecimento. O seu pai dissera mesmo aquelas palavras? Será que ele tinha estado certo e ela errada, todo este tempo?

Se Andi continuasse a viver com aquela terrível suspeita a pairar sobre a sua cabeça, ficaria louca.

Respirou fundo, durante algum tempo, para acalmar as ondas de náusea, acariciando a sua barriga e a pensar no bebé. A sua gravidez alterara mais as coisas do que ela tivera tido tempo para reconhecer.

Tinha de saber. De ter a certeza absoluta, sem sombra de dúvida.

E só havia uma maneira de descobrir.

Na penumbra, agarrou no telemóvel e pesquisou outra vez por empregos na sua área. Encontrou um anúncio para o Downtown Aquarium. Era para um técnico, e só pediam dois anos de universidade, idealmente quatro. Com o seu grau académico, estava mais que habilitada. Mais importante ainda, Craig não fazia ideia daquele trabalho.

Candidatou-se rapidamente, usando um currículo que tinha guardado *online*.

Depois, com as mãos a tremer, alterou o código de acesso ao seu telemóvel. Escolheu um código aleatório, com seis dígitos, que nada tinha que ver com datas importantes nas suas vidas.

Uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto quando pousou o telemóvel na mesa de cabeceira. Se o aquário lhe oferecesse o trabalho, ela teria a certeza.

– Deus queira que eu esteja enganada – sussurrou, na silenciosa escuridão do seu quarto. – Por favor, que eu esteja enganada. Não posso perdê-lo.

Antes de se deixar dormir, a última imagem que perpassou a escuridão crescente na sua mente foi a de dois meninos a correr de mãos dadas, a rir.

Vestido

Aquele dia de meados de setembro estava tão tórrido como se fosse julho, o ar húmido, empoeirado e irrespirável. Saindo mais cedo do trabalho, Craig fez um desvio e passou pela Galleria, a caminho de casa. Planeava ir à *Neiman Marcus*, para encontrar um vestido para Andi. Ela vestia trinta e oito, cabia num trinta e seis se se esforçasse um pouco, mas ele resignara-se a arranjar-lhe um trinta e oito. Aquela sua barriga estava inchada, a destacar-se através de qualquer tecido mais justo ao corpo, como uma bola. Era uma pena.

Estacionou no lado sul do centro comercial e parou para comer qualquer coisa antes de ir às compras. Como não gostava muito de *fast food*, optou por um almoço tardio no The Cheesecake Factory. A sua *piccata* de frango não era má.

Ainda estava à espera da conta quando deu de caras com uma loira, a caminhar em direção à saída. Ela era tudo aquilo que ele desejava que Andi se tornasse. Esbelta, requintada, a tresandar a dinheiro e a, bem, a tudo o que é caro. Um traseiro bem firme, que mal se escondia numa minissaia vermelha, esticada. Seios perfeitos, que se entreviam pelo tecido delicado e semitransparente da sua blusa branca.

Os seus sapatos eram uns *stilettos* da *Louboutin*, pretos, *peep toe*, sola e interior naquele vermelho patenteado, exatamente o mesmo modelo que ele queria oferecer a Andi como prenda de aniversário. Vendiam-nos na *Neiman Marcus*. Mais valia levá-los também, já que ali estava.

O cabelo daquela mulher era lustrosamente liso, ia até meio das costas, com finas madeixas e *nuances*, para lhe dar contraste. Ao passar, o abanar das suas ancas em cima daqueles saltos com dez centímetros e os seus cabelos a ondular, como se fossem fios da mais pura seda, atçaram-lhe a imaginação. Qual seria a sensação daquela onda de seda a deslizar pelo seu corpo, duro e nu?

Algo ganhou vida abaixo da sua cintura. Praguejou, entredentes, depois bebeu

alguma água gelada, ainda a admirar as longas pernas da mulher, quando esta se encontrava prestes a sair do centro comercial. Levava um saco de compras com a medusa da *Versace*.

Era lá que ele tinha de comprar o vestido para Andi. Nada de *Neiman Marcus*.

Foi uma decisão inspirada.

A *Versace* tinha exatamente o que ele estava à procura. Um vestido curtíssimo, preto, sem mangas, com um profundo e generoso decote e detalhes em dourado. Cerca de meia hora mais tarde estava em casa, contente por encontrá-la a pé, com melhor cara que no dia anterior.

– Olá – cumprimentou ela quando Craig entrou pela porta. – Chegaste cedo. – Sorriu-lhe a partir do lava-loiça, onde estava a encher a máquina de lavar.

– E com presentes para a minha linda mulher – anunciou, a segurar no saco de compras da *Versace* na sua direção.

Ela limpou as mãos à pressa, agarrou o saco e tirou o vestido.

– Oh, uau, Craig, é... incrível. – Lançou-lhe um olhar que o fez franzir um pouco o rosto. Havia uma pergunta no seu olhar, uma cautela, de que ele não gostava mesmo nada. – Os sapatos também – acrescentou ela, ao tirar a caixa com o logótipo em letra cursiva da *Louboutin*.

– Podes experimentá-los, para eu ver? – Ele sentou-se, apoiando os cotovelos nos braços do cadeirão, com as mãos unidas apenas na ponta dos dedos.

Ela inclinou a cabeça, divertida.

– Gostavas, não gostavas?

– Muito – disse ele num sussurro, a voz rouca, cheia de desejo.

Andi escondeu-se no quarto com o vestido e os sapatos e deixou-o à espera por largos minutos. Quando finalmente reapareceu, ele ficou sem fôlego.

Sexy como tudo. Absolutamente perfeita.

O telemóvel dela tocou. Andi olhou de relance para o ecrã, rapidamente, depois sorriu-lhe, virando-se lentamente, fazendo com que os seus longos brinco com ametistas baloiçassem suavemente.

– E que tal? – Mordiscou o lábio inferior, deixando-o doido. – É suficientemente curto para ti? Ou achas que lhe junte um cinto?

– Hum-hum – respondeu Craig, com dificuldades em manter-se sentado no cadeirão, quando o que desejava era possuí-la com cada fibra do seu corpo a ferver. – Um cinto ficava bem. – Cada um dos onze homens que já tinham confirmado a presença na próxima festa iria ficar com ele em pé, mas aquela sensual rainha do baile era só sua.

Ela ergueu os braços acima da cabeça, numa pose elaborada, desviou o olhar para o lado, uma sugestão de sorriso enigmático nos lábios. A saia subiu com o movimento, expondo ainda mais um pouco das suas coxas.

– Dá uma volta, devagar – murmurou Craig, lambendo os lábios.

Ela obedeceu, ainda de olhar distante, aparentemente perdida nos seus pensamentos. Para onde é que os seus pensamentos viajavam novamente? O que é que se passava naquela cabeça? Ela conseguira arruinar o momento com mais eficácia do que um desafio do balde de gelo.

Suspirou profundamente, frustrado.

– De quem era a mensagem? – perguntou, num tom de voz normal, sem nenhum traço de excitação.

Os braços dela caíram, como se fosse uma marioneta cujos fios haviam sido cortados.

– Qual mensagem?

– A de ainda agora. O teu telemóvel apitou.

– Ah... era a Janelle. Queria que fôssemos sair na quinta-feira à noite da próxima semana, uma saída só de raparigas.

A menção desse nome fê-lo cerrar os maxilares e ranger os dentes. *Raios partam a Janelle.*

– Não te preocupes – respondeu ela com uma voz doce. – Já lhe disse que não posso. É quando temos a próxima festa, não é?

– Sim. – Ele sorriu abertamente. Andi estava a aprender as suas prioridades, o seu lugar. O cabelo ainda iria demorar a crescer e a arranjar, para ficar como deve ser, mas, ainda assim, ele queria-a mesmo ali à frente do cadeirão, de joelhos, a olhar para si enquanto lhe desapertava o cinto.

Esticando-se na sua direção, Craig sussurrou:

– Anda cá.

Ela não se moveu. Permaneceu de pé, a alguns metros de distância, com uma expressão estranha no rosto.

– Estás a pensar em quê?

Andi arrancou os sapatos e sentou-se noutro cadeirão, depois cruzou rapidamente as pernas, não num movimento do estilo *Instinto Fatal*, mas sim num género de quarto de residência universitária. Frio. Prático. Assexual.

– Se eu conseguir um emprego na minha área no Instituto de Oceanografia Scripps, em San Diego, considerarias mudar-te?

Ele quase se engasgou. *Maldita inquietação... O que é que se passava com aquela mulher? Quando é que ela ia parar?*

– E começar de novo na Califórnia? – Conseguiu soar normal, equilibrado, sem transmitir na sua voz a raiva que lhe fervilhava por dentro.

Ela sorriu.

– Casas mais caras, comissões maiores.

– Hum... lá isso é verdade. – Ele franziu a testa, ao pensar sobre a ideia inesperada e a não conseguir encontrar-lhe grande defeito. Em primeiro lugar, aquela chata da Janelle e o idiota do pai ficavam para trás. Bem, teria de começar do zero outra vez, encontrar os Donati e os Haskett da Califórnia, mas já o fizera uma vez. Caramba, claro que era capaz de voltar a fazê-lo. A única questão era: será que Jude consideraria mudar-se? Porque, sem ele, nada faria sentido. Ele tinha o dinheiro para os impulsionar na Costa Oeste, é certo, mas fá-lo-ia?

Craig olhou para a mulher, a estudar-lhe as feições. Não lhe parecia que ela já tivesse conseguido o trabalho em San Diego; a sua pergunta não fora feita com a urgência que isso implicaria. Estava calma e descontraída, mas também algo distante, quase apreensiva. Isso não fazia qualquer sentido. Talvez fosse aquela

parvoíce toda da gravidez. Com base no que lera na internet sobre as mulheres no primeiro trimestre, tinha sido um milagre a espécie humana ter sobrevivido. As mulheres transformavam-se em autênticos *zombies*, uma mistura de hormonas com mudanças de humor e todo o tipo de coisas hediondas, tais como seios descaídos, retenção de líquidos e aumento de peso. *Merda*.

Califórnia. Podia ser boa ideia.

Inclinou-se para a frente, sorrindo.

— Se isso te fizesse feliz, fá-lo-ia. Por ti, faço tudo. — Por que raio é que ele ainda não se tinha lembrado da Califórnia e do seu mercado imobiliário em expansão? Jude ia adorar. Mas antes Craig queria fazer outra coisa.

Levantou-se e caminhou até ela, lentamente, despindo-a com o olhar, atento às suas reações, para ver se o fogo que ele ateava se estava a espalhar. Ela reagiu, um pouco mais lenta que o habitual, mas agarrou a sua mão e pôs-se de pé, envolvendo-se no seu abraço, beijando-o apaixonadamente, gemendo em cada fôlego. Inexplicavelmente, uma lágrima rebelde caiu-lhe pelo rosto, mas Andi não o afastou, não parou de o beijar, desabotoando-lhe a camisa, sofregamente, com dedos frios e trémulos.

Ele abriu o fecho na parte de trás do seu vestido, centímetro a centímetro, delicadamente, e despiu-o do corpo da sua linda esposa, como se tivesse desembrulhado um presente extravagante, embrulhado com um sumptuoso laço de seda.

Procurador Distrital Buscher: Quando é que viu a sua filha pela última vez?

Dr. Hunter Wilmore: A 7 de outubro. Foi uma quinta-feira.

Procurador Distrital Buscher: E onde é que a viu?

Dr. Hunter Wilmore: No Centro de Reabilitação Cardíaca, onde tenho estado internado desde o enfarte. Ela foi visitar-me. Costumava ir lá quase todos os dias.

Procurador Distrital Buscher: Andrea Wilmore Brafford disse alguma coisa fora do comum?

Dr. Hunter Wilmore: Não. No entanto, não se estava a sentir nada bem. Estava pálida; as mãos a tremer.

Certeza

Cerca de uma semana mais tarde, Andi teve notícias do aquário. Fora convidada a deslocar-se até lá para assinar alguns formulários. Se o seu histórico e créditos se confirmassem, ela estava contratada. A oferta seguia anexa ao *e-mail* e eles pediam que a assinasse e devolvesse nas próximas quarenta e oito horas.

A princípio, lera a mensagem, mas não a compreendera completamente. Entendeu as palavras e o seu significado, mas não tudo o que aquela mensagem representava para si. Andi conseguira o emprego. Eles estavam contentes por poderem contar consigo e estavam confiantes de que seria uma ótima adição à equipa do Downtown Aquarium.

Depois, caiu em si, ficando sem ar nos pulmões. Balbuciou uns sons desarticulados que se transformaram num choro convulsivo de partir o coração. Consequira o emprego... O único a que Craig não fazia ideia de que ela se candidatara.

Fora à entrevista em total segredo, tendo-lhe mentido e dito que ia às compras ou visitar o pai. Arquivara imediatamente todos os *e-mails* que eles lhe tinham enviado, numa pasta que criara e convenientemente denominara Cupões e Ofertas. Ele nunca iria procurar ali. Todos os dias, durante todo aquele tempo, desde que se candidatara ao emprego no aquário, desejou ter falhado na entrevista, sabendo que, se conseguisse a vaga, esta traria consigo a certeza que tanto temia.

O seu choro abrandou quando lhe passou uma nova ideia pela cabeça. Talvez o teste que ela fizera para descobrir se Craig era o culpado pela sua procura de emprego falhada não fosse assim tão acertado. A ausência de prova não constitui prova da ausência. Lembrou-se do aforismo que aprendera na escola. O facto é que ainda não sabia, sem sombra de dúvida, de uma maneira ou de outra.

E se a oferta de emprego não fosse mais do que uma coincidência, uma forma de o destino gozar com ela, de lhe pregar uma partida dolorosa? Todos os artigos

que lera sobre procura de emprego diziam que demorava entre três a seis meses para se encontrar um, e consegui-lo era um exercício de paciência e um jogo de probabilidades. Andava naquilo há meses, mas e se o aquário estivesse apenas destinado a acontecer? O facto de Craig não ter ideia disso não queria dizer, com certeza absoluta, que era ele que a estava a sabotar. Podia ser coincidência.

Andi precisava que fosse apenas uma coincidência.

O *e-mail* desestabilizador chegara quando ela estava a enxaguar a boca após mais uma ronda de vômitos, tão má que a deixara sem ar e a perguntar-se por que raio é que lhe chamavam enjoos matinais se eram quatro da tarde e aquilo nunca mais parava.

Agora lavava o rosto marcado pelas lágrimas, passando-o por água fria, repetidamente, para reduzir o inchaço e a vermelhidão. Era quarta-feira, véspera de mais uma das festas de Craig, e ela simplesmente já não conseguia obrigar-se a passar por aquilo de novo, quando tudo o que queria fazer era gritar e perguntar-lhe, de uma vez por todas: Foste tu que me fizeste isto? Foste?

Conseguia imaginar-se a fazer-lhe aquela pergunta, como uma bomba, mas não passava daí. Não via o que ele poderia responder ou o que aconteceria depois da tão temida resposta. Andando pela casa sem rumo, a dar uns retoques aqui e ali, detalhes na preparação para o evento do dia seguinte, entregou-se aos pensamentos que lhe povoavam as noites com pesadelos e os dias com amarga ansiedade.

Como desejava poder perguntar a alguém o que devia fazer... mas o seu pai e todos os seus amigos estavam fora de questão. O pai já odiava Craig; dizer-lhe alguma coisa acerca daquele assunto ainda o matava. Pensou em telefonar a Rebecca; era como uma segunda mãe para ela e ajudá-la-ia de bom grado. De telemóvel na mão, foi à procura do contacto, mas depois não fez a chamada e bloqueou o ecrã. Não podia manchar a reputação de Craig com as suas suspeitas... Não era algo que as pessoas esquecessem com facilidade, caso se viesse a provar que estava errada.

Uma ideia começou a ganhar forma, enquanto limpava o pó aos corais do aparador com um espanador, um plano que talvez funcionasse e provasse, sem sombra de dúvida, se ele tinha feito aqueles telefonemas. Para isso, ela precisava de ser o que nunca conseguira. Uma boa atriz. Uma política; dizer uma coisa quando queria dizer outra.

Sempre fora irritantemente direta, a sua franqueza a roçar a brusquidão, sem um pingó de malícia, apenas o resultado imediato de uma mente honesta, sincera e sem filtros. Algo ingénua, na sua opinião, até imatura, talvez. Sem o requinte dos políticos, sabia que pertencia ao mundo dos académicos e investigadores, onde as suas capacidades de comunicação eram vistas como adequadas e claras, desprovidas de palavreado desnecessário. Agora, mais do que nunca, desejava ser capaz de responder a perguntas sem dizer nada, de produzir uma noite inteira de chavões e conversa fiada, de interrogar Craig sem o fazer diretamente, de lhe mentir e fazer de conta que estava tudo bem, pelo menos até encontrar as provas de que estava à procura.

Trocou de roupa e pôs um pouco de maquilhagem para disfarçar a palidez e os

círculos negros debaixo dos olhos inchados. Vestiu um vestido de verão, leve, de que Craig gostava, e fez o melhor que pôde para não pensar sobre o que teria de fazer se tivesse sido ele quem lhe roubara as suas oportunidades.

Perdê-lo-ia. Teria de se ir embora. Deixariam de existir como um casal.

Respirou rápida e profundamente, para combater as lágrimas, pôs o pendente azul ao pescoço e olhou para a estranha refletida no espelho. Talvez ela tivesse em si o que era preciso para mentir e enganar o homem que amava. Todas as mulheres teriam, muito provavelmente.

Reuniu forças, segundo após segundo, a olhar diretamente para o reflexo dos seus olhos azuis até ter a certeza de que estava pronta para o que aí vinha. Seriam apenas algumas horas; não a iria matar.

E então, esperou.

Quando ele regressou do trabalho, encontrou-a a limpar o pó das estantes da sala de estar, a usar aquele vestido de verão e umas sandálias brancas, com tacão *kitten*, a projetar a imagem da esposa ideal, como no filme *Mulheres Perfeitas*. O sonho dele.

Atingida por uma onda de náuseas quando Craig entrou pela porta, contrariou-a com uma inspiração forte e um sorriso. Depois, foi até ao frigorífico e emborcou meio copo de água com gás gelada.

– Como correu o dia?

– Mais ou menos – respondeu ele, olhando-a de alto a baixo, com um sorriso aprovador. – Sabes, não consigo sacar um negócio dos grandes todos os dias. – Fez um sorriso desajeitado, quase pesaroso. – A maioria das vezes, lido com idiotas indecisos que querem muito uma casa que vale bem mais do que o dinheiro que têm. Ah, e lido com o Hughes, o maior idiota de todos.

– Ele ainda só te dá porcarias?

– Ultimamente não – respondeu, enquanto soltava o nó da gravata e a tirava. Ela tirou-lha da mão e esperou pelo resto da sua roupa, para a pendurar no roupeiro. Primeiro, Craig tirou a camisa, depois as calças. Ela olhou para o seu corpo familiar e atlético e pareceu-lhe desconhecido, a sua nudez obscena. – Amor, podes trazer-me uns calções, por favor? – perguntou, enquanto levava os sapatos para o armário, só em cuecas.

– Claro – respondeu ela, sem virar a cabeça, mesmo antes de entrar na casa de banho. Não conseguia esperar mais; tinha de saber.

Um momento mais tarde apareceu, com uns calções e uma *T-shirt* lavada, mas hesitou antes de lhos entregar.

– Porque é que não tomas um duche primeiro? Ias sentir-te melhor. Está muito calor. – Inclinou um pouco a cabeça. – Demora o tempo que quiseres. Tu mereces.

Ele ficou a olhar para ela, por um instante. Andi olhou-o de frente, sem pestanejar. Cravar um sorriso falso nos seus lábios fez a diferença.

– Boa ideia. – Craig pegou na roupa e entrou na casa de banho. Um minuto depois, ela ouviu a água do banho a correr.

Tinha cerca de dez minutos, talvez um pouco mais. Às vezes ele gostava de

ficar bastante tempo debaixo do chuveiro, a alternar entre água fria e água quente, até se sentir revigorado.

O seu telemóvel estava em cima da bancada, ao lado das chaves do *Mercedes*. Ela sabia o código e desbloqueou-o num instante, depois foi verificar a lista de chamadas recentes. Eram centenas... Ele passava a maior parte do tempo ao telemóvel, mas Andi acreditava que algures naquela lista interminável de números poderia estar algum que não encaixava. O número do Departamento de Biologia Marinha na universidade. O número de um banco onde eles não tinham conta, mas onde ela fora entrevistada para trabalhar no balcão. O número de uma clínica dentária a que eles não iam, mas para a qual se candidatara ao lugar de rececionista.

Não havia tempo suficiente para percorrer a lista toda ao pormenor. Ao invés, tirou fotos das chamadas recentes, fazendo *scroll* até chegar ao fim da lista, depois bloqueou o telemóvel e voltou a pô-lo onde estava.

Examinou as imagens, à procura de números que reconhecesse, já mais segura na cozinha e atenta aos sons que vinham da casa de banho. Não encontrou o número da universidade, mas o da clínica dentária estava lá, bem como o da Brisbane Corporation, uma empresa onde ela tinha sido entrevistada para o cargo de apoio ao cliente, há cerca de um mês.

Ali estava, mesmo à sua frente, a assassina de todas as suspeitas.

A certeza.

A portadora de um desgosto sem fim.

Estivera refém, presa entre as paredes de tijolo de uma gigantesca mansão suburbana, para limpar a casa e ser uma anfitriã de primeira para os convidados de negócios dele.

Não tinha como continuar a negá-lo, por mais que desejasse que não fosse verdade.

Quando Craig saiu da casa de banho com o cabelo molhado, penteado para trás mas a descair, aleatoriamente, pelo seu próprio peso, encontrou-a vestida com umas calças de ganga e uma *T-shirt* velha dos Bon Jovi. As sandálias tinham desaparecido, em troca dos seus *Reebok* preferidos, e, mesmo aos seus pés, uma pequena mochila, com as poucas coisas que ela considerava verdadeiramente suas.

Assim que a viu, estacou à porta, congelado.

– O que é que se passa?

Ela levantou-se e pôs o pendente azul na mão dele.

– Quero o divórcio.

Ficar

Ir até à porta requeria todas as forças que Andi ainda possuía. Cada passo tinha um caráter definitivo, cada um mais difícil que o anterior, como se estivesse amarrada a Craig com um elástico que se recusava a quebrar. Em vez disso, estendia-se, tenso, e, quanto mais se esticava, mais difícil era dar um passo em frente.

– Andi – chamou Craig, e o passo dela vacilou. Mais alguns passos e chegaria à garagem. Depois, até ao carro. Então, ir-se-ia embora, finalmente. – Não vás, por favor.

Ela desejava conseguir bloqueá-lo, de alguma maneira, para que não o visse nem o ouvisse, até ter a resistência para levar a cabo a ação excruciante que estava prestes a fazer.

Deixá-lo.

Ter-lhe-ia parecido impossível há duas semanas. Impossível, não; completamente insano. Ainda naquela manhã, não acreditava que pudesse ser verdade. À mercê das garras impiedosas da ansiedade, enquanto aguardava para descobrir, com toda a certeza, conjurara inúmeros cenários, tentando arranjar-lhe desculpas, formas de ele não ser o responsável.

A seguir, começara a imaginar maneiras de poder reduzir a gravidade do que ele fizera. A produzir desculpas. A racionalizar o inconcebível. Enfim, não era assim tão mau ficar em casa e desfrutar de uma vida despreocupada, pois não? Bem, para outras mulheres talvez, mas não para ela. Andi era uma cientista, a meses de se doutorar em Biologia Marinha, de ser uma especialista na sua área. Ele roubara-lhe não só a carreira, mas também a autoestima e o fruto de todos os anos que despendera a estudar para a sua profissão. A visão do mundo em que vivia estava totalmente conspurcada pelo que ele fizera.

– Pelo menos, podes dizer-me porquê? – perguntou Craig atrás dela.

Havia, na sua voz, um tom de profunda tristeza, de desespero, que a congelou no lugar. As inflexões da voz dele ainda ressoavam no seu coração.

Virou-se lentamente, a respirar fundo, com receio de desmaiar. No momento em que parou e olhou para ele, uma torrente de fraqueza assolou-a. Craig estava de pé, no meio da sala, ainda molhado, com uma toalha à volta da cintura, sem se importar com as gotas que pingavam no chão de madeira, vulnerável e derrotado.

No seu rosto estava inscrita a total confusão, boquiaberto, sobrancelhas levantadas, olhar suplicante.

Ele tinha direito a uma explicação... Será que tinha? Talvez *ela* tivesse o direito de saber o porquê, e essa curiosidade fervia em cada recanto da sua mente. Não podia ser só por causa daquelas festas estúpidas... era impossível. Não fazia sentido.

Deixou cair a mochila no chão, com um estrondo, como se parecesse demasiado pesada para continuar a segurá-la.

– Eu sei o que tu fizeste.

– Estás a falar do quê? – Craig deu dois passos na sua direção, mas ela levantou a mão e ele parou. – Por favor, amor, diz-me o que é que achas que fiz.

– Eu já não sou o teu amor – sussurrou Andi, a voz eivada de raiva e tristeza. Devia ter-lhe dado uma bofetada, a gritar – Como é que foste capaz? – Mas ela não era assim.

As suas lágrimas secaram, dando lugar a uma fria determinação.

Ela e Craig tinham acabado. A história de amor, o namoro, o casamento – tudo desaparecera. Restara apenas e só terra queimada, destruída e contaminada, árida para todo o sempre. Depois daquilo, como é que ela poderia voltar a confiar em alguém?

– Eu fiz o quê? Por favor, não me podes dizer? – murmurou. – Eu faço qualquer coisa...

– Não há nada que possas fazer. Já fizeste o suficiente. – Riu-se, amargamente. – Mais do que suficiente.

– Estás a falar do quê? Estás a assustar-me.

Os lábios tremeram-lhe antes de falar.

– Eu sei que ligaste para todos os sítios que me entrevistaram, a espalhar mentiras sobre mim. – Mal conseguia olhar para ele. Parecia que tinha um peso enorme no peito, a esmagá-la. – A universidade, Craig? Para mim, aquele sítio é como uma segunda casa, uma outra família. Consegues imaginar o que aquelas pessoas, que eu conheço, respeito e admiro, devem estar a pensar sobre mim neste momento? – Fungou e limpou uma lágrima do canto do olho, num gesto furioso. – Como é que foste capaz? Como é que vou conseguir voltar a encará-los? – A sua respiração era superficial, entrecortada, rápida, a tentar conter a raiva. – Tu... mataste-me! Destruíste tudo, tudo pelo que trabalhei, todos os meus sonhos. Porquê?

Ele deixou tombar a cabeça, os ombros curvados para a frente.

– Sim, eu fiz isso tudo – murmurou. – Desculpa-me... Não fazes ideia do quanto lamento...

– O quê? Teres sido apanhado? – Furiosa, começou a andar de um lado para o outro, a adrenalina a injetar alguma energia no seu corpo enfraquecido. – Tu foste implacável, Craig. Não falhaste nenhum dos sítios e disseste uma mentira diferente a cada um. –

O fel subiu-lhe à garganta, a ameaçar outro ataque de vômitos. – És criativo, lá isso és, mas da forma mais desprezível que alguma vez imaginei.

– Perdoa-me, por favor – sussurrou, com um olhar suplicante.

Nem assim ele lhe dava uma resposta direta. Uma vez mentiroso...

– Acho que querias uma anfitriã para as tuas festas, e se eu tivesse encontrado um emprego, esse papel que imaginaste para mim, no teu pequeno negócio imobiliário, ficaria em perigo.

Ele apoiou as mãos nas ancas e virou-se de lado, como um sinal de frustração.

– É isso que pensas? Que se *lixe* o meu negócio imobiliário! – gritou. – Que vá para o inferno!

Andi ficou a olhar para o marido, incrédula. Não era dele levantar a voz. Mas, também, quem era este homem e o que é que ela sabia acerca dele? Será que o Craig por quem se apaixonou existira, sequer?

– Vou cancelar a festa de quinta-feira – disse ele, dando mais uns passos na sua direção, até que ela o fulminou com o olhar, fazendo-o manter a distância. – Eu mudo de emprego. Faço outra coisa qualquer que tu queiras, mas não me deixes. Tudo o que tenho tentado fazer é para ti.

Ela riu-se.

– Estás a gozar comigo?

– Esta casa, a nossa vida nos subúrbios, o estilo de vida, tem sido tudo sobre ti. Para ti.

A dúvida, alimentada pelo desejo de que fosse verdade e pelo amor que acreditava ver nos olhos dele, começou a intrometer-se na sua mente. E se Craig estivesse a dizer a verdade?

– Pensa bem... Quando me conheceste eu estava satisfeito em viver naquele apartamento, quase sem mobília. Não era ninguém, não tinha nada e não queria saber. – Juntou as mãos, implorando-lhe, silenciosamente, que ela acreditasse nele. – Até que te conheci.

Se ela se convencesse a acreditar nele novamente e viesse a descobrir que era tudo mentira, nunca mais seria a mesma. Não iria recuperar. Ainda assim, virar costas ao amor da sua vida era quase uma impossibilidade, sob o peso de toda aquela dúvida.

– Se era tudo por minha causa, porquê impedir-me de trabalhar? Porquê sabotares o meu emprego na universidade? E tudo o resto?

Ele baixou a cabeça.

– Eu já te disse... Eu não era nada, um zé-ninguém. Tu serias extremamente bem-sucedida em qualquer coisa que fizesses. Então, ter-me-ias descartado ao virar da esquina, como um trapo velho que já ninguém quer. – Fez uma pausa, por um momento. – Não te queria perder... nem quero. Faria qualquer coisa para te fazer ficar.

As suas palavras, aparentemente inocentes, soaram-lhe mal.

– *Fazer-me?* – disse ela, franzindo o sobrolho.

– Convencer-te. – Ele cerrou os maxilares por um instante. – Má escolha de palavras.

Ou deslize freudiano, pensou Andi, mas o muro que tinha erguido à volta do coração, para ser capaz de o deixar, estava a começar a esboroar-se.

– Deixa-me pegar em ti e levar-te de férias – implorou Craig, espantando-a. – Simplesmente cancelamos a festa de quinta-feira e vamos. Para onde tu quiseres. Caraíbas, Bahamas, não interessa. É só dizeres.

Ela deixou escapar um longo suspiro, que fez ruir o resto do muro. Os casamentos requeriam esforço, muito esforço. Ele não era do género de gritar ou ser abusivo, não bebia, não a traía. Era apenas alguém inseguro, nada mais, e tinha cometido um erro. Fugira de casa aos dezasseis anos e tinha lutado para ser alguém, enquanto ela tinha uma família, um pai que lhe havia dado tudo. Uma casa e comida na mesa enquanto tirou a licenciatura, o mestrado e, depois, começou o doutoramento. Ao passo que ele... não tinha tido ninguém. Até ela aparecer.

Talvez merecesse outra oportunidade.

– Se me mentires mais alguma vez, vou-me embora nesse preciso momento. Desapareço e pronto. Não te vou explicar nada nem te voltarei a dirigir a palavra.

– É justo. – Aproximou-se mais um passo. Sorriu timidamente, o seu lábio inferior a tremer ligeiramente, os seus olhos marejados de lágrimas. – E então, reservo os bilhetes de avião? Gostarias que fôssemos para onde?

– Ainda não acabei – disse ela, a voz ainda fria, factual. – Vamos dar a festa de quinta-feira e depois vamos embora. No sábado, para teres tempo de fazeres os teus telefonemas de *follow-up*. Trabalhaste muito para isto.

– Oh, Andi – murmurou ele, levando a mão dela aos seus lábios. – És a mulher mais incrível do mundo. Será que me vais perdoar, algum dia?

Ela ficou sem ar. Era uma pergunta complicada. Conseguiria? Seria sequer possível? Ela não sabia... Queria ser capaz, mas não havia como saber o que lhes aconteceria, com o passar do tempo. O casamento deles estava por um fio, frágil e a ruir, destroçado pelos ventos tempestuosos da adversidade e do engano.

– Não sei. Vamos trabalhar nisso, um dia de cada vez.

– Só preciso disso – disse ele, baixinho, beijando-lhe a mão. – Disso e do teu destino de férias preferido, minha maravilhosa mulher.

Seria capaz de passar uma semana sozinha com ele? Nos seus braços, a fazer amor com ele, enquanto a fealdade das suas mentiras e a incerteza sobre o seu futuro ainda lhe pesavam tanto no coração? Mas os casamentos de sucesso eram um trabalho árduo. Ir embora era difícil, complicado, desolador. Ficar era ainda mais difícil. A vida que crescia dentro dela dava-lhe pouca escolha.

– As Caraíbas – respondeu, calmamente, depois de tomar a sua decisão. – Montego Bay. Uma semana, não mais. Arranjei um emprego.

Para Manter

A semana de Craig tinha sido uma montanha-russa, sentindo as consequências de todas as reviravoltas e dos quase desastres. Cansado, moído até aos ossos, esfregou a parte de trás do pescoço enquanto ouvia a conversa de despedida de um dos seus convidados.

Chamava-lhe «conversa de despedida» porque alguns convidados pareciam ficar mais conversadores, compartilhando mais uma história, piada ou comentário, antes de finalmente se irem embora.

Era indicador de que tinham gostado da festa e se lembrariam dele na manhã seguinte, quando os contactasse para fechar qualquer negócio que conseguisse.

Entusiasmado com o sucesso da festa, contava as suas vitórias, mentalmente, enquanto o convidado tagarela, um CEO das telecomunicações, de seu nome Virgil Eastland, falava e falava e falava. Fingiu não reparar no olhar libidinoso de Eastland, mergulhado no fundo decote de Andi ou a percorrer as suas pernas, de alto a baixo. Eram umas belas pernas... O homem não tinha culpa.

Haviam aparecido onze casais poderosos. Três tinham sido referenciados por Donati. Craig dormira mal, ultimamente, a imaginar o que Donati esperaria de si em troca. Queria algum suborno? Altamente improvável... Ele tinha mais dinheiro do que sabia onde gastá-lo e, provavelmente, sentir-se-ia insultado com qualquer quantia que Craig lhe conseguisse dar. Mas Craig não sabia o que ele queria, e isso deixava-o nervoso, espicaçando as suas inseguranças. Também não lho podia perguntar, isso não seria de bom tom. Pelo menos, isso ele sabia.

Daqueles onze, quatro haviam prometido torná-lo o agente imobiliário preferencial nas suas empresas, e isso incluía o acesso a todos os seus funcionários que viviam na área de Houston, caso estivesse disposto a cortar um por cento, talvez um e meio, da sua comissão. Tal significava uma pipa de negócios a caírem-lhe no colo, sem nenhum esforço, durante anos. É óbvio que valia a pena o desconto.

Hughes ficara tão empolgado com o desenrolar da noite, que lhe oferecera o

upgrade para a primeira classe na sua viagem às Caraíbas. De certeza que Andi ia adorar. Quem não gostaria?

Finalmente, o arrumador estacionou o *Land Rover* de Eastland na entrada circular. Visivelmente com pena, Eastland lá descolou os olhos das pernas de Andi e entrou no carro, ao volante. A sua mulher, pálida, tensa e a lançar olhares odiosos, sentou-se no lugar do passageiro sem se despedir. Isso não era bom. Se calhar, Andi causara demasiada impressão. No fim das contas, quem decidia eram as mulheres, e, pelo visto, a senhora Eastland faria tudo o que estivesse ao seu alcance para garantir que o marido nunca mais falaria com os Brafford. Muito provavelmente, falhara com os Eastland; arruinara uma boa hipótese por ter levado as coisas longe demais.

Restara apenas Hughes, assim que o *Land Rover* partira, e ele tinha montanhas de entusiasmo para partilhar. Andi despediu-se e entrou em casa, e Hughes ficou a observar o menear das suas ancas até ela desaparecer de vista. O vestido da *Versace* mal chegava para lhe cobrir o traseiro. Ele não se lembrava de o vestido ser assim tão curto, mas ela tinha sido fabulosa todo o serão, deixando-o orgulhoso. A usar os *Louboutin* ficava, pelo menos, dois centímetros mais alta do que ele, mas Craig não se importava com isso. Muitos homens bem-sucedidos casavam com supermodelos, que os ofuscavam. Mas Andi tinha mais do que a sua aparência. Sabia controlar o ambiente, distribuindo sorrisos e banalidades e aperitivos deliciosos a todos os convidados, fazendo com que todos se sentissem bem-vindos. A sua miúda tinha estilo, algo extremamente raro. Tinha berço, tal como Jude. Estava-lhe no sangue, a forma como interagira com pessoas ricas, como iguais. Dava para ver que vinha de uma família com dinheiro.

– Esta é para manter – disse Hughes, ainda a olhar para Andi a ir-se embora, de costas. – Nada como a outra, se não se incomoda que lhe diga.

– A outra?

– Conheci a sua ex-namorada na festa de Natal de há alguns anos. A morena, alta e magra?

– Ah, sim. – Ele sorriu e piscou-lhe o olho. – Já me tinha esquecido dela.

– Percebo porquê. – Hughes sorriu e deu uma palmadinha no peito do casaco, como se quisesse certificar-se de que o espesso envelope que Craig lhe dera antes ainda lá estava, no bolso interior. – Continue o que está a fazer, rapaz. Tem o que é preciso. – Apertou-lhe o ombro e depois entrou no seu SUV e foi-se embora, a senhora Hughes sentada a seu lado. No caso dela, as coisas tinham sido bem melhores; estivera desejosa de ajudar Andi a servir os convidados e a dar-lhe conselhos indesejados suficientes para ele ter vontade de lhe dar um tiro.

Exausto, pagou generosamente ao filho do vizinho e mandou-o embora. depois entrou em casa, fechou a porta e trancou-a.

Com o trinco posto, a máscara caiu-lhe. Sobrevivera àquela noite, apesar de ter estado tenso, com medo de que Andi quebrasse, ainda em carne viva depois da conversa do dia anterior. Todas aquelas tretas já tinham desaparecido... Ela tinha sido fantástica.

Mas... divórcio? Isso ainda o incomodava. Mas que raio? Ela estava

completamente doida?

Isso seria o seu fim, de tudo o que era e do que poderia vir a ser. Andi receberia metade de tudo o que ele possuía, a sua casa, até metade do seu quinhão da propriedade em Timber Hill, porque Jude tinha sido um tremendo idiota e posto a casa no nome de ambos. Dois milhões de dólares... Um quarto desse valor era o que ela conseguiria, quinhentos mil, e isso só com uma casa. Teoricamente, Craig podia pô-la em tribunal, gastar dinheiro que não tinha, e arriscar-se a expor o seu negócio obscuro só para tentar evitá-lo. Ou Jude poderia vender a propriedade imediatamente, levantar toda a espécie de suspeitas com Haskett e perder uma batelada de dinheiro.

Isso é que não... Andi não se ia divorciar dele, de maneira nenhuma. Craig tinha de o garantir.

Conseguia respirar um pouco melhor por agora. O serão terminara, finalmente, e, no sábado, estariam de partida para uma merecida semana de praia e para fazer com que Andi se apaixonasse por ele outra vez. Craig conseguiria fazer isso, definitivamente.

Sim, Hughes tinha razão. Ela era para manter.

Para sempre.

Procurador Distrital Buscher: Que papel acha que a vítima desempenhava nas festas de negócios do réu?

Janelle Larimer: Ele exibia-a aos seus clientes, como um pedaço de carne. Gostava de como olhavam para ele quando a Andi lhe dava o braço ao aparecerem juntos em qualquer sítio.

Procurador Distrital Buscher: No seu entender, Andrea Wilmore Brafford tinha conhecimento disso?

Janelle Larimer: Sim, ela estava triste com isso. Achava que o Craig era suficientemente bom profissional para não precisar de recorrer a esse tipo de estratégias. Ela desejava, desesperadamente, poder ser mais do que apenas a esposa que lhe invejavam. Sentia-se usada. Prostituída, para levar aquelas pessoas a utilizarem os serviços dele.

Advogado de Defesa Goodridge: Protesto, Meritíssimo. Rumores.

Paraíso

Era uma praia virada a norte, de areia branca, reluzente, e ondas suaves.

Naquele lugar, tudo era pacífico, repousante. O cheiro a maresia era tão intenso que Andi abandonara a sua margarita sem álcool na mesa junto à espreguiçadeira branca de vime e mergulhara na natureza circundante, uma lufada de ar salgado de cada vez.

Algures atrás das palmeiras que revestiam a praia, a lua começava a aparecer, os seus raios débeis a ficar mais fortes, a espreitar por entre as folhas. De olhos fechados, ouviu atentamente, por um momento, o som do restolhar das palmeiras, sabendo que se queria lembrar daquele som para todo o sempre.

Craig alugara uma cabana mesmo dentro de água. Podia descer alguns degraus da porta do quarto diretamente para a água quente das Caraíbas. Adorara cada segundo do seu tempo ali desde que haviam chegado, no sábado à noite. Até se sentia melhor, quase sem náuseas, a dor lancinante que por vezes parecia esventrá-la já esquecida. Provavelmente, precisara de algum repouso.

Esticando a mão para agarrar o copo, bebeu um gole e reparou que os cubos de gelo haviam derretido há muito. A versão virgem da bebida era saborosa, mas faltava-lhe aquele *buzz* do álcool. Mas não se arrependia, a saúde do seu bebé estava em primeiro lugar. Simplesmente não achava assim muita piada a *mocktails*.

– Vamos pedir-te outro – propôs Craig, levantando a mão e estalando os dedos para chamar a atenção da empregada. Em segundos, uma jovem, a usar um biquíni vermelho e uma saia branca curta e com folhos que mal lhe tapava o traseiro, apareceu ao seu lado.

– O que desejam tomar?

– Outra margarita sem álcool para a minha...

– Na verdade, troque por um sumo de maçã, se tiver – disse Andi, a sorrir enquanto observava a rapariga. Não podia ter mais de vinte anos. Os seus cabelos

longos, amarrados num rabo de cavalo lasso, pendiam sobre o seu ombro direito. Uma flor de hibisco branca adornava a sua orelha esquerda, ao estilo havaiano.

– Apenas... sumo de maçã?

O seu sorriso aumentou. Ela estava com desejo de sumo de maçã, bem gelado.

– Com gelo, por favor.

A rapariga anuiu e virou-se para Craig.

– E outra cerveja para mim, a mais gelada que encontrar.

– É para já. – Seguiu até ao bar de praia, estilo *tiki*, com um gingar de ancas descontraído. Andi olhou para Craig, mas ele não estava a observar a rapariga; tinha virado a sua atenção para o mar.

Desde que deixaram Houston, cada instante de cada dia fora incrível. Aquela viagem parecia uma segunda lua de mel, confortando o seu coração magoado, apaziguando os seus medos. Amava-o o suficiente para querer, desesperadamente, perdoar e esquecer.

Muito embora fosse, de modo geral, uma pessoa racional sobre tudo na sua vida, tomando decisões com a cabeça e não com o coração, deu por si a sacudir a memória do que ele fizera, como se sacodem os dedos depois de tocar num fogo aceso.

Pensar acerca do que ele fizera era insuportável.

Estar ao seu lado também era insuportável, mas, ao mesmo tempo, inebriante.

Na noite em que chegaram, ela apontara para o pequeno sofá da sala de estar da cabana e optara por dormir sozinha nos sumptuosos lençóis da cama *king-size*. Ele aceitara sem discutir, apenas um laivo de tristeza no sorriso e olhar cabisbaixo.

Andi sentiu-se como se estivesse a dar pontapés num bicho ferido. Culpada. Envergonhada. Vingativa.

Durante três dias belíssimos, não sabia bem como, transformara-se na vilã, enquanto Craig não fora nada menos do que um homem maravilhoso, amoroso e paciente, o homem de quem ela se lembrava, antes da sua vida ter sido virada do avesso.

Estava a apaixonar-se por ele outra vez. Queria acreditar num futuro com ele. Talvez querê-lo com muita força o tornasse realidade.

De olhos semicerrados, aceitou o copo cheio até à borda com sumo de maçã cristalino da mão da empregada e agradeceu. Abanou-o suavemente e ouviu os cubos de gelo a flutuar no líquido e a tilintar contra o vidro.

– Isto é o meu paraíso, sabias? – sussurrou ela, a olhar para as estrelas refletidas na superfície calma do oceano. – Com p minúsculo, claro.

Ele bebeu um gole da cerveja e olhou para Andi, curioso.

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer paraíso, mas não no sentido bíblico. Não o Paraíso, mas um lugar parecido, aqui na Terra, que posso visitar sem ter de morrer primeiro.

– Estou a ver. – Sorriu.

Por instantes, ela imaginou os lábios dele a tocar a sua pele a ferver, ateando um fogo no seu íntimo. As suas faces coraram e desviou o olhar. Os dias de Craig a dormir no sofá tinham terminado.

– Claro que, se tivesse escolha, teria uma margarita a sério na mão. – Riu-se. – Sim... este é o meu paraíso. As Caraíbas, a descansar à beira-mar, margarita na mão. Sonhei tantas vezes com isto e era exatamente assim. Areia branca, luar, ondas turquesa a tocar nas margens. Paraíso.

Ele virou-se na espreguiçadeira, para poder olhar para ela sem ter de virar a cabeça.

– Que coisa é que tu tens com as palavras? Letras minúsculas, jogos de palavras, trocadilhos...

– Vem da Rebecca. – Andi bebeu um gole do sumo refrescante. Estava perfeito, perfumado e doce. – Ela incutiu-me o gosto pela língua.

– Então, porque não optaste por uma licenciatura em Literatura Inglesa?

– Gosto ainda mais do oceano. – A simples declaração inchou-lhe o peito. – Tartarugas e golfinhos e baleias e tudo o mais. Tens de admitir, soa um pouco mais interessante do que Literatura Inglesa.

– Aposto que sim. – Craig riu-se. – Vou garantir que possas vir visitá-lo as vezes que quiseres.

Uma nuvem atravessou o seu rosto. As suas palavras trouxeram-na de volta à realidade demasiado depressa, antes de ela estar suficientemente forte para isso. Sentiu um arrepio na pele, provocando-lhe pele de galinha. Esfregou os braços com as mãos.

– Sim, acerca disso – começou, endireitando-se na cadeira. – Precisamos de estabelecer algumas condições, se queremos ter algum futuro em conjunto.

Ele largou a cerveja e sentou-se à beira da espreguiçadeira, com as mãos juntas no colo.

– Sou todo ouvidos.

– Proponho um novo acordo – acrescentou, amenizando o seu tom de voz. – Eu arranjo o emprego que quiser e, se não tiver tempo de cozinhar para as tuas festas, contratamos um *catering* e empregadas domésticas.

– Feito – disse ele, rapidamente.

– Mesmo que o trabalho seja em San Diego. Sempre quis trabalhar com leões-marinhos.

Craig nem pestanejou.

– Basta dizeres, e eu trato de nos mudarmos para lá.

Ela assentiu, grata pelo seu entusiasmo. Um pensamento recôndito e indesejado fê-la questionar-se se aquele entusiasmo, aquela determinação em mudar as suas vidas, era real. Estava prestes a descobrir.

– Gostava que os teus pais fizessem parte das nossas vidas.

– Andi...

– Por favor – insistiu ela, tocando na barriga com a mão. – O nosso bebé merece todos os avós que temos à disposição, não achas? – Já estava quase de dois meses; em breve notar-se-ia.

– Mas já não nos falamos. Nós...

– Craig, é importante para mim. Por favor, tenta. Eu ficaria muito feliz, e tenho a certeza de que também vais acabar por te sentires melhor acerca disso.

Quase o conseguia ouvir a ranger os dentes.

Ele baixou a cabeça, para esconder a frustração no seu olhar.

– OK, está certo. – A sua voz estava tensa, rouca. – Mais alguma coisa?

– E uma saída à noite todas as semanas, só de raparigas, para mim e para a Janelle. – Ela incutira humor na sua voz, à espera de aplacar o ego dele.

Um sorriso de esguelha repuxou o canto dos lábios do marido.

– OK, desde que não tragas um gajo giro qualquer para casa. – O sorriso não chegou aos seus olhos. Aquelas malditas inseguranças estavam a reaparecer.

– Eu já tenho um gajo giro. Não preciso de outro.

– Então, estamos combinados. Tu e a Janelle vão sair à noite, para se divertirem, enquanto eu fico em casa a trabalhar. Ou a discutir com os meus pais, sem parar, para ficares feliz.

Ela riu-se. Provavelmente, a primeira seria verdade; ele iria trabalhar.

Um longo silêncio apoderou-se da tensão entre ambos. O som rítmico das ondas de encontro às margens repercutia a batida do seu coração. Agitação. Inquietação. Perigo à espreita, sob a superfície.

– Achas que ainda temos uma oportunidade? – perguntou ela, a mexer no seu pendente. – Tu e eu?

Os lábios dele ficaram tensos por um breve instante.

– Espero que sim. Vou fazer a minha parte e ficar a torcer por nós, com todas as minhas forças. – Bebeu um gole da cerveja e engoliu-o, sedento, num só trago.

– O que queres fazer amanhã?

Ela ficou animada.

– Precisas de perguntar?

Craig revirou os olhos, na brincadeira.

– Ir cheirar porcarias de tartaruga num lado qualquer?

– Vamos fazer mergulho. Encontrei um sítio que nos pode levar de barco até aos bancos de coral. Gostava de ver alguns cavalos-marinhos. Talvez consiga mostrar-te um peixe-leão. – Fez um som sibilante e um gesto com a mão. – Mesmo antes de o matarmos com uma lança. – Ele ficou a olhar para ela, incrédulo. – São uma espécie invasora e venenosa. É suposto matá-los.

– OK – replicou ele, com cautela. – Por um momento, fiquei preocupado. Pensei que tinhas virado assassina ou algo assim do género. – Andi riu-se. – Desta vez, posso ficar no barco?

– Claro, não há problema – respondeu alegremente, escondendo a tristeza que sentia. Ele não tinha interesse em explorar o seu mundo consigo, em aceitar o que tinha para oferecer. Ver o fundo do oceano era uma experiência transformadora, a sua beleza e serenidade eram únicas e memoráveis, um verdadeiro mundo de fantasia. Contudo, ele dissera que não, e ela iria sozinha. O seu entusiasmo desvaneceu.

Ficou a ouvir as ondas por mais algum tempo, depois olhou para ele e perguntou, a tocar no pendente:

– Onde é que o arranjaste?

Regresso à normalidade

Depois de regressar das Caraíbas, a prioridade de Andi era visitar o pai, mas lutara para sair de casa. Os enjoos matinais tinham regressado em força, crises de náuseas precedidas de dores lancinantes que a esventravam, deixando-a sem fôlego, numa papa no chão de qualquer sítio onde o ataque se desse. Era como se Houston fosse mau para o bebé, de alguma maneira. Se calhar era o *stress* que voltara, inevitavelmente, com o regresso a casa, a realidade do seu casamento ainda a atormentá-la. Ele sugerira que o mergulho podia ter contribuído para isso, mas ela sabia que não era o caso. Havia tido cuidado; só mergulhou até aos três metros, moveu-se lentamente, verificando cuidadosamente os níveis de oxigénio.

Esta vomitadeira estúpida acaba-se não tarda nada, disse a si mesma, enquanto estacionava no Centro de Reabilitação Cardíaca. Já estava a chegar aos dois meses de gravidez; já tinham passado dois terços do famigerado primeiro trimestre. *Um dia destes, tenho de contar ao pai*.

Ao pensar na sua reação, sentiu um enorme peso no peito. Não ia aceitá-lo bem, a sua antipatia por Craig a atrapalhar a felicidade de apreciar o seu primeiro neto. Mas, na realidade, poderia ela culpar o pai, agora que sabia o que Craig fizera? Afinal, talvez as pessoas mais velhas fossem mais sábias, vissem coisas que ela não vira, não naquela altura, quando se apaixonara por ele, nem agora, quando era suposto que fosse mais esperta em relação ao marido. Os seus sentimentos por ele ainda a cegavam.

Assinou o livro de visitas no átrio principal.

– Bom dia – disse, cumprimentando a rececionista, uma loira alta e franzina, que mal tirava os olhos do telefone para ver quem entrava no edifício. Ainda bem que as pessoas normalmente eram honestas e raramente alguém visitava um centro de reabilitação com más intenções.

– Bom dia, senhora Wilmore – respondeu a loira, o que a apanhou de surpresa.

Visitara o pai quase todos os dias, desde que o edifício de três andares se tornara a sua casa temporária, mas não esperara ser reconhecida. A mulher voltou a olhar para o telemóvel nas suas mãos e disse-lhe: – A esta hora ele deve estar lá fora, a tentar esgueirar-se para fumar, às escondidas dos auxiliares. Mas pode esperar aqui e eu peço a alguém...

Andi riu-se.

– Obrigada. Eu encontro-o. – Parecia que a rececionista prestava mais atenção ao que se passava ao seu redor do que ela imaginara.

Ao atravessar o piso de azulejo reluzente, em direção à saída das traseiras, reparou noutros residentes a olhar pela janela do conforto das suas cadeiras. Estava uma bela manhã de outubro. O ar estava fresco e a prometer a queda da folhagem, com apenas uma réstia de orvalho que se agarrava às ervas e a pequenos arbustos. A melhor altura para se estar lá fora, no pátio ensolarado, mas eles escolheram ficar dentro de casa, derrotados, sem vida.

O pai dela, não. Era um lutador. Não estava pronto para desistir de tudo e esperar que a morte chegasse sentado numa cadeira de rodas, atrás de uma janela. Estava orgulhosa dele.

O pátio era grande, com vista para um terreno com doze mil metros quadrados, ajardinado na perfeição. Estreitos caminhos em asfalto seguiam a forma do terreno, um banco ocasional sob a copa de uma árvore secular, o local perfeito para parar e descansar à sombra.

Contudo, o pai escolhera uma outra zona. Tinha-se escondido no extremo direito do jardim, entre duas fileiras de arbustos, com cerca de metro e meio de altura, onde apenas os seus cabelos brancos eram visíveis para qualquer auxiliar que passasse. Não a mão que segurava o charuto responsável pelas nuvens de fumo, azuladas, que pareciam emanar da folhagem, quase impercetíveis, antes de se desfazerem na brisa matinal. De onde ele se encontrava, o jardim estendia-se para uma zona de bosque, um troço de um grande parque; pelo menos, daquele lado, ninguém o poderia surpreender e confiscar-lhe o tabaco.

Andi aproximou-se num passo alegre.

– És um batoteiro – disse, em voz baixa. Batoteiro ou não, ela não ia chamar a atenção dos auxiliares.

O rosto do pai iluminou-se quando a viu, mas depois um franzir de sobrolho desenhou-lhe algumas linhas na testa.

– Não estou a fazer batota – disse ele, rapidamente, escondendo o charuto atrás das costas, como um miúdo na escola. – Estou no meu direito, só para que saibas.

– Mas devias mesmo estar a fumar? – Ela ergueu uma sobrancelha e olhou-o diretamente nos olhos.

– Não estou a inalar, estou só a brincar com o fumo – respondeu ele, demonstrando-o rapidamente, como se não soubesse como se deve fumar. – Viste? Já está. Puff.

Andi esticou-se e abraçou-o, depois deu-lhe um beijo na bochecha. Um bloco de notas escorregou do seu colo e caiu ao chão. Hunter, nervoso, deixou cair o cigarro e tentou levantar-se.

– Deixa estar – interrompeu ela –, eu apanho-o para ti. – Apagou o cigarro com o pé; depois, com um toque rápido do sapato, mandou-o para debaixo de um arbusto. – Não queremos começar um incêndio aqui. – Ao esticar-se para apanhar o bloco de notas, reparou na capa colorida. Um golfinho sorridente... exatamente o que ela escolheria. Vários papéis soltos estavam à beira de escapar, mas ele encontrava-se de mãos esticadas, ansioso por recuperá-los. – O que é isto? – perguntou, colocando-lho cuidadosamente no colo.

– Oh, só a Rebecca a ser a Rebecca. – Desviou o olhar do dela. – Aquela mulher não se devia ter aposentado; sente falta de dar ordens às pessoas e de lhes dar exercícios de escrita.

– Ah, então andas a escrever? – Andi ficou entusiasmada. A sua energia estava a recuperar, levando-o a fazer coisas. O pai estava a melhorar e Rebecca era uma dádiva de Deus, como sempre, sabendo exatamente o que fazer.

– Escrevinho umas coisas – murmurou, empurrando os papéis para dentro do bloco de notas, com cuidado, mas sem o abrir, como se lhe estivesse a esconder algo. – Não esperes que saia um livro da minha convalescença. Não vai acontecer.

– Pai, quando é que voltas para casa? – Estar à beira das lágrimas fê-la soar atormentada, sufocada.

– Em breve. Mais um mês, no máximo. Mal posso esperar para sair daqui. Quero a minha vida de volta. – Ele sorriu, os olhos azuis lacrimejantes, mas era bom vê-lo sorrir assim, o rosto iluminado pelo sol.

Ela despenteou-lhe os cabelos brancos e agachou-se à frente da cadeira de rodas.

– Tenho boas notícias, pai. Arranjei trabalho. Começo na segunda-feira.

– Isso é fantástico – reagiu, pondo o bloco de notas debaixo das pernas. – Fico muito feliz por ti. Onde é? É na universidade?

Agora era a sua vez de desviar o olhar.

– Não, é no Downtown Aquarium.

– Não sabia que eles tinham um Centro de Investigação lá.

Andi continuou a olhar para a linha das árvores.

– Não têm. Eu vou... ser uma assistente. Alimentar as raias e os golfinhos, limpar as piscinas. Por enquanto, vou fazer coisas de assistente. Depois, logo se vê.

– Porquê, Andi? Porquê contentares-te com um emprego de assistente?

Assim que o pai falou, uma dor trespassou-lhe o abdómen. Prendeu a respiração, pôs-se de joelhos e agarrou a barriga com as mãos. O vômito veio violentamente, como se todo o seu estômago estivesse prestes a sair. Vomitou, agarrada à cadeira de rodas do pai, enquanto este lhe amparava a testa o melhor que podia, com as mãos a tremer.

Quando parou, finalmente, Andi limpou a boca com um lenço.

– Por acaso não tens aí água, pois não?

– Sempre preparado – anunciou, tirando uma garrafa de *Dasani* do bolso. Forçou-se a soar alegre, mas olhou, preocupado, para a poça de vômito que ela depositara ao lado da sua cadeira. – Estás grávida?

Oh, como ela gostaria de lhe poder dizer a verdade, mas prometera a Craig mais um mês antes de contar às pessoas e temia que o anúncio da sua gravidez tornasse a pôr o pai doente. Ele não parecia forte o suficiente para lidar com o choque emocional. Não lhe escapou a ironia de esconder a verdade do pai para manter uma promessa ao marido mentiroso e traíçoeiro. Se a situação fosse diferente e o pai estivesse bem de saúde, teria compartilhado a boa notícia, apesar do que lhe prometera.

– Eu... eu não acho que esteja – gaguejou, extremamente desconfortável por lhe mentir. Ele não merecia as suas mentiras... apenas a verdade.

Os dedos quentes e trémulos do pai tocaram-lhe na face; depois, gentilmente, puxaram a sua pálpebra inferior.

– Minha querida, olha para mim. – Franziu os olhos ao concentrar-se. – Estás um pouco amarelada. Tens de ir ao médico.

– Não, não acho que seja assim tão grave...

– Hoje. Estás pálida, esquelética, mais magra do que me lembrava.

– Nadei muito nas Caraíbas. – Tentou sorrir, mas a tranquilidade que tentava transmitir não enganava ninguém.

– À noite?

Ela riu-se.

– Não. Sou uma fervorosa adepta do protetor solar, fator setenta.

– Assim sendo, vais ter de tomar um suplemento de vitamina D. – O pai tirou uma caneta do bolso do peito, depois tirou o bloco de notas de baixo das pernas e rasgou um pedaço de papel da última página. Rabiscou um bilhete rápido e entregou-lhe o papel, dobrado ao meio. – Vais ver este homem, o doutor Bruce Hanfield. É o chefe de Medicina Interna no Memorial Hermann. Mostra-lhe isto. Ele vai arranjar tempo para te ver ainda hoje.

– Pai, estás a assustar-me. Eu só vomitei, nada de mais. Já aconteceu antes.

– Isso não é exatamente tranquilizador. – Ele pegou-lhe na mão e apertou-lha suavemente, enquanto um par de rugas vincava a ponte do seu nariz. – Se tivesses um cão a vomitar assim e já não fosse a primeira vez, o que farias? – Fez-lhe uma festa nos cabelos curtos, com um apelo tácito no olhar. – Não levarias o pobre *Fido* ao veterinário?

Ela suspirou.

– OK, eu vou.

– Hoje. Agora.

Ela assentiu, depois inclinou-se e deu-lhe um beijo na testa.

– Agora. Prometo.

O medo começou a tomar conta dela, por o pai ter mencionado a ida ao médico. Haveria algo de errado com o seu bebé?

Ao caminhar de volta ao interior do centro de reabilitação, respirou fundo e sentiu-se melhor. O pai reagira daquela forma porque ela lhe dera informações erradas. Ela mentira-lhe. Se lhe tivesse dito que estava grávida, o pai provavelmente tê-la-ia mandado comprar picles em vez de ir ao médico.

Mesmo antes de entrar no edifício, voltou-se e reparou numa nuvem de fumaça

azulada vinda dos arbustos onde deixara o pai há momentos. Abanando a cabeça e escondendo um sorriso, decidiu que o mínimo que podia fazer era ir àquele médico. Vomitar daquela maneira não podia ser bom para o bebê. Em Montego Bay pensara que os enjoos já tinham passado.

Claramente, não era o caso.

Ida ao Médico

A bata estava limpa e cheirava a detergente para a roupa antibacteriano. Andi sentia-a raspar na sua pele. O processo de lavagem de roupa do hospital não devia incluir amaciador.

Inquieta, deambulou pelo consultório, à espera que o Dr. Hanfield aparecesse. Surpreendeu-a que ele concordasse em vê-la sem marcação; o nome do seu pai devia ter muito peso com o internista.

A desejar que Craig ali estivesse consigo, releu as mensagens de texto que lhe enviara, dizendo-lhe onde estava e porquê. Ainda não lhe respondera.

Por fim, sentou-se num dos lados da maca e, durante algum tempo, olhou para o teto. Alguns dos painéis brancos tinham sido substituídos por pedaços de vidro ou plástico com a representação de uma paisagem, um campo de flores silvestres de várias cores, iluminados por detrás por várias lâmpadas. Destinava-se, muito provavelmente, a acalmar a mente dos pacientes deitados naquela maca para algum procedimento.

A porta abriu-se e um homem entrou, rapidamente, com uma ficha na mão.

— Senhora Wilmore?

— Sim, Andrea Wilmore Brafford. — Apertou-lhe a mão, reprimindo um sorriso. Ele era mais jovem do que estava à espera num chefe de medicina interna de um hospital daquela dimensão. Tinha orelhas grandes, que se destacavam como as do *Dumbo*, os lóbulos a recusarem-se a ficar junto ao crânio. Um par de óculos de aro preto assentava num nariz longo e aquilino; atrás deles, uns olhos inteligentes, curiosos e vivazes.

O médico sentou-se num banco e abriu a ficha.

— Já temos os seus resultados — disse num tom tranquilizador, mas com um laivo de preocupação.

A sua respiração prendeu-se.

— Já?

Ele encolheu os ombros, como se lhe pedisse desculpa.

– Somos um hospital universitário. Aqui as coisas acontecem muito rapidamente.

Ela engoliu o nó que se formava na sua garganta.

– Pode dizer.

– Vejo aqui alguns valores fora do normal e alguns deles são causa de preocupação. – Era interessante notar que utilizara a voz passiva. Não disse que *ele* estava preocupado, só que havia razões para preocupação.

Levantou-se e aproximou o aparelho de ecografia para mais perto da maca.

– Deite-se, por favor. – Ela obedeceu sem dizer uma palavra. – Presumo que sabe que está grávida?

– Sim.

– Quanto tempo?

– Quase oito semanas. – Sorriu. Era ótimo poder falar sobre o bebé.

– Já foi ao ginecologista-obstetra?

Ela olhou para as flores silvestres no teto.

– Ainda não. Era para ir na próxima semana.

– Tem alguém em mente?

– N... Não. Na verdade, não. – Riu baixinho, algo envergonhada. Andava a adiar essa tarefa, sem saber a quem confiar a saúde do seu bebé ainda por nascer. Precisava do conselho do pai... Andara a empatar, à espera que ele melhorasse.

– Posso recomendar alguém – disse ele, olhando para o monitor enquanto manobrava a sonda, parando em vários pontos e pressionando suavemente. A sensação do gel na sua pele era morna, calmante. – Acho que devia consultar um obstetra o mais rapidamente possível.

O medo invadiu-lhe o coração.

– Passa-se alguma coisa com o meu bebé?

– Penso que não, mas gostaria de ter a certeza. Às seis, sete semanas, normalmente conseguimos detetar os batimentos cardíacos do feto. Não estou a conseguir ouvi-los. Pode ser muito cedo, ainda. – Olhou para ela, apaziguador. – Não entre em pânico. Nós, médicos, gostamos de ter a certeza, é só isso.

– Hum-hum. – Tentou engolir, mas a garganta estava seca. – Tenho vomitado imenso. Às vezes tenho dores, mesmo antes...

– Dor? Onde?

– No estômago, aqui. – Levou a sua mão ao abdómen, mas esbarrou na sonda e na mão do médico e afastou a sua, rapidamente.

Durante todo o tempo que o Dr. Hanfield levava a examiná-la, respirara superficialmente. Lágrimas silenciosas emergiram no canto dos seus olhos e deslizaram para as suas têmporas.

Após o que parecera uma eternidade, o Dr. Hanfield voltou a pôr a sonda no braço do aparelho e deu-lhe uma pequena toalha.

– Pode limpar o gel com isto.

Andi fê-lo rapidamente, embora achasse que o médico esperaria que o fizesse sozinha depois de ele se ir embora. Mas parecia paciente, compreensivo, nada crítico, e ela não era muito púdica.

– Pronto – anunciou, sentando-se num dos lados da maca, a antecipar as suas palavras com o coração pesado, como um prisioneiro condenado à espera da sua sentença.

– Ora bem – disse ele, abrindo a ficha. – Vejo valores elevados...

Ouviu-se uma rápida batida à porta, quando esta se abriu, devagar, e a cabeça de Craig espreitou. Parecia estar sem fôlego. O cabelo estava desgrehado, a cair para a frente da testa suada.

– Andei por todo o lado à tua procura. – Apressou-se e fechou a porta, depois parou ao seu lado e deu-lhe a mão.

A presença dele tirou-lhe as forças, como se agora ela pudesse apoiar-se no marido para ter força e não ter de ir buscar a sua. Assim que o braço de Craig lhe envolveu os ombros, Andi começou a soluçar, tapando a boca com a mão, para conter os seus gemidos.

– Craig, não há batimento cardíaco. O bebé...

– O que se passa com o bebé? – perguntou ele, olhando para o médico com uma intensidade incomum no olhar, quase enraivecido.

– Pode não ser nada – respondeu o Dr. Hanfield –, ou pode ser que os sintomas graves da sua esposa sejam indicadores precoces de complicações. Recomendo uma consulta com o obstetra, o mais depressa possível. – Anotou alguma coisa na sua ficha. – Descartei a hipótese de gravidez ectópica da lista de possíveis complicações, mas estou preocupado com alguns dos valores que vejo nas análises ao sangue.

– Que valores? – perguntou ela, a voz quebrada, a respiração rasa.

– Alguns valores do fígado estão um pouco mais altos que o normal. Na ecografia o fígado surge ligeiramente aumentado. Não muito, mas para alguém da sua idade e em forma, é um sinal de alerta. – Ela ficou a olhar para ele, à espera de mais informação, enquanto Craig lhe apertava a mão, com força. – A sua ALT está acima do limite. Vamos fazer uma dieta pobre em gorduras e voltar a analisar daqui a duas semanas. As plaquetas estão relativamente baixas e está com alguma anemia, mas vamos aumentar esses valores com suplementação de ferro. Depois, o cálcio está anormalmente alto, o que não é explicável com base no que estou a ver. Poderá ser hiperparatiroidismo, e vamos fazer essa análise ainda hoje, antes de se ir embora.

Um minuto de pesado silêncio engoliu a pequena sala de observação. Andi vasculhou os olhos do Dr. Hanfield, em busca de uma promessa silenciosa de que iria ficar tudo bem. A sua voz era tranquilizadora, a postura também, mas os olhos contavam outra história.

– Pior cenário, doutor. O que é que pode acontecer? – Ela ouviu-se a falar e não reconhecia a sua própria voz.

O médico juntou os lábios por um instante antes de responder.

– O seu nível de cálcio devia estar abaixo dos dez e meio. O seu é de onze vírgula oito. A partir dos doze há um grande risco de morte fetal.

Um gemido escapou-se-lhe do peito. O braço de Craig ao redor dos seus ombros apertou-a, solidário, reconfortante.

– Shh... – sussurrou. – Nós vamos resolver isto, vais ver.

Ela olhou para o Dr. Hanfield através de um mar de lágrimas.

– Acredita nisso, doutor? O meu bebé ainda tem alguma hipótese? – Um arrepio percorreu-lhe todo o corpo. – Se eu fosse a sua filha, o que faria?

– Recomendaria repouso absoluto, consulta imediata com um obstetra, análises completas à tiroide e paratiroide e exames a cada duas semanas. Uma dieta com baixo teor de gordura, rica em proteínas e fruta. – Levantou-se e olhou para ela, caloroso. – Ainda não está tudo perdido, senhora Wilmore. Há esperança.

Andi baixou a cabeça. Uma lágrima caiu no seu vestido. Ficou algum tempo a olhar para aquela mancha, vendo-a crescer, engolindo as minúsculas flores cor-de-rosa do padrão do vestido e pondo-as vermelhas, da cor do sangue.

– Muito bem – disse ela, por fim. – Vamos fazer tudo exatamente como disse.

– Vou passar-lhe uma receita de antieméticos. Deve ajudar a aliviar um pouco os sintomas. Na receção vão informá-la da próxima vaga para o obstetra que recomendei; já lhes mandei mensagem. Muito provavelmente será amanhã. Voltamos a ver-nos daqui a duas semanas, OK?

Ela anuiu.

– Sim, doutor, cá estaremos – respondeu Craig. Parecia implacável, zangado até. Tinha todo o direito de estar assim.

O Dr. Hanfield despediu-se e saiu da sala, fechando a porta atrás de si, deixando-os em silêncio.

Ela chorou baixinho, o seu rosto enterrado no ombro de Craig, enquanto ele lhe fazia festas no cabelo, com um movimento rítmico.

– Vai ficar tudo bem, Ands – sussurrou. – Vais ver que sim.

Momentos mais tarde apareceu uma técnica de análises clínicas e recolheu alguns frascos do seu sangue, rápida e profissionalmente, quase sem olhar para ela. Para si, Andi era apenas mais uma utente. Anónima. Uma tarefa, não uma pessoa a sério, não uma mãe de coração partido.

Quando chegaram à receção ela estava dormente, passando por tudo como se fosse com outra pessoa, não consigo.

A primeira vaga disponível para o obstetra era na sexta-feira. O médico estava de folga às quartas e quintas-feiras e já se tinha ido embora, não havia nada que se pudesse fazer. Ela teria de suportar dois intermináveis dias de preocupação e espera.

– Raios – disse ele, enquanto saíam do hospital, de mãos dadas. – Tenho a conferência em Miami na quinta-feira. É suposto ir-me embora amanhã à tarde. Vou cancelar.

Era a Conferência Anual de Agentes Imobiliários e Craig andava a falar disso há meses. Hughes conseguira que ele fosse um dos oradores e andava obcecado com o discurso que iria fazer.

– Não – respondeu Andi. – Vai... Eu fico bem sozinha. Se precisar de ajuda, a Janelle pode tomar conta de mim, ou uma das assistentes do meu pai. Não te preocupes comigo.

Ele parou e olhou para ela, com aquela intensidade que às vezes tinha. Era

apaixonada, mas arrepiante.

– Amor, tens a certeza?

Ela assentiu.

– Hum-hum. Claro que tenho a certeza. – Secretamente, desejava que ele cancelasse e dissesse que ela e o bebé eram mais importantes do que uma estúpida conferência.

Craig apertou-lhe a mão com força, depois levou-a aos lábios.

– Tu és a melhor – sussurrou. Andi sentiu a sua respiração, quente, nos seus dedos gelados. – Estás bem para conduzir?

– Sim – respondeu, surpreendida por estar ansiosa para estar sozinha.

Caminharam em silêncio até ao carro dela, ainda de mãos dadas. Quando o capô do seu *Beetle* estava à vista, ele perguntou:

– Aquele médico é amigo do teu pai?

– É um conhecido, diria eu. Porquê?

– Ele chamou-te «senhora Wilmore» e eu estava mesmo ali, ao teu lado, com a mesma aliança que tu. – A sua voz estava sombria, coberta de frustração.

– Não sei porquê. Apresentei-me com os dois apelidos. – Ela carregou no controlo remoto e o carro piscou e apitou.

Craig segurou-lhe a porta aberta.

– Enfim, porque é que *mantiveste* o nome Wilmore?

As lágrimas sufocantes escorreram-lhe pelo rosto. Sentou-se ao volante e ligou o carro.

– Desculpa-me, meu amor – murmurou ele, tentando pegar-lhe na mão. Andi evitou o seu toque, continuando a olhar diretamente para o carro estacionado à frente do *Beetle*. – Sou uma besta egoísta e sem tato.

Ela não vacilou nem se apressou a perdoá-lo, como faria normalmente.

Craig ergueu-se e ficou de pé, ao lado do carro, a olhar para ela, a sua mudança, de arrependido para irritado, mercurial e vertiginosa. Andi fechou a porta e engatou a marcha-atrás, depois saiu do estacionamento e foi-se embora.

Ele seguiu-a de perto durante todo o trajeto até casa, mas ela mal se deu conta e nem se importou. Por fim, sozinha com os seus pensamentos, derramou lágrimas amargas pelo seu bebé, pelo futuro feliz que imaginara para si enquanto jovem mãe. A tocar na barriga, sussurrou, repetidamente:

– Por favor, pequenino, não me deixes. – A sua voz entrecortada pelo choro. – Fica comigo. Aguenta-te mais um pouco.

O sol punha-se, ao longe, deixando no seu rasto um céu maravilhosamente tingido de azul, com sombras roxas e violeta. Uma nuvem escura, a pairar sobre o horizonte, tapava partes daquele majestoso espetáculo celestial, lançando uma escuridão sobre os raios do sol poente, ameaçadora, como a promessa de um amanhã temeroso.

Procurador Distrital Buscher: Pediu análises sanguíneas para os níveis de vitamina D?

Dr. Bruce Hanfield: A princípio, não.

Procurador Distrital Buscher: Alguma razão para não o fazer?

Dr. Bruce Hanfield: Não é o que normalmente se testa em pacientes grávidas que apresentam um quadro de náuseas, vômitos e cólicas.

Procurador Distrital Buscher: Mas depois reconsiderou?

Dr. Bruce Hanfield: Sim, depois de ver os níveis de cálcio no sangue elevados. Pedi a análise como parte de um conjunto abrangente de análises hormonais e metabólicas.

Procurador Distrital Buscher: Naquela altura, suspeitava de quê, doutor?

Dr. Bruce Hanfield: Hiperparatireoidismo primário.

Procurador Distrital Buscher: Conversou sobre as suas descobertas com a sua paciente, Andrea Wilmore Brafford?

Dr. Bruce Hanfield: Deixei-lhe uma mensagem de voz na quinta-feira de manhã, para vir ter comigo, e outra no dia seguinte. Ela nunca me retornou as chamadas. Soube depois que tinha sido morta nessa quinta-feira à noite.

Advogado de Defesa Goodridge: Protesto, Meritíssimo.

Discussão

O som da porta a fechar-se depois de Craig sair, quando partira para o aeroporto horas antes, ainda ressoava na mente de Andi. Entorpecida e mais assustada do que alguma vez pensara ser possível, ainda não se movera do grande cadeirão onde estava sentada, as pernas dobradas debaixo do corpo.

Acolhera o silêncio da sua ausência por algum tempo, porque podia pensar. Podia entregar-se ao pânico que a consumia enquanto as horas passavam demasiado devagar. A consulta com o obstetra era na sexta-feira de manhã, às dez. Quanto mais cedo, melhor. Estava contente que ele estivesse longe... Encontrava-se dividida, com dúvidas, angustiada. Sempre que o testava, Craig passava no teste. Perguntara-lhe sobre o pendente e ele dissera a verdade, tal como os seus pais haviam contado, a história comovente acerca do seu amigo de infância, rico, que não queria que ele se sentisse excluído. Tinha sido um verdadeiro amor, o tempo todo, com exceção de alguns minutos de insegurança à solta, devido ao seu apelido, que o tinham levado a comportar-se de forma absurda.

Andi também lhe perdoara por isso... cedo demais, como sempre fazia, por não suportar vê-lo chateado. Quando sorria, os lábios dele eram adoráveis, os olhos reluziam, o rosto brilhava, enquanto ela ficava encantada, vendo-o aproveitar a felicidade em cada momento possível. Fora ela quem lhe possibilitara a maioria desses momentos, pese embora ele não ter sido muito expedito a dar-lhe o devido valor por isso.

Mas, quando se tratava do seu bebé, ainda estava dividida em relação a ele. O dia em que lhe contara acerca da gravidez ainda reverberava na sua memória, doloroso e a latejar, a ferida, causada pela sua reação, ainda aberta, dorida. Ele queria mesmo aquele bebé? Ou, lá no fundo, estava a torcer para ela o perder?

Bem, na estranha e triste hipótese de ser esse o caso, estava muito melhor na Convenção de Agentes Imobiliários, a fazer o seu precioso discurso. Podia ser necessária alguma persuasão, mas talvez pudesse ser convencido a ir trabalhar na sexta-feira, em vez de ir com ela ao médico.

Por um instante, veio-lhe à cabeça uma questão profundamente inquietante. Porque é que ainda estava com ele se nem tinha a certeza se Craig queria ter um filho consigo? O que é que ela achava que ainda podia fazer, quando o seu casamento estava frágil e quebradiço, seguro por fita-cola e pensos rápidos? Estava a agarrar-se a quê?

Alguém a bater à porta distraiu-a desse pensamento aterrador.

– Entra – disse, sabendo que era Janelle.

A amiga entrou, com uma passada alegre e um sorriso no rosto, mas depois estacou no meio da sala de estar. O sorriso desvaneceu-se e deu lugar a uma expressão surpreendida.

– Miúda, o que é que se está a passar contigo? – perguntou, deixando cair a mala no chão e pondo as mãos nas ancas. Estava a usar umas calças de ganga elástica, justas e esgaçadas, e um *top* branco. Pulseiras finas e uns brincos compridos baloiçavam e tilintavam suavemente a cada movimento seu.

– Olá para ti também – respondeu ela, com um tímido sorriso. – Não estou assim tão mal.

– Ah, não? – disse Janelle, agarrando-lhe na mão e puxando-a com determinação. – Anda, vamos ver-te ao espelho.

Seguiu-a até ao espelho de parede da entrada, cerrando um pouco os olhos quando Janelle acendeu todas as luzes. Depois, empurrada pela sua resoluta amiga, aproximou-se do espelho e examinou o rosto, cuidadosamente.

Sim, tinha estado a chorar durante horas e isso via-se. Tinha os olhos inchados e vermelhos, raiados de sangue como se tivesse passado a noite a beber.

– Estás branca como a cal, Ands – disse ela. – Acabaste de regressar de umas férias nas Caraíbas e estás com este aspeto? Pergunto-me como é que estarias antes de ires.

A sua pele encontrava-se pálida e amarelada, com olheiras bem escuras. Os seus lábios não tinham cor, manchados em algumas zonas, como se tivesse comido mirtilos.

– Sim, tens razão – admitiu. – Estou apenas a passar um mau bocado com a gravidez, é só isso.

– Gravidez? – A voz de Janelle subira um ou dois tons em entusiasmo.

Andi esquecera-se, no calor do momento, que não deveria dizer nada. Mas essas eram as regras de Craig, não as suas, e estava a começar a ficar farta das regras dele, que nunca mais acabavam.

– Sim – respondeu, timidamente, enquanto Janelle a envolvia num forte abraço. – Não há nada para comemorar ainda – acrescentou, e Janelle afastou-se para olhar para ela, preocupada. – Não ando lá muito bem, Jan. Tenho andado a vomitar, e o bebé... – Não conseguia dizê-lo. – Ainda não sabemos. Eles ainda não sabem. Depois de amanhã, tenho de voltar para fazer mais exames.

Janelle tapou a boca com a mão, a manicura muito bem feita.

– Oh, meu Deus, querida, não sabia. Não me disseste nada. Porquê andares a vomitar, em silêncio e sozinha, quando me podias ter ao teu lado, a trazer-te pickles e gelado e lá o que for que vocês, grávidas, mais têm desejo hoje em dia?

– Eu e o Craig estávamos a planear uma festa para os nossos amigos todos. Só que fiquei doente...

– Sim... Tu e o Craig – disse ela, devagar, num tom carregado de desprezo, sem filtros. – Desculpa lá dizer isto a uma mulher grávida, mas endoideceste de vez?

Apanhada de surpresa, afastou-se do espelho e voltou para o seu cadeirão preferido. Enrolou-se e abraçou os joelhos.

– O que é que queres dizer com isso? – perguntou, embora acreditasse já saber a resposta.

– Não acredito que o perdoaste, depois de tudo aquilo que ele fez. Não pode ser, pensei eu, essa não é a minha Andi, inteligente e independente. Essa não é a minha miúda.

Andi assentiu, de olhos postos no estofo do cadeirão, em couro de primeira, onde duas linhas de costura, perfeitamente paralelas, corriam ao longo das bordas das almofadas macias. Nunca visitara uma fábrica de móveis; não fazia ideia de como eram feitos os cadeirões. Era algo que queria fazer, algum dia. Com Craig.

– Sim, Janelle. Perdoei-o.

– Porquê? – O tilintar dos brincos dela sublinhavam o abanar da sua cabeça, consternada.

– É... complicado. – Lançou um olhar rápido à amiga. Os olhos de Janelle eram ferozmente incisivos, críticos. Andi não gostava nada disso... Porque é que ela não podia ser mais compreensiva? – Eu estou grávida e...

– Ah, então vais ficar com ele só porque estás grávida?

Ela mordeu o lábio e baixou o olhar, voltando a traçar as costuras com a unha.

– Não. Estaria a mentir se dissesse que essa era a única razão. A verdade é que ainda gosto dele. – Assim que as palavras saíram da sua boca, sentiu-se melhor. Era a verdade. – Não me consigo imaginar a *não* gostar dele. Não sei como é.

Janelle fez troça dela.

– É claro que ele é estupidamente lindo e totalmente comestível, eu entendo. Mas, ainda assim, a merda que fez foi muitíssimo má.

Andi ficou a olhar para ela, chocada. Mesmo vindas da sua amiga desbocada, aquelas palavras foram algo inesperadas.

– Bom, espero que gostes do teu novo trabalho, a limpar caca de peixe das paredes da piscina e tarefas insignificantes, quando podias estar a trabalhar como investigadora na tua *alma mater*. Já te perguntaste como é que vais voltar a encarar aquelas pessoas? Pessoas com quem *tu* te importas?

Andi pôs-se de pé, uma onda de raiva a correr-lhe nas veias.

– Por favor, Janelle, não poupes nas palavras. – Arfou, no calor do momento, mas não lhe chegou a chamar meia dúzia de nomes. Não estava mais chateada com a amiga do que envergonhada com a sua enxurrada de perguntas lógicas e válidas, que a faziam duvidar da própria sanidade mental. Estaria ela a ser uma idiota, a iludir-se a si própria? Outra vez? Perdoar o homem que amava parecia-lhe simples... Os casamentos requerem esforço.

Ponderou se devia ficar, pela vigésima vez naquele dia, enquanto brincava com

o pendente; se devia continuar a agarrar-se ao seu casamento, com unhas e dentes, e lutar até ao último suspiro. Parecia romântico, cavalheiresco até, mas seria a coisa mais inteligente a fazer? Ela conhecia realmente o homem com quem casara?

Mas começava o seu novo trabalho na segunda-feira e estava com esperança de que o obstetra não a condenasse a repouso absoluto durante o resto da gravidez. Ainda estava entusiasmada por ir trabalhar na sua área, mesmo que fosse a começar por baixo, a limpar... como é que Janelle tinha dito? Caca de peixe?

Desatou a rir-se à gargalhada.

Janelle ficou a olhar para ela.

– Pronto... já percebi. Perdeste completamente o juízo.

– Caca de peixe... Essa foi excelente!

Janelle também se desatou a rir.

– Eu... eu realmente não sei se os peixes fazem xixi ou cócó ou lá o que é. Tive de improvisar.

Andi riu-se.

– Tu és demais, sabias?

O sorriso de Janelle desvaneceu. Sentou-se no braço do cadeirão de Andi.

– Ele pode ser um narcisista, Ands – disse suavemente.

Ela não respondeu. O pensamento arrepiante passou-lhe pela cabeça, apenas para ser rapidamente posto de lado, com racionalizações apressadas e evidências do contrário no seu comportamento, que nunca se dera ao trabalho de validar, querendo tanto que fossem verdade que era assustador verificá-las.

– Tu sabes que sempre morri de inveja da tua relação com este homem – insistiu a amiga.

Andi afastou-se. Tinha inveja dela? Isso era uma novidade... uma novidade dececionante.

– Ah, sim?

– É verdade, sim, mas isso passou-me com as coisas terríveis que ele te fez, como se tivesse despejado um balde cheio de água gelada em cima de mim. – Calou-se, por um segundo, mas Andi ficou a ouvir, maxilares cerrados, a alma congelada. – Agora vejo-o claramente, miúda. Ele só te quer usar, exhibir-te aos amigos dele. – Arranjou a gola torta de Andi, mas esta pôs-se de pé e afastou-se, desejosa de aumentar a distância entre elas. – Para ele, és só um objeto, Ands.

– Cala a boca, Janelle – sussurrou ela, num tom baixo e ameaçador. – Devias ter-te calado antes de me dizeres que tinhas inveja de mim.

Frustrada, Janelle mandou os braços ao ar. As suas pulseiras tilintaram.

– Andi, estás a falar comigo. Lembras-te de mim? Janelle, a tua melhor amiga, desde sempre. Tu sabes quem esse homem é realmente?

– Neste momento, não sei quem *tu* és – respondeu ela com frieza. – Se calhar, estás demasiado invejosa para poderes ver as coisas com clareza.

– Andi, não foi isso que eu...

– Diz-me, estás apaixonada pelo meu marido, Janelle? Se estás, é melhor ires-te embora.

A amiga ficou de boca aberta por um instante, enquanto se esforçava por

encontrar as palavras.

– Credo, mulher, tu estás louca. Acho que ele te deu cabo da cabeça de tal maneira, que já não tem remédio.

Agarrando na mala pelo caminho, chegou à porta com alguns passos determinados, depois saiu, batendo com a porta.

O silêncio abateu-se sobre Andi, pesado, deixando-a sozinha com os seus pensamentos sombrios e perguntas sem resposta, uma mais incómoda e arrepiante que as demais.

Na verdade, quão bem conhecia Craig?

Advogado de Defesa Goodridge: Já tinha discutido antes com Andrea Wilmore Brafford?

Janelle Larimer: Não. Aquela foi a única vez que tivemos uma discussão.

Advogado de Defesa Goodridge: Porque é que discutiram?

Janelle Larimer: Ela não estava a dizer coisa com coisa. Não foi nada, a sério.

Advogado de Defesa Goodridge: No entanto, faça-nos a vontade. Ainda está sob juramento.

Janelle Larimer: A Andi acusou-me, assim do nada, de ter uma queda pelo marido dela. Considerando o que ele tinha feito, eu teria de estar...

Advogado de Defesa Goodridge: E estava? Apaixonada pelo arguido?

Janelle Larimer: Claro que não. Ao início, aquilo que ela disse não fez muito sentido, até eu perceber o que se estava a passar com a Andi. Até eu descobrir o que tinha acontecido.

Advogado de Defesa Goodridge: Está a referir-se a quê? O que aconteceu, em concreto?

Janelle Larimer: Ele matou-a, certo?

Advogado de Defesa Goodridge: Pode testemunhar, sob juramento, que Craig Brafford assassinou a esposa? Presenciou o homicídio?

Janelle Larimer: Não.

Advogado de Defesa Goodridge: Na verdade, acaba de admitir que foi a última pessoa a ver Andrea Wilmore Brafford com vida e que discutiu com ela, na noite de quarta-feira. É verdade, senhora Larimer?

Janelle Larimer: Sim.

Advogado de Defesa Goodridge: Senhora Larimer, foi a senhora quem matou Andrea Wilmore Brafford?

A Descoberta

Andi passou a noite inteira sentada naquele cadeirão, de olhos bem abertos, com o telemóvel na mão. Queria ligar-lhe e pedir desculpa, dizer-lhe para voltar, que a amiga tinha razão e que ela tinha perdido o juízo. No entanto, adiara-o até às primeiras horas da madrugada; depois, desistiu, por algum tempo. Acordá-la com um telefonema a meio da noite fazia ainda menos sentido do que tudo o resto que fizera recentemente.

Que estupidez perguntar à melhor amiga se estava apaixonada por Craig. Uma noite de introspeção aproximara-a de uma decisão, percebendo que ficara tão obcecada pelo homem que amava a ponto de já não conseguir pensar como deve ser. Felizmente, tinha pessoas na sua vida em quem podia confiar. O pai, Rebecca, Janelle. Se não confiava em si mesma, talvez precisasse de confiar-lhes a sua decisão, como uma espécie de intervenção a pedido da própria.

Contudo, isso não era mesmo necessário. Janelle, a única que sabia o que Craig lhe fizera, tinha sido bastante clara a esse respeito. Provavelmente, o seu pai e Rebecca diriam e fariam muito pior. O pai não iria parar até envolver as autoridades, e isso iria dar-lhe cabo da vida, expô-la, torná-la a mais recente coscuvilhice na cidade, a última piada, marcando-a como a esposa mais crédula e idiota que já existiu.

Seria isso muito pior do que ter as pessoas que mais respeitava no Departamento de Biologia Marinha a pensar que ela era uma contrabandista de espécies exóticas, o ser humano mais desprezível para um biólogo? Pelo menos essa parte da sua reputação seria limpa, mas ficaria para sempre rotulada como a vítima de Craig. Nos dias atuais, as pessoas nunca se esqueciam de nada; o *Google* não deixava que isso acontecesse, não nos Estados Unidos, onde as pessoas já tinham perdido o direito à privacidade há séculos.

Afastou as lágrimas, irritada com elas. Não havia tempo para chorar, não antes

de responder a outra grande questão.

Porque é que estava ali? Porque é que continuava ali?

Porque o amava, claro. A resposta imediata e superficial era fácil, e era ainda mais fácil escudar-se nela. Quem é que Andi amava, de verdade? Um homem encantador e cativante que satisfazia todos os seus caprichos, que falava com ela como os homens só faziam nos romances e fazia amor como Patrick Swayze fizera com Demi Moore em *Ghost – Espírito do Amor*, sempre disponível para ela, atrás de si, apoiando-a, querendo amá-la com todas as fibras do seu corpo?

Ou tinha ficado de quatro por um vigarista, um sociopata narcisista, manipulador e controlador, um homem que mentia, a ela e a todos, para a aprisionar atrás das paredes de tijolo de uma mansão suburbana do Texas, para o servir a seu bel-prazer, enquanto ele não descansava até a afastar de tudo o que lhe dava sentido à vida? Não fosse a disponibilidade de Janelle para fazer aqueles telefonemas e ela teria continuado a viver presa, escravizada, o seu voo desviado abruptamente quando ficara enredada naquela teia de mentiras habilmente tecida, aprendendo a aceitar, lentamente, que ninguém a queria, que era uma criatura lamentável e inútil, incapaz de ganhar o seu sustento. Mais um ano ou dois e teria desistido, ficando progressivamente mais grata ao homem que a amava apesar das suas falhas, sabendo que sem ele não conseguiria sobreviver.

O fel subiu-lhe à garganta. Levantou-se do cadeirão e foi até à cozinha, aos primeiros raios cinzentos de luz da madrugada. Sentiu qualquer coisa a fazer-lhe impressão no nariz quando estava a tirar um copo do armário. Tirou um lenço da caixa que estava em cima da bancada, limpou o nariz e viu sangue.

Não era a primeira vez que sangrava do nariz nos últimos tempos. Eram coisas de menor importância e não a incomodavam assim tanto, em comparação com as náuseas e as cólicas. Apertou o nariz até que estancasse, depois pegou no copo e encheu-o com água gelada no dispensador do frigorífico.

Uma onda de náuseas agitou o seu estômago. Era como se a água a tivesse desencadeado. Sentou-se à mesa do pequeno-almoço, pousou o copo numa base para copos e segurou a testa com a mão.

A esforçar-se para evitar vomitar, respirou profundamente, enquanto lhe vinham as lágrimas aos olhos. Apaixonara-se pela história de amor, pela ideia de viverem um sonho. Desesperadamente, andara a tentar ignorar os factos mesmo à sua frente, os pequenos sinais, apenas para evitar que o sonho se desfizesse.

Os sinais tinham estado sempre ali. A obsessão do pai acerca dele; talvez Hunter tivesse razões para isso. A relutância de Craig em conviver com os seus amigos, mesmo com Janelle. Ela só os podia ir visitar quando ele estava fora, em negócios. A reação à gravidez.

O seu desprezo pela paixão dela pela Biologia Marinha, pelos corais em cima da moldura da lareira e pelas tartarugas na praia, que adorava observar; por tudo o que era importante para si, incluindo o bebé ainda por nascer.

Os primeiros raios de sol rasgaram a escuridão e começaram a encher a casa de uma luz amarelada, a promessa de um perfeito dia de outono. Tinha até ao princípio da noite para tomar uma decisão e agir. Ele só iria chegar de Miami por

volta das sete.

Outro gole de água tirou-lhe o gosto amargo da boca, mas ardeu-lhe no estômago quando a engoliu. Uma pontada de dor, tão aguda que lhe tirou o ar, esventrou-a. Levantou-se, a tremer, agarrando-se à borda da mesa, para se apoiar, e dobrando-se, numa tentativa de aliviar a dor.

Sentiu um jorro de um fluido quente entre as pernas, a escorrer pela parte interna das suas coxas, manchando as calças de ganga com os seus tons mortais de sangue. Outra forte cólica fê-la cair de lado, ofegante.

– Não... não... o meu bebé – chorou, agarrada à barriga com as mãos. – Por favor, não.

Deixou-se ficar no chão, no meio da poça de sangue cada vez maior, enquanto as cólicas iam e vinham, cada uma ligeiramente mais fraca que a anterior. A chorar convulsivamente, depois a choramingar, quando já perdera as forças até para chorar, não conseguia agarrar no telefone e ligar para o 112. Para quê? Já tinha perdido o seu bebé. Isso ela sabia... Sabia-o desde que o Dr. Hanfield dissera que não discernia qualquer batimento cardíaco, mas recusara-se a aceitá-lo, como parecia fazer com todos os desastres na sua vida. Agora, queria fazer o luto em paz e não ser picada, sondada ou tocada por pessoas para quem ela não passava de uma tarefa. Um código de barras.

O tempo passou, à medida que as sombras dos móveis, iluminados pelo sol, se deslocavam e dançavam no chão manchado de sangue. Devia ter passado pelas brasas durante algum tempo, no chão de mármore, o frio a entranhar-se-lhe no sangue, porque acordou a tremer, fraca, com medo de não ter forças suficientes para se pôr de pé.

Agarrou-se a uma cadeira, para se apoiar, e encostou-se a ela, depois levantou-se do chão, devagar, planeando os seus movimentos com cuidado. As calças manchadas estavam pegajosas e rígidas nalgumas partes, coladas ao chão. Quando, finalmente, conseguiu pôr-se de pé, outra onda de náuseas fê-la correr para o lava-loiça.

Acertou sem querer no copo de água ao passar, e este voou até ao chão. Desfez-se em mil pedacinhos com o embate, ao mesmo tempo que ela se debruçava sobre o lava-loiça, a vomitar.

As horas seguintes eram um borrão. Andi conseguira limpar-se. Tomara banho, durante o que lhe pareceu uma eternidade, a chorar e a fechar os olhos com força para não ver o sangue a escorrer pelo seu corpo e a esvair-se pelo ralo. Depois vestiu-se, lentamente, enquanto chorava a vida que abandonara o seu corpo, e ganhou determinação ao pensar em limpar a confusão que ficara no chão da cozinha.

O sangue nos azulejos brancos já secara, o contraste de cores gritante, desolador. Ainda em estado de choque, ficou de pé, encostada à ilha da cozinha, a olhar para as manchas carmesim cheias de cacos de vidro, a mão a tapar a sua boca aberta.

Um a um, detalhes do que era preciso fazer começaram a emergir na sua mente, como pensamentos inacabados, retalhos de ideias, réstias de imagens.

Havia água oxigenada no armário da casa de banho. Havia uma vassoura no armário do corredor. Uma pá costumava estar debaixo do lava-loiça. Ele nunca a deixava fazer o «trabalho sujo», como Craig lhe chamava. Tirar os sacos do lixo, varrer o chão. Era sempre ele que o fazia. Ele... não estava ali.

Encostou a vassoura à parede e escolheu onde pisar, cuidadosamente, para evitar os cacos de vidro e as manchas de sangue, tanto quanto possível. Agachou-se em frente ao armário do lava-loiça e abriu as portas.

O caixote do lixo estava lá, com um saco novo e vazio, como Craig deixara na noite de terça-feira. Consequia ver o cabo da pá atrás dele. Estacou, a mão congelada no ar, a centímetros da pá que queria tirar, ao desviar o caixote do lixo do caminho.

Atrás do caixote, meio vazia, escondia-se uma garrafa de veneno para ratos.

Ela engasgou-se, o ar a recusar-se a entrar nos seus pulmões, ao olhar para o rótulo colorido que prometia resultados imediatos e duráveis. Durante algum tempo o único som que conseguiu ouvir foi o do seu coração a bater-lhe no peito, a respiração presa, a mente congelada.

Não podia estar a acontecer. Não podia ser verdade.

No entanto, a verdade inconcebível estava ali mesmo à sua frente, debaixo do lava-loiça da cozinha, a olhar para ela com letras verdes, em negrito, por cima da imagem de um rato anafado a mastigar uns grãos de cor verde.

Procurador Distrital Buscher: Explique ao tribunal, por favor, como é que o veneno para ratos mata.

Dr. Aaron Ellefson: O veneno específico utilizado neste caso é uma mistura de dois químicos muito fortes. Um deles, o colecalciferol, aumenta a concentração de cálcio no sangue até comprometer as funções dos órgãos. O segundo, a bromadiolona, é conhecida como uma supervarfarina, um poderoso anticoagulante com efeitos cumulativos.

Procurador Distrital Buscher: Com que frequência é que se depara com envenenamentos com raticidas, no âmbito da sua atividade enquanto médico-legista do Condado de Harris, no Texas?

Dr. Aaron Ellefson: Não é muito frequente. Este é o primeiro caso que tive em cerca de cinco anos. As pessoas sabem que não lhe devem mexer; é uma morte lenta e dolorosa.

Procurador Distrital Buscher: No seu entender, porque é que as pessoas deixaram de o usar para atividades criminosas?

Dr. Aaron Ellefson: O veneno para ratos mata muito lentamente. Não é uma arma do crime eficaz.

Procurador Distrital Buscher: Mata muito lentamente? Isso não é o oposto do que se espera de um pesticida eficaz? O extermínio rápido e eficaz de roedores?

Dr. Aaron Ellefson: Os ratos evoluíram ao longo de milhares de anos, enquanto pestes que os humanos sempre tentaram erradicar. Consequentemente, desenvolveram um mecanismo de defesa contra venenos. Apenas alguns ratos de uma colônia ingerem alimentos novos e desconhecidos e em muito pouca quantidade. Os restantes ficam à espera, para ver se a comida é segura o suficiente para ser ingerida. É bastante surpreendente, se pensarmos nisso. É por essa razão que os raticidas atuais têm efeitos combinados, cumulativos.

Procurador Distrital Buscher: Não tenho mais questões, Meritíssimo.

Realidade

Andi sentiu o sangue fugir-lhe do rosto, deixando atrás de si um rasto de gelo, frio, impiedoso, fazendo-a perder a vontade de lutar, como se, de repente, fosse confrontada com um inimigo demasiadamente poderoso e cruel, invencível. A cada peça do *puzzle* que se encaixava lentamente, a verdade era cada vez mais irrefutável, mais severa, mais mortal.

O seu nível de cálcio elevado no sangue. O colecalciferol identificado no rótulo era o culpado disso. Estava a matá-la aos poucos, a danificar o seu coração, a calcificar os seus rins. Os sangramentos nasais, as plaquetas em baixo nas análises, o aborto, a dor aguda no estômago, todos aqueles sintomas apontavam para o segundo ingrediente do veneno, a bromadiolona, um forte anticoagulante.

O seu pobre bebé nunca tivera hipótese.

As lágrimas escorriam-lhe pela cara, calada, chocada, amargurada. A respirar superficialmente, lembrou-se de como as náuseas e os vómitos haviam começado, de como fora doloroso ao início, o mau sabor na boca, de manhã, um leve sabor a químico, algo que não era capaz de identificar.

O conto de fadas acabara, o seu manto enganador desfeito para sempre, a desenrolar-se à frente dos seus olhos como um novelo de lã, não deixando nada para trás, a não ser a verdade, nua e crua.

– Mataste o meu bebé – disse, em voz alta, como se ele estivesse ali para ouvir as suas palavras. A sua voz soava distante, factual, como se aquelas palavras tivessem sido proferidas por um estranho, distante e impassível, a afirmar o óbvio.

Ainda assim, a dúvida intrometeu-se na sua cabeça já exausta, a mostrar a sua cara feia. Podia a garrafa de veneno já lá estar quando se mudaram? Havia alguma hipótese de não ter sido Craig quem a envenenou?

Mais ninguém tivera acesso à casa, a não ser eles os dois. Relembrou-se, no meio daquela névoa, do dia em que vira a casa pela primeira vez. Ele mostrara-lhe

a casa, fingindo que era o agente imobiliário a tentar vender-lha, e ela sentira-se delirantemente feliz. Craig a mostrar-lhe as bancadas de primeira, os armários novos; a abrir alguns deles, incluindo o debaixo do lava-loiça.

Estava vazio.

Pouco depois de se terem mudado para lá, ele começou a querer ser o único a esvaziar o caixote do lixo. «A estragar-te com pequenos mimos», dissera. Havia melhor maneira de lhe esconder o veneno? Ela estava demasiado doente para fazer as tarefas para as quais ele se voluntariava e grata por poder descansar mais. Para continuar à procura de trabalho.

De olhos ainda postos na garrafa de veneno, apalpou o tampo da mesa à procura do telemóvel e marcou o 112. O seu dedo a tremer ficou a pairar sob o botão verde durante algum tempo, mas depois cancelou a chamada e largou o telemóvel em cima da mesa outra vez.

Se a polícia viesse, iriam investigar. Provavelmente, acusá-lo-iam de alguma coisa por envenená-la, talvez tentativa de homicídio, mas ele nunca iria pagar pela vida que ceifara. O seu filho ainda por nascer, nos termos da lei, não era uma pessoa a sério até vir ao mundo, vivo.

O seu querido marido assegurara-se de que isso nunca iria acontecer.

Assim como ela teria de se assegurar que ele pagaria bem caro pela vida que ceifara.

Enxugou as lágrimas com as costas da mão; viu as horas. Era quase meio-dia. Tinha seis, talvez sete horas, até ele regressar.

Limpou a poça de sangue do chão com lenços de papel e esmigalhou os cacos de vidro maiores com uma frigideira, com cuidado para não deixar nenhuma prova. Ensopou as manchas de sangue com água oxigenada, eliminando assim qualquer vestígio de sangue, deixando-a atuar até que o chão ficasse branco, reluzente, incluindo as juntas dos ladrilhos. De seguida, despejou os pedaços de papel de cozinha encharcados de sangue na sanita, em pequenas quantidades, descarregando o autoclismo de cada vez, até que todas as provas da morte do seu bebé fossem eliminadas lá de casa. Despejou o resto da água oxigenada pelo ralo do lava-loiça e esfregou toda a sanita.

Então, sem forças nas pernas, mas movida pela raiva a arder-lhe no peito, foi às compras.

Uma drogaria no lado oposto da cidade vendia o mesmo veneno para ratos. Estacionou do outro lado da rua, pagou em dinheiro e manteve a cabeça baixa. Usou um boné com pala e uns óculos escuros grandes, certificando-se de que ninguém a reconheceria.

A paragem seguinte foi uma bomba de gasolina indistinta, onde comprou um telemóvel descartável, também pago em dinheiro.

Depois, foi a casa do pai. Vasculhou a gaveta de cima da mesa, encontrou a sua carteira, com todos os cartões de identificação, exatamente onde a pusera quando ele fora internado no hospital. Tirou a sua licença de veterinário, emitida pela delegação da Ordem dos Médicos Veterinários no Texas. Nela constava o número da licença do Dr. Wilmore. O *Fido* ainda não podia ir ao veterinário, mas havia

mais meios para atingir o mesmo fim. Ela sabia tomar conta de si, pelo menos durante algum tempo.

Susteve a respiração e ligou para o Centro Antivenenos do Texas a partir do telemóvel descartável.

– Estou a ligar da parte do consultório do doutor Hunter Wilmore, licença número 5644425. Qual é o protocolo mais recente para o tratamento de intoxicação por colecalciferol e bromadiolona? – perguntou ela, depois de o operador ter validado as credenciais.

– Para o anticoagulante é vitamina K1, intravenosa, diariamente, até cento e sessenta e oito dias. A contagem de plaquetas e o fator de coagulação indicarão quando se pode parar de administrá-la. – Andi ia-se engasgando ao ouvir as palavras do operador. Quase seis meses de injeções intravenosas diárias? C’um caracas. – Para o controlo da hipercalcemia, é gluconato de cálcio, intravenoso, diariamente, até que os níveis sanguíneos normalizem.

– Mais alguma coisa?

– Lavagem gástrica se a ingestão for recente.

Desligou e fechou os olhos, a tentar lembrar-se da última vez que comera algo preparado ou servido por Craig. Mais lágrimas sufocaram-na. Os seus jantares românticos, à luz das velas, ele a cozinhar as suas comidas favoritas, extra picantes, mesmo como ela gostava. Nada mais do que uma artimanha para a envenenar. Mais nada. Não era nenhum conto de fadas.

– Sou uma idiota chapada – murmurou, a dar a volta à despensa de medicamentos do pai. O Dr. Wilmore mantinha o escritório de casa abastecido para a maioria das emergências veterinárias e, felizmente, os dois medicamentos recomendados encontravam-se entre aqueles que ele havia armazenado em abundância.

Acabou por administrar a si mesma a primeira dose de vitamina K1 e de gluconato de cálcio, usando uma das gravatas do pai como torniquete e a perguntar-se como é que todos os viciados nas ruas ou no cinema pareciam tão hábeis a encontrar as suas veias enquanto ela se debatia daquela maneira. Não fazia a mais pálida ideia se administrara muito ou pouco dos medicamentos, mas, fosse como fosse, era melhor do que não fazer nada.

Murmurando um impropério quando viu as horas, tirou algumas luvas cirúrgicas do escritório do pai, umas quantas coisas da despensa e depois saiu porta fora, a correr.

Durante a curta viagem de carro até casa, planeou detalhadamente cada passo do que queria fazer a seguir. Tinha pouco tempo de sobra, faltando menos de uma hora para o avião de Craig aterrar em Houston.

Assim que chegou a casa, calçou umas luvas cirúrgicas e foi buscar a garrafa de veneno que estava em baixo do lava-loiça. Cheirou o conteúdo; não tinha nenhum cheiro muito característico, apenas um leve odor amargo, que ela reconhecera. De seguida, anotou mentalmente o nível do líquido na garrafa. Chegava até onde a cauda do rato atingia a borda do rótulo.

Pôs essa garrafa de lado, em cima de uma folha de papel de cozinha, depois

pegou na que comprara naquele dia e despejou-a no lava-loiça. Em seguida, lavou-a afincadamente, ensaboando o interior com detergente para a loiça e passando-a várias vezes por água, até que todo e qualquer vestígio de veneno desaparecesse. Felizmente, o rótulo era de plástico termorretrátil e não se soltava nem se deformava.

Com toda a calma, secou completamente o exterior da garrafa, tendo o cuidado de garantir que nem uma única gota de água se encontrava sob o rótulo. Então, começou a misturar os itens que trouxera da casa do pai numa pequena tigela com água. Ácido cítrico. Sal. Corante alimentar, até que a cor do líquido na tigela se assemelhasse à cor do veneno.

A colher tilintava enquanto misturava o líquido na tigela, a ouvir atentamente os suaves ruídos produzidos pela dissolução dos grãos de ácido cítrico. Durante todo aquele tempo, sabia que simplesmente devia ter-se ido embora, deixar aquela loucura e nunca mais olhar para trás, mas tinha de o olhar nos olhos quando ele a voltasse a envenenar. Tinha de ver o que muito possivelmente sempre lá estivera, mas em que, de alguma forma, nunca reparara. As más intenções. O ódio, a brilhar nos olhos do homem aparentemente amoroso e engraçado e encantador, enquanto ele encharcava a sua comida com veneno. Os seus lindos olhos, fixos nos dela, a ver cada dentada que comia e a sorrir, sabendo que só a estava a conduzir cada vez para mais perto de uma morte lenta e dolorosa.

Ela adorava salgados; também gostava de sabores ácidos; gostava do seu peixe frito encharcado em sumo de limão. Não importava que quantidade de veneno ele pusesse na sua comida, desta vez iria senti-lo. Iria prová-lo e saberia instantaneamente, sem sombra de dúvida, que o homem que a olhava amorosamente, enquanto acendia as velas e lhe oferecia sobremesa, era um assassino.

Só aí é que poderia ir-se embora e a penitência dele poderia começar.

Ainda a misturar a solução, adicionando pequenas quantidades de corante alimentar até que a cor estivesse quase perfeita, imaginou-se sentada à frente dele, na mesa de jantar. A conversar, a perguntar-lhe sobre a viagem, sobre o discurso que fizera, enquanto a sua boca sentia a prova que procurava, salgada e ácida, da sua intenção assassina.

O que é que Craig diria? O que iria ver nos seus olhos, naquele preciso momento?

Ele merecia uma oportunidade de...

Não. Ele não merecia mais oportunidades. Ela, sim. Agora era a sua vez.

Craig só merecia pagar o preço pela vida por nascer que tinha arrancado do seu ventre.

Quando ele chegou a casa nessa noite, a garrafa debaixo do lava-loiça tinha a mistura salgada e ácida, na medida certa, enquanto a verdadeira garrafa de veneno, com as impressões digitais dele, estava escondida na garagem, dentro da caixa do ar condicionado.

E ela estava à espera.

Advogado de Defesa Goodridge: Testemunhou que os sintomas que Andrea

Wilmore Brafford tinha eram condizentes com a ingestão de veneno para ratos. Isto está correto?

Dr. Bruce Hanfield: Sim.

Advogado de Defesa Goodridge: No entanto, não tratou Andrea Wilmore Brafford por causa de envenenamento.

Dr. Bruce Hanfield: Não havia razões para suspeitar disso. Os sintomas que apresentava são relativamente comuns, nomeadamente em mulheres grávidas, pelo que havia outras doenças mais prováveis de serem as responsáveis do que o envenenamento.

Advogado de Defesa Goodridge: Então, não achava que ela corresse risco de vida?

Dr. Bruce Hanfield: A princípio, não. Mas, depois de ver o seu painel metabólico abrangente, aí...

Advogado de Defesa Goodridge: Não tenho mais questões para esta testemunha.

Decisões

Eram quase dez da noite quando Craig estacionou na garagem. Era suposto ter chegado a casa muito mais cedo, mas o seu avião ficou retido na pista durante horas, enquanto ele sufocara e suara inúmeras vezes, irritado como uma fera, preso dentro de um avião repleto de gente fedorenta. Era o *seu* tempo que estavam a desperdiçar e, para ele, tempo era dinheiro. E porquê? Por uma simples tempestade, alguns relâmpagos estúpidos, que nem sequer caíram perto do maldito aeroporto, mas que fizeram com que todos os aviões ficassem em terra, enquanto os estroboscópios giravam e um alarme, estranho e pulsante, soava durante quase três horas.

Expressara a sua frustração aos assistentes de bordo, fazendo um alvoroço sem parar até que o ameaçaram que, se continuasse, seria detido no desembarque. Isso calara-o, mas a raiva ainda fervilhava dentro de si.

O resto da viagem tinha corrido muitíssimo bem, valeu completamente a pena a angústia de voar em económica. Agora, queria tomar banho e relaxar à mesa de jantar, contar a Andi como é que tinha corrido e, depois, planejar a semana seguinte. Ela ia começar o novo trabalho. Só pensar nisso fazia-o ranger os dentes e dizer palavrões entredentes. Exatamente quando ele e Jude se estavam a preparar para formar a empresa e precisavam de apoio com a papelada, a página de internet, o primeiro conjunto de materiais de divulgação.

Mas o que é que ela queria, em vez disso? Alimentar uns peixes quaisquer, por uma ninharia à hora, era o que ela queria. Era por isso que o estava a abandonar.

Pensar na teimosia dela originou uma fome pelo seu corpo rebelde que mal podia esperar para saciar. Queria-a submissa, a gemer por mais, a implorar que ele a possuísse. Mas Craig sentia um arrepio na espinha, um mau pressentimento. Tinha-se ido embora há dois dias e ela não lhe telefonara uma única vez. Não havia mais nenhuma mensagem no *voice mail*, nenhuma mensagem escrita cheia de

corações, abraços e beijos.

Só silêncio.

Craig ligara-lhe várias vezes, enquanto estava na pista, e ela acabara por atender, apenas para lhe dizer, friamente, que estava à espera que ele voltasse, para poderem conversar. Ele perguntou sobre o quê, mas ela fechara-se em copas.

– Raios partam a mulher – murmurou, desligando o motor e fechando a porta da garagem. Pensara que as Caraíbas lhe tinham amansado o pelo e mais qualquer coisa. Caso contrário, nunca teria perdido uma semana inteira a matar o tempo na praia ou num barco malcheiroso, com um jamaicano meio bêbado, enquanto ela se entretinha a mergulhar e a tirar fotografias de todo o pedaço de gosma subaquática que conseguisse encontrar. A única coisa boa daquela viagem, além de a calar e pô-la no bom caminho outra vez, foi uma rápida avaliação das oportunidades de negócio imobiliário em Montego Bay. Ainda teria de falar com Jude acerca disso, mas podiam ganhar dinheiro à séria com a estratégia de investimento acertada.

Encontrou a sala envolta em escuridão, exceto uma luz fraca de uma das casas de banho. Tateou à procura do interruptor, acendeu a luz e franziu os olhos, a piscar algumas vezes até estes se ajustarem à claridade.

– Olá, querido – disse ela, sem se apressar em ir ao seu encontro. Estava sentada no seu cadeirão preferido, ao pé da lareira, com as pernas dobradas debaixo de si, a usar um simples roupão turco, liso e branco.

Estava prestes a ir ao seu encontro e tê-la nos braços, desejoso de sentir o corpo da mulher a contorcer-se sob o seu peso, mas reparou nuns lençóis dobrados, num cobertor e um par de almofadas, muito bem empilhados no sofá. Isso pregou-o ao chão.

– Dormiu cá alguém enquanto estive fora? – Tentou manter um tom de voz amigável, nada ameaçador, mas não tinha a certeza de o ter conseguido.

Andi riu-se.

– Não, não te preocupes, não dormiu cá ninguém. Eu já explico. – Sorriu-lhe, inclinando ligeiramente a cabeça.

Estava de bom humor, até parecia um pouco melhor. Isso queria dizer que ainda estava grávida. Senão, estaria pálida, deitada na cama e a chorar como se não houvesse amanhã. *Que inferno. Porque é que estava a demorar tanto tempo para acabar com aquilo?*

– Como é que correu? – perguntou ela. – A conferência. Fizeste o discurso?

– Sim, fiz – respondeu ele, entusiasmado. – Correu tão bem que o Hughes me convidou para ser sócio assim que as comunicações acabaram. – Foi ter com ela e agarrou-lhe as mãos. Estavam frias ao toque, nada acolhedoras. Ela estava a deixar que ele lhe tocasse, mas não estava a reagir como de costume. – Claro que há condições, e temos de angariar uma determinada quantidade de negócios para a empresa durante o período probatório, mas... sócio! Dá para acreditar?

O sorriso dela abriu um pouco, brevemente.

– Nós... Isso significa mais dinheiro, certo?

Ele assentiu, energicamente.

– Sim, e muito. A minha comissão em cada negócio que faça vai alterar, além

de ganhar algum dinheiro com cada negócio que a agência consiga fechar, mesmo que não tenha sido eu a concretizá-lo. É uma sociedade a sério, não é só de letra.

– Quando é que vai ser suficiente, Craig? – perguntou ela, calmamente, sem sombra de sorriso. – Vais ser sócio, tens aquele negócio paralelo com o Jude... Vai ser o suficiente?

Ele largou as mãos dela e começou a percorrer a sala, irado.

– Nunca! Nunca vai ser dinheiro suficiente. – Enfiou as mãos nos bolsos, para não dar um murro nalguma coisa. – Gostava que o entendesses.

– Ah, mas eu entendo. – Ela falou baixinho, desapaixadamente. Não estava a implorar nem a discutir com ele. – Simplesmente, não sou a mulher certa para ti, Craig, é só isso. Quero o divórcio.

Então, tinham voltado à conversa do divórcio. Todos os seus esforços haviam sido em vão. Ela estava pronta para sair da sua vida, deixando-o para trás sem querer saber dos seus sentimentos, do que isso lhe faria.

É claro que ele podia encontrar outras mulheres, mas ela tinha classe e vinha de uma família com dinheiro. Não muito dinheiro, mas o suficiente para ser apresentável às pessoas que ele queria impressionar. Investira tempo e recursos a transformá-la no que era agora. Ensinará-lhe como usar um vestido como deve ser, a tornar-se o centro das atenções, a vender o seu corpo. Se dependesse dela, não usaria mais nada a não ser calças de ganga rasgadas, *T-shirts* velhas e ténis desgastados, a espalhar areia da praia a cada passo.

Era uma tipa ingrata, não era?

Depois de arranjar maneira de engravidar, só queria deixá-lo, sabendo que ele seria obrigado a pagar a pensão de alimentos e apoio durante duas décadas, uma percentagem considerável de tudo o que ganhasse. Ou talvez fosse um valor fixo, ele não sabia ao certo. No entanto, tinha sido enganado. Encurralado. Brevemente seria ridicularizado por toda a comunidade empresarial de Houston. Mais um idiota depenado por causa de um rabo de saia.

Ela não ia a lado nenhum.

Craig não estava a raciocinar como deve ser e sabia-o. Já estivera enraivecido assim, antes. Mais tarde, quando as nuvens de raiva se haviam dissipado, arrependera-se de algumas das suas ações. Mas a raiva estava ali, crua, dorida, a exigir o derramamento de sangue. Era necessário fazer-se justiça pelo insulto que lhe fora dirigido.

Desta vez, porém, era mais do que raiva. Era necessidade. Independentemente do que o juiz lhe ordenasse a pagar no acordo de divórcio, ele simplesmente não o tinha. E essas coisas, como a sua incapacidade de pagar o acordo, tinham o péssimo hábito de aparecer nas notícias, na boca das pessoas, nas redes sociais, uma fofoca saborosa que passava de uma queque entediada para outra até que a sua reputação ficasse em ruínas. A sua vida acabaria.

Porque as pessoas perdoavam muitas coisas, indiscrições, más decisões, até negócios que corriam mal, mas há uma coisa que ninguém perdoa nem esquece.

A pobreza.

A insolvência.

É aí que tudo acaba. Amizades, carreiras, oportunidades, tudo.

Mas ainda não estava tudo perdido. A sua esposa traidora ainda se encontrava aninhada no cadeirão, num roupão, aparentemente sem estar a pensar em ir para algum lado, pelo menos não naquela noite. Ele ainda podia resolver isto.

– O que é que te afastou, enquanto estive fora? – Voltou a andar pela sala, mas devagar, a olhar para ela e a analisar as suas reações. Obrigou-se a respirar, ainda enfurecido, e se essa fúria se notasse na sua voz, Andi ir-se-ia embora num instante. – Foi o teu pai? – Ele riu-se, num tom amargo. – Aquele desgraçado nunca gostou de mim.

Um sorriso triste desenhou-se nos lábios de Andi, por um mero instante.

– Não, não foi ele, e chamar nomes ao meu pai não está a ajudar, Craig.

Ele parou em frente ao cadeirão, cabisbaixo, de olhos postos no chão.

– Tens razão, e peço desculpa. É só que o meu coração está partido, Ands. Não te posso perder. Não saberia como continuar sem ti. – Aquele declaração soou verdadeira e prendeu a sua atenção. O olhar dela suavizou, as rugas por cima das sobrancelhas quase apagadas.

– A culpa é minha. – Ela apertou as mãos, nervosa, e desviou o olhar por um momento. Ele achou que lhe via lágrimas nos olhos. – Sou eu... Não consigo ultrapassar o que aconteceu. Pensei que era capaz, mas não consigo. – A sua respiração oscilava, superficial. – Chorei nos teus braços por causa do trabalho de investigação em Biologia Marinha quando recebi a carta. Estávamos no nosso antigo apartamento, lembraste-te?

– Claro que me lembro. Não fazes ideia de como me senti...

– Tu abraçaste-me e reconfortaste-me, quando tinhas sido *tu* a telefonar para lá e a dar cabo das minhas hipóteses com eles. Como é que se ultrapassa isso? – Esfregou as mãos no colo, nervosamente, a olhar para o chão. – Simplesmente, não sei como é que isso se faz. Não consigo.

– Nas Caraíbas estavas bem – argumentou, debilmente. O mesmo arrepio de mau agoiro prendeu-lhe a voz. – Estavas a começar a perdoar-me. Ainda gostavas de mim. – Ele sorriu, timidamente, e tocou-lhe na mão. Ela não se afastou, mas também não reagiu ao seu toque. – Nunca vou esquecer aquela noite...

Andi riu-se, amargamente.

– Eu ainda gosto de ti, Craig, e sou muito estúpida nestas coisas, porque nunca devia ter ido para as ilhas contigo. – Fungou baixinho. – Que raio de paraíso é esse, se se baseia em traição, mentiras e enganar? – A impressão de um triste sorriso aflorou-lhe aos lábios, enquanto olhava para ele de relance, depois desviou o olhar. – Se alguma vez voltar ao meu paraíso, estarei sozinha, sempre a sentir a tua falta, mas sozinha. Por mais que tente, não consigo voltar a confiar em ti. – Quando tornou a olhar para ele, as lágrimas estavam secas, a boca era uma linha, resoluta. – Desculpa, Craig. Acabou.

O casaco parecia insuportavelmente quente e apertado, a sua gravata *Armani* sufocava-o. Com gestos rápidos, tirou o casaco e arrancou a gravata, depois jogou-os para cima do sofá e deixou-se cair de joelhos, à frente dela.

– Andi... – Estendeu a mão para lhe acariciar o cabelo, mas ela afastou-se. A

mão dele pairou no ar, por um instante, depois recuou. – Não consigo viver a imaginar-te nos braços de outro homem, a abandonares-me, a deixares-me para trás. A descartares-me como se fosse lixo.

Ela ficou a olhar para o marido intensamente, por um segundo, como se estivesse a avaliar se estava a ser sincero.

– Se estás preocupado acerca do dinheiro, acerca desta casa, não estejas. Não trouxe nada ao nosso casamento; também não vou levar nada. Eu assino o que for preciso. – Cerrou os lábios por instantes. – Não quero nada teu. Nem um cêntimo.

Craig sentiu um alívio tal que não pôde deixar de soltar uma longa lufada de ar, que contivera o máximo que pôde. Ela apenas abanou a cabeça, tão ligeiramente que o seu movimento foi quase impercetível. Já o topara, e a cada momento pensava ainda mais mal dele. Um nada, um zé-ninguém, olhara para ele com um desprezo indescritível, antes de os seus olhos lacrimejarem e ela prender o olhar no lintel da lareira.

– Então, e o bebé? – perguntou ele, levantando-se do chão e caminhando devagar até ao sofá.

– O que tem? – perguntou ela, calmamente, com uma frieza inquietante, perigosa, a imobilidade de uma cobra, antes de atacar. – Não acredito que queiras fazer parte da sua vida, pois não? – Ele encolheu os ombros. – Foi o que pensei. Então, não. Não quero pensão de alimentos ou apoio financeiro. Esta criança já não é um problema teu.

Os seus maxilares estavam tão cerrados que até os dentes lhe doíam. Não se podia fiar na palavra dela. Nem por sombras. A primeira coisa a fazer, na manhã seguinte, era consultar um advogado. Ela dizia agora que não queria pensão de alimentos ou auxílio financeiro, mas a ameaça iria pairar sobre a sua cabeça, por anos e anos a fio.

Talvez ainda houvesse maneira de se desenrascar desta confusão. De se ver livre da criança que não queria e da mulher que o tinha apanhado, de uma só vez. As pessoas não o iriam ver como um idiota que a mulher deixara, mas alguém cuja total felicidade fora apagada, brutalmente, por uma mão criminosa, um vilão que nunca fora apanhado, que atacara enquanto ele estava retido num avião, preso com cerca de duzentas testemunhas. A compaixão para com o viúvo encantador e de coração desfeito viria de todos os lados e, com isso, montes de novos negócios.

Andi, lamento muito, tentei tudo o que estava ao meu alcance, mas tu queres mesmo que isto aconteça e não me dás outra alternativa. A culpa é toda tua.

– Está bem – admitiu, com um pesado suspiro. – Mas não precisa de ser já esta noite, pois não? Ainda podemos jantar juntos? – Ela levantou a mão, em protesto, desdobrando as pernas, a preparar-se para se pôr de pé. – Prometo que não insisto mais. Respeito a tua decisão, apesar de me partir o coração. És toda a minha vida, Andi, e não sei como é que vou sobreviver na tua ausência, mas ainda podemos ter esta noite.

– Esta noite, não – disse ela, falando baixinho. – Jantar, apenas. – Limpou uma lágrima com a ponta do dedo rapidamente.

Ele sorriu, sem reservas.

– Obrigado. E que tal eu arranjar um *chop suey* com arroz cozido a vapor enquanto tu tomas um banho?

Andi hesitou por um instante, depois sorriu brevemente e disse:

– Ótimo. Obrigada. – Por breves segundos, olhou-o nos olhos, com uma intensidade indecifrável. Angústia, tristeza, determinação também. Ela já fora embora. A sua cabeça já estava decidida.

A dele também.

Advogado de Defesa Goodridge: Na sua experiência em casos de envenenamento, houve algum em que tenha sido dado veneno a menos a uma vítima?

Dr. Aaron Ellefson: Não. Normalmente as vítimas ingerem veneno a mais e não a menos.

Advogado de Defesa Goodridge: Seria possível que Andrea Wilmore Brafford tivesse ingerido essa quantidade de veneno acidentalmente?

Dr. Aaron Ellefson: Não. Não vejo como é que isso teria sido possível.

Advogado de Defesa Goodridge: Mas se a intenção era matar Andrea Wilmore Brafford, o assassino não utilizaria uma quantidade maior? Para ter a certeza de que ela morria?

Procurador Distrital Buscher: Protesto, Meritíssimo. Especulação.

Juiz Barry Cromwell: Vou permitir.

Dr. Aaron Ellefson: É difícil dizer. Se o objetivo fosse tirar-lhe a vida rapidamente, então sim, esperaria que tivesse sido usado mais veneno. Se o objetivo era torturar ou...

Advogado de Defesa Goodridge: Não tenho mais questões para esta testemunha.

Procurador Distrital Buscher: Posso contrainterrogar, Meritíssimo?

Força de vontade

Assim que a porta da casa de banho se fechou, Andi encostou-se a ela e respirou fundo, deixando cair a máscara. O rosto que via no espelho era o de uma mulher em estado de choque e de coração partido, cuja dor era quase demasiada para aguentar, forte e a bater-lhe no peito, ao ritmo do bater do seu coração cansado.

A cada instante regressava ao mundo da dúvida, a realidade demasiado dolorosa para a suportar. E se estivesse errada acerca do veneno? E se Craig a amasse mesmo de verdade e fosse apenas alguém que tinha cometido um erro, com medo de a perder? E se ela...?

Não. O veneno estava lá. As suas análises, o aborto, a excruciante dor de barriga, tudo apontava na mesma direção, para o mesmo homem, o dedo pálido e brutal da morte que havia tocado na sua vida.

Mas como pudera ser tão crédula, tão iludida?

– Vemos o que queremos ver – sussurrou, numa voz quebrada e chorosa, enquanto ligava a água e a deixava correr. Essas palavras eram a forma débil com que a sua mente sã e analítica lutava contra a fraqueza do seu coração.

Ela *era* fraca; isso era um facto. Mais frágil do que imaginara possível, tão vulnerável que tinha vergonha de si mesma. Talvez o seu raciocínio estivesse tolhido pelo veneno, ou pelo menos era no que queria acreditar, numa desculpa para a sua volubilidade quando não estava ocupada a arranjar desculpas para Craig.

Enquanto a casa de banho se enchia, lentamente, do vapor da água do duche a correr, a imagem refletida no espelho ficou embaciada, irreconhecível. Porque é que ainda estava ali? Porque é que não estava a agarrar no telemóvel descartável que se encontrava no bolso do roupão para telefonar a Aaron ou a Rebecca? O Dr. Ellefon aparecer-lhe-ia à porta em menos de nada, com meia esquadra da polícia a

reboque.

Tirou uma toalha pequena de uma prateleira, escondeu o rosto nela e chorou convulsivamente, pressionando-a contra a boca, até que a dor agonizante no seu peito cedesse um pouco e ela fosse capaz de pensar racionalmente outra vez. Andi sabia que ele ia tentar matá-la nessa noite. Contra toda a lógica e contra os seus melhores instintos, queria olhá-lo nos olhos enquanto ingeria a comida envenenada.

Era ridículo. Um risco sem sentido que estava a correr com a própria vida. No entanto, não conseguia ir-se embora.

Hipnotizada, presa como uma mosca incauta numa teia de aranha, era incapaz de se libertar das garras dele. Para onde tinha fugido toda a sua determinação? A sua força de vontade? Estava a comportar-se como uma criança ingênua, tão apaixonada pelo seu perseguidor, que conhecera *online*, que não se dera conta de que se estava a apaixonar por um predador, um animal feroz, pronto a atacar.

Ainda assim, como um acidente a desenrolar-se em câmara lenta à sua frente, era incapaz de se ir embora antes de acreditar, com todas as forças do seu ser, que Craig era o assassino do seu bebé. Em vez de jantar com ele, gostaria de se salvar, de se pôr em primeiro lugar. Gostaria de ter a força mental para desaparecer, amarga e desesperadamente. Ir-se embora. Telefonar a alguém. Telefonar ao Dr. Ellefson. Fazer alguma coisa com o mínimo de juízo.

Depois pensou no seu pai. O que diria ele se soubesse o que ela estava a planear? Ao longo dos anos, ele tinha sido a sua prova dos nove. Se ela não lhe dissesse alguma coisa, se guardasse um segredo do pai, sabia que estava a fazer algo intrinsecamente errado. Contudo, ainda queria fazê-lo. Andi nunca teria dito ao seu pai o que estava a planear fazer.

Mordeu o punho, com a cabeça encostada à parede, até que uma dor aguda despertou os seus sentidos.

— Porquê? — sussurrou. — Porque é que quero fazer isto?

Porque o amava mais do que à própria vida. Porque quando o meu coração me doer como se tivesse sido apunhalado por mil lâminas, terei de me lembrar de quem ele é.

A resposta, que emergia do seu subconsciente, acalmando-lhe a mente angustiada, instilou-lhe a força de vontade de que ela tanto precisava.

iria jantar com ele.

Depois, ir-se-ia embora e passaria a noite na casa do pai.

Tendo decidido, fechou a água do chuveiro e passou o secador pelo cabelo curto, deixando-o um pouco húmido. A seguir, vestiu uma *T-shirt* e umas calças de ganga lavadas, sentindo frio, sem razão para tal. Com as chaves do carro num bolso e o telemóvel descartável no outro, só faltava uma última coisa.

Pôs o pendente azul que Craig lhe dera ao pescoço, com dedos trémulos e hesitantes. Era adequado à situação, um símbolo da cisão entre ela e o marido.

Seria a última vez que o punha.

Procurador Distrital Buscher: Dr. Ellefson, considerando as reduzidas quantidades de veneno que a vítima ingerira, qual poderia ser o objetivo do agressor, se não queria matá-la?

Dr. Aaron Ellefson: Considerando que, na altura do envenenamento, Andrea Wilmore Brafford estava grávida, penso que seja seguro presumir que o agressor poderia querer interromper a sua gravidez com recurso a químicos.

Procurador Distrital Buscher: Tendo por base a análise forense do cabelo da vítima, durante quanto tempo é que ela ingeriu o raticida?

Dr. Aaron Ellefson: O crescimento normal de um cabelo humano é de cerca de dois centímetros por mês. Encontrou-se veneno numa secção das fibras capilares da vítima, com cerca de dois centímetros e meio desde a raiz, o que me levaria a dizer que teria sido durante um mês, cinco semanas, não mais.

Procurador Distrital Buscher: Com base no testemunho do Dr. Hanfield, sabe-se que a vítima estava grávida, de cerca de oito semanas, aquando da consulta. É seguro presumir que o agressor começara a envenená-la assim que soube que ela estava grávida?

Advogado de Defesa Goodridge: Protesto, Meritíssimo. Especulação.

Procurador Distrital Buscher: Retirado. Não tenho mais questões para esta testemunha.

Advogado de Defesa Goodridge: Posso contrainterrogar, Meritíssimo?

Jantar

O sangue gelava-lhe a cada passo que dava em direção à cozinha. Um calafrio fê-la estremecer quando se sentou à mesa, enquanto ele lhe segurava a cadeira, como o cavaleiro que era. Desconfortável, com Craig de pé atrás de si, virou a cabeça para olhar para ele. O medo revolia-lhe as entranhas e o seu instinto bradava. E se, desta vez, ele não a envenenasse? E se fizesse outra coisa, algo para o qual ela não estava preparada?

Craig sorriu-lhe calorosamente ao oferecer-lhe um guardanapo, que ela desdobrou e pousou no colo, com dedos enregelados. tinha posto a mesa com um único castiçal prateado, de lado, com uma vela estreita branca à espera de ser acesa.

– Estás pronta, meu amor? – perguntou, indo até ao fogão, onde os pratos já estavam prontos, a manterem-se quentes, servidos com generosas porções de *chop suey* e de arroz cozido a vapor. O aroma dos vegetais salteados com soja e molho de camarão estava de pôr água na boca, mas as náuseas embrulhavam-lhe o estômago.

– Não me chames isso – reagiu ela, as palavras dele a mexerem mais com o seu coração do que Andi gostaria de admitir. Queria gritar com ele até as janelas tremerem, esbofeteá-lo e perguntar-lhe como é que se atrevia a chamá-la daquela forma, depois do que fizera.

Olhou por cima do ombro, um sorriso triste a esboçar-se nos lábios.

– Podes deixar-me esta noite e pedir o divórcio amanhã, mas serás sempre o meu amor. O meu único amor. A minha Andrea.

Ela engoliu em seco, a evitar lágrimas que não tinham lugar ali. Ele virou-se e pôs um prato à frente dela e outro à frente do seu lugar, vazio. Craig movia-se devagar, de forma natural, totalmente descontraído. Os seus ombros não estavam tensos, não havia olhares carregados de culpa. Nada. Apenas um marido amoroso e encantador, a servir uma refeição caseira à sua mulher.

Andi observou-o atentamente, empenhada em descortinar alguma coisa que indicasse as suas reais intenções. Não havia nada. Agarrada a uma esperança

irrazoável, como qualquer pessoa desesperada se agarra seja ao que for, pegou no garfo e comeu um pequeno pedaço de carne.

Assim que o levou à boca, Andi soube. Estava imensamente salgado e azedo, como se a comida tivesse sido cozinhada na mistura de ácido cítrico. Desta vez, era a sério. Ele queria-a morta.

Viu-o sentar-se à sua frente e acender a vela, enquanto mastigava lentamente a comida intragável. O seu olhar era cândido e caloroso. A sua postura, totalmente descontraída e livre de culpa.

Estava a olhar para um sociopata.

Aquela ideia enregelou-lhe o sangue e arrepiou-a de alto a baixo. Ao mesmo tempo, redimiua-a do seu sentimento de culpa. Não era culpa sua não ter reparado que ele tinha algo de errado, de todas as vezes que a envenenara no passado. Não havia nada em que reparar.

– E então, está bom? – perguntou Craig, como sempre fazia quando cozinhava.

Ela fez um sorriso débil.

– Muito bom. Muito obrigada por teres feito isto. Não era preciso, sabias? – acrescentou, descobrindo que era calmanete jogar com duplos sentidos com um assassino, numa dança à beira do abismo. Deu outra garfada e mastigou-a mais depressa. O sabor amargo aliviou-a um pouco das náuseas, mas estava demasiado salgado para ser suportável. – Podias trazer-me natas? Acho que talvez tenhas exagerado um pouco no molho de soja.

Nem um lampejo de preocupação. Nem a mínima reação nas suas pupilas.

– Claro – respondeu ele, depois afastou-se da mesa, as pernas da cadeira a raspar ruidosamente de encontro aos ladrilhos. Tirou uma colher da gaveta dos talheres, abriu a embalagem de natas e pô-la à sua frente, com a colher lá dentro, pronta a servir. – Aqui está.

Tirando uma colherada, Andi espalhou-a sobre o arroz, depois comeu um pouco, misturado com carne e legumes. Melhor.

– Estou grata por me deixares partir. – Não conseguia resistir aos jogos de palavras com duplo sentido, como se provocar um assassino fosse a coisa mais inteligente que pudesse fazer. Outra garfada passou--lhe pela garganta facilmente. – sei que, para ti, deve ser muito difícil.

Ele esticou a mão até ao outro lado da mesa e apertou a sua mão esquerda.

– Nem tens ideia. Deixar-te partir é a coisa mais difícil que alguma vez tive de fazer. Nunca mais serei o mesmo, depois de te ires.

Por um instante, breve e assustador, ela pensou que, se calhar, também Craig estava a jogar com as palavras. E se ele descobrisse que ela tinha mudado o veneno? E se ainda a estivesse a matar, naquele preciso momento, naquele preciso lugar, só que de uma forma diferente, que ela não antecipara?

Andi já tinha comido mais de metade do seu prato. E não fazia ideia do que lá estava.

O pânico tomou conta do seu corpo como um incêndio descontrolado. O coração a bater contra o peito, sentiu tonturas, a cabeça à roda, enquanto um pensamento perturbador surgia na sua mente, enervada. O que é que o pai dissera?

Qualquer coisa acerca de tonturas e da tola... Deitar-se antes que chegue... Chegue o quê?

Não conseguia lembrar-se. Tentou pôr-se de pé, agarrando-se às bordas da mesa com os dedos trémulos e sem forças, mas as náuseas revolviam-lhe o estômago. Conseguiu levantar-se, com espasmos, a arfar, sabendo que tinha de fugir dali o mais depressa possível. Mas o corpo estava a traí-la.

Olhou para Craig e gemeu, mas ele continuou sentado no seu lugar, a olhar para ela, calmamente.

– Precisas de alguma coisa, meu amor? – Era a voz de um estranho, de um homem que Andi nunca conhecera, frio, insensível, impaciente, à espera que ela morresse.

A princípio, o seu mundo começou a escurecer lentamente, enquanto tentava entender o que estava a acontecer. Depois o chão precipitou-se de encontro a ela, num movimento giratório e vertiginoso, e Andi não pôde fazer nada para o evitar.

Ao cair, bateu com a cabeça na borda da cadeira. Viu estrelas a explodir dentro da sua cabeça, verdes e selváticas, antes de chegar a sentir alguma dor. Depois, tudo se apagou.

Sangue

Craig observou a sua mulher a fraquejar e gemer, sem vacilar, à espera que aquilo acabasse depressa. Agora, a sua querida esposa não iria deixá-lo. Ele derramara veneno suficiente na sua comida para pôr um cavalo a dormir. Mas não contara com ela acertar na cadeira e sangrar por todo o lado.

– Sangue... Oh, merda! – Frenético, a faltar-lhe o ar, correu para o lava-loiça e pôs-se a olhar fixamente para o ralo, concentrando-se no círculo de aço inoxidável e obrigando-se a reparar nos detalhes. As letras em relevo da marca do fabricante. O ponto de ferrugem, que punha em causa a designação de aço inoxidável, levando-o a perguntar-se de que seria realmente feito. Tudo servia, desde que não olhasse para a poça de sangue cada vez maior, a manchar o chão à volta da cabeça dela.

O que é que havia de fazer? Não era suposto aquilo acontecer.

Se fosse capaz de aguentar a visão do sangue, ainda que por meros segundos, Andi já teria ido desta para melhor. Havia formas mais fáceis de resolver estas coisas; infelizmente, a maioria implicava o derramamento de sangue. Ele considerara essas opções nas Caraíbas, onde o sítio estava repleto de oportunidades. O barco de mergulho, por exemplo, teria sido um ótimo sítio para ela «escorregar e cair» e bater com a cabeça no convés, quando o jamaicano bêbado não estava a olhar. Mas e depois? Ele desmaiava ao lado dela, incapaz de lidar com as coisas, e acordaria na prisão. Não era uma opção.

A cabeça andava à roda e o coração batia-lhe no peito, num frenesim. Se olhasse para ela, desmaiaria. Aconteceria, mais tarde ou mais cedo, e depois tornaria a desmaiar assim que abrisse os olhos e visse a poça de sangue. Já estava a sentir-se fraco, prestes a desmaiar, apenas com o cheiro metálico daquela coisa.

Precisava de pensar rapidamente e arranjar uma solução.

– Entorpecer os sentidos – murmurou, abrindo os armários da cozinha à toa, à

procura de uma solução. – Vá lá, vá lá – disse, tendo o cuidado de não virar a cabeça, por engano, e ver o corpo.

Nada nos armários servia o seu propósito. Andando de lado, chegou ao frigorífico e abriu a porta. Agarrou na garrafa de vodka, numa das prateleiras da porta, bebeu umas goladas e respirou ruidosamente, sentindo o ardor do álcool a descer-lhe pela garganta. Voltou a guardar a vodka e continuou à procura.

– Isto deve servir – ciciou, abrindo uma garrafa de vinagre balsâmico e esfregando algum debaixo das narinas. Engasgou-se e tossiu de imediato, mas já não suportava sentir o cheiro do sangue.

Ao fechar a porta do frigorífico, concentrou-se, respirando lenta e profundamente, a tentar conter o pânico que lhe corria nas veias. O seu plano dependia inteiramente de se ver livre do corpo dela, e depressa, para que o seu álibi se mantivesse. Mas como é que ele ia tirar o corpo lá de casa, se nem podia olhar para o sangue sem desmaiar?

– Raios me partam – gritou, dando um murro com força na bancada de granito. – Isto não pode acabar aqui. Não assim.

Mais um gole de vodka deu-lhe uma nova ideia. Tudo o que precisava era de tapar o sangue. Isso chegava. Não o ver. Não o sentir na pele, também. Umas luvas dariam conta do recado. Andi tinha algumas numa gaveta, algures.

Encontrou um par de luvas azuis, descartáveis, numa gaveta ao pé do fogão e calçou-as. De olhos postos na parede, saiu da cozinha e disparou em direção à casa de banho. Uma toalha azul-escura, pendurada num toalheiro ao lado do lavatório. Agarrou-a e voltou para a cozinha. Forçando-se a respirar fundo, para se acalmar, jogou a toalha para cima do corpo de Andi, sem olhar, mais a adivinhar do que a ver onde o sangue se acumulara.

Deixou-se cair de joelhos, agarrado à borda da bancada, e lentamente, um centímetro de cada vez, virou o olhar para o corpo dela. Estava deitada, numa posição pouco natural, as pernas dobradas sob o seu corpo, os braços estendidos. Uma cadeira estava deitada no chão. A toalha encharcava-se rapidamente e, ao vê-lo, Craig sentiu uma onda de calor percorrer o seu corpo. Mesmo que o líquido na toalha parecesse roxo-escuro em vez de vermelho, ainda assim *sabia* que era sangue.

– Oh, não, não, não... – Desviou o olhar e respirou até a sensação de calor lhe passar. Depois, voltou a olhar para ela.

Estaria mesmo morta?

Tinha de estar, pela quantidade de sangue a ensopar aquela toalha. Mas os seus olhos encontravam-se semiabertos, atormentadores. Craig tomou-lhe o pulso, a olhar para o lado, mas não sentiu nada. Fechou os olhos e tentou ouvir a sua respiração. Nada. Não conseguia ouvir nenhum som, apenas o ruído do seu sangue a correr-lhe nas veias, num ritmo agitado.

– Pensa, pensa, porra! – murmurou. Não podia levá-la para o carro, se isso implicasse derramar sangue por todo o lado. Nunca seria capaz de o limpar. Não seria capaz de chegar até à porta da cozinha sem desmaiar. Só imaginá-lo era demasiado para ele. Mal conseguiu chegar ao frigorífico, para pôr mais um pouco

de vinagre balsâmico debaixo do nariz.

Os seus olhos errantes detiveram-se no tapete da sala de jantar. Era suposto ser impermeável, para proteger a madeira de eventuais derrames. Alcançou-o em meia dúzia de passadas. Empurrou a mesa e as cadeiras para o lado, pegou no tapete e levou-o para a cozinha, onde pôs uma das bordas a cobrir-lhe o corpo. Depois, a olhar para outro lado, enrolou o corpo inerte no tapete. Mesmo quando estava quase a acabar, lembrou-se do pendente que ela estava a usar ao jantar.

– Oh, merda – sussurrou. De olhos postos no candeeiro do teto, inseriu a mão dentro do tapete, tateando à procura da garganta dela. Os dedos enluvados esforçavam-se para sentir a corrente, mas lá acabou por agarrá-la, e ao pendente, e arrancou-o com força. Este saiu, com o fecho estragado. Alguns dos fios de cabelo dela vinham agarrados e o sangue manchava o pendente e partes da corrente.

A ofegar fortemente, Craig correu para o lava-loiça e abriu a torneira, lavando-o rapidamente, enquanto as suas pernas perdiam as forças para o sustentar. As suas forças regressaram, conforme os vestígios de sangue foram desaparecendo do pendente e das luvas. Largou o pendente na bancada, depois virou-se para olhar para o tapete enrolado.

Um dos lados estava encharcado de sangue. Um pequeno vislumbre era tudo o que conseguia aguentar, antes de ter de desviar o olhar. Encontrava-se prestes a desistir, a deixar o corpo onde estava e fugir dali para fora, talvez conduzir até à fronteira com o México, quando lhe veio à cabeça uma ideia maluca.

Só podia ver o sangue se a luz estivesse acesa.

Às escuras, teria de se mover devagar e tatear o caminho entre os móveis, mas seria capaz de fazer o serviço.

Correu para a casa de banho, a suspirar de alívio, de onde arrancou a cortina de plástico do chuveiro, levou-a para a garagem e utilizou-a para forrar o porta-bagagens do seu SUV. Pensara no *Beetle* dela, por um instante, mas era muito pequeno.

Desligando todas as luzes, com cuidado, foi para a cozinha e pegou no tapete enrolado, a meio, onde estava sem sangue. Então, lentamente, passo a passo e com cautela, para não tocar em nada com a sua carga, levou-a para a garagem e depositou-a no porta-bagagens do *Mercedes*. Foram precisos alguns empurrões e alguma força até que coubesse. Quando fechou o porta-bagagens, estava encharcado em suor.

Mais tarde teria de limpar uma belíssima confusão. Mas podia fazê-lo no escuro, utilizando muita lixívia e lenços de papel, que poderia queimar no quintal, mais tarde, em conjunto com a sua camisa *Armani* e as calças *Brooks Brothers*.

Ainda com as luzes apagadas, encontrou o lavatório da lavandaria e lavou muito bem as mãos enluvadas. Depois, voltou para a garagem, pronto para sair.

Ao sentar-se ao volante, pressionou o comando da porta da garagem e arrancou, mantendo as luzes dos faróis apagadas até sair do seu bairro. Eram apenas alguns quilómetros até ao aterro; quase às duas da madrugada, não estaria lá ninguém a vê-lo despejar o corpo.

Sobrevivente

Era o fedor mais insuportável que Andi alguma vez cheirara e, ainda assim, inspirava com força, tentando, desesperadamente, encher os pulmões de ar. Não conseguia mexer-se muito, apesar de se contorcer com cada réstia de forças que tinha, tentando libertar-se. Estava escuro ao seu redor, negro como breu. Uma dor latejante na sua têmpora esquerda fazia-a ver estrelas verdes na sua cabeça, pior com cada movimento que fazia.

Fez força contra o que quer que fosse que a tinha imobilizada, esgatanhando, fincando os pés, até sentir um pequeno sopro de ar mais frio a passar-lhe pelo cabelo e a acariciar-lhe o rosto. O fedor ficou muito pior, insuportável, mas os seus pulmões estavam sedentos de ar. Arquejando a cada inspiração, abriu os olhos e fitou a escuridão, atentamente. Pensara que estava cega, num momento de pânico, mas sombras tênues começaram a desenhar-se ao longe. Uma estrela, um pequeno farol de luz, mesmo acima da sua cabeça. Outras, parecidas, mais pequenas, menos brilhantes; contudo, uma visão bem-vinda. Devia haver mais, mas os seus olhos ainda estavam parcialmente cobertos.

Virando-se de lado, conseguiu espremer o braço entre si e o que estava enrolado à sua volta e alcançar para lá da cabeça, de onde vinha o ar. Assim que libertou aquela mão, apalpou à procura de qualquer coisa a que se pudesse agarrar, mas não encontrou nada além de sacos de plástico moles e pequenos pedaços de detritos à solta. Algo rastejou por cima dos seus dedos e ela gritou, o som estridente da sua voz sem resposta naquela escuridão, assustadoramente silenciosa.

A consciência de onde estava deu-lhe um arrepio na espinha. Encontrava-se num aterro sanitário, algures, enterrada viva no lixo. Respirou profundamente, a tentar livrar-se do imenso pânico, a contar os segundos entre inspirações, para baixar a pulsação e pensar logicamente. Ao tatear com a mão que libertara, para perceber o que estava enrolado à volta do seu corpo, sentiu uma borda com franjas,

macia ao toque num dos lados, o outro rugoso e emborrachado. Fora enrolada num tapete. Havia ainda outra coisa ao redor do seu pescoço, uma outra textura, ensopada em algo pegajoso. Parecia uma toalha.

Tentou desenrolar-se do tapete, indo na direção oposta à borda deste, mas nada acontecera. Os seus joelhos pareciam estar bem amarrados e havia algo bem apertado ao redor da sua barriga. Apalpou a parte de fora do tapete com a mão livre e rapidamente identificou o que era.

Fita adesiva.

Sem alternativa, foi-se mexendo e libertando, um agonizante centímetro de cada vez, até que conseguiu puxar as pernas para fora, uma após a outra, e afastar-se do tapete, a gemer e ofegante, devido ao esforço.

Pôs-se de pé, vacilando por vezes, a sentir as pernas fracas e instáveis, a montanha de lixo sob os seus pés, uma superfície irregular e traiçoeira. Ficando de joelhos a cada dois passos, desistiu de tentar levantar-se e rastejou através do imenso mar de lixo, em direção à fraca luz que via ao longe.

Levantou-se quando sentiu terra firme debaixo dos pés e esforçou-se por distinguir alguma coisa na escuridão. Pedacos de papel dispersos voavam com o vento, mal iluminados pela luz residual vinda das nuvens baixas, de cobertura inconsistente; pequenos fantasmas a perseguirem-se mutuamente, sem nunca assentarem. Nem uma única alma à vista. Ali perto, no escuro, um par de compactadores e uma retroescavadora estavam estranhamente silenciosos e ameaçadores, como se pudessem, de repente, ganhar vida e persegui-la de volta para o monte de lixo e depois enterrá-la, para nunca mais ver a luz do dia.

Sentiu uma onda de vergonha assolá-la, por um momento. Vergonha e culpa. Nunca devia ter ficado. Devia ter fugido assim que teve oportunidade. Mas, agora, estava ali, ainda viva. Não tinha tempo para arrependimentos.

O céu começava a ganhar tons de cinza, à sua direita, e isso ajudou-a a orientar-se. Se o Este era ali, a zona iluminada à sua esquerda tinha de ser a interestadual, em direção a Houston. Estava a cerca de quinze minutos de distância da casa do pai.

De carro.

Começou a andar, cada passo a alimentar a dor latejante na sua têmpora. Dolorosamente consciente de como as suas mãos estavam sujas, apalpou aquela zona, devagar, com as pontas dos dedos. Estava empapada em sangue e sujidade, o seu cabelo uma papa emaranhada. Sentiu um alto debaixo da pele lacerada; isso era mau sinal. Podia ter tido uma concussão. Fechando um olho de cada vez, focou-se nas luzes distantes da interestadual, a ver se tinha a vista enevoada. Não tinha.

E conseguia aguentar a dor.

Pelo visto, era viciada nisso. Em punição e em correr riscos desnecessários também.

A sua nuca formigava, com uma sensação de ardor. Apalpou a pele com os dedos e esta deu sinal ao toque, mesmo onde a corrente do pendente costumava assentar. Tinha desaparecido. Craig devia tê-la arrancado do seu pescoço, uma peça

demasiado valiosa para descartar juntamente com o seu corpo.

Remexeu no bolso e encontrou o telemóvel descartável. Abriu-o e descobriu que ainda tinha bateria. A polícia e uma ambulância estavam a um telefonema de distância, no entanto ela ainda hesitava. Ele merecia muito, mas muito mais, pelo que lhe tinha feito do que a acusação por tentativa de homicídio. Craig não tinha ceifado uma vida, mas duas, mesmo que, por alguma razão do destino, ela ainda estivesse viva. No seu entender, ele matara-a.

O fedor diminuía um pouco a cada passo que dava. A caminhar tão depressa quanto podia, com aquela forte dor de cabeça, depressa chegou ao limite do aterro. Uma rede com cerca de dois metros e meio impedia-a de chegar à estrada. Caminhou ao longo da mesma até encontrar um buraco, provavelmente de um acidente de carro qualquer, que batera num poste torto ali ao pé. Rastejou pelo buraco com dificuldade, depois chegou ao asfalto e sorriu, debilmente.

ia ficar bem.

O telemóvel não tinha GPS, nem mapas, mas Andi continuou a virar, escolhendo sempre a estrada mais larga a cada curva, até chegar a uma rua que reconheceu. A essa altura, já o sol começava a despontar e o trânsito a aumentar.

Sempre que passava um carro, ela escondia-se, fosse atrás de uma árvore ou de um caixote do lixo, ou ainda numa vala qualquer, para não ser vista. Provavelmente, qualquer pessoa que a visse assim, completamente coberta de sangue e de sujidade, chamaria a polícia, e ela não queria que isso acontecesse. Era melhor que não houvesse testemunhas do que estava prestes a fazer.

Com o passar do tempo, o trânsito aumentou e tornou-se quase impossível evitá-lo. Mas Andi já estava perto; reconheceu o percurso de Clear Creek e o Parque Walter Hall e optou por sair do meio da rua e caminhar ao longo da margem do rio pelo resto do percurso, fazendo corta-mato através do arvoredo atrás do centro de treino dos bombeiros e da estação de tratamento de águas.

Já eram quase nove horas quando chegou a casa do pai. Por instinto, levou a mão ao bolso para tirar as suas chaves, mas só encontrou as do *Beetle*. As chaves de casa estavam fora do seu alcance, no porta-luvas do seu carro, na garagem da que costumava ser a sua casa.

Foi até às traseiras e tentou abrir a porta de trás, mas trancara-a da última vez que ali estivera. Sem outra opção, agarrou numa pedra e partiu uma das pequenas vidraças da porta, a mais próxima da fechadura. Depois pôs a mão lá dentro e destrancou-a.

Uma vez dentro de casa, respirou de alívio, mas não parou para descansar. Em vez disso, foi direta à casa de banho, ávida de livrar o corpo daquele pivete do aterro. Abriu a torneira e, enquanto esperava que a água aquecesse, analisou a ferida na sua têmpora.

Era profunda, estando coberta de detritos e de cabelo com sangue seco, e provavelmente iria precisar de levar pontos. De uma injeção contra o tétano, era certo. De antibiótico, também.

A água a escorrer-lhe pela cabeça fazia a ferida arder, cada vez mais, à medida que limpava os bocados de sangue e sujidade. Lavou o cabelo várias vezes, o mais

delicadamente possível, sem saber se conseguira livrar o cabelo do fedor do aterro. Não lhe parecia que tivesse conseguido, o pivete entranhara-se de tal modo nas suas narinas e na sua pele que só conseguia cheirar aquele mau cheiro do lixo.

Quando terminou, pisou o chão frio e enrolou uma toalha ao redor do corpo. Limpou o vapor do espelho com a palma da mão, olhou para o reflexo e não reconheceu a mulher que a olhava de volta.

A sua ferida voltara a sangrar, escorrendo em fio pela bochecha, pelo pescoço, e deixando a branca toalha vermelha, onde pingava. Como que através de uma névoa, lembrou-se de que o veneno tinha um componente anticoagulante; se ela não estancasse aquela ferida rapidamente, corria o risco de perder a vida.

Ainda de toalha, deixou pegadas molhadas por todo o lado, a reunir as coisas de que precisava. Uma agulha cirúrgica e linha, do *kit* de emergência do pai. Uma nova embalagem de água oxigenada. Anestésico local, numa pequena seringa, equipada com uma agulha hipodérmica. Adesivos. A lâmina de barbear do pai.

Depois, voltou para a casa de banho.

Inclinou a cabeça para a direita, por cima do lavatório, e derramou a água oxigenada sobre a ferida, rangendo os dentes e a arfar, enquanto o líquido fervilhava e limpava o ferimento. Rapou o couro cabeludo à volta da ferida, com cuidado, depois lavou-o abundantemente com água.

Então começou a dor a sério, quando teve de coser a ferida no couro cabeludo. Mesmo com o anestésico local que injetara, desajeitadamente, em vários locais ao longo da laceração, ainda sentia dor, o arrepanhar do fio.

– Não sou nenhum Rambo, com toda a certeza – dissera para si mesma, numa fraca tentativa de humor autodepreciativo, apenas para quebrar o pesado silêncio e ouvir algo além da sua respiração entrecortada.

Costurar a própria pele fora mais difícil do que antecipara. O couro cabeludo era espesso, e mesmo o mais leve dos toques dava-lhe espasmos de dor, através dos nervos irritados. Apesar de tudo, estava grata pelo trabalho de laboratório que fizera em San Diego e pela meia dúzia de vezes que vira o pai a costurar os seus pacientes.

Aquela angústia parecia interminável, mas ao fim de vários minutos excruciantes estava pronta para aplicar um grande adesivo.

A ferida era visível, mesmo por cima da orelha e na têmpora, o alto grande e doloroso ao toque. Nada que algum gelo não resolvesse e um boné não tapasse, para o esconder do pai. Tinha de ir visitá-lo naquela manhã, nem um minuto mais tarde. Não se podia dar ao luxo de deixá-lo descobrir que estava desaparecida ou presumivelmente morta através da polícia e ele correr o risco de ter outro ataque cardíaco.

Antes de apagar a luz da casa de banho, olhou para si novamente. A estranha refletida no espelho tinha uma força de vontade de aço, que emanava de todos os poros. Os seus olhos estavam secos. Não derramara uma única lágrima desde que despertara no aterro. Pagara caro pela sua insanidade, por querer assegurar-se das intenções dele, quando já deveria ter a certeza há muitíssimo tempo. Aprendera a lição. O Craig por quem se apaixonara nunca existira; não tinha pelo que chorar.

Mas, em breve, ele iria pagar bem caro pelo que fizera.

Ao ir para a cozinha, para comer qualquer coisa rápida antes de ir visitar o pai, reparou na pilha de correspondência que trouxera da caixa do correio da última vez que ali estivera. Com uma nota de travessura no olhar, vasculhou os envelopes até que encontrou um que serviria os seus propósitos. Era uma carta de agradecimento dos donos de um dos pacientes do Dr. Wilmore, com um selo pré-pago, com a imagem do Sino da Liberdade e com o carimbo ondulado da USPS, com a data e local de onde fora remetido.

Então, grata por não ter chegado a limpar o frigorífico do pai, pegou num tacho e cozeu alguns ovos.

Advogado de Defesa Goodridge: Dr. Ellefson, ficou surpreso ao saber da gravidez de Andrea Wilmore Brafford?

Dr. Aaron Ellefson: Não.

Advogado de Defesa Goodridge: Sendo um amigo íntimo dos Wilmore, não estaria à espera de ficar a saber da gravidez em primeira mão, pela própria Andrea, ao invés de através das revistas e jornais sensacionalistas?

Dr. Aaron Ellefson: As pessoas têm várias razões...

Advogado de Defesa Goodridge: Não é verdade que devia ter-se recusado a ser arrolado como testemunha especialista, dada a sua relação pessoal com Andrea Wilmore Brafford?

Mentiras

Andi chegou ao centro de reabilitação cardíaca ao início da tarde de sexta-feira. Levou a carrinha do pai até um parque de estacionamento que ficava próximo do jardim do centro e, depois, percorreu a pé o que faltava, através do parque, utilizando um GPS portátil que costumavam levar com eles nas suas caminhadas. Estava um belo dia de outono, o ar fresco e cristalino, as folhas a começar a cair. O céu tinha o mais puro tom de azul da Califórnia, decerto com a ajuda do baixo índice de humidade no ar, uma raridade em Houston.

Abrandou o passo quando se aproximou do limite da propriedade e colocou o boné que trouxera, encolhendo-se ao raspar no adesivo que tapava a laceração na sua têmpora. Quando chegou à cerca, parou, agachada atrás de um arbusto, para observar quem estava no pátio.

Meia dúzia de pacientes ainda estavam lá fora, os funcionários eram ainda menos. O responsável era o almoço. Eles serviam a refeição entre o meio-dia e as duas da tarde, e a maioria dos residentes queria ser dos primeiros a sentar-se à mesa. Felizmente, o seu pai não era um deles.

Quase invisível, entre duas linhas paralelas de arbustos, uma nuvem de fumo azulada apareceu, brevemente, depois desapareceu. O coração dela bateu com mais força, depois franziu a testa. Quem andaria a fornecer-lhe o tabaco? Àquele ritmo, já devia ter despachado um maço.

Escondida atrás dos arbustos, manteve-se à espreita, de olhos postos nos poucos pacientes e funcionários que passeavam pelo quintal, até que chegou a altura em que poderia saltar a cerca sem grande risco de ser vista. Momentos mais tarde, aparecera detrás das sebes, ao lado da cadeira de rodas do pai.

O cigarro já desaparecera, e ele estava absorto no seu trabalho, a tirar apontamentos no novo bloco de notas, algo que parecia uma lista. Provavelmente, não seria o que Rebecca teria em mente quando lhe recomendara que escrevesse.

Parecia estar um pouco mais forte. Havia determinação no seu rosto, na maneira como as suas sobrancelhas se franziam enquanto escrevia. Os seus cabelos brancos precisavam de uma aparadela; as pontas já passavam quase dois centímetros da gola da camisa.

Andi tirou os óculos escuros, encolhendo-se com dores quando a haste raspou na ferida. Virou-se de lado, para que ele não reparasse no adesivo.

– Olá, pai. – Os olhos ficaram marejados de lágrimas no instante em que as palavras lhe saíram da boca. Agachou-se ao seu lado e pôs-lhe os braços à volta do pescoço.

– Ah, que surpresa maravilhosa – disse ele, fechando rapidamente o bloco de notas e guardando-o debaixo da perna. Depois pôs os braços à volta dos seus ombros e suspirou, um longo suspiro de alívio. – Sinto muito a tua falta, sabias? Hum-hum... Estou sempre cheio de saudades tuas. É o que faço, o dia inteiro. Sento-me aqui e sinto a tua falta.

Aquelas poucas palavras abriram as comportas. Chorou, o rosto aninhado no peito dele; a conversa entre eles não estava a correr, de todo, como ela planeava.

– Minha querida, o que é que se passa? – perguntou ele, a voz carregada de preocupação. – Diz-me o que é que aconteceu. – Afastou-a, gentilmente, a procurar o seu olhar. Ela manteve os olhos em baixo, escondidos. O pai levantou-lhe o queixo com dois dedos. – Estás pálida. Andas a comer como deve ser? O que disse o médico?

– Eu vou ficar bem, pai, prometo – disse ela, enxugando as lágrimas e deixando sair uma grande golfada de ar. – Mas preciso da tua ajuda.

– Tudo o que precisares – sussurrou, puxando-a para si outra vez. Ele cheirava a *aftershave* e a detergente de roupa do centro de reabilitação. Com a sua bochecha corada encostada a ele, conseguia ouvir o bater do seu coração, num ritmo calmo e constante.

– Confias em mim? – perguntou Andi, ainda num tom mais baixo que um murmúrio.

– Mais do que noutra coisa qualquer neste mundo. – A sua preocupação transpareceu claramente na forma como falou. A cadência das suas palavras tornara-se clínica, apressada, mas calma, ao mesmo tempo. Perspicaz. A postos.

– Mentiras por mim? – Levantou os seus olhos azuis e fitou-o por um instante, depois escondeu o rosto novamente, envergonhada.

– Minha querida filha, eu morreria por ti. – Ele embalava-a suavemente, para a frente e para trás, acalmando-a como costumava fazer quando ela era pequena. – Por favor, diz-me o que é que se passa. Consigo senti-lo. Sabes, todos os pais são assim. Sentem quando há qualquer coisa de errado com os seus rebentos.

Ela riu-se, com tristeza.

– Tinhas razão, pai. – Inspirou subitamente. – Acerca do Craig.

Ele não disse nada. Parou de a embalar por momentos, depois retomou.

– Diz-me o que posso fazer.

Andi saboreou aquela proximidade durante algum tempo. Isso alimentou-a, deixou-a mais forte. Mas não podia ficar ali muito tempo. Arriscava, a cada

minuto que passava, que alguém a passar ou alguma câmara de vigilância a visse de relance. Inspirando profundamente, afastou-se um pouco e olhou para o pai, olhos nos olhos.

– Não contes a ninguém que estive aqui. Promete-me que não contas. Se alguém te perguntar, a última vez que me viste foi na segunda-feira, depois de eu voltar das Caraíbas. A última vez que falámos ao telefone foi ontem de manhã.

Hunter hesitou um pouco e, enquanto franzia a testa, respondeu:

– Podes ficar descansada. E que mais? – Parecia mais alerta, revigorado, pronto para se levantar e partir para a luta, ao seu lado.

– Ouças o que ouvires, promete-me que vais saber que estou bem.

Franziu ainda mais o rosto.

– Estás a assustar-me, Andrea. O que se passa? Estás a correr algum perigo?

Ela abanou a cabeça.

– Não, pai. Agora já não. Preciso que acredites em mim. Seja o que for que as pessoas te venham dizer, quero que saibas que estou na tua casa, a fazer-me de morta, e as pessoas não podem saber que estou lá.

– Quem é que anda à tua procura? – Ele parecia estar em pânico. Sentiu os músculos ficarem tensos. – Posso ajudar-te. Já estou recuperado. Sento-me nesta cadeira porque é mais fácil e porque eles nunca se lembraram de pôr um banco aqui, onde ninguém me vê a fumar, mas estou operacional. Podemos pirar-nos daqui agora mesmo.

– Não é preciso nada disso, pai – disse ela, beijando-lhe a mão e encostando-a à cara. – O que preciso é que fiques aqui, que descanses e te ponhas bom, para poderes vir para casa, quando tudo acabar. E para que possamos aprender a viver e ser felizes novamente. Nós os dois. – Engoliu em seco. Ainda podia demorar até que isso acontecesse, até que ela ficasse livre. – Lembra-te apenas que disseste que confiavas em mim.

Ele exalou.

– Eu confio em ti.

– Então, deixa-me fazer isto à minha maneira, pai.

– Como quiseres. Mas tem muito cuidado com o Craig. Ele é... Há algo nele que me faz soar todos os alarmes. Já falei nisto, não já? Estes remédios são muito maus para a minha memória. – Parecia estar a tentar lembrar-se do que lhe dissera acerca dele. – Ainda não sei porquê, mas promete-me que vais ter cuidado. Ele mete-me medo. – Aquelas últimas palavras saíram num soluço, como se não tivesse tido intenção de as proferir.

– Eu sei. Agora acredito em ti. – Ela apertou-lhe a mão. – Lembra-te: tudo o que disserem sobre mim não é verdade.

– Tipo, o quê? – perguntou, remexendo-se na cadeira. – Do que devo estar à espera, em concreto?

Ainda não estava pronta para partilhar esses detalhes, até porque ela própria ainda não sabia o que seria.

– Ainda não tenho a certeza. Vais ter de confiar que estou bem e que nos vamos ver em breve.

– Credo, Andi. Que raio é que aconteceu?

– Nada, pai. – Aumentou um pouco a voz, frustrada. – Estou bem, como podes ver.

– Pois estás. Acredito nisso porque estás a mentir-me como fazias quando eras pequena e a preparar-te para fazer das boas.

Apareceu-lhe uma lágrima no canto do olho.

– Acredita em mim, por favor. Não há outra maneira. Tenho de fazer isto sozinha.

Ele ficou a olhar para a filha durante algum tempo, depois, finalmente, assentiu, cerrando os lábios.

– Está bem.

Andi olhou em redor, para verificar se vinha aí alguém. Estavam ainda menos pessoas lá fora do que antes. Então, olhou para ele e aconchegou-lhe as mãos entre as suas.

– Perguntem o que perguntarem, diz que não sabes. Estás doente, a recuperar; vai fazer sentido.

– Tudo o que precisares. – Voltara a ser pragmático. Provavelmente, tinha decidido confiar nela e estava a agir em conformidade.

– Ainda tens a chave da minha casa?

– Da *tua* casa? – Arregalou os olhos, agitado. – Com certeza. Está na minha secretária, no lado esquerdo, na primeira gaveta a contar do topo.

– E algum dinheiro?

Os seus olhos continuavam arregalados, franzindo a testa.

– Do mesmo lado, na segunda gaveta a contar do topo, numa velha caixa de charutos.

– Obrigada – sussurrou, baixando o olhar, envergonhada por ter de pedir dinheiro. Ela deveria ter o seu próprio dinheiro. – Agora, vamos ver algumas questões hipotéticas, pode ser?

O semblante do pai mudou outra vez de expressão e os seus olhos ensombraram-se com a preocupação.

– Pode.

– Teoricamente, se alguém precisar de levar uma vacina contra o tétano, durante quanto tempo é que pode adiar a toma, sem riscos?

– Credo, Andi... – Abanou a cabeça, aparentemente atordoado. – Esse hipotético alguém não deve esperar mais de vinte e quatro horas, desde o momento da lesão, ou corre o risco de morrer. Se não for de tétano, então às minhas mãos – acrescentou, numa tentativa de humor que lhe trouxe as lágrimas aos olhos.

– Os cães não precisam de vacinas contra o tétano, pois não?

– Não, não precisam, e os gatos também não – respondeu, cerrando os maxilares. – Mas se esse alguém puder esperar cerca de vinte minutos aqui depois de acabarmos de conversar, posso conseguir um frasco para esse alguém. Se houver algum neste centro, consigo pôr-lhe as mãos em cima. Sei onde é que eles guardam o material do bom e como lá chegar. Depois, esse alguém pode

autoadministrar a injeção, profundamente, no músculo da coxa.

– Obrigada. – Ela piscou os olhos, para conter as lágrimas. – E um antibiótico de largo espectro, um que desse para pessoas, bem como para cães?

– Andi... – Tornou a abanar a cabeça, aparentemente desiludido por ela não lhe confiar os seus problemas. Ele merecia saber o que se estava a passar, mas como é que reagiria se soubesse a verdade? Chamava a polícia, num abrir e fechar de olhos. – Doxíciclina, cem miligramas, de doze em doze horas. No mínimo, dez dias. Há lá no meu consultório. – Falou em voz baixa, crivada de notas de tristeza, derrotada. Levantou o olhar e fitou-a com uma angústia indescritível. – Afasta-te daquele pulha, Andi. Seja lá o que estiveres a pensar fazer, não vale a pena. É perigoso. Vai-te embora e vai ao hospital receber cuidados médicos adequados.

Ela assentiu.

– Eu vou. Mas, pai, não é assim tão simples. – *Não depois de ele me ter matado*, acrescentou, em pensamento, com medo de o verbalizar em voz alta.

Procurador Distrital Buscher: Lembra-se do nome do amigo de infância de Craig? Aquele que lhe deu o pendente?

Louise Brafford: Sim. O nome dele era... é Jude Drennon.

Procurador Distrital Buscher: Em algum momento, durante a visita dela ou depois disso, compartilhou essa informação com Andrea Wilmore Brafford?

Louise Brafford: Não. Ela não perguntou. Eu não disse. Não vi nenhuma razão para o dizer. Honestamente, até agora, acreditava que o Craig tinha deixado o Jude para trás, tal como nos tinha deixado a nós.

Provas

O fim de semana fora longo e complicado, apesar de Andi ter antecipado que não faria nada. Não se atreveu a sair de casa, com medo de ser vista. Ao invés, fechou todas as cortinas e não acendeu as luzes depois de anoitecer. Em vez disso, descansou, para recuperar as forças, pelo menos fisicamente.

A parte emocional demorou mais, mais complicada de lidar, especialmente após o sol desaparecer atrás das árvores nas traseiras da casa e a escuridão começar a aparecer ao cair da noite. Fez o luto, durante algum tempo, às vezes sem saber pelo que sofria mais. Pela perda do seu bebê, da sua vida como a conhecia, de todas as suas esperanças e sonhos. Ou de Craig, aquele com quem pensara ter casado. O luto ia e vinha, como as marés, repetidamente, depois de cada vez em que dormia um pouco ou se entretinha com outra coisa qualquer, esquecendo-se do que tinha acontecido durante pouco tempo. Então, regressava tudo em força e ela voltava ao início, passando pelo choque e pela perda sem sentido mais uma vez.

No domingo, limpou cuidadosamente a confusão em que deixara a casa de banho, onde tomara o primeiro banho depois de escapar do aterro. Lavou as roupas na máquina, duas vezes, apenas para secá-las, dobrá-las e, em seguida, jogá-las para o fundo do armário, dentro de um saco das compras, amarrado com nós e pronto a ser posto no lixo à primeira oportunidade. Não é como se alguma vez quisesse voltar a vestir a roupa que usara quando o marido tentara assassiná-la e despejara o seu corpo no lixo.

Substituir o pequeno vidro da porta das traseiras exigia algum trabalho criativo, mas ela não podia ligar para a loja e pedir uma substituição. Em vez disso, agarrou num vidro de um armário de cozinha um pouco mais largo do que era preciso e limou-o com a sua antiga lima de unhas até que coubesse no local, com a infinita paciência de uma mulher com um objetivo.

O limar entediante, que levou horas, enquanto estava debruçada sobre o lava-loiça, deixou a sua mente livre para vaguear e lidar com os problemas que tinha

vindo a adiar. Como é que iria restaurar a confiança das outras pessoas nela, depois das mentiras que ele espalhara sobre si por toda a cidade? Como é que iria reconstruir a sua vida depois de ele se ter ido embora, sem ser deixando o seu amado Texas para trás?

A resposta surgiu-lhe quando estava a milímetros de acabar de limar. Precisava de se expurgar de toda a imundície em que ele a envolvera, para emergir, como uma borboleta do casulo, deixando o invólucro manchado atrás de si, a murchar à luz do sol. E, para isso, precisava do poder escaldante e selvagem da comunicação social a defendê-la, lançado contra Craig como uma matilha de lobos, faminta, com focinhos ensanguentados, a espumar.

Assim que substituiu o vidro, ligou o portátil do pai numa sala sem janelas e começou a escrever um artigo. Releu o trabalho algumas vezes, fazendo umas alterações aqui e ali, até estar no ponto. Até parecer suficientemente incendiário, para levar os jornalistas a investigar e publicar.

Há algum tempo, lera algures que os jornalistas apreciavam contribuições bem redigidas, poupando-lhes o tempo que teriam de despende a reescrevê-las. Também gostavam de artigos curtos, com informação concisa e factos verificáveis. Acreditava que era exatamente o tipo de artigo que tinha conseguido, depois de o reler mais uma vez, desta feita em voz alta.

Depois de terminar, criou uma nova conta de *e-mail* segura, na *Proton Mail*, e enviou o artigo para todos os contactos de comunicação social local que conseguira encontrar. Depois foi para a cama, feliz por o fim de semana estar no fim.

Na fria e sombria manhã de segunda-feira, esperou a uma distância segura da casa dele, ansiosa por vê-lo sair para o trabalho. Andi tinha verificado as primeiras páginas e os destaques no fim de semana; nem um pio sobre Craig ou sobre ela. A página do bairro não mencionara o seu desaparecimento, o que significava que ele ainda não tinha tido coragem de o reportar.

Encolheu-se quando a porta da garagem se abriu, lá ao longe, deixando-se deslizar pelo banco da carrinha do pai. Usava um boné e uns óculos escuros grandes, porém ainda temia ser reconhecida, a quase cem metros de distância. Mas o *Mercedes Benz* virou à esquerda e desapareceu, à hora habitual, pouco depois das nove.

Esperou mais alguns minutos, só para ter a certeza de que ele não voltava, e caminhou até à casa. depois, entrou sorrateiramente no quintal, baixando-se após espreitar para verificar se alguém a vira. Não havia movimento no beco sem saída e as sebes altas providenciavam alguma cobertura.

A chave que tinha na mão abria a porta da frente e a das traseiras, um toque de génio do construtor. optou pela porta das traseiras e destrancou-a com facilidade; depois, entrou em casa e fechou a porta atrás de si, silenciosamente.

A casa parecia-lhe estranha, desconhecida, como se não fosse a sua há dois meses. Como se nunca lá tivesse vivido. No entanto, isso não a surpreendeu. Ainda que tivesse escolhido os tapetes e algumas peças de mobiliário, toda aquela casa era a cara de Craig. Tinha o seu cheiro, do seu perfume. A sua presença estava no ar, arrepiando-a até aos ossos.

– OK, vamos lá fazer isto – sussurrou, pondo um par de luvas nas mãos, desejosa de despachar a visita.

A primeira paragem foi o armário da cozinha, debaixo do lava-loiça. Abriu-o de par em par e tirou o caixote do lixo, depois de tomar nota da sua posição e de como estava orientado. A garrafa com a mistura de ácido cítrico desaparecera, tal como tinha previsto. Claro que se livrara dela, para apagar o seu rastro.

Foi até à garagem, olhou com tristeza para o seu *Beetle* abandonado, depois abriu a porta do ar condicionado e recuperou a garrafa de veneno, manuseando-a cuidadosamente com apenas dois dedos, para não comprometer as impressões digitais de Craig. Em seguida, arrumou-a no armário do lava-loiça, onde a encontrara na noite de quarta-feira. O caixote de lixo foi o último, reposto exatamente como o encontrara. O dia de recolha do lixo seria apenas na quinta-feira; Craig não teria razões para olhar lá para trás antes da noite de quarta-feira.

Então, encontrou o seu antigo telemóvel no quarto, na cómoda, ligado à tomada na parede, tal como ela o deixara. Copiou vários números essenciais para o seu telemóvel descartável, depois bloqueou-o e pô-lo de volta na cómoda.

A seguir foi à casa de banho. Encontrou a sua escova de cabelo na bancada, tirou os fios de cabelo que lá estavam presos e depois mandou-os para a sanita e descarregou o autoclismo. De seguida, escovou o cabelo por alguns momentos, evitando o seu lado esquerdo, até que alguns fios novos ficaram lá presos. Saíram com bastante facilidade; se calhar a perda de cabelo vinha com o pacote de ser envenenada.

Ao sair da casa de banho, estacou. Estava alguém à porta. Seria Craig?

Susteve a respiração, a pensar onde poderia esconder-se. Havia espaço suficiente dentro do *closet*, atrás dos vestidos e, no canto mais distante, atrás da grande mala de viagem. Sem respirar, ficou à escuta. A pessoa tocou à campainha e, em seguida, deixou cair algo no tapete. Momentos depois, a porta de um camião fechou-se e um motor desapareceu, a acelerar.

Devia ser uma entrega.

A respirar profundamente, Andi estabilizou as mãos trémulas e foi à procura do pendente. Esta era a última prova de que precisava. Quase trinta minutos depois, ainda estava à procura dele, a abrir gavetas, a remexer nos bolsos de Craig. Onde raio é que o metera?

Parou no meio do quarto, a imaginar onde é que ele o poderia ter posto. O marido desfizera-se do veneno, para apagar o seu rastro. Guardaria o pendente entre as suas coisas, quando toda a gente sabia que era ela quem o utilizava?

Sorriu, ao abrir a gaveta onde guardava as suas joias. Estava ali, a corrente bem enrolada sob o pendente, o fecho estragado.

Agora, podia ir-se embora.

Procurador Distrital Buscher: Quando é que se deu conta de que tinha sido enganado?

Truman Haskett: Apenas quando vi o meu agente imobiliário, o réu, a jantar com um cliente, o Jude Drennon, numa *steakhouse* no centro da cidade. Eles

realmente pareciam muito amigos. Muito mais do que o Craig Brafford revelara durante a venda, abaixo do preço de mercado, do meu imóvel.

Procurador Distrital Buscher: Fez alguma coisa acerca disso?

Truman Haskett: Ninguém me obrigou a vender, embora esta não fosse uma transação em que não existia relacionamento entre as partes. Não acredito que haja muito que eu possa fazer neste momento. Contudo, um advogado poderá ter uma opinião diferente.

Anónimo

A esquadra tresandava a comida mexicana, embora ainda não fossem onze horas. Alguém aquecera algo gorduroso e de dar água na boca no micro-ondas, e agora todos teriam de aguentar o cheiro o resto do dia. Estava frio lá fora e não havia motivo para pôr o ar condicionado a funcionar tão cedo para arejar.

Esse alguém era o seu parceiro.

A sentir-se com fome, a Inspetora Otwell deu uma pancada com as mãos no armário de arquivo suspenso aberto à sua frente. Não ia atacar a cozinha às onze da manhã, só porque agora desejava comida mexicana. Não. ia portar-se como uma adulta a esse respeito. Beber mais café, praguejar entredentes e meter um ou dois *mints* na boca. Senão, daqui a nada estaria tão gorda como Alonzo, o inspetor com mais de cento e trinta quilos que estava a empanturrar-se com uma *quesadilla* coberta de *guacamole* com um aspeto delicioso, enquanto lia as notícias no computador, à secretária.

– Bolas, obrigadinha, Alonzo – comentou Otwell, sem conseguir conter-se. – Agora, tenho o estômago a dar horas.

– Queres um bocado? – ofereceu Alonzo, a falar de boca cheia.

– Oh, credo, não. – Não tinha a certeza se desejava aquela comida ou se esta lhe causava repulsa. – Mas obrigada. Da próxima vez, deixa-me só sair primeiro do edifício. – Um par de agentes de uniforme começou a rir-se, atrás dos ecrãs dos computadores.

– Calem a boca, vocês dois – ordenou Alonzo, e as gargalhadas aumentaram, ao invés de diminuírem.

Ele mastigou em silêncio durante algum tempo, enquanto Otwell revia o ficheiro, pela enésima vez, desde que o caso fora oficialmente dado como encerrado. Havia algo em Nikki Edwards que não batia certo para ela, mais como uma intuição do que provas concretas ou uma pista que pudesse investigar. Uma rapariga de vinte e cinco anos, de uma família de classe média-alta, com um apartamento catita, um bom emprego e um carro decente, simplesmente não

morria de *overdose* accidental.

E onde estava o namorado ou o homem que a engravidara? Não se encontrava em lado nenhum nas suas redes sociais, e Otwell perdera dezenas de horas do seu tempo pessoal a vasculhar intermináveis pilhas de porcaria inútil, à procura da mais ínfima referência a um nome, uma pista, qualquer coisa. O ADN fetal retornou zero correspondências no CODIS. Ela não tinha nada. Até o médico-legista considerara tratar-se de uma *overdose* accidental. Sem sinais de luta, sem entrada forçada, apenas as suas impressões digitais na seringa. Testemunhas que a viram com um pequeno traficante a comprar droga.

Ela não tinha nada, mas era um nada com um sabor peculiar.

Na experiência de Otwell, este conjunto particular de circunstâncias acontecia se a vítima tivesse sido violada. Isso explicaria a súbita descida da rapariga ao mundo dos opiáceos, abandonando uma vida perfeitamente boa em detrimento de momentos fugazes de esquecimento. Com Nikki morta, ela nunca conseguiria apanhar o pulha que arruinara a vida daquela jovem.

Ainda assim, não fechou o ficheiro. Em vez disso, virou outra página, relendo o relatório do médico-legista lentamente, a questionar o que lhe teria escapado.

– Ah, que merda... Anda cá ler isto, Otwell – disse Alonzo, rindo-se alto e bom som, enquanto apontava para o ecrã. – Quão estúpido se pode ser? Tudo o que temos de fazer é aparecer e apanhar este triste idiota pelo colarinho.

Curiosa, levantou-se da sua cadeira gasta e aproximou-se da secretária de Alonzo, inclinando-se para ler o ecrã. Era um artigo publicado naquela manhã pelo *The Morning Journal*, um jornal de Houston. Alonzo apontou para o título, a gargalhar tanto que a sua barriga tremeu.

– Não posso acreditar.

Ela deu-lhe uma vista de olhos rápida, ao início, mas depois algo chamou a sua atenção e Otwell voltou a lê-lo, palavra por palavra.

*Marido mina reputação da esposa,
sabotando a sua possibilidade de conseguir emprego*

Nesta versão moderna do conto tradicional com a donzela trancada dentro do castelo, Craig Brafford, vinte e nove anos, de Brookhaven, recorreu à mentira e à fraude para frustrar os esforços da sua esposa, Andrea, para conseguir um emprego. Fazendo-se passar por agente da autoridade, fez inúmeros telefonemas aos potenciais empregadores da mulher, espalhando mentiras e alertando os departamentos de recursos humanos de que Andrea era uma fugitiva procurada. Ou uma contrabandista de espécies raras e exóticas. Ou suspeita de um esquema de fraude com cartão de crédito.

A nossa investigação examinou várias destas chamadas e confirmou, sem margem para dúvidas, que foi Brafford quem fez essas chamadas telefónicas, algumas a partir do seu telemóvel, outras a partir do telefone fixo do seu escritório. Fontes que preferem manter-se anónimas forneceram as informações necessárias para montar este puzzle desconcertante. Quanto às razões pelas quais Brafford decidiu agir desta forma, só se pode especular. Brafford continua indisponível para comentar.

– Eu conheço estas pessoas – balbuciou Otwell, enquanto Alonzo e um agente

de uniforme, atraído pelas gargalhadas do inspetor, comentavam em voz alta. As suas palavras silenciaram-nos.

– Como é que os conheces? – perguntou Alonzo.

– Verifica-me aí uma coisa, sim? Vê lá se o antigo endereço do Brafford não era no prédio da Nikki Edwards. Acho que conheci essa mulher, a esposa.

Os dedos gordinhos de Alonzo correram sobre o teclado, a digitar rapidamente.

– Sim, acertaste na muche. Tu e o teu ficheiro da Nikki Edwards... Assustas-me. – Deu outra dentada na *quesadilla*. – Acabo isto num instante e depois vamos buscar este pulha. Afinal, fez-se passar por um agente da autoridade, certo?

O outro agente riu-se.

– Ah, pois é!

Otwell já estava de volta à sua secretária quando um toque a alertou para um novo *e-mail*. Não reconheceu o remetente; aparecia apenas uma sequência de números. Quando o abriu e clicou no endereço do remetente, viu que era um *e-mail* da *Proton Mail*, totalmente impossível de rastrear. O serviço não só estava sediado na Suíça, onde a polícia americana não tinha influência, mas também era mundialmente famoso pela sua criptografia e nível de segurança. Era o tipo de *e-mail* que as pessoas usavam para enviar pistas à polícia e aos jornais.

A linha do assunto do *e-mail* gelou-a por dentro. Leu a mensagem, de boca aberta, tapada pela sua mão direita.

Viu Andrea Wilmore Brafford?

Poderá querer investigar o paradeiro de Andrea Wilmore Brafford. Foi vista pela última vez na quinta-feira, dia 7 de outubro. Se o marido a tiver trancada em casa, não é com o seu consentimento. Ela está grávida e necessita de cuidados médicos.

A mensagem não vinha assinada.

– Ó parceiro – chamou Otwell, fazendo um sinal a Alonzo. – Temos de ir já. Esquece lá a *quesadilla*. Esta merda está a ficar séria. – Virou-se para o agente: – Vamos arranjar alguns mandados, agora. Um mandado de detenção para este tipo, o Craig Brafford. Uns mandados de busca para a sua casa, o seu carro, o seu escritório. Quero tudo. A seguir, rastreia-lhe o telemóvel e diz-me onde é que ele está.

Abriu a gaveta e pegou na sua arma de serviço, verificou o carregador e depois pô-la no coldre, a imagem de Andrea Wilmore Brafford ainda fresca na sua memória. A sua felicidade, o seu brilho de recém-casada, a sua ingenuidade, jovial e crédula. A forma como reagira quando ela lhe entregara a carta que encontrara no chão da entrada, o rosto um livro aberto, o coração ao pé da boca. A voz do marido, a fazer telefonemas noutra sala. Pilhas de caixas, prontas para a mudança no dia seguinte. Uma vida apenas no início, com os seus altos e baixos.

O que seria que Andrea Wilmore Brafford tinha que ficara gravado na memória da Inspetora Otwell?

Procurador Distrital Buscher: Qual era a sua perceção acerca da solvência de Craig?

Jude Drennon: Não fazia ideia de que o Craig estava falido. Se tivesse sabido,

ter-lhe-ia pagado a fiança, arranjado um advogado melhor.

Detido

Craig passara toda a manhã no campo de golfe com Bill Parsons, no Wildcat Golf Club. Bill era um grande nome no mundo da distribuição de petróleo e já tinha ido a algumas das suas festas. No entanto, até àquele dia, Parsons continuava indisponível sempre que lhe tentara ligar para falar de negócios.

Até àquela manhã.

Do nada, Parsons convocara-o para o campo de golfe, com uma chamada às sete da manhã que ainda o apanhara a dormir. Craig vestiu-se à pressa, agarrou nos tacos e saiu a correr, chegando ao clube às oito, mesmo à justa.

Parsons, como todas as pessoas cheias de dinheiro, demorou o tempo que quis. Antes, queria tomar o pequeno-almoço e um café. Falou sem parar, sobre a produção de petróleo, sobre a manipulação de preços, a distribuição e o papel das criptomoedas na crescente ameaça de ataques de *ransomwares* às empresas de oleodutos. O homem estava apaixonado pela própria voz e podia falar para sempre, porém nada do que dissera tinha verdadeiro interesse para Craig.

Para piorar a situação, o telemóvel de Craig não parara toda a manhã, a dar sinal de chamadas perdidas, mensagens de voz e mensagens de texto, como se o mundo girasse à sua volta. Depois de alguns toques e de umas sobranceiras franzidas no rosto de Parsons, pusera o telemóvel no silêncio, mas ainda o sentia a vibrar no bolso, num intervalo de poucos minutos.

Que raio é que se estava a passar?

Não se conseguia ver livre de Parsons nem por um instante para descobrir o que estava a acontecer, e isso estava a deixá-lo doido. Finalmente, o tipo pôs as mãos nas pernas e disse:

— Hora de ir à casinha.

Fora um convite, e não um anúncio. Parsons não se moveu em direção ao

edifício até que Craig o seguiu, deixando os tacos com o *caddy*, ao pé do décimo primeiro buraco. Enquanto estavam na casa de banho, o homem continuou a falar e a falar, até no urinol, quando lhe perguntara:

– Sabe porque é que jogo golfe num campo público, em vez de num *country club*? Por causa das pessoas – disse de imediato, sem esperar resposta. – Gosto de ver caras novas, de as observar.

Depois, quis almoçar, enquanto o *caddy* ficou sentado debaixo de uma árvore, protegido da luz do sol. A negritude de segunda-feira desaparecera, deixando um céu azul, límpido, e uns ventos de norte, para deixar, nitidamente, algum frio no ar. E foi apenas no décimo oitavo buraco que ele parou de matraquear por um momento e depois disse:

– Tenho uma mansão em Galveston e gostaria que a vendesse. Vale cerca de sete milhões, talvez mais. Depois, eu e a minha mulher queremos que nos encontre outro sítio, algures onde as praias sejam mais agradáveis e o oceano seja azul transparente e não turvo e sombrio, como aqui. Talvez em Tampa ou Nápoles. Teríamos de voar para lá, de qualquer maneira.

– Com certeza – disse Craig, sorrindo. Estava a começar a funcionar. O seu plano, cuidadosamente elaborado, começava a dar frutos. Apavorado com a ideia de passar a outra metade do dia a ouvir Parsons a falar, atalhou: – Senhor Parsons, tenho alguns formulários comigo, ali no carro, se estiver pronto para assiná-los.

– Trate-me por Bill – respondeu, com um olhar carregado de significado, como se o quisesse alertar de que a sua amizade tinha condições.

Cerca de meia hora depois, estavam a assinar o contrato em cima do capô do seu *Benz*, quando dois carros da polícia se aproximaram, descaracterizados, com as luzes azuis e vermelhas ligadas. As suas entranhas deram um nó, mas depois acalmou-se. Aquilo não podia ter que ver com ele. Então lembrou-se das inúmeras chamadas perdidas e petrificou.

– Craig Brafford? – inquiriu uma mulher, exibindo-lhe o seu distintivo. Era uma loira alta, vestida com umas calças castanhas baratas, de poliéster, e uma camisa azul, em algodão. Algumas mulheres tentavam mesmo parecer uma porcaria. Não tinha mesmo estilo nenhum.

– Sim – respondeu, a sorrir. – Em que posso ajudá-la?

Ela não lhe sorriu de volta. Ao invés, puxou-lhe o braço e virou-o de costas, e em seguida espetou-lhe uma alga no pulso. A sensação do metal frio deu-lhe um choque. Tentou afastar-se, mas os seus dedos eram como garras de aço cravadas na sua pele, inflexíveis.

– Está detido por fazer-se passar por um agente da autoridade. Tem o direito de permanecer em silêncio.

– O quê? – Craig tentou virar-se e olhar para ela, mas a mulher mandou-o contra o capô, agarrou-lhe no outro pulso e apertou a alga em seu redor. – Está a falar do quê?

– Tudo o que disser pode e será utilizado contra si em tribunal.

Mas ele já não a estava a ouvir. Estava a observar Parsons, enquanto este sacava o contrato que acabara de assinar da sua pasta aberta e o rasgava em pedaços.

– Que perda de tempo – disse ele, olhando-o nos olhos calmamente, desiludido, enquanto jogava os pedaços ao ar. De seguida, pôs-se ao volante do seu *Maybach* e foi-se embora.

– Devíamos multá-lo por jogar lixo para o chão – disse Alonzo.

– Por hoje, vamos contentar-nos com este canalha aqui – respondeu Otwell. Depois, agarrando-o pelo braço, virou-o e olhou-o diretamente nos olhos. – Onde é que está a sua mulher, senhor Brafford? – Revistou-o, revirou-lhe os bolsos e agarrou no seu telemóvel.

Ele ficou estático. A sua mente começou a dar voltas, a rever cenários possíveis. Teriam encontrado o corpo dela no aterro? Talvez não a tivesse enterrado fundo o suficiente. Não... Se a tivessem encontrado, tê-lo-iam acusado de homicídio, não desta treta de usurpação. Decidiu manter-se calmo e em silêncio, e ver no que ia dar. Poderia ter de contratar aquele advogado que pesquisara, só para jogar pelo seguro.

Parecia que aquilo não lhe estava a acontecer. A detenção, o ser arrastado, algemado, a viagem no carro da polícia. A sua cabeça ficara vidrada no rosto de Parsons e na ideia daquele filho da mãe a telefonar para todos os seus amigos, incluindo Donati, para lhes dar a notícia da sua detenção. Ele estava acabado. As pessoas raramente recuperavam de merdas daquele tipo. A não ser que fossem a Martha Stewart ou a Lindsay Lohan.

Horas mais tarde, acorrentado a uma mesa de aço inoxidável suja e torta, dentro de uma pequena sala cinzenta, continuava à espera que alguém viesse falar consigo. Interrogá-lo. Quando, por fim, a porta se abriu e entrou a mesma inspetora alta e loira, Craig suspirou de alívio.

– Até que enfim – disse ele. – Vamos lá resolver isto, porque é apenas um grande mal-entendido.

– Ah, é? – A inspetora puxou de uma cadeira, as pernas a raspar no chão irregular. Atirou um pequeno saco de provas para cima da mesa, com o seu telemóvel lá dentro. – Devia ter atendido o telemóvel, senhor Brafford. – Tocou no ecrã, através do plástico, e este iluminou-se. – Dezassete chamadas perdidas. Vinte e três novas mensagens. Quase cinquenta *e-mails* por abrir.

– Sou um homem ocupado – replicou, calmamente. – Agora, já me posso ir embora, por favor?

Ela abanou a cabeça.

– Não vai a lado nenhum por três a cinco anos, senhor Brafford, e isso é só para começar. – Empurrou o telemóvel pela mesa, na sua direção. – Pessoas estavam a tentar contactá-lo. Para avisá-lo. Os jornais queriam os seus comentários.

– Os jornais? Comentários sobre o quê? – Já nada fazia sentido, como num daqueles pesadelos surreais que ele tinha às vezes.

– Senhor Brafford, onde está a sua mulher?

– Não sei – disse ele, como ensaiara na sua cabeça inúmeras vezes. – Ela estava zangada comigo por me ter ido embora para uma conferência em Miami. Quando cheguei a casa, não estava lá. Presumi que tinha ido para a casa do pai. Ele está internado e ela tem a casa só para si.

– Ela não está em casa do pai. Já verificámos.

Quando é que tinham tido tempo de verificar a casa de Wilmore? Estavam uns passos à sua frente, e não era assim que era suposto acontecer. Era suposto ele ser a vítima nesta história, o pobre idiota cuja esposa havia desaparecido.

– Isto já aconteceu antes, senhor Brafford?

– Antes? Isto o quê?

– A sua mulher desaparecer assim, dias a fio, sem dizer uma palavra. – Silêncio. Ele não sabia o que dizer. Era uma pergunta complicada. – Sem levar o carro, o telemóvel. Já aconteceu anteriormente?

Que bela piada. Ela tratava-o por «senhor Brafford», mas queria prendê-lo e jogar fora a chave.

– Não – acabou por dizer. Era melhor não mentir acerca disso, quando inúmeras testemunhas poderiam afirmar o contrário. – É a primeira vez.

– Não reportou o seu desaparecimento. Não estava preocupado com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa à sua esposa?

– Claro que estava. Ainda estou. Mas ela vai reconsiderar e voltar para casa. Só precisa de algum tempo para se acalmar.

– Porquê? O que é que aconteceu?

Não era ele que iria contar-lhe.

– Pode não saber, senhor Brafford, mas conheci a sua esposa, quando vocês estavam prestes a mudar-se para uma casa nova, creio eu. Falei com ela sobre uma rapariga que teve uma *overdose* no vosso prédio.

– Ah, é a tal inspetora – respondeu. – A Andi disse-me que tinha lá ido fazer algumas perguntas. Mostrou-me o seu cartão de visita, mas esqueci-me do seu nome. Peço desculpa.

Otwell ficou a olhar para ele.

– Há dois meses, a sua esposa estava muito feliz, senhor Brafford. O que se passou, para ela precisar de algum tempo para esfriar a cabeça longe de si?

Ele encolheu os ombros. Afinal, se calhar era melhor ficar calado.

– Chamem-me um advogado, se não for incómodo. Sei quem possa contactar. O nome dele é Lamar Goodridge. – Tinha feito o trabalho de casa especificamente para um cenário destes. Ainda não conhecera Goodridge, mas esperava que o homem não o recusasse no seu momento de aflição.

– Com certeza – respondeu ela, pondo-se de pé. Nesse momento, a porta abriu-se e entrou outro agente, a carregar uma caixa com vários sacos de prova. – O que é que tens para mim? – perguntou ela ao colega.

Craig susteve a respiração.

– Encontraram isto debaixo do lava-loiça – disse o homem, levantando um saco de plástico com uma garrafa de veneno para ratos lá dentro.

Que raios? Aquilo não estava a acontecer. Ele não estava maluco. Sabia exatamente o que fizera. Despejara-a no lava-loiça, depois pegara na garrafa vazia e jogara-a para o lixo num contentor, ao pé de um estaleiro de obra, do outro lado da cidade.

– Veneno para ratos? Em Brookhaven? – disse ela. – Não é tão interessante?

– Tens toda a razão – respondeu o outro agente, visivelmente bem-humorado.
– E com as impressões digitais dele, também. Verdadeiramente inteligente. –
Riram-se ambos, à sua custa.

Craig deu um murro na mesa, com as mãos acorrentadas.

– Não. Isso não é verdade. Isto não está a acontecer. Estou a dizer-lhe, isto não pode ser real. Não pode ser. – A voz dele soava sufocada, aguda, crivada de notas de desespero. Estava a perder o juízo.

– Trouxemos a escova dela. Tem cabelos. Para onde é que a envio? – O agente levantou o saco com a escova de Andi no ar, abanando-o em frente a Otwell. Agiam como se nem sequer o tivessem ouvido.

– Para o gabinete do médico-legista – respondeu Otwell.

– Ei, está a ouvir-me? – gritou Craig. – Estou a dizer-lhe que essa merda não é verdade. Não pode ser.

Otwell virou-se para ele, franzindo a testa.

– O senhor está a prescindir do seu direito a um advogado?

Ele hesitou, surpreendido.

– Não.

– Então não podemos falar consigo. Lamento. – Virou-se outra vez para o parceiro, a sorrir com malícia. – Mais alguma coisa interessante?

– Muitas. A cortina do chuveiro foi arrancada. Analisaram a cozinha com luminol e o chão iluminou-se como uma árvore de natal. Uma cadeira também. Acho que ele a matou.

– E despejou-a nalgum sítio?

– Estão a ver o GPS do carro dele neste preciso momento. –

O agente obeso esfregou a barriga, como se tivesse acabado de almoçar, e lambeu os lábios. – Devíamos acusá-lo de homicídio?

– Primeiro, vamos tentar encontrar o corpo – respondeu Otwell. Os seus olhos haviam-se tornado sombrios, furiosos. – O procurador distrital gosta dos seus casos bem arrumados.

– Está certo – respondeu o inspetor; depois pegou na caixa de provas e foi-se embora, deixando-a sozinha com ele na sala.

Otwell aguardou que a porta se fechasse e debruçou-se sobre a mesa, até que ele conseguisse sentir a sua respiração no rosto.

– Se o senhor matou aquela sua linda e jovem esposa, senhor Brafford, juro por Deus que o vou enfiar num buraco tão fundo que nunca mais verá a luz do dia. Vai desejar estar morto, a cada hora de cada dia, e isso é o que lhe prometo. – De seguida, levantou-se, prestes a sair.

– A senhora não me está a entender, por favor. Eu juro que não matei a minha mulher. Quando voltei da conferência, ela já se tinha ido embora. Pergunte às companhias aéreas. Ficámos retidos na pista até às dez da noite ou algo assim. Quando regresssei, ela já se tinha ido embora. Por favor, tem de acreditar em mim.

– Para que conste, senhor Brafford, não posso falar consigo sem a presença do seu advogado. Isso foi a seu pedido. Por favor, permaneça em silêncio. Voltarei assim que o conseguirmos localizar, para si.

O som da porta a fechar-se ficou a reverberar na sua mente por momentos intermináveis. Será que apenas imaginou que se tinha livrado da garrafa? Ele lembrava-se perfeitamente disso, ou, pelo menos, pensava que sim. Tinha-a desfeito em milhões de pedacinhos, partindo-a dentro do contentor. Ou estaria a perder o juízo?

Era um pesadelo, um daqueles de que não se consegue despertar.

Procurador Distrital Buscher: Por favor, indique o seu nome e função, para ficar registado.

Arthur Flanagan: Arthur Flanagan. Advogado especializado em heranças e partilhas, em Houston.

Procurador Distrital Buscher: Prova número catorze, Meritíssimo. Senhor Flanagan, o senhor reconhece este envelope?

Arthur Flanagan: Sim, reconheço.

Procurador Distrital Buscher: Diga ao tribunal, por favor, como é que este envelope chegou à sua posse.

Arthur Flanagan: O envelope, bem como o seu conteúdo, lacrados, foram-me remetidos por correio, por Andrea Wilmore Brafford, com instruções para, em caso da sua morte, eu o entregar, pessoalmente, ao seu marido, Craig Brafford. O pedido já incluía o formulário de autorização de utilização do seu cartão de crédito para o pagamento dos custos e taxas, pois o nosso escritório já a informara de como proceder.

Procurador Distrital Buscher: Quando é que recebeu o envelope e as instruções?

Arthur Flanagan: Recebi-os na sexta-feira, dia 8 de outubro. O envelope fora remetido por correio a 4 de outubro. Foi uma segunda-feira.

Procurador Distrital Buscher: Entregou o envelope, conforme as instruções?

Arthur Flanagan: Sim, fi-lo assim que soube, através dos jornais, que a minha cliente falecera e o seu marido fora detido e acusado do seu homicídio. Localizei o senhor Brafford e entreguei-lhe o envelope no dia seguinte.

Procurador Distrital Buscher: Não tenho mais questões para esta testemunha, Meritíssimo.

Atualmente

Estratégia

As manhãs começavam cedo na prisão. Os reclusos eram despertados do sono agitado às seis da manhã, por um som alto e agudo que Craig aprendera a odiar desde que entrara, pela primeira vez, na Prisão do Sudeste de Houston.

Só tinha de ser presente a tribunal às dez. Era o terceiro dia do seu julgamento por homicídio. Sentia o laço à volta do pescoço cada vez mais apertado, com cada prova apresentada, cada depoimento de cada testemunha e cada argumento jurídico apresentado por Isaac Buscher, o sanguinário procurador distrital.

Ter perdido todo o controlo sobre a sua existência estava a levá-lo à loucura, em cada minuto da sua vida atrás das grades. Não era algo que fosse capaz de aceitar, mesmo quando as circunstâncias assim o ditavam. Dava por si, cada vez mais, a desejar estar morto, mas agarrado à esperança de que, em breve, seria libertado por um júri dos seus pares.

Essa esperança esboroara-se na noite anterior, quando lera a carta de Andi e tocara na pedra central do pendente azul.

Sobrevivera, de alguma forma. Afinal, ele não a tinha matado. Reviveu cada momento daquela noite de quinta-feira, reproduzindo-a em câmara lenta na sua cabeça, esforçando-se por compreender como é que isso era possível, para descobrir onde é que tinha errado. Devia ter sido aquele seu maldito medo de sangue que lhe pregara uma partida. Não conseguira verificar se ela estava morta, não como deve ser, pelo visto. Talvez ainda tivesse pulso, mas no seu agravado estado de fobia não o conseguira sentir. Apenas presumira.

Era o destino, a rosnar-lhe antes de acabar com ele, a rir-se enquanto agonizava numa fria cela da prisão.

E agora Andi estava a brincar ao gato e ao rato, com a sua vida, num jogo cruel e rancoroso. Craig arrancara-lhe o pendente do pescoço antes de despejar o seu corpo no aterro. No entanto, fora-lhe entregue numa carta, supostamente enviada

por Andi àquele advogado de heranças e partilhas, pelo correio, quando ela ainda estava viva. Raios, como é que tinha conseguido fazer aquilo?

Estaria a perder o juízo? Seria alguma daquelas coisas real?

Se dissesse a verdade, incriminar-se-ia como um assassino, mas, ao mesmo tempo, criaria uma dúvida razoável suficiente sobre a validade da acusação de homicídio, com esperança de... De quê, em concreto? Não iam dar-lhe uma palmadinha nas costas, desejar-lhe uma vida feliz e mandá-lo embora. Não, reduziriam a acusação para homicídio na forma tentada e considerá-lo-iam culpado. Menos tempo atrás das grades, mas ele não iria durar mais um mês ali. Não conseguia.

Não tinha como se safar. A mão vingativa que apertava o laço à volta do seu pescoço era habilidosa, astuta e cruel. Dilacerava-o não saber, ao certo, se era mesmo Andi. Ela ainda estaria viva?

Se não fosse Andi, quem mais poderia odiá-lo assim tanto? Quem mais poderia saber tantos detalhes sobre o que acontecera a não ser ela? Mas Craig enterrara-a com as suas próprias mãos naquele aterro. Ela sangrara no chão da cozinha, tanto que encharcara o tapete. não andava a imaginar coisas; só de pensar naquele sangue todo ficava enjoado e fraco.

Sentado no seu beliche, com a cabeça entre as mãos, não reparou que Chávez se aproximava.

– Mãos, sete-um-nove – disse ele, assustando-o. – O seu advogado voltou.

Ao passar as mãos através da abertura e ao preparar-se para que o metal frio das algemas se encaixasse à volta dos seus pulsos, pensou em perguntar que advogado havia regressado. Mas, de qualquer modo, ia descobrir daí a pouco.

Chávez destrancou a cela, agarrou-o pelo braço e conduziu-o.

– Vai passar-se outra vez e perder o controlo como ontem à noite?

– Não – respondeu, rapidamente. – Eu... peço desculpa por ontem à noite. Foi inesperado ter notícias da minha esposa, depois... – Ele gaguejava, sem saber o quanto podia estar a prejudicar-se com cada palavra. – Depois de ela se ter ido. Simplesmente desapareceu – disse, tentando a sua sorte com o que estava a surgir na sua mente como uma nova linha de defesa possível. – Nunca encontraram um corpo. Não há autópsia, nada, mas ainda assim acusaram-me do seu homicídio. Ela está a tramar-me. Agora, sei-o.

Chávez encolheu os ombros ao abrir a porta de uma pequena sala de entrevistas que tresandava a lixívia e urina.

– Desculpe, sete-um-nove, mas não há nada que eu possa fazer por si. Sabe, a vida não é justa.

Lamar Goodridge estava sentado à mesa de aço inoxidável, vestido para ir a tribunal com um fato cor de carvão, camisa branca e gravata cinzenta. Os seus lábios estavam cerrados numa fina linha, as mãos cruzadas à sua frente, o seu olhar, implacável. Craig acenou-lhe com a cabeça e sentou-se diante dele, na pequena mesa esmurrada, enquanto Chávez se afastava para perto da porta, e se encostava à parede.

– Não aprecio ter de vir para aqui a correr, a uma hora destas, em dia de

juízo – sibilou – porque o meu cliente achou boa ideia ter um ataque de histeria acerca de uma porcária de uma carta. – Inspirou bruscamente. – De que trata essa carta?

– Eles não lha deram?

– Ainda não. O procurador distrital vai dar-me uma cópia da mesma, ainda hoje, provavelmente depois da sessão de tribunal, mas não gosto de surpresas.

Craig olhou-o de lado, a pensar no que dizer. Goodridge não se mostrara interessado em saber se ele era culpado ou não. A estúpida da carta complicava mais as coisas do que ele queria admitir.

– Estou à espera – disse Goodridge, batendo o pé, impaciente, o som da sola do seu sapato a bater no chão, com um barulho e ritmo irritantes.

– É... hum... uma carta da minha mulher. Enviou-a a um advogado de heranças qualquer, para me ser entregue no caso da sua morte.

– Fabuloso – disparou Goodridge, rangendo os dentes. – O que é que diz?

– Basicamente, algo do género «a rapariga que mataste está a olhar por ti do paraíso, com uma bebida na mão» ou uma lamechice parecida. E disse que eu era o tal.

A mandíbula de Goodridge afrouxou ligeiramente. As suas sobrancelhas juntas, franzindo a testa.

– Acho que está na hora de lhe fazer esta pergunta, e alerto-o para que me diga a verdade. Ou então... – Craig anuiu. – Matou a sua mulher, senhor Brafford?

Ele não esperava aquela pergunta. Ainda não estava pronto para ela.

– Pensei que não queria saber de nada disso. Disse que acreditava que todos os clientes merecem a melhor defesa que o seu dinheiro podia comprar.

– Isso foi antes de eu começar a ter dúvidas sobre se sou o melhor advogado para o seu caso. Estou cansado de andar às voltas consigo, senhor Brafford. Parece-me que não é capaz de dizer a verdade, não importa o que aconteça, e isso faz de si um risco. – Fulminou-o com o olhar, até Craig baixar a cabeça. – Está a mentir-me, senhor Brafford, de cada vez que abre a boca. E eu não estou a ser pago o suficiente para perder um processo.

– Isso quer dizer o quê? – A garganta dele ficou tão seca como um pergaminho. Tentou, mas não conseguia engolir. Se Goodridge o abandonasse, estaria mais do que condenado a passar a vida atrás das grades. Não tinha mais dinheiro para contratar um advogado decente. Morreria na prisão se ficasse nas mãos incompetentes de um defensor público.

– Quer dizer que está a mentir-me, e isso foi uma das minhas condições para aceitar o seu caso, senhor Brafford. Mesmo que não tenha tido a decência de me consultar antes de me convocar aqui, aceitei o seu caso. Mesmo que eu tenha razões para acreditar que está insolvente, estou aqui. Ainda assim, o senhor mente-me.

– Não vou mentir – disparou, implorando, a respirar com dificuldade, sob pena de chorar. – Nunca mais, juro. Pergunte o que quiser, e só lhe vou dizer a verdade.

Goodridge encostou-se na sua cadeira e cruzou os braços.

– Matou a sua mulher?

– Não, não matei – respondeu, cada vez mais convicto. Era o único cenário que fazia algum sentido. Eles teriam encontrado o corpo.

– E não me está a mentir?

– Não, juro. – Olhou-o diretamente nos olhos, até o advogado ter relaxado um pouco. A tensão nos seus ombros abrandou quando ele pôs as mãos sobre a mesa. – Mas estamos a perder. Eu sinto-o. Sinto o laço a apertar à volta do meu pescoço.

– Não estamos a perder. Tudo o que eles têm é circunstancial. Surpreende-me que tenham deduzido a acusação sem um corpo. Sabe quão raramente a acusação vence um processo de homicídio na ausência de corpo da vítima? Quase nunca acontece.

– Não é isso que eu vejo, do lugar onde estou – disse ele, baixando a cabeça e ficando a olhar, bastante tempo, para o chão de cimento, riscado e manchado.

– Dentro de um dia ou dois, irão apresentar uma proposta de acordo, e aí saberemos o quanto acham que o caso é sólido. Dê tempo ao tempo, senhor Brafford. A gravidez da sua mulher e a prova de veneno no cabelo dela são argumentos difíceis de desconstruir.

– Ponha-me a depor – disse ele, o entusiasmo a correr-lhe nas veias ao ver uma oportunidade de pôr tudo em pratos limpos.

– Quando lhe oferecerem o acordo, e depois de eu o ter conseguido reduzir ao mínimo possível, sugiro que aceite a oferta, senhor Brafford – continuou Goodridge, como se não tivesse ouvido uma única palavra que ele dissera.

– Não, não consigo cumprir tempo de pena – disse Craig, o desespero espesso na sua voz. – Não consigo. Eu morria aqui. Tenho de tentar a minha sorte com um veredito, se isso significar uma hipótese, por mínima que seja, de sair daqui um homem livre. – Inclinou-se para a frente, para alcançar a mão de Goodridge, mas este recuou. – Ponha-me a depor. Posso explicar muitas coisas, até o que está escrito naquela carta.

– O que mais é que está na maldita carta?

– Apenas referências ao paraíso, e como ela está a observar-me de lá. Mencionou a nossa vida em conjunto, como nos apaixonámos, esse tipo de coisas.

– Mas então faz referência à rapariga que matou? É assim que ela fala dela própria nessa carta?

Craig baixou a cabeça, engolindo em seco.

– Sim.

– Estava a envenená-la, senhor Brafford?

Hesitou.

– Sim.

Goodridge voltou a cruzar os braços.

– Seja lá qual for o acordo que eles proponham, deve aceitá-lo. Essa carta pode ser extremamente prejudicial. As pessoas têm tendência a acreditar em vozes do além, e as provas forenses mostram-no a tentar envenená-la durante algum tempo. Conseguiram provar a sua presença no aterro, a despejar um tapete ensanguentado, pelo amor de Deus! – Franziu a testa e baixou a cabeça sem

quebrar o contacto visual com Craig. – Parece-me ser um homem inteligente, senhor Brafford. Porque é que não lhe deu um tiro ou algo assim? – A sua voz era um mero sussurro. – Porquê a estupidez de usar veneno para ratos? É lento e complicado.

Ele cerrou os lábios por um momento.

– Tenho hematofobia. Se vir uma gota de sangue que seja, desmaio.

– Está a gozar comigo – disparou, mandando os braços ao ar por um breve instante.

– Quem me dera. – Riu-se com amargura. – Por favor, senhor Goodridge, ponha-me a depor. É a minha única hipótese. Posso virar tudo ao contrário.

O advogado levantou-se e começou a deambular pela sala lentamente.

– Se abdicar do seu direito à Quinta Emenda, será obrigado a responder a quaisquer perguntas que o procurador distrital lhe queira fazer. Está a entender?

– Sim. – Olhou-o nos olhos com firmeza.

Goodridge parou de andar e apoiou-se na mesa, as palmas das mãos na superfície riscada.

– Ajude-me a entender; porquê arriscar? Porque é que está disposto a arriscar apanhar um veredito de culpado num julgamento por homicídio?

– Por causa do que está na carta – disse ele rapidamente, sabendo que era a última oportunidade de convencer Goodridge. O advogado trabalhara arduamente toda a sua carreira para ter uma taxa de vitórias quase perfeita, e os seus honorários, por hora, dependiam da continuação do seu sucesso. Não estava disposto a arriscar uma derrota em tribunal, mas Craig tinha de tentar convencê-lo a tentar. Afinal, tratava-se da sua vida.

– Como assim?

– É aquilo do paraíso. Está com P minúsculo, e isso, para a minha mulher, são as Caraíbas. É Montego Bay, não o lugar bíblico para onde as pessoas vão depois de morrer. Ela está a brincar comigo.

A cabeça de Goodridge inclinou-se ligeiramente, enquanto o seu olhar se tornou duvidoso, incrédulo, como se duvidasse da sanidade mental do seu cliente.

– O que é que me está a querer dizer, senhor Brafford?

– Ela está vivinha da silva e a gozar com a minha cara, é isso que estou a dizer – exclamou, com algum receio de como Goodridge reagiria, mas também aliviado por finalmente poder dizer a verdade a alguém que o poderia ajudar. – Está a tramarmos, a fazer-me pagar.

– Pagar pelo quê?

– Por matá-la. Porque, na prática, foi o que fiz.

– Você enlouqueceu? – Goodridge cobriu a boca aberta com a mão e, de seguida, coçou as raízes do seu cabelo aparado. – Estou a pensar que devíamos alterar a nossa posição para inocente, alegando insanidade, apesar de não funcionar tão bem nos últimos anos como costumava nos anos oitenta.

– Eu não estou louco – respondeu, amargamente. – Quem me dera.

– Então... então, conte-me o que aconteceu, tintim por tintim – gaguejou Goodridge. – Depois, havemos de descortinar como pô-lo a depor, se quiser

arriscar. – Viu as horas e praguejou, entredentes. – Tenho de sair daqui a cinco minutos, e você também vai sair não muito depois. Temos de nos apresentar no tribunal, por isso, seja rápido.

Craig encostou-se à cadeira e respirou fundo. Só precisava de um minuto, talvez de dois, daqueles cinco minutos, e então Goodridge não teria outra hipótese a não ser intimá-lo a depor.

Depoimento

Ainda não eram dez da manhã e a sala de audiências já estava a abarrotar.

Todos os lugares se encontravam ocupados e, principalmente, as primeiras filas, com pessoas envolvidas no processo. Os pais de Craig estavam lá, apertados e de mãos dadas. Não tinham faltado a uma única sessão desde que a senhora Brafford testemunhara.

O Dr. Wilmore estava sentado logo atrás do procurador e, ao seu lado, estava Rebecca Ellefson. O Dr. Blass e o Dr. DeMaria também se encontravam presentes, sentados na segunda fila, atrás de Hunter Wilmore.

Ouvia-se um burburinho, tenso e persistente, alimentado pelas conversas em surdina, um pouco mais ruidosas ao fundo da sala de audiências, onde ficavam a comunicação social, os estudantes de direito e os *trolls* habituais, ávidos em acompanhar o julgamento mais mediático do ano, à medida que se aproximava da sua conclusão. A coscuvilhice girava, animada, dissecando todos os aspetos da vida de Andrea Wilmore Brafford e o que a comunicação social publicara acerca dela e do seu marido.

As opiniões estavam tão divididas no tribunal como se haviam dividido no resto do país, com a notoriedade do caso a propagar-se como um incêndio. Muito embora todos concordassem que Craig errara ao sabotar a procura de emprego da sua mulher, algumas pessoas consideravam que não era um grande problema ser uma dona de casa, a viver uma boa vida, num bairro rico e numa casa com que a maioria nem sequer sonhara. Outras, as feministas, as porta-vozes dos direitos das mulheres, falavam de prisão, de escravidão, de uma merecida e arduamente conquistada carreira profissional que tinha sido negada a uma jovem, amorosa e inocente esposa. Essas vozes exigiam uma punição exemplar.

E isto era apenas acerca da questão do trabalho de Andrea.

Acrescer uma acusação de homicídio àquela torrente de rumores aticara o fogo,

como se a nova acusação o tivesse regado com gasolina.

Craig era culpado? Tinha de ser. Era um idiota dominador, um sacana egoísta que só queria subir na carreira às custas da mulher. Tinha de ser um controlador maníaco. A sua natureza, narcisista e manipuladora, exposta, escrutinada e cauterizada debaixo do fogo do opróbrio público, serviu de prova incriminatória nas ruas, no lugar do que a acusação não conseguira demonstrar perante o júri.

No tribunal da opinião pública, Craig Brafford há muito que fora julgado e considerado culpado. Algumas vozes chegaram a clamar pela pena de morte, algo impossível quando o corpo da vítima não fora encontrado. Outras vozes, em menor número e muito mais fracas, falavam da anulação do julgamento.

– Todos de pé – anunciou o oficial de justiça, e o fervilhar do falatório em surdina diminuiu, à medida que todos os presentes se levantavam. O ruído dos pés a mexerem-se no chão de madeira e dos fundos dos assentos a baloiçar e a chiar subiu, depois refluíu para o silêncio. – Está aberta a sessão, presidida pelo Meritíssimo Juiz Cromwell.

O juiz Cromwell era alto e esguio, com um andar estranhamente rígido e ligeiramente torto, possivelmente o sinal de dor lombar crónica. Já na casa dos sessenta anos, usava óculos com armação fina e metálica, com lentes perfeitamente redondas que davam um ar de rato de biblioteca ao que seria um semblante distinto e elegante. Uma barba branca, bem aparada, e o cabelo cortado rente complementavam a testa alta e a estatura imponente.

O procurador distrital Isaac Buscher já estava sentado na mesa da acusação, ladeado pelo seu braço-direito, a procuradora distrital assistente Kendra Coben. Buscher, sempre sequioso por casos de colarinho branco na indústria financeira e petrolífera, um carnívoro faminto por carne de magnatas e multimilionários, era uma rara aparição num julgamento por homicídio. Se não fosse a notoriedade do réu, de um dia para o outro, e o potencial do caso para alicerçar uma carreira, Coben teria sido encarregue de lidar sozinha com o caso. Mas Buscher estivera lá todos os dias, os olhos brilhantes a reluzir de satisfação sempre que marcava pontos a favor da acusação ou ganhava uma argumentação.

Na mesa da defesa, Lamar Goodridge estava sentado ao lado do seu cliente, parecendo algo nervoso. Deixara cair a caneta ao chão duas vezes, praguejando entredentes na segunda vez enquanto a apanhava, mas alto o suficiente para Buscher pôr os dentes de fora numa simulação de sorriso e dizer:

– Está a sentir-se bem esta manhã, ilustre colega?

Craig Brafford vestia um dos seus melhores fatos e estava calmamente sentado na sua cadeira, com as mãos à sua frente, muito bem entrelaçadas. Olhou mesmo de frente para o lugar vazio das testemunhas, parecendo totalmente abstraído, dissociado do que se passava à sua volta. A prisão não tinha sido caridosa para com ele; uma nódoa negra, inchada, marcava-lhe a bochecha esquerda e espalhava-se ao redor do olho, em matizes de preto e azul. O seu lábio fora aberto recentemente, mesmo no meio, uma cicatriz fina e vertical marcava o local.

De acordo com os rumores, o seu melhor amigo pagara a fiança, mas o sistema estava a levar o seu belo tempo a processá-la. De outro modo, devia ter sido

libertado na véspera. As duas últimas filas ainda estavam alvoroçadas com o falatório e uma aposta começava a ganhar força, com probabilidade de três para um no veredito de culpado. Uma ruiva alta e pálida, sentada na última fila e junto ao corredor, despertou muita atenção, mas manteve-se focada no júri, na mesa do arguido, na frente da sala de audiências. Tinha uns óculos largos, com lentes refletoras, que lhe cobriam uma parte significativa do rosto. Os seus cabelos, lisos e longos, desciam-lhe pelos ombros, algumas madeixas puxadas para a frente, como acessórios do seu traje elegante, uma blusa de seda branca e umas calças pretas largas.

– Ordem – disse o juiz, martelando algumas vezes com força, até que a sala de audiências ficou suficientemente silenciosa para se conseguir ouvir o cair de um alfinete. – Podem sentar-se – ordenou, e o barulho e o rangido regressaram por um momento, enquanto todos obedeciam. Os jurados ocuparam os seus lugares habituais e remexeram-se um pouco, até se acomodarem.

– Vamos proceder à audiência do caso do Povo do Estado do Texas *versus* Craig Brafford. – Tinha uma voz grave e agradável que impunha respeito. – A defesa está pronta para prosseguir com a próxima testemunha?

Lamar Goodridge levantou-se e abotoou o casaco cor de carvão.

– Sim, Meritíssimo. A defesa chama Craig Brafford para depor.

O público reagiu ao anúncio como se fosse um único organismo vivo, atordoado. Inúmeros peitos a sustar a respiração, murmúrios baixos, olhares atónitos.

O arguido levantou-se e foi rapidamente ajuramentado. Sentou-se no banco das testemunhas, aparentando estar calmo, composto, bem preparado.

Goodridge caminhou em direção ao banco das testemunhas, aproveitando para saudar os jurados. Estava sempre pronto para prestar atenção aos jurados e fazer com que cada um se sentisse importante, criar uma ligação. De seguida, parou ao lado do banco das testemunhas e olhou diretamente para Craig, com um olhar encorajador.

– Senhor Brafford, o senhor decidiu renunciar aos direitos conferidos pela Quinta Emenda, pela oportunidade de limpar o seu nome, estou certo?

– Sim. – A voz do arguido era forte, sem titubear.

– Começemos pelo desaparecimento da sua mulher. Quando foi a última vez que viu Andrea Wilmore Brafford?

– Na manhã anterior à minha partida para a conferência em Miami. Na quarta-feira, dia 6 de outubro.

– Como estavam as coisas entre vocês nesse dia?

Um momento de hesitação; então, Craig pigarreou.

– Nada bem. Estávamos a enfrentar alguns problemas, principalmente por causa da sua gravidez e, bem, daquela situação do emprego.

– Por favor, esclareça o que quer dizer com isso.

Craig baixou a cabeça, aparentemente envergonhado.

– É do conhecimento público que cometi um grave erro de julgamento e sabotei, intencionalmente, as aspirações profissionais da minha mulher. Ela nunca

me perdoou por isso.

– Também mencionou a sua gravidez.

– Sim. Não foi planeada... Piorou as coisas. Eu estava entusiasmado por irmos ter um bebé, mas ela ficou furiosa com isso. Tudo por causa do que eu fizera com a questão do trabalho. Mas, justiça seja feita, eu manipulara-a e causei-lhe muitas dificuldades, desilusões não merecidas. Isso é tudo culpa minha. Percebo porque é que ela se sente assim em relação ao nosso bebé.

– O que se passou na quinta-feira, quando regressou da conferência?

– O avião ficou retido na pista devido a uma tempestade. Durante horas, não fomos autorizados a desembarcar. A Andi ficou zangada, especialmente depois de se ter cortado ao descascar umas cebolas para um salteado que estava a preparar para o jantar. Quando lhe telefonei, ainda do avião, estava a chorar, histérica, a dizer que eu nunca estava lá, que estava magoada e sozinha e que aquilo não era vida para ela. Disse que queria o divórcio e que se ia embora.

– O que fez a seguir?

– Implorei aos assistentes de bordo que me deixassem desembarcar. Insisti até que ameaçaram mandar-me prender se eu não me acalmasse. Tive de esperar que a tempestade passasse. Quando cheguei a casa, ela já se tinha ido embora. Presumi que devia ter ido ter com o pai. Ele está a recuperar de um ataque cardíaco num centro de reabilitação cardíaca. Eles são muito próximos. Ela ia trazê-lo para morar connosco.

– Ela saiu para ir ver o pai sem levar o carro?

Craig baixou a cabeça por um momento; depois olhou para Goodridge, calmamente.

– Naquela altura só podia supor que o corte na mão, que ela tinha mencionado, era grave o suficiente para a impedir de conduzir. A quantidade de sangue derramado no chão era assustadora. Por momentos, tive medo de que ela se tivesse magoado de propósito.

– O que é que quer dizer com isso? – A voz de Goodridge manteve-se afável e empática.

– Havia muito sangue no chão da cozinha. Demasiado para se tratar de um simples acidente a cozinhar. Estava com medo que ela tivesse cortado os pulsos. A Andi estava desvairada por causa da gravidez, não estava no seu perfeito juízo.

– No entanto, não lhe telefonou quando chegou a casa. O registo das chamadas telefónicas demonstra-o.

– O seu telemóvel ainda estava ligado à tomada na parede do quarto. Vi-o lá quando andava à procura dela. Não tinha forma de a contactar.

– Durante o seu interrogatório, antes de atenderem ao seu pedido para ter um advogado, afirmou, e passo a citar: «Ela só precisa de algum tempo para se acalmar.» Foi o que disse?

– Era o que pensava que lhe estava a dar, abstendo-me de ligar ao seu pai ou de ir à casa dele, para falar com a Andi. – Calou-se durante algum tempo, como se estivesse a tentar organizar o pensamento. – Fui longe demais com a questão do emprego. Eu sabia-o. Tinha esperança de que ainda houvesse um futuro para nós,

depois de ela ter algum tempo sozinha, para refletir, para se lembrar do quanto me amava. Mesmo agora, contra todas as probabilidades, ainda me agarro a essa esperança.

– A seguir, o que fez nessa quinta-feira à noite?

Por um momento, cerrou os lábios, com força.

– Desmaiei. – O público reagiu àquela declaração com assombro. – Na verdade, mais do que uma vez.

– Porquê?

– Sofro de hematofobia severa, desde criança. Ver sangue, seja a quantidade que for, faz-me desmaiar.

O falatório inundou a plateia, como um maremoto.

– Silêncio – disse o juiz Cromwell, batendo com o martelo algumas vezes. – Silêncio, ou mando evacuar a sala. – A ameaça silenciou a divisão imediatamente.

– Então o que é que fez ao sangue que estava no chão?

Craig ficou a olhar para as suas mãos durante uns instantes, contorcendo-as.

– Entre desmaios, reparei que o sangue, na sua maioria, estava no tapete da cozinha. A olhar para o outro lado, enrolei-o e amarrei-o, depois levei-o para o aterro.

– Às duas da manhã?

Nos seus lábios, esboçou um sorriso triste.

– É mais fácil se estiver escuro e eu não conseguir ver o sangue. Não muito, mas é um pouco mais fácil.

– Algumas pessoas poderão pensar que tinha algo a esconder e que decidiu ir até ao aterro pela calada da noite por isso mesmo. Para esconder os seus atos.

– Estava desesperado por causa do sangue que encontrei, por ela se ter ido embora sem levar o carro nem o telemóvel. Queria fazer alguma coisa, qualquer coisa, para a nossa casa voltar ao normal, enquanto esperava que ela voltasse. – Calmamente, aclarou a voz e depois continuou. – Para algumas pessoas pode parecer suspeito, mas não encontraram nenhum corpo naquele tapete, pois não?

– Não, não encontraram. Usou a cortina do duche para quê?

– Para evitar que o tapete ensanguentado manchasse o resto da casa e o meu carro.

– Passemos à garrafa de veneno para ratos. Aquele que os peritos forenses encontraram debaixo do lava-loiça. Tinha as suas impressões digitais. Elucide-nos.

– Temos ratazanas no quintal, ao pé do barracão. Ou ratos, não sei bem. Encontrei excrementos. Comprei o veneno, mas a minha mulher pediu-me para não o utilizar, porque iria matar os esquilos que ela tanto adora. Nunca o usei.

– Mas os técnicos forenses encontraram vestígios de veneno que remontam a cerca de um mês nas fibras capilares da sua esposa. Ela ingerira aquela marca específica de veneno durante algum tempo. Como é que explica isto?

Craig limpou uma lágrima, real ou fingida, com a ponta do dedo e desviou o olhar, por uma fração de segundo.

– Não consigo explicar. Só sei que ela estava furiosa por causa da gravidez, não queria a criança de um filho da mãe a crescer dentro de si. Palavras dela, não

minhas – acrescentou, com amargura, passando a mão pela testa, a tristeza e a vergonha notórias na sua voz. – Só posso supor que não fez um aborto por causa do pai dela e das suas convicções, mas que poderá ter tentado provocá-lo, ingerindo pequenas doses...

– Este homem é um mentiroso! – bradou o Dr. Wilmore, levantando-se abruptamente e apontando o dedo ao réu. – A minha filha nunca faria uma coisa dessas a si mesma. Nunca!

A mulher ruiva, na fila de trás, ia-se levantando, mas depois voltou a sentar-se, os nós dos dedos brancos ao agarrar os braços da cadeira. Ao lado do Dr. Wilmore, Rebecca Ellefson tocou-lhe no braço e segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

O martelo do juiz fez-se ouvir.

– Doutor Wilmore, de pai para pai, consigo entender como se deve estar a sentir. É a única razão pela qual ainda não o acusei de desrespeito. Mas esta é a última vez que o aviso.

– Peço perdão, Meritíssimo – disse Wilmore, com a voz embargada, a tremer. – Não volta a acontecer. – Sentou-se com dificuldade, enquanto Rebecca o segurava pelo braço, com força, ainda a sussurrar-lhe ao ouvido.

Goodridge olhou para o júri, muito possivelmente a avaliar quais os estragos que a explosão do Dr. Wilmore poderia ter causado.

– Senhor Brafford, essa sua acusação é perturbante. Está a querer dizer-me que a sua esposa, uma profissional altamente especializada na área da Biologia, não arranjou uma solução melhor do que ingerir veneno para ratos para se livrar de uma gravidez indesejada?

A expressão de tristeza permaneceu no seu rosto.

– De que outra forma se explica que ela não tenha dito nada a ninguém sobre a gravidez? Nem ao pai, nem aos amigos da família, nem sequer à sua melhor amiga, a Janelle Larimer? Ninguém sabia a não ser eu. – Fez uma breve pausa. – Talvez tudo o que aconteceu tenha sido demasiado para ela. O ataque cardíaco do pai, o problema do trabalho, que eu criei, a gravidez indesejada... Ofereci-me para a levar a um psiquiatra, mas ela estava furiosa, histérica. Nessa noite, dormiu no sofá da sala e eu não voltei a falar do assunto.

Goodridge deambulou, lentamente, afagando o queixo, dando tempo para que as palavras de Craig fossem digeridas.

– A noite passada ficou extremamente transtornado por causa de uma carta que recebeu. Fale ao tribunal acerca dessa carta.

– Foi a minha mulher que a escreveu e a entregou a um advogado especialista em heranças e partilhas, para me ser entregue na eventualidade da sua morte.

– Porque é que ficou tão alterado por isso?

– Na carta, chama-me assassino. Mas eu não a matei. Não o podia ter feito. Ainda estou apaixonado pela minha mulher. – A voz falhou-lhe. – Ainda estou à espera que volte para mim. Que me perdoe.

– Então, o que acha que está a acontecer aqui, senhor Brafford?

Por um momento, Craig hesitou. Com ele, toda a sala de audiências susteve a respiração.

– Acho que ela está a incriminar-me, para me castigar por ter arruinado a sua carreira. Acho que é tão simples e tão perverso quanto isto. Eu arruinei a carreira da Andi, e agora ela está a arruinar a minha, e a minha vida também. Um destes dias, vai aparecer e provar que estou certo.

– Está a dizer o quê, senhor Brafford? – insistiu Goodridge, uma forma inteligente de reforçar a conclusão, para o júri não se esquecer.

– Estou a dizer que ela está escondida, algures, viva e de boa saúde. – Engoliu em seco e escondeu a cara, entre as mãos, brevemente. – Sei que parece quase impossível, mas pense lá. Se eu tivesse envenenado a minha mulher, teria deixado a garrafa de veneno onde a polícia a pudesse encontrar? – Fez uma pausa, possivelmente para causar um efeito dramático. – Já me teria visto livre dela, bem como do seu telefone, talvez até do carro, porque é o que uma pessoa culpada faria. – Abriu e fechou as mãos, umas quantas vezes. – Quando mais não fosse, eu não a podia ter esfaqueado, dado um tiro ou matado de qualquer maneira que justificasse a poça de sangue no chão da cozinha, porque teria desmaiado, uma e outra vez, ali mesmo ao seu lado. – Abanou a cabeça, aparentemente desesperado. Depois, olhou diretamente para o júri e disse: – Eu não matei a minha mulher. Juro por Deus que não a matei. O tempo vai dar-me razão.

Goodridge anuiu, devagar; depois virou-se para o juiz e disse:

– Não tenho mais perguntas para esta testemunha, Meritíssimo.

– Vamos interromper para almoço, e retomamos a sessão às duas. – O martelo de Cromwell selou a sua declaração.

Na última fila, a ruiva foi a primeira a abandonar a sala de audiências, sem ser vista, enquanto todos olhavam para Craig Brafford. As probabilidades eram agora de dois para um, a seu favor.

Aparição

O procurador distrital Buscher não foi atrás da multidão até à cafetaria no andar de baixo. Ao invés, ao sair da sala de audiências, virou à esquerda e andou mais trinta metros, ao longo de um corredor vazio, com a procuradora distrital assistente Coben a reboque. Depois, parou e encostou o ombro à parede. Largava fumo pelas orelhas. As suas narinas insuflaram-se, os seus olhos cintilavam de raiva e esmurrava a parede, repetidamente.

Estava a perder. Isso nunca lhe acontecia. Nunca.

– Isto é o que acontece quando se contornam as regras – disse Buscher à sua assistente, num tom baixo e tenso. Kendra Coben ouvia, anuindo levemente, sabendo que era melhor não o interromper até que acabasse de desabafar. – Tu nunca, *mas mesmo nunca*, deduzes a acusação de homicídio sem um corpo. Sem um relatório de autópsia e perícias sólidas.

– Quer dizer que acredita no Brafford?

Por momentos, os maxilares de Buscher cerraram-se enquanto fulminou Coben com o olhar, até que ela baixasse a cabeça.

– Eu não acredito nele. Aquele sacana é mais do que culpado e um pulha mentiroso, mas a minha opinião não interessa. O que conta é a do júri, e eles engoliram aquela história de fazer chorar as pedras da calçada. – Esmurrou a parede mais uma meia dúzia de vezes, discretamente, ocultando o seu gesto com o próprio corpo. – Trata-se de provar, além de qualquer dúvida razoável. Lembras-te dessa parte? Ensinaram-nos isso no primeiro ano do curso de Direito. – Ela não merecia ser o alvo da sua explosão de raiva. Fora a voz da razão, advertindo-o, mais de uma vez, para não aceitar o processo de Brafford.

Coben anuiu, sentindo-se tão derrotada como ele. Buscher estava habituado ao sabor da vitória, não do falhanço. Odiava-o com todas as suas forças. Fazia-o sentir-se pequeno, insignificante. Prescindível. Ridículo.

– Ele deu cabo de todas as nossas provas circunstanciais, uma por uma, desfazendo-as em pedacinhos. Tudo o que precisava era de plantar uma dúvida

razoável, e foi exatamente o que fez com a sua patética história de vingança. – Fechou os olhos e respirou profundamente, numa tentativa vã de recuperar a calma. Dali a uma hora, sensivelmente, teria de contrainterrogar aquele idiota mentiroso, e, de alguma forma, levá-lo a incriminar-se a si próprio. Nunca seria capaz de o fazer se ainda estivesse enfurecido, com uma raiva irracional.

O silêncio tomou conta do corredor, agora quase vazio, conforme os últimos espectadores da sala de audiências se encaminhavam para a cafeteria, no andar de baixo.

Buscher relembrou-se, inspirando bruscamente, que ainda não tinham chegado ao fim.

– Não podemos provar *mens rea*. Não para lá de qualquer dúvida razoável. Nem mesmo após o que ele fez ao trabalho da mulher, nem com as impressões digitais na garrafa de veneno, porque aquele pulha não é assim tão estúpido que não se tenha livrado da garrafa de veneno, se é que a matou.

Os seus lábios, espremidos numa fina linha, impediram as palavras de jorrar, durante um longo momento, especialmente aquelas que ele sabia que tinha de dizer.

– Temos de propor um acordo e esperar que ele esteja assustado o suficiente para o aceitar.

Coben abanou ligeiramente a cabeça.

– Não acho...

– Eu também não acho que ele vá aceitar – disse num sussurro, porém exasperado. – Mas, se vires outra alternativa, por favor avisa. Estamos prestes a tornar-nos a maior piada de todo o sistema judicial. Acusar de homicídio qualificado sem corpo e perder, como uns idiotas. – Mordeu o lábio e depois praguejou furiosamente entredentes. Estava acabado; a sua carreira terminara ali. Nas eleições do próximo ano, as pessoas iriam ler o seu nome no boletim de voto, dar uma bela gargalhada, e depois pôr a cruz ao lado do nome de outra pessoa. – É o risco que se corre com estes casos mediáticos. Quando te encontras debaixo dos holofotes, qualquer deslize é visível a quilómetros de distância. Inesquecível. Perdura na memória das pessoas, na internet, nas redes sociais, a alimentar a coscuvilhice em todas as mesas de refeições do estado.

Coben olhou para ele, compreensiva.

– Quer tentar...

Buscher interrompeu-a outra vez, deixando sair uma longa e profunda lufada de ar.

– Temos de assegurar o que for possível. Propõe homicídio não premeditado. Quinze anos, nem mais um dia. Lembra-o das impressões digitais dele na garrafa de veneno; espreme-o o mais que pudes. – Outra inspiração profunda. – Se fizerem uma contraproposta, aceita o que for, até homicídio voluntário. Involuntário, se não conseguirmos nada melhor. Há qualquer coisa de vil e perversa naquele homem, e eu quero-o atrás das grades.

Ela encolheu os ombros, depois fitou-o, com o rosto franzido.

– Vou ver o que consigo fazer. Provavelmente, vão rir-se na minha cara.

Melhor na tua cara do que na minha, pensou ele.

– Faz o que puderes. Salva este caso. No final do ano, na altura dos bônus, faça-te sorrir.

O barulho de uns tacões a aproximarem-se distraiu-o, por instantes, mas baixou ainda mais a voz e continuou a falar.

– Lá no fundo, achas que ele é culpado? Achas que matou aquela sua linda mulher? O que é que a tua intuição te diz?

Coben assentiu, vigorosamente.

– Totalmente. Culpado a cem por cento.

– Exatamente – respondeu Buscher. – Ele é culpado. Reconheço um assassino quando o vejo, mas este sacana está prestes a safar-se.

– Podia tentar contestar o argumento da hematofobia, no que diz respeito à limpeza que ele conseguiu fazer. Se conseguiu fazê-lo com o tapete ensanguentado, também conseguia livrar-se do corpo. E não acreditei, nem por um segundo, quando ele disse que ainda estava à espera que a mulher voltasse. Não. Ele sabia que ela não ia voltar para casa e seguiu a sua vida. Nem se deu ao trabalho de reportar o seu desaparecimento, para fingi-lo.

Buscher passou a mão pelo cabelo algumas vezes.

– Achas que essa foi a estratégia dele desde o início? Elaborar estes argumentos para a sua defesa? Todas as coisas lógicas que ele teria feito se a tivesse matado, mas não as fez; portanto, isso prova que é inocente?

Um momento de silêncio.

– É uma estratégia arriscada – respondeu Coben. – Mas pode ser que ele tenha conseguido, como um profissional.

– Raios o partam, o sacana enganou-nos bem – murmurou Buscher entredentes – Eu nunca devia ter deduzido a acusação deste caso. Não sem um corpo. Devíamos tê-lo acusado por se ter feito passar por um agente da autoridade, enquanto a polícia procurava o corpo. Tem de estar em algum lado, pelo amor de Deus! Tem de estar.

– Ele vai safar-se, não vai?

A pergunta apanhou-os de surpresa. Virando os calcanhares, Buscher reconheceu a mulher ruiva em que reparara algumas vezes no fundo da sala de audiências. Deslumbrante, o seu corpo era nota dez, mas ele encarou-a. A última coisa de que precisava era de uma intrometida.

– Desculpe, minha senhora, mas não podemos discutir o caso com...

– Mas vocês *estão* a perder o caso, não estão? – continuou ela, inabalável, a olhar para ele através de uns óculos escuros enormes com lentes espelhadas.

– Minha senhora...

– Não há problema. Os seus olhos já responderam à minha pergunta. – Ela sorriu, brevemente, arrependida. – Eu tenho a solução.

Buscher cruzou os braços. Devia ser mais um daqueles malucos por tribunais. Volta e meia, nos seus processos, aparecia um. Alguns eram médiuns; outros, parentes há muito afastados das vítimas ou dos réus, pessoas que viviam noutros estados, mas afirmavam saber de tudo.

– E qual seria? – perguntou ele, a sua voz repleta de um sarcasmo sem filtros.

– Ponha-me a depor.

Um esgar de sorriso aflorou nos lábios de Buscher.

– Peço desculpa, mas vai ter de nos dar licença. Temos trabalho a fazer. – Agarrou Coben pelo braço e começou a afastar-se, mas o barulho apressado dos tacões atrás de si disse-lhe que era inútil. Irritado, parou e encarou-a. – Ouça, nós não podemos...

– Lamento imenso não me ter apresentado até hoje – disse a mulher, falando calma e docemente. – Recreei pela minha vida, ainda em estado de choque com o que aconteceu. Não estava a pensar com clareza. Lamento imenso. – Engoliu em seco, depois pigarreou. – Mas estou disposta a depor.

Uma sensação desconfortável revolveu-lhe as entranhas, apreensão misturada com inquietação, uma sensação de mau agouro. Será que o dia dele ainda podia piorar?

– Quem é você? – perguntou, sentindo a garganta a secar.

A mulher tirou os óculos, depois arrancou o seu cabelo comprido e sedoso. A peruca saiu, revelando os fios de cabelo curtos e com madeixas que ele reconheceu das fotografias que vira no ficheiro do processo.

– Eu sou a Andrea Wilmore Brafford.

Por momentos, Buscher ficou boquiaberto.

– Oh, foda-se!

A Carta

Craig Brafford encontrava-se sentado na mesa da defesa após o intervalo. Do lado da acusação, o procurador distrital Buscher olhou para ele algumas vezes, irritado, mantendo os maxilares bem cerrados. Podia jurar que o homem matara a esposa. Pela segunda vez desde que pegara no caso, enganara-se.

Goodridge olhou para Buscher, curioso, depois pôs a preocupação tácita do seu cliente para trás das costas.

– Todos de pé – ordenou o oficial de justiça, e todos se levantaram. Passavam poucos minutos das duas da tarde e o ténue odor a *fast food* acompanhara alguns dos presentes na sala de audiências, agarrado às suas roupas e aos seus cabelos, como o cheiro a pelo de cão molhado.

O juiz Cromwell sentou-se no seu lugar e deu uma martelada rápida.

– Está reaberta a sessão. Senhor Buscher, está pronto para contrainterrogar?

Não estava, nem de longe. Pôs-se de pé, respirando profundamente, a preparar-se para a tempestade que as suas palavras estavam prestes a desencadear.

– Meritíssimo, neste preciso momento, o Estado pede para retirar a acusação de homicídio. Novos factos chegaram ao nosso conhecimento... – Fez uma pausa, as suas palavras abafadas pela comoção na sala de audiências.

– Silêncio – gritou o juiz Cromwell, batendo com o martelo furiosamente várias vezes. – Silêncio. Este é o último aviso. Mais uma interrupção dos trabalhos e vamos prosseguir à porta fechada. – Outro golpe do martelo selou a sua ameaça e o barulho diminuiu consideravelmente. O som abafado das pessoas a remexerem-se nas cadeiras e alguns sussurros ainda perturbaram a paz durante algum tempo, mas Cromwell fulminou-os com o olhar a partir da sua tribuna, até ficar satisfeito. – Por favor, prossiga, senhor Buscher.

O procurador distrital aclarou a voz, silenciosamente; depois, puxou o nó da gravata, instintivamente, sentindo que não conseguia respirar.

– Novos factos chegaram ao nosso conhecimento – repetiu. – À luz desses novos factos, o Estado gostaria de prosseguir com nova acusação. – Um momento de silêncio, tenso. – Tentativa de homicídio em primeiro grau.

A frustração que se seguira à surpresa inicial de Cromwell era inconfundível.

– Senhor Buscher – disse ele, calmamente, num tom de voz baixo e ameaçador –, está a converter a minha sala de audiências num circo, e não vou permiti-lo. Já não tenho idade para gostar de ver palhaços a fazerem truques para nos entreter. – Durante algum tempo, parecia estar a ponderar as suas opções, de olhos postos em Buscher, que susteve o seu olhar, sem vacilar. Não havia mais nada a fazer. – Senhores doutores, aproximem-se – pediu.

Buscher esperou por Goodridge e então aproximou-se da tribuna.

Cromwell tapou o microfone.

– O que é isto, senhor Buscher?

– Descobrimos que a esposa do réu está viva e disposta a depor. Estou a planear chamá-la a seguir.

– Meritíssimo – disse Goodridge num tom inflamado, tal como Buscher faria se estivesse no lugar do advogado de defesa. – Isto é ridículo. O meu cliente é claramente inocente e o Estado anda só à pesca, nada mais. Solicito a anulação de todas as acusações.

Cromwell franziu a cara a Goodridge. No seu entusiasmo, a defesa cometera um erro grosseiro.

– Mais devagar, senhor doutor. Há uma acusação da qual o seu cliente assumiu a culpa, e essa acusação mantém-se. – Apoiou as mãos na superfície da tribuna e cerrou os lábios. – Eu, por exemplo, quero ouvir o que a esposa do réu tem a dizer sobre toda esta trapalhada.

Goodridge ergueu as mãos, num gesto pacificador.

– Mas, Meritíssimo, não estamos preparados para contra...

– Peça um adiamento, senhor Goodridge. Eu vou concedê-lo. Depois do depoimento.

Goodridge olhou para Cromwell, avaliando se valia a pena implorar um pouco mais, depois cedeu e disse:

– Entendido. Obrigado, Meritíssimo.

Buscher regressou à mesa da acusação e manteve-se de pé, enquanto Goodridge se sentou ao lado de Craig Brafford, agarrando-lhe no antebraço e, de seguida, sussurrando-lhe qualquer coisa ao ouvido.

Aclarando a voz outra vez, Buscher disse:

– O Estado chama Andrea Wilmore Brafford.

Não obstante os inúmeros golpes de martelo da mão impaciente de Cromwell, comentários murmurados e interjeições de surpresa percorreram toda a audiência, elevando-se como uma onda do oceano durante uma tempestade.

– Não demorou tempo nenhum, pois não? – Craig Brafford vociferou, a sua voz distinguível acima do barulho da multidão. – Eu bem vos disse que ela estava viva.

– Silêncio no tribunal – repetiu Cromwell, com as sobranceiras arqueadas.

Debruçou-se sobre a tribuna, como se estivesse a ponto de descer dali e disciplinar, pessoalmente, o público desobediente.

A entrada da mulher do arguido deixou o público silencioso e entorpecido. Ela levantou a mão e repetiu as palavras do juramento; depois, sentou-se no banco das testemunhas. Pálida, macilenta, extremamente magra e abalada, aparentemente, cruzou o olhar com o do pai, cuja alegria incontida e lacrimosa revelou a Buscher que a sua aparição também era uma surpresa para ele. Que interessante.

Buscher aproximou-se do banco, ainda a considerar qual a melhor estratégia para o interrogatório à testemunha que ninguém esperara ver ali.

– Andrea Wilmore Brafford, deixe-me começar por lhe dizer quão contentes estamos por vermos que está viva.

– Obrigada. – Inclinou-se para frente ao falar, para ficar mais próxima do microfone.

– Vamos começar pelo início, na noite de 7 de outubro, a quinta-feira em que o seu marido regressou da conferência em Miami. Lembra-se dos acontecimentos daquela noite?

– Sim – respondeu ela calmamente, a sua voz sóbria, eivada de tristeza. – Nunca irei esquecer essa noite. Foi a noite em que o meu marido me matou.

O arguido levantou-se, de rompante, debruçando-se sobre a mesa da defesa.

– Tu tramaste-me! Estás bem viva!

– Senhor Goodridge, controle o seu cliente – ordenou Cromwell.

Aquele agarrou no braço de Brafford com as duas mãos e puxou-o para o seu lugar. Com base nos murmúrios furiosos e gestos perentórios que observou à distância, Buscher conseguia perceber que Goodridge estava a ameaçar o seu cliente, para se comportar adequadamente.

Imperturbável, a testemunha continuou.

– Foi a noite em que ele me matou ou, pelo menos, em que pensou que matou. – Fez uma pausa, por um momento, parecendo que lhe faltavam as palavras. – Para todos os efeitos, ele matou-me, assim como matou o meu feto. Acordei coberta de sangue, enrolada num tapete e enterrada no lixo, num aterro no sul de Houston. Sobrevivi por pouco.

O Dr. Wilmore inspirou, surpreso, e tapou a boca com mãos trémulas, enquanto as lágrimas lhe escorriam pela cara. Ao olhar para ele, Andrea começou a chorar também, baixinho, sem fazer barulho. Levou as mãos ao peito, numa mensagem silenciosa para o pai.

– O que é que fez, depois de acordar no aterro?

Ela abanou a cabeça e baixou o olhar

– Quase não consegui chegar até à casa do meu pai. Lá, passei não sei quantos dias, entre cá e lá, a perder a consciência. Perdi o meu bebé – acrescentou, a voz a tremer-lhe, embargada.

– Ligou para o 112?

– Não.

– Porquê? – perguntou Buscher, curioso para ouvir a explicação dela. – A senhora é uma cientista, uma bióloga a poucos meses de terminar o doutoramento,

e, mesmo assim, não pediu ajuda médica.

– Só muito recentemente é que percebi que tinha sido envenenada. Pensava que estava apenas em estado de choque com o que me acontecera, nada mais. Receava pela minha vida, chorava a perda do meu bebê. – Voltou a olhar para o seu pai. – Não estava no meu perfeito juízo... talvez ainda não esteja. Pode ser o efeito do veneno no meu cérebro, não sei.

– A polícia foi à sua procura, à casa do seu pai, e a senhora não estava lá. Na terça-feira seguinte, a 12 de outubro, depois de terem sido alertados para o seu desaparecimento através de um *e-mail* anónimo. Onde é que estava nesse dia?

Andrea olhou para o pai novamente, com um leve sorriso nos lábios.

– Há uma cabana, junto ao rio. Não é bem uma cabana, é apenas uma cobertura, por cima de uma cama de rede e com uma rede mosquiteira, uma coisa que o meu pai construiu. Estava aí, o tempo todo, quando não estava em casa.

– Não ouviu quando a polícia apareceu e fez buscas na propriedade?

– Durante as primeiras duas semanas, ora estava consciente ora inconsciente. Não me lembro de terem lá estado.

Buscher andou para lá e para cá, ansioso, no espaço à frente do banco de testemunhas. Havia qualquer coisa no seu depoimento que não batia certo. O que é que ela comera nesse tempo todo? Estava pálida e magra, por isso se calhar não comera grande coisa. Mas, pelo menos, porque é que não ligara para o pai?

– Uma cientista, com bastantes conhecimentos, não pede ajuda depois de sofrer um ferimento na cabeça e perder muito sangue. Como é que explica isso?

– Eu... não consigo – respondeu, candidamente. – Acho que ainda estava em estado de choque, depois do que aconteceu na quinta-feira à noite.

– O que é que aconteceu naquela quinta-feira à noite, depois de o seu marido ter voltado da viagem a Miami?

Andrea remexeu-se um pouco na cadeira e respirou profundamente. Talvez Buscher estivesse a imaginar coisas, mas parecia que a mulher tinha ficado mortalmente pálida, ainda mais branca do que já estava.

– Fiquei à espera que o Craig voltasse da viagem e disse-lhe que queria o divórcio. Ele não estava feliz com a ideia, mas não era a primeira vez que discutíamos acerca disso. Garanti-lhe que não queria dinheiro nenhum, nem parte da casa, nem de nada. Ele pareceu concordar, depois propôs jantarmos juntos, para acertarmos os detalhes. Eu ia sair de casa nessa noite e voltar para casa do meu pai.

– Depois, o que é que aconteceu?

– Estava a comer o salteado que ele cozinhou enquanto eu fazia a minha mala. A comida tinha um sabor estranho, mas comi alguma. Então, senti tonturas e náuseas. Senti-me mal e desmaiei. – Parou, por um instante, de olhos postos no vazio. – Lembro-me de ele estar a olhar para mim, indiferente, mesmo antes de eu cair, e de me perguntar: «Precisas de alguma coisa, meu amor?» O Craig ficou a olhar para mim enquanto eu caía e não mexeu um dedo. Devo ter batido com a cabeça nalgum lado, porque a última coisa de que me lembro foi de ver estrelas. Então, horas depois, acordei no aterro.

– Que experiência tão traumática. Apesar disso, depois de acordar, não pediu

justiça para si. – Olhou para o arguido, reparando no puro ódio que os seus olhos destilavam enquanto fitava a esposa.

– Eu estava, e ainda estou, em choque – respondeu ela, numa voz rouca, débil. – Não sei como é que se pode recuperar de uma coisa assim. Achava que éramos felizes. Depois, especialmente após lhe ter dito que estava grávida, senti que alguma coisa ficou muito estranha. Confrontei-o algumas vezes, mas ele negava-o. Foi quando escrevi a carta. – Andi fungou. – Temia pela minha vida, mas não conseguia ir-me embora. – Sorriu, com tristeza, e olhou para o júri brevemente antes de baixar a cabeça. – Estava perdidamente apaixonada pelo meu marido. Escolhi, de maneira algo estúpida e infantil, esta forma para lhe dizer que sabia o que ele iria fazer, em vez de deixá-lo, em vez de proteger a minha vida e a do meu filho. – Fez uma breve pausa. – Terei de viver o resto da minha vida com as consequências dos meus atos.

Buscher olhou para o júri. Não havia um único olho enxuto entre eles. As explicações de Andrea não justificavam o tempo que passara a assistir ao julgamento disfarçada, mas a sua função era conseguir uma condenação do sacana odioso e manipulador sentado ao lado do advogado de defesa. Não era ele que ia expor alguma incongruência. Goodridge que fizesse essas perguntas todas durante o contrainterrogatório.

– Por falar nessa carta, importa-se de lê-la para o tribunal? – Buscher foi até à sua mesa, agarrou numa cópia da carta e, de seguida, entregou outra cópia ao juiz. – Prova número quinze da acusação, Meritíssimo.

Andrea agarrou a carta com as mãos a tremer, ao passo que o público sustinha a respiração. A sua voz, ao início frágil e trémula, foi ganhando alguma força enquanto lia, mas acabou engasgada, em lágrimas.

Meu querido Craig,

Achei que o dia em que te conheci era especial para mim, dando-me um motivo para celebrar o nosso amor ao longo dos anos, uma data a assinalar nos nossos calendários. No dia a seguir ao meu aniversário, como quis o destino, eu tinha recebido um presente tardio que apreciei mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Era uma sortuda, imensamente grata pela forma como os deuses me tinham sorrido na vida. Tinha tudo o que uma mulher poderia desejar. Um marido que a amava, família, amigos, a perspetiva de uma carreira de sucesso e, agora, um filho. Que mais podia querer?

Contudo, como se os deuses tivessem mudado de ideias, com o seu último presente veio a minha maior tristeza. Não estavas pronto para seres pai. Preferiste mentir-me, esconder-me a verdade, por detrás de desculpas esfarrapadas e um falso entusiasmo. Em vez disso, eu teria apreciado a tua honestidade.

Como em todos os contos de fadas, a partir daí tudo se desmoronou. Pouco depois, descobri que não me tinhas pedido para abdicar da minha carreira para te ajudar na tua; tu roubaste-me simplesmente, e deixaste-me a lidar com a desilusão, a rejeição e o falhanço, que eu não entendia nem merecia. Enquanto me tinhas nos teus braços quando chorava, consolando-me. Essa traição foi a que mais doeu.

Ainda assim, perdoei-te. Tentei compreender as tuas razões e decidi acreditar que

estavas genuinamente arrependido do que tinhas feito.

A cada dia que passava, as coisas iam ficando cada vez piores. Confiar em ti tornou-se impossível, enquanto amar-te me dilacerava. Como é que eu te podia deixar se ainda te amava? Mas, por outro lado, como é que podia viver ao teu lado se não podia confiar em ti? Como é que poderia criar o nosso filho contigo se sabia, bem lá no fundo, que não querias que essa criança chegasse a ver a luz do dia?

E, conhecendo-te, tinha a certeza de que farias tudo ao teu alcance para evitar que isso acontecesse. Só não sabia o que farias. Paralisada, como um veado encandeado com a tua poderosa luz, esperei que atacasses enquanto desejava, do fundo do coração, que optasses por não o fazer.

E, agora, fizeste-o.

A rapariga que mataste está a olhar por ti do paraíso, a relaxar, nas nuvens, com uma margarita na mão, e a desejar que tenhas tudo o que mereces nesta vida depois de ela se ter ido. Adeus, meu amor. Foste o tal.

Depois de Andrea ter terminado de ler, Buscher deixou passar um longo momento de pesado silêncio, enquanto o júri se recompunha da leitura da carta, e então disse:

– Não tenho mais perguntas, Meritíssimo.

O telefonema

P assaram-se semanas desde a leitura da sentença de Craig, mas os olhos de Andi ainda lacrimejavam sempre que se lembrava dos reparos contundentes do juiz. Aquelas palavras ressoavam-lhe na mente, magoando-a tanto quanto naquele dia, enquanto levantava a mesa do jantar e punha a loiça na máquina de lavar.

– De vez em quando, na carreira de um juiz, há um caso que é, ao mesmo tempo, intrigante e inesquecível – disse ele. – O júri pronunciou-se e o réu, Craig Brafford, foi considerado culpado de tentativa de homicídio em primeiro grau. O testemunho da vítima, por mais difícil que seja de acreditar, é consubstanciado pelas provas recolhidas pela polícia. Vários vídeos de vigilância mostram a vítima a rastejar para fora do aterro e a deambular por ruas desertas, a voltar para casa. As análises ao sangue feitas no hospital revelaram níveis de veneno suficientemente altos para causar dificuldades de discernimento que podem explicar porque é que a vítima não pediu ajuda. – Por um momento, calou-se e esfregou a testa. – No entanto, não posso deixar de me perguntar se o que testemunhámos aqui não é alguma espécie de sadomasoquismo psicológico, perverso e doentio. Temos escravidão e servidão. Uma vítima que sofre humilhações e nunca revida. Uma mulher jovem e educada que não protege a sua própria vida quando claramente ameaçada. Temos a tortura e o sadismo num homem dominador e irresponsável que teve prazer em prolongar o sofrimento da sua vítima. Ou devo dizer, da sua parceira?

Levantou os olhos e fitou Craig primeiro, depois Andi, através das lentes redondas dos seus óculos.

– Felizmente, nestes casos, a lei é claríssima. Sadomasoquismo ou não, jogo doentio ou não, envenenar alguém, tentar matá-lo e depois despejar o seu corpo é ilegal e punível com longos anos de prisão. No entanto, não pedir ajuda, depois de se ter sido vitimizado, não é crime. – Fechou o processo à sua frente e pôs-lhe a

mão por cima. – Senhor Brafford, sentencio-o a cumprir quinze anos numa prisão estadual. – Depois, virou-se para ela, ignorando os protestos de Craig. – Senhora Wilmore, enquanto pai de uma jovem da sua idade, recomendo-lhe vivamente que procure a ajuda de um bom psicólogo ou psiquiatra. Toda a vida humana é preciosa, incluindo a sua. Para mim, o facto de não o ter percebido é profundamente perturbador. Espero que receba a ajuda de que necessita.

Andi fechou a porta da máquina de lavar loiça, pressionou alguns botões e a máquina começou a encher-se de água. Encostou-se à bancada, tentando apagar a memória da voz de Cromwell da sua mente. Limpou as lágrimas, para as esconder do pai, mas já era tarde demais. Os seus braços já estavam ao redor dos seus ombros.

– Shh, já passou, minha doce menina. Ele não te vai magoar outra vez. Estás em segurança.

Com o rosto enterrado no seu peito, ela chorou algum tempo, permitindo-se sentir-se protegida e amada.

– Eu sei – choramingou. – É por causa do que o juiz disse, na leitura da sentença. Sabes, ele tinha razão. Nenhuma pessoa no seu perfeito juízo teria feito o que fiz. E ele não sabe da missa a metade.

– O doutor Ellefson disse que os níveis de veneno na tua corrente sanguínea explicavam a tua falta de discernimento. Ouviste-o. Estava estupefacto por teres sobrevivido.

– Eu não me sentia incapaz, pai. Senti muitas outras coisas, mas não me sentia louca. Fiz algumas escolhas terríveis, é verdade, só que naquela altura pareciam-me lógicas.

Ele levou-a até à mesa, puxou-lhe uma cadeira e depois sentou-se ao lado da filha, segurando as suas mãos nas dele.

– Vou dizer-te o que é, e tens razão, não é só o veneno. – Ele sorriu, mas os seus olhos azuis chispavam. – Quando estás a ser abusada psicologicamente, depressa aprendes que não tens valor, que o teu sofrimento não tem importância e que não há escapatória. – Os seus olhos foram ficando sombrios, enquanto vagueavam até ao braço dela, onde as marcas das agulhas assinalavam as suas veias. – Eu quis matá-lo, só para que saibas. – Franziu a testa e baixou a cabeça. – Assim como se abate um animal raivoso. Ao ver-te assim, sabendo pelo que passaste, gostava de o ter feito, mesmo que isso significasse que agora seria eu a cumprir pena em vez dele.

Um arrepio perpassou-a.

– Ainda bem que não o fizeste – sussurrou. – Ter-te-ia perdido também e nunca me iria perdoar. Fui eu que trouxe este mal para o meio de nós, pai. – Respirou profundamente, disposta a, por uma noite, libertar-se da tristeza e das lágrimas. – Estamos aqui agora, temos tudo o que precisamos, e podíamos ver um filme e comer um gelado. O que achas?

– Parece uma ótima ideia – respondeu. – Levamos o gelado para o alpendre. Posso *fazer de conta* que fumo um charuto? – Ela franziu o sobrolho, a brincar. – Então, metade de um charuto?

Sorridente, Andi foi até ao congelador e tirou uma embalagem de gelado *light* de chocolate, agarrou em duas colheres e foi para o alpendre. O pai já lá estava, sentado numa das poltronas de vime, a esfumaçar. Ali ficaram em silêncio, durante algum tempo, cada um a saborear a sua guloseima e a admirar os matizes de roxo escuro do crepúsculo tardio.

– Ainda não consigo acreditar no que fizeste – disse ele, após algum tempo –, mas estou orgulhoso. Mais do que alguma vez possas imaginar.

Ela sorriu, engolindo um nó na garganta.

– Como as coisas mudam – disse o pai –, e como permanecem iguais, também. Ainda cozes ovos, não é?

O sorriso dela desvaneceu-se.

– Tinha-me esquecido, mas veio-me agora à memória. Tinhas cerca de seis anos quando te ensinei a descolar selos postais com um ovo cozido. Lembras-te?

O silêncio foi a sua única resposta.

– Uns anos mais tarde, puseste isso à prova. Lembras-te disso? Uma vez em que não querias que a tua mãe fosse à reunião de pais; estavas no segundo ano, acho eu. Certo? – Ela anuiu, enxugando uma lágrima rebelde com a ponta do dedo. – Redigiste uma notificação a solicitar aos moradores para permanecerem em casa para uma inspeção das condutas de gás e puseste o selo e tudo. Não sei de onde copiaste o texto, mas estava perfeito. Naquela noite, a tua mãe ficou em casa. – Ele riu-se, baixinho. – Não tivemos coragem de te dizer que a data no aviso estava errada.

– O quê? – Andi virou-se a olhar para o pai de boca aberta. – Não acredito. Então, porque é que ela não foi à reunião?

– Nós já sabíamos daquele Suficiente – respondeu ele, pondo-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha. – Foi só porque achámos que te irias esforçar mais, se pensasses que te tinhas safado.

– Ah, vocês enganaram-me – disse ela, apontando-lhe o dedo.

– Tu é que te enganaste. Antes de falsificares um aviso oficial, confirma as datas, minha menina. – Eles riram-se, as suas vozes unidas, em harmonia, num momento de alegria partilhado. – E foi então que me bateu, mesmo há pouco, aqui sentado. Foi assim que o fizeste. Eu andava a pensar nisso, porque ouvi aquele advogado testemunhar que tinha recebido a carta carimbada, quatro dias antes do teu... hum... Deves ter cozido alguns ovos e...

Ela levou um dedo aos seus lábios, e o pai permaneceu em silêncio. Ficaram a ouvir, durante algum tempo, o burburinho dos bosques nas margens do riacho, com os sapos a coaxar, os grilos a cantar e o ocasional piar das corujas.

– Vais voltar a amar – disse Hunter, do nada. – Prometo-te que vais.

A mão dela estacou, a meio caminho da boca. Não conseguia ver-se com outro homem, a namorar, a dormir com ele, a estar sozinha com ele. Estremeceu e largou a colher dentro da embalagem de gelado, depois pô-la de lado.

– O Freddy quer conversar contigo – disse ele, a observar a ponta do seu charuto, com a testa franzida, como se o círculo incandescente o tivesse ofendido de alguma maneira. – Ele acha que pode ajudar.

A cabeça dela curvou-se, sob a ameaça das lágrimas.

– É melhor falar com um amigo do que com um estranho – acrescentou o pai, docemente. – O Freddy não te vai julgar. É um ótimo psiquiatra. – Riu-se e soprou uma baforada de fumo do seu charuto. – Eu fiz o despiste de demência, quando comecei a ter estas intuições acerca do Craig. – Andi olhou para ele, surpreendida. – Duas vezes. Sim, fiz mesmo. Não confiava em mim. Pensei que podia – fez um gesto, com o dedo a andar à roda, ao lado da têmpera –, tu sabes, ter pirado da tola.

Ela inspirou, profundamente, e a brisa fria e húmida do entardecer deu-lhe a força de que precisava.

– Pergunta ao Freddy quando é que o posso ver.

Hunter desenhou alguns círculos de fumaça no ar noturno.

– Pergunta-lhe tu – respondeu ele, docemente.

Andi sorriu e apertou-lhe a mão. Era hora de começar a sarar.

Depois de o pai ter ido para a cama, limpou o resto da mesa e, em seguida, verificou a pilha de correspondência diária. O logótipo da Texas A&M University num envelope branco chamou-lhe a atenção, dando-lhe arrepios na espinha ao lembrar-se da última vez que recebera uma carta como aquela.

Abriu o envelope rapidamente, rasgando-o, ansiosa por ler o seu conteúdo. Enquanto lia o pequeno parágrafo, um largo sorriso desabrochava nos seus lábios. Afinal, ofereciam-lhe o emprego de investigadora. A Dr.^a Marjorie Hitchens assinava a carta, com uma nota pessoal dando-lhe as boas-vindas a bordo, se ela ainda estivesse interessada.

Entrou no quarto do pai, ainda a sorrir, para partilhar a notícia. Ele estava a dormir profundamente, a ressonar baixinho. A boa-nova podia esperar até de manhã.

Era muito tarde, já passava da meia-noite, mas Andi não conseguia dormir. Optando por ver um filme, sentou-se no sofá e estendeu a mão em direção à mesa de centro, para alcançar o controlo remoto. Debaixo do tampo, na prateleira de madeira, o pai deixara o seu bloco de notas com um golfinho sorridente, a caneta ainda presa à capa. Hesitando por um instante, agarrou nele e abriu-o devagar, perfeitamente ciente de quão meticulosamente ele o mantivera escondido. Sentia ser uma invasão de privacidade que o seu pai não merecia.

Os seus dedos gelaram quando viu os papéis amontoados lá dentro. O primeiro, uma captura de ecrã do programa da clínica veterinária do Dr. Wilmore, era a imagem de perfil do paciente, com Nikki Edwards e a sua gata. A clínica ficava com uma série de fotografias dos novos donos e os seus animais de estimação e punha-as no sistema, para poderem personalizar lembretes e cartões de aniversário.

Na fotografia, Nikki Edwards estava a usar o pendente azul.

Andi olhou para a foto, incrédula, sem pinga de sangue. Uma seta rabiscada apontava para o pendente e uma nota manuscrita, acima, dizia: «Isto é uma peça comercial que se encontre facilmente? Uma coincidência?»

Virou a página, com os dedos a tremer. A segunda imagem, outra captura de

ecrã do perfil de Nikki Edwards no sistema da clínica veterinária, eram os seus dados de contacto. A ficha continha dois números de telefone. O da própria Nikki, validado por uma nota do pai, que se lembrou de lhe ter telefonado com resultados de análises em várias ocasiões. O segundo número estava rodeado por um círculo irregular que o pai de Andi desenhara a esferográfica azul com muita força e com as palavras «De quem é este número?».

Ela leu o número de telefone duas vezes, dígito por dígito, com medo de estar a cometer um erro. O pai nunca o tinha utilizado, mas ela sim, inúmeras vezes. Era o número do escritório de Craig, na agência imobiliária.

– Oh, Deus – sussurrou, lívida.

A terceira página era parte do mesmo programa, o registo de uma das idas de Nikki Edwards à clínica, o diagnóstico da consulta, o valor faturado e mais algumas informações, que enchiam o ecrã. No entanto, a data dessa consulta saltava à vista, facilmente reconhecível. Era o aniversário dela, no ano passado, um dia antes de conhecer Craig. O sublinhado obsessivo do pai quase rasgara a página debaixo da hora da consulta: 17h25. Quando Andi estava lá, a comer bolo com bigodes de gato, a celebrar o dia com o pai e a sua equipa.

A sentir-se fraca e com tonturas, obrigou-se a virar outra página. Era uma imagem, granulosa, de um vídeo de vigilância, com um carimbo da data e da hora. Via-se o seu *Beetle* estacionado no *campus* universitário de Galveston, no dia a seguir ao seu aniversário. Agachado ao lado da roda traseira esquerda, um homem estava a fazer alguma coisa ao pneu. O carimbo marcava 16h45. A fotografia estava demasiado granulada para se perceber, mas ela reconheceu o cabelo ondulado do homem, a forma como encaracolava por cima da sua orelha, mesmo numa foto de perfil. «Quem é ele?», anotara o pai, e sublinhara-o duas vezes, pelo menos. Tinha-o visto uma vez, no seu casamento, mas não tinha motivos para se lembrar dele depois de tanto tempo, ou reconhecê-lo numa foto tão granulada e à distância.

Mas Andi tinha a certeza de que sabia quem era aquele homem.

Jude.

A preparar-lhe a armadilha. A esvaziar-lhe o pneu, para que Craig pudesse ajudá-la. Ele deve tê-la visto na clínica, no seu aniversário, e resolvera caçá-la. Porquê ela? Sufocando um soluço, tapou a boca aberta, cobrindo-a com a mão.

Essa era a última página solta, inserida no início do bloco de notas do pai. Pô-las de lado e passou a ler as anotações de Hunter. As suas conclusões, ecoadas nas suspeitas do pai. Peças de um *puzzle* perturbador, a encaixarem-se, para formar a imagem de um pesadelo.

Chocada, ficou ali sentada, a encarar os seus piores receios, listados com a caligrafia do pai, incapaz de se mexer. Porquê ela? O que é que Craig vira nela que o fizera querer aprisioná-la daquela maneira?

Já era de dia e Andi ainda não se movera, o bloco de notas ainda aberto no seu colo, as fotografias espalhadas pelo sofá. Nunca viria a saber o porquê. Não interessava o que fizesse. Mesmo que fosse ver Craig à prisão, ele nunca lhe diria a verdade; aquele homem era incapaz de ser honesto.

Porquê ela? Nunca saberia.

Então, pensou em Nikki. Linda, bem-sucedida, oriunda de uma boa família.

E grávida.

A sua morte, sem derramar uma gota de sangue.

A agulha que ela usara era subcutânea, tais como aquelas que o Dr. Wilmore dava aos donos dos seus pacientes, para usarem nas injeções de insulina em gatos diabéticos. Daquelas que Craig sabia que Nikki teria.

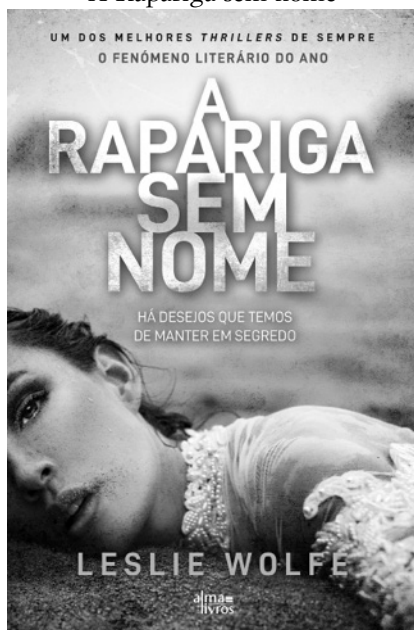
– Andi... – Ouviu a voz do pai, à porta. Vestido com um pijama enrugado, olhou para o bloco de notas aberto no colo dela, o seu olhar, preocupado. – Não devias ter lido isso. É muito cedo...

Ela fitou-o, uma súplica silenciosa nos seus olhos, depois pegou no telemóvel. Estava pronta para fazer o que tinha de ser feito. Ligou para um número na lista de contactos do telemóvel e ouviu-o tocar duas vezes, antes de uma voz familiar atender.

– Inspetora Otwell, polícia de Houston.

Leia também, da mesma autora:

A Rapariga sem nome



Quem é a bela rapariga encontrada ao amanhecer numa praia deserta? Qual é o seu segredo? A agente especial Tess Winnett, do FBI, procura incessantemente respostas. A cada passo desvenda factos perturbadores que conduzem à mesma conclusão: aquela não foi a única vítima. O assassino que procuram já matou antes.

A Rapariga que sobreviveu

O FENÔMENO INTERNACIONAL

A RAPARIGA QUE SOBREVIVEU

A FAMÍLIA FOI ASSASSINADA À SUA FRENTE...
ELA NÃO SE LEMBRA DE NADA.



UM
THRILLER
BRILHANTE
AMAZON

LESLIE WOLFE

Autora bestseller de A RAPARIGA SEM NOME

alma
livros

Laura testemunhou a morte da família, mas o choque apagou-lhe da memória tudo o que aconteceu nessa fatídica noite. O assassino pode ser qualquer pessoa. Enquanto a polícia procura que ela se recorde do que sucedeu, o homicida vai

tentar matar a única testemunha viva do crime: ela.

A Rapariga fatal

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UM
THRILLER
BRILHANTE!»

GOODREADS

A RAPARIGA FATAL

UMA MULHER GUARDA SEGREDOS
QUE NEM A MORTE PODE REVELAR

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
livros

O corpo de uma jovem é encontrado no jardim da sua própria casa. Junte-se à inteligente e implacável agente do FBI Tess Winnett e à sua experiente equipa numa verdadeira caça ao homem. Uma história de fazer parar o coração e perder o

fôlego, em busca de um assassino impiedoso, levando o leitor num turbilhão vertiginoso repleto de mistério, ação e *suspense*.

A Rapariga DO FIM

O FENÔMENO INTERNACIONAL

«UMA
OBRA-PRIMA»
AMAZON

A RAPARIGA DO FIM

UM CRIME QUE NÃO EXISTE.
UM ASSASSINO QUE NINGUÉM VÊ.

LESLIE WOLFE

Autora bestseller de A RAPARIGA SEM NOME

alma
livros

Depois de o corpo de uma modelo famosa ter sido encontrado sem vida, Tess Winnett recusa-se a aceitar a tese de suicídio e inicia uma investigação para descobrir os verdadeiros motivos daquela morte. Não pode ser de ânimo leve que

alguém decide pôr termo à própria vida e ainda menos quando parece ter o mundo aos seus pés.

A Rapariga Da rosa

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«SUSPENSE
ATÉ AO FIM»
AMAZON

A RAPARIGA DA ROSA

A VIDA É BREVE.
A MORTE É UM MISTÉRIO.

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
livros

Raparigas desaparecidas, evidências perturbadoras e crimes terríveis. Tess Winnett corre contra o tempo. Um corpo congelado, vidas suspensas nas mãos de assassinos em série, destinos cruzados e mensagens misteriosas em corpos ensanguentados. Quantas mais vítimas terão de morrer? Quanto tempo mais irão os assassinos continuar a escapar?

A Rapariga
QUE DESAPARECEU

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«IMPOSSÍVEL
DE LARGAR»
AMAZON

UMA CRIANÇA FOI RAPTADA
DE UMA SALA CHEIA DE GENTE.
NINGUÉM VIU NADA.

A RAPARIGA QUE DESAPARECEU

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
livros

Depois do desaparecimento de uma menina de apenas oito anos, a agente especial do FBI Tess Winnett foi chamada ao local para investigar um dos raptos mais sinistros que alguma vez lhe passara pelas mãos.

Como fora possível desaparecer uma criança à vista de tanta gente?

A Rapariga
DO lago silencioso

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«O THRILLER
DO ANO!»
Amazon

A RAPARIGA DO LAGO SILENCIOSO

AS ÁGUAS GUARDAM SEGREDOS.
O MEDO ESPALHA-SE À SUPERFÍCIE.

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
livros

Alison Nolan é mãe solteira e decide partir de férias com a sua filha, para aproveitarem um tempo juntas. Mas, pouco depois de chegarem ao Lago Cuwar, as duas desaparecem misteriosamente. O instinto da investigadora Kay Sharp diz-

lhe que este caso não é único, e inicia-se uma busca em contrarrelógio.

A Rapariga na água

O FENÓMENO INTERNACIONAL

A RAPARIGA NA ÁGUA

«IMPOSSÍVEL
DE LARGAR
ATE AO FINAL!»
NetGalley

NÃO ACREDITES NO QUE VÊS.
NÃO CONFIES EM NINGUÉM.

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
livros

Uma menina desapareceu do seu quarto há muitos anos. Uma das pistas que a polícia tinha era que usava um medalhão vermelho. Agora, uma outra jovem foi encontrada morta a boiar nas águas de um rio e está a usar o mesmo medalhão.

Será a menina desaparecida? Kay Sharp vê-se então envolvida numa teia de mentiras e enganos.

A cirurgiaã

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UM
THRILLER
PERFEITO!»

GOODREADS

A CIRURGIÀ

E SE TIVESSE DE SALVAR A VIDA
DE ALGUÉM QUE ODEIA?

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER N.º 1 EM PORTUGAL

alma
livros

Uma médica conceituada é acusada da morte de um paciente na sala de operações. Será culpada ou inocente? Se tivesse sabido antes de quem se tratava teria pedido a um colega que me substituísse. É um procedimento habitual não operar amigos, familiares ou... qualquer pessoa que possa comprometer a capacidade de um médico agir.

O caçador

O FENÔMENO INTERNACIONAL

N.º 1 TOP NACIONAL DE VENDAS

O CAÇADOR

NUNCA NINGUÉM LHE ESCAPOU.

ATÉ AGORA.

LESLIE WOLFE

AUTORA BESTSELLER DE A CIRURGIÃ

alman
livros

Emaranhada na enigmática teia de um caso invulgar, a agente especial Tess Winnett encontra-se numa verdadeira corrida contra o tempo. Um possível assassino em série anda à solta nas profundezas florestais dos Everglades.

Table of Contents

1. [1 A carta](#)
2. [Vários meses antes](#)
3. [2 A Entrevista](#)
4. [3 Um Cliente](#)
5. [4 Almoço](#)
6. [5 Investigação](#)
7. [6 O Pai](#)
8. [7 Jude](#)
9. [8 Planos](#)
10. [9 O Chefe](#)
11. [10 Póquer](#)
12. [11 Uma Noite](#)
13. [12 Casa](#)
14. [13 Telefonema](#)
15. [14 Zegna](#)
16. [15 Do Coração](#)
17. [16 Festa](#)
18. [17 Atear Incêndios](#)
19. [18 Bomba](#)
20. [19 O Amanhecer em Houston](#)
21. [20 Uma promessa](#)
22. [21 Família](#)
23. [22 Pesquisa](#)
24. [23 Pista](#)
25. [24 Acaso](#)
26. [25 Visita](#)
27. [26 Memórias](#)
28. [27 Contratado](#)
29. [28 Descoberta](#)
30. [29 Suspeita](#)
31. [30 Vestido](#)
32. [31 Certeza](#)
33. [32 Ficar](#)
34. [33 Para Manter](#)
35. [34 Paraíso](#)
36. [35 Regresso à normalidade](#)
37. [36 Ida ao Médico](#)
38. [37 Discussão](#)
39. [38 A Descoberta](#)

40. [39 Realidade](#)
41. [40 Decisões](#)
42. [41 Força de vontade](#)
43. [42 Jantar](#)
44. [43 Sangue](#)
45. [44 Sobrevivente](#)
46. [45 Mentiras](#)
47. [46 Provas](#)
48. [47 Anônimo](#)
49. [48 Detido](#)
50. [Atualmente](#)
51. [49 Estratégia](#)
52. [50 Depoimento](#)
53. [51 Aparição](#)
54. [52 A Carta](#)
55. [53 O telefonema](#)

Page List

1. [5](#)
2. [7](#)
3. [9](#)
4. [10](#)
5. [11](#)
6. [12](#)
7. [13](#)
8. [14](#)
9. [15](#)
10. [16](#)
11. [17](#)
12. [19](#)
13. [20](#)
14. [21](#)
15. [22](#)
16. [23](#)
17. [24](#)
18. [25](#)
19. [26](#)
20. [27](#)
21. [28](#)
22. [29](#)
23. [30](#)

24. [31](#)
25. [32](#)
26. [33](#)
27. [34](#)
28. [35](#)
29. [36](#)
30. [37](#)
31. [38](#)
32. [39](#)
33. [40](#)
34. [41](#)
35. [42](#)
36. [43](#)
37. [44](#)
38. [45](#)
39. [46](#)
40. [47](#)
41. [48](#)
42. [49](#)
43. [50](#)
44. [51](#)
45. [52](#)
46. [53](#)
47. [54](#)
48. [55](#)
49. [56](#)
50. [57](#)
51. [58](#)
52. [59](#)
53. [60](#)
54. [61](#)
55. [62](#)
56. [63](#)
57. [64](#)
58. [65](#)
59. [66](#)
60. [67](#)
61. [68](#)
62. [69](#)
63. [70](#)
64. [71](#)
65. [72](#)
66. [73](#)
67. [74](#)

68.	75
69.	76
70.	77
71.	78
72.	79
73.	80
74.	81
75.	82
76.	83
77.	84
78.	85
79.	86
80.	87
81.	88
82.	89
83.	90
84.	91
85.	92
86.	93
87.	94
88.	95
89.	96
90.	97
91.	98
92.	99
93.	100
94.	101
95.	102
96.	103
97.	104
98.	105
99.	106
100.	107
101.	108
102.	109
103.	110
104.	111
105.	112
106.	113
107.	114
108.	115
109.	116
110.	117
111.	118

112.	119
113.	120
114.	121
115.	122
116.	123
117.	124
118.	125
119.	126
120.	127
121.	128
122.	129
123.	130
124.	131
125.	132
126.	133
127.	134
128.	135
129.	136
130.	137
131.	138
132.	139
133.	140
134.	141
135.	142
136.	143
137.	144
138.	145
139.	146
140.	147
141.	148
142.	149
143.	150
144.	151
145.	152
146.	153
147.	154
148.	155
149.	156
150.	157
151.	158
152.	159
153.	160
154.	161
155.	162

156. [163](#)
157. [164](#)
158. [165](#)
159. [166](#)
160. [167](#)
161. [168](#)
162. [169](#)
163. [170](#)
164. [171](#)
165. [172](#)
166. [173](#)
167. [174](#)
168. [175](#)
169. [176](#)
170. [177](#)
171. [178](#)
172. [179](#)
173. [180](#)
174. [181](#)
175. [182](#)
176. [183](#)
177. [184](#)
178. [185](#)
179. [186](#)
180. [187](#)
181. [188](#)
182. [189](#)
183. [190](#)
184. [191](#)
185. [192](#)
186. [193](#)
187. [194](#)
188. [195](#)
189. [196](#)
190. [197](#)
191. [198](#)
192. [199](#)
193. [200](#)
194. [201](#)
195. [202](#)
196. [203](#)
197. [204](#)
198. [205](#)
199. [206](#)

200.	207
201.	208
202.	209
203.	210
204.	211
205.	212
206.	213
207.	214
208.	215
209.	216
210.	217
211.	218
212.	219
213.	220
214.	221
215.	222
216.	223
217.	224
218.	225
219.	226
220.	227
221.	228
222.	229
223.	230
224.	231
225.	232
226.	233
227.	234
228.	235
229.	236
230.	237
231.	238
232.	239
233.	240
234.	241
235.	242
236.	243
237.	244
238.	245
239.	246
240.	247
241.	248
242.	249
243.	250

244. [251](#)
245. [252](#)
246. [253](#)
247. [254](#)
248. [255](#)
249. [256](#)
250. [257](#)
251. [258](#)
252. [259](#)
253. [260](#)
254. [261](#)
255. [262](#)
256. [263](#)
257. [264](#)
258. [265](#)
259. [266](#)
260. [267](#)
261. [268](#)
262. [269](#)
263. [270](#)
264. [271](#)
265. [272](#)
266. [273](#)
267. [274](#)
268. [275](#)
269. [276](#)
270. [277](#)
271. [278](#)
272. [279](#)
273. [280](#)
274. [281](#)
275. [282](#)
276. [283](#)
277. [284](#)
278. [285](#)
279. [286](#)
280. [287](#)
281. [288](#)
282. [289](#)
283. [290](#)
284. [291](#)
285. [292](#)
286. [293](#)
287. [294](#)

288. [295](#)
289. [296](#)
290. [297](#)
291. [298](#)
292. [299](#)
293. [300](#)
294. [301](#)
295. [302](#)
296. [303](#)
297. [304](#)
298. [305](#)
299. [306](#)
300. [307](#)
301. [308](#)
302. [309](#)
303. [310](#)
304. [311](#)
305. [312](#)
306. [313](#)
307. [314](#)
308. [315](#)
309. [316](#)
310. [317](#)
311. [319](#)
312. [320](#)
313. [321](#)
314. [322](#)
315. [323](#)
316. [324](#)
317. [325](#)
318. [326](#)
319. [327](#)
320. [328](#)
321. [329](#)
322. [330](#)
323. [331](#)
324. [332](#)
325. [333](#)
326. [334](#)
327. [335](#)
328. [336](#)
329. [337](#)
330. [338](#)
331. [339](#)

332. [340](#)
333. [341](#)
334. [342](#)
335. [343](#)
336. [344](#)
337. [345](#)
338. [346](#)
339. [347](#)
340. [348](#)
341. [349](#)
342. [350](#)
343. [351](#)
344. [352](#)
345. [353](#)
346. [354](#)
347. [355](#)
348. [356](#)
349. [357](#)
350. [358](#)
351. [359](#)

Landmarks

1. [Cover](#)